

**MEMÓRIAS DE UM FUTEBOL DE FRONTEIRA**

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)**

**TESE DE DOUTORADO**

**AUTOR: LUIZ CARLOS RIGO**

**ABRIL DE 2001**



656617000-200114959

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

MEMÓRIAS DE UM FUTEBOL DE FRONTEIRA

Autor : Luiz Carlos Rigo

Orientador: Dr<sup>a</sup> Olga R. de Moraes von Simson

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por  
Luiz Carlos Rigo e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 12.../04.../2001 Assinatura: *Olga R. de Moraes von Simson*

Dra. Olga Rodrigues de Mores von Simson  
Orientadora

Comissão julgadora

*Olga R. de Moraes von Simson*  
\_\_\_\_\_  
*Valéria Antunes*  
\_\_\_\_\_  
*Cheltoni*  
\_\_\_\_\_  
*Carolina Soares*  
\_\_\_\_\_  
*Alvesa Maria Mendes de Gusmão*  
\_\_\_\_\_

Abril de 2001

CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP  
Bibliotecário Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

R449m Rigo, Luiz Carlos.  
Memórias de um futebol de fronteira / Luiz Carlos Rigo. --  
Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Futebol. 2. Cultura. 3. Memória. 4. Educação.  
Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II. Universidade  
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

**RESUMO:** Esta pesquisa insere-se na historiografia do futebol brasileiro. Ao tomar, intencionalmente, a cidade de Pelotas, RS, como a delimitação espacial da investigação, faço um deslocamento geográfico dos estudos históricos do futebol que priorizam o eixo Rio — São Paulo. A partir de fontes empíricas e do diálogo com a bibliografia, assinalo algumas singularidades do futebol da região, interiorana do Rio Grande do Sul, tais como: os vínculos com o futebol uruguaio e argentino, a sua profissionalização, a inclusão e a exclusão dos negros e a multiplicação dos times “infames.” Parto da sua emergência em Pelotas, ocorrida na primeira década do século XX, para logo depois focar a sua proliferação e democratização, a partir dos anos 20. Mesmo sendo um estudo histórico, não sigo nenhuma periodicidade temporal linear, ano ou década, e teço reflexões provenientes das Ciências da Cultura (história, sociologia, antropologia). Utilizei fontes orais, escritas e imagéticas. Em alguns momentos predominam as fontes escritas, retiradas de jornais, e em outros a oralidade — treze depoimentos. As imagens, com suas singulares contribuições, somam-se às fontes orais e escritas e povoam o trabalho do início ao fim. O presente estudo pode ser caracterizado como uma reflexão das mutações do futebol pelotense a partir de suas memórias: oral, escrita e visual.

**ABSTRACT:** This research is part of the history of Brazilian soccer. By deliberately focusing the city of Pelotas, RS as the area of investigation I make a geographical move away from the more famous studies about soccer of Rio de Janeiro and São Paulo. Making use of empirical and bibliographic sources I point out some of the singularities of the soccer from this region of the interior of Rio Grande do Sul. Particularities such as: the links to the soccer of Uruguay and Argentina, it's professionalism, the inclusion and exclusion of black players and the multiplication of the non famous teams. I begin with their emergence in Pelotas in the first decade of the XX century, proceeding to point out the proliferation and democratization of these teams after the twenties. Even being a historic research, I don't follow any linear periodicity of time, years or decades, and I take advantage of the Social Sciences (History, Sociology and Anthropology) to interpret the soccer trajectory. I used oral, written and visual sources. In some moments the written sources from newspapers predominate while in others the oral data from thirteen different testimonies are focused. Images, with their singular contributions, add facts and points of view to oral and written sources, enriching the text from the beginning to the end. This study can be seen as a reflection about the mutations of the soccer of Pelotas based on it's oral, written and visual memories.

**Aos narradores vivos e em memória.**

## Sumário

### Capítulo I

#### **Opções Teórico-metodológicas** 01

- 1.1- Apresentação: o tema e os autores 01
- 1.2- Rastros metodológicos: a história, a cultura, as fontes, a memória 04
- 1.3- Narrativas e narradores 18
- 1.3.1 - Os narradores: a rede do futebol 20

### Capítulo II

#### **A Emergência de um Futebol de Fronteira** 35

- 2.1 - O Pioneirismo do Sport Club Rio Grande: o Vovô 35
- 2.2 - Aparece o futebol em Pelotas 43
- 2.3 - Aumenta o interesse pelo futebol 53
- 2.4 - Futebol entre vizinhos 81
- 2.5 - Presentes e gentilezas: componentes de um futebol de compadres 86
- 2.6 - Jogos de poder e vaidade num futebol ainda de elite 90

### Capítulo III

#### **O Futebol Movimenta a Vida Urbana** 115

- 3.1 - A vida nas cidades nos anos 30 117
- 3.2 - Futebol urbano 121
- 3.3 - O profissionalismo: um breve panorama geo-histórico 133
- 3.4 - Acontecimentos anunciadores do profissionalismo 134

# Capítulo I - Opções teórico-metodológicas

## 1. 1 - Apresentação: o tema e os autores

Falar dos caminhos e descaminhos de uma pesquisa sempre me pareceu tarefa *bastante* difícil. Há uma sensação incômoda de que retorno sempre ao mesmo impasse: optar pela minuciosidade, falar ao máximo, correndo o risco de pecar pelo excesso, ou não explicar quase nada e simplesmente deixar que o texto justifique-se por si. Confesso que minha inclinação neste momento é para a segunda opção. Talvez um dia ainda ouse segui-la na íntegra, mas, por enquanto, tentarei mediar, fugir do impasse, procurando antecipar ao leitor aquilo que me parece relevante: algumas noções sobre o que quis e o que não quis fazer.

Procurei, a partir de um recorte geo-temporal, analisar as práticas do futebol sob um parâmetro “indisciplinar” — não disciplinar —, ou, para ser menos polêmico, a partir de um campo denominado “Ciências da Cultura”, que diz respeito, principalmente, à História, à Antropologia e à Sociologia, seus diferentes diálogos, suas interfaces e seus cruzamentos. Assim, destaquei determinados aspectos históricos das práticas futebolísticas (ciente de que muitos deles foram deixados de fora) visando muito mais a ancorar e subsidiar minha análise no tempo e no espaço do que a fazer o registro de suas totalidades históricas.

Apesar das precauções demandadas por essa opção, que me deixavam mais ciente dos recortes e das delimitações necessárias, as angústias e as dúvidas acompanharam -me praticamente o tempo todo. Angústia pela impressão de que sempre sabemos pouco sobre o tema. Medo de que, a qualquer momento, ao me deparar com mais uma revista da época, ou com um novo depoimento, surgissem questões que colocassem por terra tudo o que já havia feito. Dúvidas sobre as formas de mediação necessárias diante do fato de estar fazendo um trabalho acadêmico, uma tese de doutorado referente a um tema em que a maior parte dos interessados não estão dentro da academia. A quem me dirigir então? Que linguagem e

estrutura textual seguir? Que público contemplar? Dentro do possível, o que procurei fazer foi contemplar a diversidade do público.

Para exemplificar e melhor expressar alguns dos riscos e cuidados com que me deparei ao tematizar o futebol, faço minhas as palavras do cineasta Ugo Giorgetti, diretor do filme *Boleiros*, publicadas no jornal Folha de São Paulo (1999). Ao ser questionado sobre o pequeno número de filmes existentes sobre o futebol, ele respondeu que talvez todo diretor tenha um pouco de medo de fazer filmes sobre futebol e, já na primeira esquina, ser rotulado como alguém que não conhece o assunto.

Os comentários a serem realizados sobre a obra de certos autores, ou melhor, sobre os livros que me acompanharam nessa trajetória, fora do contexto em que foram utilizados, também me parece algo bastante arriscado. Quando iniciei a escrever, alguns livros me acompanharam; entretanto, em se tratando de um trabalho deste porte, essa companhia não só aumentou como se diversificou e mudou mais de uma vez. No decorrer da pesquisa, além de conhecer novos autores, desliguei-me de alguns, mesmo que temporariamente, e me conectei-me a outros; alterei a localização e a prioridade dos livros em minha estante; adquiri livros novos; encaixotei uns e desencaixotei outros.

Todo esse movimento, que aparenta apenas dispersão em um primeiro momento, ilustra em parte as estratégias usadas para estabelecer algumas parcerias teóricas, para não chamá-las de referenciais, que ao meu ver eram produtivas, pois o que diziam estava, de alguma forma, em sintonia com o que pretendia fazer, potencializando meu pensamento na direção de novas configurações para a pesquisa.

Esse processo de escolha de determinadas obras não teve como pré-requisito a exclusividade de uma filiação epistêmica. Se os discursos aqui tramados não chegam a ser antagônicos entre si, também não são descendentes de uma única linhagem. Além de provirem de áreas diferentes, não raramente problematizam temas distintos. Assim, apareceram articuladas nesta pesquisa tanto obras que tratam de questões relativas ao

conhecimento, aos procedimentos de pesquisa, à História, à Cultura, quanto as que abordam práticas culturais específicas, como aquelas que tematizam o futebol.

Minha relação com os autores deu-se de forma diversificada e um tanto pragmática. Alguns serviram mais como fertilizadores para o pensamento. Dentre esses cito:

- **Michel de Certeau**<sup>1</sup> e sua maneira própria de problematizar a cultura a partir das práticas cotidianas, dedicando uma atenção especial à “antidisciplina” intrínseca a elas, proveniente do que ele denomina autores/consumidores;
- **Michel Foucault** e sua maneira ousada e inovadora de fazer estudos históricos, bem como suas já clássicas contribuições sobre o “poder relacional”, como ele se forja e institui parcerias com o saber;<sup>2</sup>
- **Norbert Elias** com sua tese sócio-histórica da descontinuidade das práticas esportivas — o esporte como um fenômeno moderno — e seu estudo da constituição e metamorfose dos hábitos e costumes em uma dada sociedade.<sup>3</sup>

Somando-se a esses três autores, presentes no trabalho mais do que nas vezes em que foram citados, aparecem inúmeros outros, não menos importantes, que, aliados às fontes empíricas, foram úteis de diversas maneiras. Eles aparecem ao longo do texto, alguns com mais, outros com menos frequência, de forma direta ou indireta. Enquanto certos referenciais povoam mais o corpo do texto, outros ocupam as notas de rodapé, mas nem por isso devem ser vistos como menos relevantes. Devo confessar que sempre deleguei às notas de rodapé uma atenção singular, tanto às que leio quanto às que escrevo.

---

<sup>1</sup> Desse autor destaco as obras: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994 e **A cultura no plural**, Campinas, SP: Papirus, 1995.

<sup>2</sup> As análises sobre as relações de poder desenvolvidas por Foucault constituem o que ficou conhecido como o eixo genealógico de suas pesquisas e estão presentes em livros como: *Vigiar e punir* (1987), *História da sexualidade volume — I: a vontade de saber* (1998) e *Microfísica do poder* (1979). Ainda sobre esse tema, destaco, em especial, seu texto “O sujeito e o Poder”, principalmente porque nele, além de diferenciar violência de poder, Foucault aponta, explicitamente, para a possibilidade da resistência. (FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In—: DREYFUSS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.)

<sup>3</sup> Considerações sobre o esporte em Elias podem ser encontradas em (ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Difel, Lisboa, 1992.) Já a sua análise sobre a formação e classificação valorativa dos hábitos e costumes aparecem principalmente em (ELIAS, Norbert. **O processo civilizatório volume 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.)

Parece-me então que está traçado um breve simulacro do trajeto, dos caminhos e descaminhos percorridos. Devo dizer ainda que essa trajetória não esteve marcada somente por bons encontros. Junto aos momentos desafiadores e empolgantes do percurso somaram-se muitas vezes instantes de dor intensa, lapsos de memória, angústias, dificuldades e perdas. Para atravessar os momentos mais duros, ao invés da esperança da harmonia, optei pela persistência, pela aposta na luta, pelo desafio. Nesses momentos, me confortava a idéia de que “só há conhecimento na medida em que, entre o homem e o que ele conhece, se estabelece, se trama algo como uma luta singular, um tête-à-tête, um duelo.”<sup>4</sup>

## **1. 2 - Rastros metodológicos: a história, a cultura, as fontes, a memória. . . .**

**1. 2. 1** - Considerando as características históricas e culturais deste estudo, optei por expor alguns pontos discursivos sobre a concepção de história e cultura que me orientaram, ou, melhor dizendo, sobre como procurei lidar com esses dois campos do saber moderno que se cruzam e perpassam a pesquisa: a história, a partir de Michel Foucault, e a cultura, a partir de Michel de Certeau. Cabe salientar que a intenção não foi aplicar esses autores, mas sim dialogar com eles, utilizá-los como uma das ferramentas úteis para a pesquisa.

A maneira como Michel Foucault — que não reivindica para si o estatuto de historiador — concebia e fazia trabalhos históricos, provavelmente possa ser encontrada com sua riqueza maior em seus trabalhos não-discursivos, nos meandros de alguns estudos seus onde, habitualmente, faz investigações “históricas” de diferentes temas. Dentre essas obras, destaco aqui “Vigiar e punir; nascimento das prisões” (1987); “História da loucura” (1961); “História da sexualidade”, volumes 1, 2 e 3, respectivamente dos anos de 1977, 1982, 1983<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999, p. 26.

<sup>5</sup> Ao comentar o recorte temporal e o estilo predominante desse autor, Salma Múchail assim o apresenta: “Foucault faz filosofia fazendo pesquisa histórica. As histórias que escreve desenvolvem-se no espaço do

Feita essa ressalva, é possível destacar alguns princípios teóricos que orientam o uso que Foucault faz da história. Alguns desses princípios podem ser encontrados em textos do próprio autor, como “A arqueologia do saber” (1995), com uma atenção especial para a introdução (p. 1-20) e “Nietzsche, a genealogia e a história”, publicado em “Microfísica do poder” (p. 15-39) (1979).

Na introdução de “A arqueologia do saber”, tomando como referência a maneira como as continuidades e as discontinuidades das práticas são tratadas pela história nova e pela clássica, Foucault evidencia seu distanciamento perante a segunda e a sua proximidade com a primeira, assinalando que “a discontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história. . . . Um dos traços mais essenciais da história nova é, sem dúvida, esse deslocamento do descontínuo. A inversão de signos graças à qual ele não é mais o negativo da leitura da história.”<sup>6</sup>

Somada ao parentesco, uma certa afinidade com a história nova e sua empatia pelas discontinuidades, Foucault atribui importância aos dados empíricos, destacando que não se trata mais de determinar se o documento “diz a verdade nem qual é seu valor expressivo.”<sup>7</sup> “Trata-se, ao contrário, de “trabalhá-lo no interior e elaborá-lo . . . estabelecer séries, distinguir o que é pertinente do que não é, descrever relações, definir unidades.”<sup>8</sup> Vista dessa maneira, não acabada, sujeita à intervenção, a história passa a ser tratada por ele como “o trabalho e a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações,

---

Ocidente, e o tempo que percorrem é quase sempre aquele que vai desde o final do Renascimento (por volta do século XVI) até a nossa Modernidade (séculos XIX e XX), atravessando, com realce, a chamada Idade Clássica (séculos XVII e XVIII).” (MUCHAIL, Salma, T. O Mesmo e o Outro: faces da História da Loucura. In —: **Foucault e a destruição das evidências**. (mimeo) s/d.) A maneira bastante singular com que tratava a História causou polêmicas entre os historiadores. Mas Foucault não parecia muito preocupado em se retratar. Pelo contrário: em seu texto “A vida dos homens infames” ele declara: “Isto não é uma obra de história”. E um pouco mais adiante, antecipa: “este livro não será pois do agrado dos historiadores, menos ainda que os outros.” (FOUCAULT, Michel. “A Vida dos Homens Infames”. In —: **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992, p. 93.)

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Forense, 1995, p. 10.

<sup>7</sup> Ibid. p.10.

<sup>8</sup> Ibid. p. 7.

registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc).”<sup>9</sup> Nessa perspectiva, jogando com as palavras, como é de seu feitio, Foucault dirá que a história “se volta para a arqueologia.”<sup>10</sup>

No texto “Nietzsche, a genealogia e a história”, Foucault apropria-se de vários conceitos de Nietzsche para pensar uma história genealógica enquanto alternativa às histórias que postulam a busca de uma origem. Segundo ele, trata-se de “apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenham papéis distintos.”<sup>11</sup> Essa opção foucaultiana de distanciar-se da concepção de história que insiste em buscar uma origem última das coisas, desvelar uma verdade primeira, uma identidade original, deve-se ao deslocamento que, tanto ele quanto Nietzsche, fazem da epistemologia moderna essencialista. Afastando-se de tal premissa e devorando Nietzsche, Foucault dirá que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência.”<sup>12</sup>

Ao invés de cair na tentação de propor um metamétodo para a história, Foucault opta pelo caminho mais difícil, ele ressalta que o saber produzido, o sentido histórico, bem como o próprio método são sempre perspectivos. O historiador “. . . olha de um determinado ângulo . . . , é um olhar que sabe tanto de onde olha quanto o que olha.”<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> Ibid. p. 8.

<sup>10</sup> Ibid. p. 8.

<sup>11</sup> Ibid. p. 15.

<sup>12</sup> Ibid. p.18.

<sup>13</sup> Ibid. p.30. A opção ético-metodológica adotada por Foucault rendeu-lhe várias críticas, principalmente de parte de historiadores que o acusaram de falta de rigor metodológico. Duval de Albuquerque refere-se a essas acusações fazendo a seguinte consideração: “Quase sempre, quando se acusa alguém de não se ter método é porque este não se pauta pelo método de quem escreve a crítica julga possuir. O que Foucault não oferece é um esquema que torne a história de fácil explicação, não oferece um modelo universal de compreensão do passado, uma maquinaria conceitual que tudo explica e a qual tudo seria reduzido. Fazer história com Foucault requer criatividade, usar seu pensamento diferencialmente, inventar seu próprio caminho a cada pesquisa.”(ALBURQUERQUE, Durval, de. Um leque que respira: a questão do objeto em história. pp.117–137. In: **Retratos de Foucault**. CASTELO BRANCO, Guilherme e PORTOCARRERO, Vera. Rio de Janeiro: Nau, 2000.)

Além dos dois textos do próprio Foucault anteriormente referidos, o texto de Paul Veyne — autor que ficou conhecido como um historiador filósofo —: “Foucault revoluciona a história” (1995), pela riqueza da análise e pela minuciosidade do diálogo que estabelece com o pensamento de Foucault, merece, ao meu ver, ser referido junto com os textos do próprio autor.

Por julgar que a análise feita por Georges Ville sobre o fim da gladiatura romana (mesmo que de forma intuitiva) ilustra o pensamento de Foucault, Veyne a toma emprestada e a usa como exemplo para expor vários pressupostos foucaultianos sobre a história. Para Paul Veyne, um dos deslocamentos teórico-históricos mais interessantes do pensamento de Foucault está em narrar episódios históricos a partir das práticas e não dos objetos. “Desconhecíamos que cada prática, tal como o conjunto da história a faz ser, engendra o objeto que lhe corresponde, do mesmo modo que a pereira faz peras e a macieira maçãs.”<sup>14</sup>

Paul Veyne toma como exemplo temas como o Estado e a loucura para evidenciar que o que Foucault faz, talvez um tanto diferente do que estávamos acostumados a ver, é tomar como foco de suas investigações não os objetos naturais, mas as práticas em suas contingências históricas. Para Veyne, essa é a tese central de Foucault, bem como a mais original: “o que é feito, o objeto, se explica pelo que foi o fazer em cada momento da história.”<sup>15</sup> Para o autor, foi “esse passo decisivo, a negação do objeto natural”<sup>16</sup> que conferiu “à obra de Foucault sua estatura filosófica.”<sup>17</sup>

Usando a conhecida metáfora do ‘iceberg’, Veyne dirá que as colocações de Foucault são como que um chamamento, um alerta, para considerarmos também a parte submersa do iceberg, que corresponderia às práticas, enquanto a visível equivaleria aos objetos. Mas essa parte escondida, que projeta os objetos, não é de natureza diferente da que se vê; “ela é

---

<sup>14</sup> Ibid. p.163.

<sup>15</sup>Ibid. p. 170.

<sup>16</sup> Ibid. p. 170.

<sup>17</sup> Ibid. p. 170.

de gelo como esta”, e também “não é o motor que faz movimentar-se o iceberg.”<sup>18</sup> Lembremos que Foucault esforça-se para escapar tanto do essencialismo como do pensamento binário. Não há uma verdade última escondida à espera para ser desvelada, nem há também dicotomia entre aparência e essência, oculto e explícito. O que Foucault procura fazer em suas investigações históricas é mostrar que as práticas, mesmo estando submersas, existem, projetam e objetivam os objetos. Nesse sentido caberia ao historiador, que narra tramas e constrói enredos mais do que descobre verdades, estar atento e sensível a elas.<sup>19</sup> Mas há de se ter o cuidado para não confundir e nem transformar as práticas em objetos. Elas são singulares, são datadas, são mutantes, deixam de ser o que eram, ou, como diz Veyne; “nesse mundo, não se joga xadrez com figuras eternas, o rei, o louco: as figuras são o que as configurações sucessivas no tabuleiro fazem delas.”<sup>20</sup>

Veyne finaliza seu texto com uma pergunta sobre as possibilidades de Foucault ser considerado um historiador, ou se o que ele faz pode ser considerado história. Mas o próprio Veyne destaca que essa não é o tipo de pergunta mais interessante a ser feita, já que “a própria história é um desses falsos objetos naturais: ela é o que se faz dela.”<sup>21</sup> Quanto às maneiras de fazer história, talvez seja pertinente voltar ao próprio Foucault, quando ele nos alerta que foi por acreditarmos que ela, a história, fosse “sólida” que a sacralizamos. Mas, lembra Foucault, “os historiadores desertaram há muito tempo dessa velha fortaleza e partiram para trabalhar em outro campo.”<sup>22</sup>

---

<sup>18</sup> Ibid. p. 160.

<sup>19</sup> Sobre esse processo, no qual o historiador transforma-se em narrador de tramas, de enredos históricos, Margareth Rago acrescenta: “o que seria importante destacar no passado dependeria da construção da trama, da mesma forma que as causas atribuídas na origem do evento se definiriam em função da construção desta mesma trama. . . . Um evento só ganha historicidade na trama em que o historiador concatená-lo, e esta operação só poderá ser feita através de conceitos também eles históricos”. (RAGO, Margareth. O efeito Foucault na historiografia brasileira. In: **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**. V. 7, n.º 12, 1995, p. 73.) Quanto às interferências de Foucault na historiografia brasileira, junto com o artigo anteriormente citado, ver também, de Margareth Rago: As Marcas da pantera: Foucault para historiadores. (In: **Revista Resgate**, CM/Unicamp, Campinas, SP. n.º 5, 1993.)

<sup>20</sup> Ibid. p. 177.

<sup>21</sup> Ibid. p. 181.

<sup>22</sup> op. cit. 1995, p. 17.

1. 2. 2 - Ao se referir à cultura, Gilberto Velho comenta que as discussões em torno deste tema nos últimos anos desencadearam uma proliferação terminológica tal que, em 1952, Taylor Kroeber e Kluckon listaram, “transcreveram, classificaram e comentaram 164 definições diferentes de ‘cultura’: descritivas, normativas, psicológicas, estruturais, históricas, etc... .”<sup>23</sup> O autor destaca que o debate ampliou-se, extrapolou a antropologia e adquiriu uma maior complexidade, adentrando outros campos dos saberes modernos a partir do momento em que o termo cultura passou a ser “contextualizada no que se chama de sociedade complexa e/ou heterogênea.”<sup>24</sup>

Muito mais do que analisar as diferentes definições sobre cultura, Gilberto Velho preocupou -se em mostrar a sua divergência perante os discursos que classificam a cultura em blocos duais, ‘cultura erudita’ (ou de elite) de um lado e ‘cultura popular’ (ou de massas) de outro. Além da fraca sustentação empírica, o autor alerta que essas classificações pressupõem experiências culturais rígidas, petrificadas, isoladas e atemporais. Com isso, denuncia ele, “de uma forma ou de outra polariza-se a classificação e fica-se no nível do estereótipo.”<sup>25</sup>

Outro autor que apresenta um leque de argumentos críticos perante os discursos binários sobre a cultura é Roger Chartier. Seu artigo “Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico” (1995) é um texto emblemático dessa sua posição.<sup>26</sup> Chartier também enfatiza que as práticas culturais não são puras nem na sua emergência, nem em suas singulares trajetórias históricas. Segundo ele, elas reconfiguram-se, metamorfoseiam-se,

---

<sup>23</sup> VELHO, Gilberto. **O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas**. p.4. (mimeo).

<sup>24</sup> Ibid. p. 6.

<sup>25</sup> Ibid. p. 8.

<sup>26</sup> “Será que a cultura compartilhada, dada como primeira, era tão homogênea como parece? E quando ocorre a separação, será que a fronteira entre cultura legítima e cultura desqualificada era tão marcada e estanque como aparenta?” p. 182/183. (CHARTIER, Roger. “Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico” In: — **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 8, nº 16, 1995, p. 179-192.)

podendo ser — o autor exemplifica como algumas foram — apropriadas por sujeitos de classes sociais diferentes em distintos momentos históricos.

Mais do que os equívocos teóricos, Chartier aponta os riscos políticos estratégicos contidos nos discursos que defendem e reproduzem as teses de práticas culturais puras e da cultura cindida em blocos binários. Segundo o autor, elas tendem a atribuir “às práticas culturais um valor distintivo tanto mais forte quanto menos elas são compartilhadas”, além de instituir “um processo de desqualificação e de exclusão que lança para fora da cultura consagrada e canônica as obras, os objetos, as formas daí em diante relegadas ao divertimento popular.”<sup>27</sup>

A estratégia indicada por Chartier, no final de seu artigo, para fugir a uma classificação dualista da cultura, ancora-se nas análises que Certeau<sup>28</sup> faz das “práticas cotidianas”, em que ressalta os procedimentos e as “astúcias” que os produtores/consumidores, “o homem ordinário, o herói comum”, usa para, a partir das condições de possibilidade que lhe são dadas, se reapropriar, recriar e consumir determinadas práticas culturais. Certeau estuda e toma como exemplos práticas do cotidiano como “ler, habitar, conversar, cozinhar.”<sup>29</sup>

A posição assumida por Certeau, por alguns rotulada como ingênua, de valorizar as “inventividades artesanais” os interstícios, as “maneiras de fazer”, “as táticas do consumo,”<sup>30</sup> as atitudes escamoteadas e às vezes fugazes, pressupõe que no seu conjunto “esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma

---

<sup>27</sup> Ibid. p. 182.

<sup>28</sup> CERTEAU, Michel de; **A Invenção do cotidiano:1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 38.

<sup>29</sup> Ibid. p. 48. Outro artigo bastante interessante, principalmente pelo seu caráter provocativo — discute, critica e descarta as inúmeras adjetivações já atribuídas à cultura, é “Cultura: um conceito reacionário?” de autoria de Suely Rolnik e Félix Guattari. Em uma passagem, seus autores chegam a dizer que: “não há coisa mais horripilante do que fazer apologia da cultura popular, ou cultura proletária, ou sabe-se lá o que desta natureza. Há processos de singularização em práticas determinadas, e há procedimentos de reapropriação, de recuperação, operados pelos diferentes sistemas capitalísticos.” (ROLNIK, Suely; Guattari, Félix: *Cultura: um conceito reacionário?* p. 23. In —: RONILK, S., GUATARI, F. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. RJ: Petrópolis, Vozes, 1986.)

<sup>30</sup> CERTEAU, Michel de; op. cit. p.46.

antidisciplina.”<sup>31</sup> Ou seja, são atitudes, são práticas, são tomadas de posições, muitas vezes opções possíveis ou táticas de sobrevivência que tensionam e escapam da rede de controle e vigilância e “. . . vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.”<sup>32</sup>

Inspirando-me nas microrresistências apontadas por Certeau, procurei tomar as práticas do futebol sempre como práticas culturais do cotidiano, modernas, complexas e ambíguas, sem as classificar como populares, eruditas ou de massa. Considerando a importância que Certeau atribui às noções de “tática” e “estratégia,” para me referir a elas cito diretamente o autor.

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente.” Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. . . pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidade de ganho. O que ela ganha, não o guarda.”<sup>33</sup>

1. 2. 3 - As reflexões, as questões investigadas e as histórias que aqui serão contadas são parte de uma pesquisa em que foram utilizadas, como suporte empírico, fontes escritas, imagens e fontes orais. Os relatos orais foram concedidos por velhos apaixonados pelo futebol que, de alguma forma, presenciaram e foram atores desse esporte na cidade de Pelotas, na primeira metade do século. Os depoimentos envolvem antigos jogadores, ex-dirigentes e velhos torcedores.

Os depoimentos orais entrecruzam-se formando o que se costuma chamar dentro da História Oral de uma rede de depoentes. O fio que engendrou e articulou as bordas e os

---

<sup>31</sup> CERTEAU, Michel de, op. cit. p. 41-42.

<sup>32</sup> Ibid. p. 45.

<sup>33</sup> Ibid, p. 46-47. Sobre a cultura em Michel de Certeau, ver também **A cultura no plural**, op. cit. 1995.

limiaries dessa rede foi a Liga Pelotense Amadora de Futebol, já que os depoentes foram escolhidos em função dos vínculos que mantinham com ela.

Tanto nas fontes orais e escritas como nas imagens, foi possível localizar vestígios de uma diversidade de temas sobre as práticas do futebol: a trajetória e os títulos de cada clube, as vitórias e as derrotas marcantes, os jogos acirrados, os gols mais bonitos, os pênaltis duvidosos, algumas brigas, os principais jogadores da época, como se organizavam e se mantinham as equipes, como eram os contratos dos jogadores, a organização e a participação da torcida, além de outras curiosidades.

Tendo em vista as necessidades de um recorte e as condições de possibilidade que circunscrevem a realização de toda pesquisa, optei por priorizar certos tópicos dentre a diversidade que emergia do campo empírico. Os critérios para a seleção, análise e confecção deste estudo pautaram-se por uma postura que julga não haver conhecimento imparcial, mas sempre uma intervenção do sujeito/pesquisador. Essa intervenção, porém, não anula o distanciamento que o pesquisador deve procurar manter com as práticas pesquisadas, estratégia fundamental para enfrentar, dissecar e estranhar-se com o empírico. “Pode-se falar do caráter perspectivo do conhecimento porque há batalha e porque o conhecimento é o efeito dessa batalha.”<sup>34</sup> Como exemplo dessa intervenção, cito a relação estabelecida com as fontes empíricas, quando me coube decidir como estruturar os roteiros, como proceder no processo de transcrição e seleção das fontes orais, das fontes escritas e das imagens; também decidir quais seriam os dados mais ou menos importantes. Quanto ao distanciamento necessário, é possível localizá-lo nas diversas “surpresas”, nos temas e nas curiosidades imprevisíveis que brotaram do campo empírico<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> FOUCAULT, Michel. op. cit. 1999, p.25.

<sup>35</sup> Ao referir-se à polêmica da parcialidade ou imparcialidade do pesquisador na História Oral, Alessandro Portelli faz o seguinte comentário: “A História Oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. . . . A confrontação de suas diferentes parcialidades — confrontação como conflito e confrontação pela busca da unidade — é uma das coisas que faz a História Oral interessante.” (PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In —: **Projeto História**. Cultura e Representação. n.º 14. São Paulo, Educ, Editora da PUC/SP, 1997. p. 39.)

Na confecção do texto, não raramente foram entrelaçadas e misturadas fontes empíricas de diferentes naturezas — orais, escritas e imagéticas. Fiz isso atento para as singularidades das mesmas; mas sem estipular hierarquias valorativas entre elas. Escolhi essa postura ética/metodológica sem nenhuma espécie de culpa. A natureza diversa das fontes foi tomada como um desafio, e não como um problema metodológico<sup>36</sup>.

1. 2. 4 - Quanto aos depoimentos orais, eles aqui não se constituíram em um mero auxílio, um complemento das fontes escritas, mas foram tratados com a mesma importância daquelas. Faz-se necessário salientar esse tratamento dado aos depoimentos orais na medida em que uma das polêmicas mais frequentes nos debates da História Oral diz respeito aos modos como as memórias orais se constituem. O que predominaria nesse processo constitutivo: o seu sentido individual ou coletivo? A memória é resultante de uma construção sócio-cultural coletiva, ou seria ela muito mais uma lembrança individual da história? Ou quem sabe ambas?<sup>37</sup>

Direta ou indiretamente, essas questões acabam por incitar um outro debate que diz respeito às interfaces, às diferenças e às semelhanças entre memória e história. Sobre isso assinalo minha proximidade às colocações da professora Raphael Samuel, quando lembra que, para muitos, a memória, “longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa que molda e que é dinâmica,” sendo “dialeticamente relacionada ao pensamento histórico.”<sup>38</sup> E, recorda a autora, “o que Aristóteles chamou de anamnesis, o ato consciente de lembrar, era um

---

<sup>36</sup> Para maiores considerações teóricas sobre o uso combinado de fontes orais e escritas, os preconceitos, os riscos e os cuidados que geralmente se colocam para o pesquisador, remeto o leitor interessado, novamente, ao artigo de Alessandro Portelli. Nele o autor salienta que “na realidade, as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes.” (PORTELLI, Alessandro. op. cit. p.26, 1997.)

<sup>37</sup> Sobre o debate envolvendo memória coletiva e memória individual, consultar: (POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 5 nº 10, 1992).

<sup>38</sup> SAMUEL, Raphael. Teatro de memória. In: **Projeto História**. Cultura e Representação. nº 14. São Paulo: PUC, 1997, p. 44.

trabalho intelectual muitíssimo semelhante ao do historiador: matéria de citação, imitação, empréstimo e assimilação.”<sup>39</sup>

No interior desse debate há quem proponha utilizar novos conceitos para fugir dessa possível armadilha produzida por um certo antagonismo que, por vezes, parece instaurar-se entre memória coletiva e memória individual. É o que faz, por exemplo, Mary Marshall Clark, ao se declarar mais simpática ao uso do termo “memória compartilhada” em vez de memória coletiva.<sup>40</sup>

Para situar-se com cuidado nesta discussão, talvez seja profícuo deslocar o tensionamento do específico da memória para o eixo da constituição do sujeito. Autores contemporâneos, como Michel Foucault e Norbert Elias, fazem um deslocamento de toda a filosofia do sujeito e denunciam que, em última instância, não existe sujeito individual, isolado. Para eles, soa como vã, idealista e ilusória toda a promessa de resgate ou de descoberta de um sujeito que não seja forjado pelas relações sociais e que não esteja imbricado nas condições de possibilidades de seu tempo. Ao introduzir seu livro sobre o tempo, Elias assim sinaliza o seu deslocamento no campo da filosofia moderna, diante dos pressupostos que remetem à filosofia do sujeito:

Essa constatação nos afasta de uma certa imagem do homem que prevaleceu entre os grandes pensadores da era moderna. De Descartes aos existencialistas do século XX, o homem a-social, sob aparência ora naturalista, ora metafísica, permanece sempre no centro de sua visão. E, na maioria das vezes, trata-se até de um sujeito, digamos, acósmico, a tal ponto que sua vida parece independente do universo físico. Nesse ponto, estamos na presença de uma tradição curiosamente egocêntrica, na qual o sujeito individual só se preocupa consigo mesmo.<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Ibid. p. 44. A discussão sobre memória e história vem recebendo atenção não só de parte de alguns historiadores, mas também de profissionais oriundos de outras áreas. Alguns pontos desse debate podem ser encontrados em (AMATO, Janáina e FERREIRA, Marieta de M. (org). **Usos & abusos da História Oral**, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.)

<sup>40</sup> A autora faz esta declaração em seu texto “Esquecendo Louise Rouget — o problema do individualismo, da coletividade e das lembranças não-compartilhadas na História Oral e na cultura dos Estados Unidos.” (In: **Projeto História**. PUC- SP, nº 15, SP. Educ-Editora da PUC-SP, p. 13-51. 1997.)

<sup>41</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 25-26.

Partindo dessa concepção de sujeito em que “o homem individual já não ocupa o lugar central”<sup>42</sup>, parece que algumas polêmicas e uma possível dicotomia entre memória coletiva e individual perdem força, já que não existe mais a promessa ou a procura de um último e verdadeiro eu, desprendido totalmente da cultura e das relações sociais de poder.

Aliada a essa perspectiva de sujeito, o conceito de memória compartilhada, no lugar de memória coletiva, pode fazer avançar a discussão, desde que o compartilhado não pressuponha apenas o mesmo, mas abarque também o outro e pressuponha que a alteridade e a divergência povoem o solo cultural em que as memórias serão compartilhadas, local em que elas se fundam e se reconfiguram, situando-se no tempo.

O fato de se constituir de forma compartilhada não relega a um plano secundário a importância da dimensão ética no ato de rememorar, o que, em última instância, rege a transformação da memória em lembrança. “As recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são — assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes — exatamente iguais.”<sup>43</sup>

**1. 2. 5 - As fontes escritas** — jornais de diferentes épocas, revistas e documentos avulsos — passaram por um trabalho de agregação visando a responder muito mais às demandas que

---

<sup>42</sup> ELIAS, Norbert. op. cit. p. 26. Essa opção de rejeitar qualquer promessa de sujeito abstrato, reduzido a um eu, de certa forma aproxima Elias de Foucault, que também não aposta em nenhum sujeito imune aos condicionantes estruturais e às relações de poder. Essa possível aproximação desses dois autores é levantada, por exemplo, no prefácio do livro de Foucault “O que é um autor?”, quando seus autores indicam que, em Elias, na obra “O processo civilizador”, “as questões da sociogênese e da psicogênese do ‘sujeito moderno’ antecipam muitas das análises de Foucault.” (MIRANDA, Jose, A Bragança; CASCAIS, António, F. **A lição de Foucault**. pp. 5-28. In —: FOUCAULT, Michel. op. cit. 1992. p. 6.) A questão do sujeito moderno em Foucault permeia grande parte de suas obras. Uma síntese sobre esse tema pode ser encontrado em: (FONSECA, Márcio, A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ,1995.)

<sup>43</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**. Ética e História Oral. São Paulo, nº 15, Educ-Editora da PUC-SP, pp. 13-51. 1997. p.16.

se colocavam do que propriamente a uma definição feita de antemão, no qual estariam estabelecidas a priori as fontes a serem utilizadas. Muitas vezes, como uma espécie de “efeito colateral” de uma fonte, descobria e era arrastado para outra. Uma entrevista me remetia a uma fonte escrita e vice-versa<sup>44</sup>.

Como uma exemplificação dos procedimentos metodológicos que me orientaram na utilização das fontes escritas, tecerei agora alguns comentários sobre como cheguei às fontes jornalísticas.

Primeiramente, cabe destacar que a minha idéia inicial era a de me deter nas fontes orais. Assim, iniciei o percurso empírico pelos depoimentos; porém logo constatei que meus entrevistados falavam com maior autoridade sobre o futebol que acompanharam e também demonstravam preferência e maior disponibilidade para narrá-lo. Com uma ou outra exceção, eles demonstravam uma certa insegurança e pouca vontade para falar de um futebol que não acompanharam. Tendo constatado essa tendência, que localiza a força das fontes orais a partir de meados dos anos 30, decidi apoiar-me em outras fontes — documentos e jornais da cidade — para falar da emergência das práticas futebolísticas em Pelotas no início do século.<sup>45</sup>

A presença das imagens, aqui englobando tanto os documentos como as fotografias, visam, num primeiro momento, enriquecer, dar maior potência ao texto e passar ao leitor mensagens, informações e sensações de um modo que somente esse tipo singular de enunciado consegue fazer: “Los gestos y las imágenes, a veces, nos ayudan a comunicarnos

---

<sup>44</sup> Comparação ao que alguns autores chamam de ‘método cartográfico’. Sobre esse método ver: (ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.)

<sup>45</sup> Na maioria dos depoimentos sobressaíam-se frases como: “ah, nessa época eu nem era nascido”, ou “existiam vários times que eu ouvi falar mas me lembro muito pouco”, e o depoimento tendia a voltar a centrar-se nas experiências que o próprio entrevistado viveu. Uma entrevista que se diferenciou dessa linha foi a do Seu Dênis Lawson. No seu exercício de rememorar, ao contrário dos demais, parece que não houve tanta sobreposição dos acontecimentos que ele presenciou àqueles vividos por uma geração anterior, que lhe foram contados. Provavelmente, uma das causas para essa diferenciação esteja no fato de Seu Dennis pertencer ao Sport Club Rio Grande, que cultiva, de várias maneiras, o fato de ser reconhecido como o clube de futebol mais antigo do País.

com mayor fuerza que las meras palabras; de hai la importância creciente de la fotografia y del cine en el historiar.”<sup>46</sup>

O processo de seleção das imagens seguiu um princípio semelhante ao usado nas outras fontes. Sem uma estruturação metodológica rígida que elaborada de antemão estabelecesse quais imagens poderiam ou não ser usadas. Se seguindo a linha assinalada por Roland Barthes, na qual ele assume ser o “mediador de toda a fotografia”<sup>47</sup> optei por compor um conjunto de imagens de proveniências distintas — imagens de acervos documentais, imagens de jornais, fotos retiradas de periódicos e revistas avulsas, fotos de acervos pessoais. Alguns depoimentos orais foram associados, enriquecidos com fotos<sup>48</sup> e, junto com a escrita, compuseram um texto único.

A idéia de que imagem e escrita possam formar um único texto pressupõe um entrelaçamento entre elas. A escrita subsidia a imagem e esta, que também é texto, trás outros elementos para o enredo textual. Essa posição justifica por que as imagens foram colocadas não como anexos, mas distribuídas ao longo do corpo do trabalho. A localização das imagens procurou atentar para que elas soassem bem, fossem capazes de afinar o ritmo

---

<sup>46</sup> VILANOVA, Mercedes. “Cine e história: Vale más una imagen que mil palabras?” In —: **Historia, antropologia y fuentes orales**. nº 18, Voz e imagen. Universitat de Barcelona, ESP. 1997. p. 73. A pertinência e a possibilidade atual do uso não somente de imagens mas também de diversos instrumentos tecnológicos — as novas tecnologias — na pesquisa em ciências humanas são assinalados e postos em prática também por autores e instituições nacionais. Sobre essas posturas consultar : (VON SIMSON, Olga R. de Moraes. “Som e Imagem na pesquisa qualitativa em ciências sociais: Reflexões de Pesquisa”. In —: **Anais do seminário — Pedagogia da imagem na pedagogia** — pp. 88-101. Universidade Federal Fluminense, 1995.)

<sup>47</sup> BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. p. 19. Barthes faz essa afirmação inserido na discussão sobre o papel do sujeito e a problemática da objetividade científica e salienta: “Eu tentaria formular, a partir de alguns movimentos pessoais, o traço fundamental, o universal sem o qual não haveria fotografia.” E logo adiante acrescenta: “Decidi então tomar como guia de minha nova análise a atração que eu sentia por certas fotos. Pois pelo menos dessa atração eu estava certo.” (Ibid. pp. 19-35.)

<sup>48</sup> Sobre a contribuição trazida da associação fotografia/imagens aos depoimentos orais, Zeila Demartini ressalta que elas produzem “um aguçamento da própria memória.” Nesse mesmo artigo a autora mostra também como o pesquisador (no caso ela) se depara com imagens e fotos de naturezas diversas, o que exige uma flexibilidade metodológica. (DERMARTINI, Zeila de B. F. “Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação”. In —: **Cadernos Ceru**. Série 2, nº 8 - 1997. p.10.) Ainda sobre imagens, fontes orais e metodologias específicas, ver: (VON SIMSON, Olga, R. de Moraes; LEITE, Miriam, L. Moreira. “Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa.” In: **“Reflexões sobre a pesquisa sociológica”** São Paulo, Texto Ceru, Série 2, nº 3, 1992.)

do texto. Ou, plagiando Roland Barthes, potencializar no texto o sentido de aventura, já que para ele “tal foto lhe advém, tal outra não.”<sup>49</sup> Com isso, Barthes quer dizer que “a própria foto não é em nada animada (não acredito nas fotos ‘vivas’) mas ela me anima: é o que toda aventura produz.”<sup>50</sup>

### 1.3 - Narrativas e narradores

Walter Benjamin, já há algum tempo, alertou que “a arte de narrar está em vias de extinção.”<sup>51</sup> Lamentando tal constatação, o autor complementou: “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.” Uma das razões principais deste estado, dirá Benjamin “é óbvia: as ações da experiência estão em baixa”.<sup>52</sup>

Durante este trabalho entrei em contato com muitas pessoas que tinham em comum o vínculo com o futebol. Era ele a afinidade eletiva que estabelecia um sentimento de empatia entre “desconhecidos.” Os encontros e diálogos, se considerarmos também aqueles não

---

<sup>49</sup> BARTHES, Roland. op. cit. p. 36.

<sup>50</sup> BARTHES, Roland. op. cit. p.37. Na primeira parte de seu livro, Roland Barthes utiliza, quase exaustivamente, dois termos oriundos do latim— o “studium” e o “punctum”— para tentar nomear os elementos que estão presentes no olhar que ele, como espectador, institui com a fotografia. “Studium” o autor caracteriza como o campo cultural, o interesse histórico-cultural, o conhecimento, a vontade de saber que permeia a relação estabelecida entre o espectador, a fotografia e o fotógrafo. “é uma espécie de educação (saber e polidez).” (p. 45.) Já “punctum” o autor usa para nomear o detalhe, “são precisamente pontos” que capturam o espectador. “O punctum de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere).” (p. 46.). Diferente do “studium”, ele muito mais emana da foto do que do espectador. Na segunda parte do livro, Roland Barthes acrescenta um novo elemento, uma nova singularidade ao “punctum” da ordem da intensidade que a foto estabelece com o tempo. Segundo ele, isso “pode ser lido abertamente na fotografia histórica: nela há sempre um esmagamento do tempo.” (p. 142.) Para maiores considerações teórico-metodológicas sobre a foto, bem como à sua aplicabilidade na pesquisa, indico também: (KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Ateliê Editorial, Cotia, SP. 1999. SAMAIN, Etienne (org.) **O fotográfico**. São Paulo, Editora Hucitec/CNPq, 1998.)

<sup>51</sup> BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In —: **Magia e Técnica, Arte e Política; ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197.

<sup>52</sup> Id. p. 198.

programados, foram tantos que foge à minha competência tentar aqui apresentá-los em sua totalidade ou mesmo selecionar os mais importantes. Assim, optei por apresentar aqueles que forneceram depoimentos mais sistematizados. A eles costumava me dirigir, após um contato anterior, com uma estruturação temática que em alguns aspectos lembrava um roteiro.

Os depoimentos dos narradores foram utilizados de maneiras diferenciadas. Alguns citados diretamente; outros serviram para complementar lacunas, tirar dúvidas, para interligar um depoimento a outro. Nesse sentido é cabível dizer que foi a rede de depoimentos, após lapidados os seus interstícios e enriquecidos com as fontes escritas e imagéticas, que propiciou um solo, uma estabilidade provisória, suficiente para construir enredos sobre os episódios e as façanhas de algumas práticas do futebol<sup>53</sup>.

As falas diretamente citadas não foram selecionadas para atuarem como fragmentos de verdades em si, nem para servirem de comprovação empírica de uma ou outra hipótese. Além de constituírem fragmentos de fontes, tomadas de empréstimo de meus narradores quase em seu sentido bruto, elas visam trazer para o corpo do texto ecos da oralidade do futebol. Isso porque, assim como Walter Benjamin, pressuponho que a narrativa

não está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> Alberto Lins Caldas, ao discorrer sobre a oralidade e a questão metodológica, acentua que “o método deve subordinar-se e ser o próprio conteúdo, a matéria, a vontade e a criatividade do oralista.” E complementa: “O oralista não aplica o método, ele o cria na dialogicidade viva entre a reflexão e a realidade, entre as falas e os silêncios, entre as imagens, os sonhos e os desejos.” (CALDAS, Alberto, L. **Oralidade, texto e história; para ler a história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 73.)

<sup>54</sup> BENJAMIN, Walter. op. cit. 1994. p. 205.

### 1.3.1 - Os narradores: a rede do futebol

#### Alcides Carlos de Moraes

(Entrevista concedida em março de 1999, no apartamento de um dos filhos do entrevistado, no centro da cidade de Pelotas, RS.)

Auxiliar da entrevista: Pedro Curi Hallal.<sup>55</sup>

Goleiro consagrado do E. C. Pelotas e da Seleção Gaúcha, Seu Alcides nasceu em 1916, na cidade de Jaguarão, lugar onde ocorreram suas primeiras experiências com as práticas futebolísticas. Descendente de uma família de praticantes do futebol, ele nos contou que aprendeu e começou a jogar na própria família.

Eu digo na família porque tinha um time em que o presidente era primo irmão da minha mãe, o capitão-geral também era primo irmão da minha mãe, o tesoureiro era irmão da minha mãe, o ponta-direita do juvenil era meu irmão, e tinha um primo que jogava na ponta-esquerda, e outro que era half- esquerdo. Quer dizer que praticamente era tudo da família.

Em Jaguarão, além do time familiar, Seu Alcides jogou também pelo E. C. Cruzeiro daquela cidade até 1935. Em 1936 recebeu uma proposta de emprego para jogar na cidade de Pelotas pelo C. A. Bancário. Descontente com o ordenado que recebia, Seu Alcides permaneceu no Bancário somente uma temporada e retornou para Jaguarão no final daquele mesmo ano. Mas, ainda em 1936, recebeu e aceitou uma nova proposta para voltar a jogar em Pelotas, agora pelo E. C. Pelotas, que lhe ofereceu um emprego com um ordenado maior. Assim, Seu Alcides passou a defender as cores dessa agremiação, na qual atuou até 1942. Nos anos de 1941 e 1942, Seu Alcides foi também goleiro da Seleção Gaúcha de Futebol.

Seu Alcides jogou até 1942. Depois, prestou concurso e tornou-se funcionário público. Logo que deixou de jogar foi capitão-geral do E. C. Pelotas por um curto período de tempo. Atualmente, Seu Alcides reside no Rio de Janeiro e concedeu-me a entrevista quando estava de passagem por Pelotas visitando seus familiares.

### **José Plácido de Castro Nogueira**

(Entrevista realizada em julho de 1999, no seu gabinete de trabalho, localizado no centro da cidade de Porto Alegre.)

Nascido em 1912, Seu Plácido é atualmente um general da reserva. Foi dirigente e ainda é torcedor do G. A. Farroupilha. “fui de tudo ali. Eu fui presidente por uns 15 anos. A última vez foi em 1960.”

Quando me concedeu a entrevista, Seu Plácido estava com 87 anos. Sua idade avançada, no entanto, não constituiu, em nenhum momento, um empecilho para que ele (re)lembrasse e falasse com facilidade do futebol que presenciou e ajudou a construir nos anos 30, 40, 50 e 60. A precisão e a atenção para com os pormenores dos episódios vividos, bem como a motivação com a qual narrou as histórias que acompanhou, protagonizou ou ouviu contar eram tamanhas que me deixaram a impressão de que o futebol havia monopolizado sua memória. Quando tratava de narrar histórias do seu clube, o Grêmio Atlético Farroupilha, a motivação, a desenvoltura e a facilidade com as quais rememorava eram ainda maiores.

Por apresentar algumas dificuldades de audição, algumas intervenções minhas (feitas, talvez, fora de hora) não foram bem ouvidas por ele, o que não atrapalhou o desenrolar da entrevista. Pelo contrário, Seu Plácido simplesmente continuava narrando suas histórias em um ritmo próprio, ignorando parte das minhas intervenções e forçando-me a recolocá-las em momentos mais oportunos. Esse episódio singular serviu para chamar minha atenção para a necessidade de eu me policiar, lapidar minha sensibilidade para a escuta, respeitar o

---

<sup>55</sup> Os auxiliares, são, na maioria, acadêmicos que residem na cidade. Além de acompanharem a realização as entrevistas, ajudaram a mapear os possíveis depoentes. Assim eles também fizeram parte da rede que construí em torno dos narradores. Contudo, nem todas as entrevistas foram realizadas com auxiliares.

ritmo de quem narra. Respeitar os ritmos próprios das narrativas torna-se importante quando aceitamos que trabalhar com a oralidade envolve não apenas a aprendizagem das perguntas, mas, sobretudo, a arte da escuta. Há até mesmo quem vá mais além e ouse dizer que “a arte do historiador oral é a arte de ouvir”.<sup>56</sup>

Quando chegou a Pelotas em 1933, Seu Plácido, tenente na época, foi motivado pelos colegas do exército a entrar para a diretoria do clube, que na época se chamava 9º Regimento de Infantaria, exercendo ali a função de tesoureiro. Sempre em um duplo papel, de dirigente/torcedor, atuou em várias gestões e só se afastou delas quando foi transferido de Pelotas para outra cidade, em 1961. Mas, como ele mesmo fez questão de enfatizar, se diz Farroupilha desde 1933. “Até a vida inteira. . . . Farroupilha é religião.”

Mesmo com o afastamento geográfico causado pela sua saída de Pelotas em 1961, Seu Plácido fez questão de destacar, várias vezes durante a entrevista, que continua sendo sempre um torcedor apaixonado e um sócio fiel. “Vou te mostrar um troço. Tá difícil encontrar aqui o Farroupilha . . . Todos os meses vai para o Itaú . . . os cinquenta reais do Grêmio Atlético Farroupilha. Com uma certa insistência, no final da entrevista, após procurar em seus arquivos por uns cinco minutos mais ou menos, Seu Plácido encontrou e fez questão de mostrar os recibos das mensalidades que mantêm em dia e, com orgulho, ressaltou: “Pode conferir se tu quiser, de cinco em cinco anos eu rasgo.”

### **Plínio de Castro Mello**

(Entrevista realizada ao redor da mesa da sala de sua casa em uma manhã chuvosa de junho de 1999, na cidade de Pelotas, RS.)

Auxiliar: Fabiano de Freitas.

---

<sup>56</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In —: op. cit. 1997. p.22.

Atacante que jogava tanto na antiga ponta-esquerda como na posição de centroavante, Seu Plínio é natural do Uruguai. Veio para o Brasil com sua família com apenas cinco meses de idade. Sua infância foi vivida na cidade de Rio Grande, onde aprendeu a jogar futebol nos times de rua e nos campinhos improvisados. “Eu jogava muito futebol de bolinha de meia, futebol de gol a gol, depois fui convidado por uns amigos pra ir jogar num timezinho de guri que estava se fazendo .” Um pouco mais tarde, com onze ou doze anos, Seu Plínio foi jogar no juvenil do São Raphael, time pertencente a uma espécie de segunda divisão do futebol da cidade de Rio Grande. Lá, lembrou ele, “foi a primeira botina de futebol que eu botei”.

Por volta de 1937, então com 15 anos, “por quinhentos mil réis”, Seu Plínio assinou ficha para jogar no Americano, time que disputava o campeonato citadino. Em 1939 se transferiu para o S. C. São Paulo, da mesma cidade, que lhe ofereceu um contrato — segundo ele, o primeiro da cidade — lhe concedendo “80 mil cruzeiros de luvas, mil e duzentos cruzeiros por mês e mais prêmio por vitória e empate.” Naquele período, além de jogar no São Paulo, Seu Plínio trabalhou por alguns anos na Swift, empresa frigorífica de Rio Grande.

Em 1942 veio para Pelotas e passou a jogar no G. S. Brasil, equipe que defendeu de “23 de outubro de 1942 até 19 de junho de 1950”, quando foi vendido para o Grêmio Bagé, da cidade de Bagé, RS, onde atuou somente por uma temporada. De volta a Pelotas, Seu Plínio colocou em segundo plano a carreira profissional de jogador e passou a dedicar-se a profissão de funcionário público federal. Porém não abandonou totalmente os campos. Voltou a jogar no G. A. Farroupilha de Pelotas e, em 1960, ao transferir-se para Camaquã, RS, jogou também pelo Atlético daquela cidade.

Após ter circulado por várias cidades da zona sul do estado, Seu Plínio hoje reside em Pelotas. Ele concedeu um depoimento cheio de lembranças detalhadas da experiência que teve nos campos de futebol. E mesmo demonstrando estar bastante satisfeito com seu passado de jogador, fez questão de denunciar as mágoas e algumas decepções que teve no futebol, principalmente com cartolas e dirigentes.

Às denúncias das injustiças “profissionais” que sofreu, Seu Plínio acrescenta as lembranças boas que compuseram a sua trajetória no futebol. Ele nos recebeu para a entrevista em sua casa, acompanhado de quatro números da revista Brasil Gigante, revista que contam passagens do G. S. Brasil da época em que ele jogou (equipe que ele defendeu por mais tempo e da qual se diz torcedor). Além de fazer alusão às fotos das revistas algumas vezes durante seu depoimento, seu Plínio contou que a partir delas está fazendo um levantamento para saber o número de gols que ele marcou pelo G. S. Brasil.

O depoimento de Seu Plínio foi marcado não só pelo uso das revistas, um suporte para a memória, mas também pela singularidade das estratégias por ele utilizadas para (re)memorar e narrar lembranças. Sua memória trazia com maior intensidade as cenas que protagonizou e as imagens que viu do que aquilo que ouviu<sup>57</sup>. Como suas recordações tinham essa marca forte — uma marca do futebol: a lembrança meticulosa das cenas, uma memória visual — ele parecia não se contentar em somente narrá-las oralmente. Para ser mais incisivo, para melhor explorar a intensidade e os detalhes dos dribles, das jogadas e dos gols que fez ou viu, quase impulsivamente Seu Plínio associava ao seu depoimento oral encenações de lances, narrando também com o corpo suas memórias do futebol.<sup>58</sup> “E eu entrei correndo pela ponta-esquerda, recebi uma bola em profundidade e, quando recebi, atrasei a bola. O Máspoli tinha saído para fechar o canto esquerdo do gol, e o Darci entrou e tocou de pé direito, sem goleiro, sem nada.”

---

<sup>57</sup> Raphael Samuel, ao se referir às diferentes características históricas da memória, destaca o fato de que não necessariamente as práticas de rememorar estiveram restritas às lembranças abstratas ou apenas ligadas à audição e à oralidade. “A arte da memória, tal como foi praticada no mundo antigo, era uma arte pictórica, enfocando imagens de preferência a palavras. Ela tratava a visão como primária. . . . A primazia do visual foi ainda mais evidente na Idade Média, quando as imagens eram sistematicamente mobilizadas para fixar a narrativa sagrada nas mentes dos iletrados.” (Raphael Samuel. op. cit. 1997, p. 42.)

<sup>58</sup> Entre os vários autores que tecem considerações sobre a participação intensa do corpo nos depoimentos orais, destaco uma passagem de Jerusa Ferreira onde ela lembra que “considerando a fisicalidade e a inteireza da comunicação na ‘performance’, seriam inevitáveis as implicações do corpo, da corporeidade, do gesto e da gestualidade em conjunto . . . De repente, um narrador lembra-se de algo que lhe faz brilhar os olhos e transmite-nos um quê desta iluminação”. (FERREIRA, Jerusa, P. Os desafios da voz viva. In —: **Os desafios contemporâneos da História Oral**. (org.) Simson, Olga, R. de Moraes. Campinas, SP. CMU/Unicamp, 1997. p. 63-64.)

### **Clóvis Gotuzzo Russomano**

(Entrevista realizada em uma manhã de maio de 1999, em seu escritório, no centro da cidade de Pelotas, RS.)

Seu Clóvis nasceu em 1924. É advogado e professor universitário aposentado. Estabeleceu vínculos orgânicos com o futebol de Pelotas principalmente pelas funções que exerceu junto ao G. S. Brasil. Além de torcedor, que ainda continua sendo, ele contou que foi por “diversas vezes dirigente”, sendo presidente do clube durante quatro gestões: 1954, 57, 72 e 79.

Por ser filho do ex-dirigente do G.S. Brasil, Vicente Russomano (presidente em 1925 e 1933), Seu Clóvis guarda em sua memória, além dos episódios que presenciou, também as lembranças de histórias que foram vividas e contadas pela geração de seu pai e passadas para ele através da cultura oral. A aproximação ainda criança de Seu Clóvis com o futebol ocorreu por intermédio de seu pai, devido ao gosto e aos vínculos que este tinha com o esporte. “Ele ia ao futebol e me levava . . . Eu me lembro que a primeira partida de futebol que eu fui foi em 1931, num Bra-Pel, no antigo campo do Brasil, na rua Nossa Senhora Aparecida.”

### **Dennis William Lawson**

(Entrevista realizada em uma manhã de abril de 1996, na sua casa, na praia do Cassino, distrito pertencente à cidade de Rio Grande, RS.)

Auxiliar: Andréa Lerípio.

Descendente direto de uma das famílias inglesas que fundaram S. C. Rio Grande em 1900, sobrinho de Arthur Cecin Lawson (que além de jogador e fundador foi também presidente do clube no período de 1908 a 1917), Seu Denis cresceu em um meio familiar em que as histórias do futebol e do S. C. Rio Grande eram cultivadas e (re)contadas. Assim, mesmo

não as tendo vivido, seu Denis as mantêm guardadas em sua memória como preciosidades e as passa às novas gerações com dedicação, facilidade e entusiasmo.

Além das histórias que lhe foram contadas, sua memória também é fortalecida e enriquecida pelos episódios que mais tarde ele próprio acompanhou e protagonizou. No início dos anos 30, recordou com orgulho, fez parte de uma equipe de garotos do clube, que, destaca ele, “não era de juniores e nem de juvenil. . . . Éramos chamados os filhotes do Rio Grande. Tínhamos uns doze anos de idade”. Mais tarde, em 1950 e 1951, os vínculos com o S. C. Rio Grande voltaram a se intensificar. Dessa vez seu Denis passou a exercer a função de presidente na diretoria do clube, cargo que voltaria a exercer em 1972.

### **Júlio Leite Ribeiro: (Seu Farina)**

(Entrevista realizada em abril de 1999, em sua casa, na Cohab Guabiroba, bairro de Pelotas, RS.)

Seu Farina, como é conhecido pelos familiares e amigos nasceu em 1927. Não chegou a tornar-se jogador de futebol profissional. Atuou principalmente no futebol de fábrica e no varzeano. Jogou em times de veteranos até passar dos 50 anos. Pelo largo tempo em que esteve ligado ao futebol, este ocupa um lugar privilegiado em suas recordações. Seu Farina começou a praticar o futebol no Sport Club Miraluz, equipe que, segundo seu depoimento, foi fundada em 1938 e era formada basicamente por funcionários que trabalhavam na fábrica Leal Santos, uma filial da Leal Santos de Rio Grande. Seu Farina começou a trabalhar na fábrica e a fazer parte da equipe do S. C. Miraluz com 14 anos. “Joguei nas três categorias; joguei no infantil, joguei só uma partida no segundo time e já passei pro primeiro time.”

Além do S. C. Miraluz, Seu Farina circulou por diversas equipes do futebol menor da cidade, como Cometa, Americano e Vasco, mas em seu depoimento destacou a sua participação na equipe da Fiação e Tecidos, firma onde trabalhou até se aposentar e pela qual jogou mais de dez anos, iniciando em 1950. Pela Fiação e Tecidos, Seu Farina disputou vários campeonatos promovidos pelo SESI entre as firmas e, em uma ocasião,

chegou a ser campeão estadual nesse tipo de competição. Além dessa equipe, ele ressaltou com orgulho a passagem, mesmo breve, pelos times maiores da cidade, como o C. A. Bancários e o juvenil do G. S. Brasil em 1943.

Entre as múltiplas particularidades que compõem cada entrevista, no depoimento de Seu Farina chamou a atenção a forma especial pela qual ele me recebeu: de posse de diversas lembranças do futebol que ele guardava — fotos, certificados, medalhas, flâmulas amassadas, camiseta surrada —, um arsenal de objetos que não só serviam para incitar, facilitar e complementar suas recordações, mas eram, eles próprios, parte da sua memória. Esse conjunto de lembranças, que podemos chamar de “memória material”<sup>59</sup> do futebol, apesar de ter se destacado com maior ênfase na entrevista feita com Seu Farina, não foi uma exclusividade dessa. Também em vários outros depoimentos ela mostrou-se significativa. Por trazerem consigo marcas difíceis de serem guardadas abstratamente na memória, objetos como chuteiras rasgadas, camisas de times, medalhas e flâmulas constituem lembranças fortes, pedaços singulares de um tempo, fragmentos de uma memória do futebol que, na hora de ser contada, tende a escapar da oralidade e falar por si mesma. Assim, tornam-se mais contundentes, garantem intensidade à narrativa quando são mostradas. Sobre essa memória material, que se aloja nos objetos pessoais, assinala Peter Stallybrass que “a roupa tende pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória.”<sup>60</sup>

### **Oswaldo Rodrigues (Seu Chambão)**

(Entrevista realizada em julho de 1999, na sua casa, na cidade de Pelotas, RS.)

Nascido em 1919, Oswaldo Rodrigues, o Chambão, como ficou conhecido no meio futebolístico, é de origem pobre e com fortes traços de negritude. Mais do que qualquer

---

<sup>59</sup> Estou utilizando o termo “memória material” tendo como referência o sentido a ele atribuído por Peter Stallybrass. Para conceituá-lo, o autor faz uma análise na qual aponta ter predominado, em nossa cultura acadêmica, uma inverção do conceito de fetiche. Segundo ele, “em ‘O Capital’, Marx tentou restaurar essa memória material, uma memória literalmente corporificada na mercadoria, embora suprimida como memória” (1999, p.105). Para maiores considerações sobre o conceito de memória material consultar: (STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx, roupas, memória, dor**. Autêntica, Belo Horizonte, 1999.).

<sup>60</sup> STALLYBRASS, Peter. op. cit. p.18, 1999.

lembrança romântica, se destaca no depoimento de Seu Chambão os poucos ganhos econômicos e as possibilidades de emprego e trabalho que o futebol lhe proporcionou. Aliás, quando ele aprendeu a jogar futebol, já o fez interagindo com o trabalho. “Eu já não tinha nem pai e nem mãe, então os companheiros me convidavam e eu ia lá e jogava, e depois de noite ia vender um jornalzinho por aí”.

Depois de iniciado no futebol, Seu Chambão transitou por vários times menores da cidade e da redondeza. Dentre outros, ele lembrou de ter jogado pelo América, Santa Cruz, Tiradentes, Frigorífico Anglo (onde também trabalhou), Pedro Osório, São Geraldo, Santa Tecla (cidade de Capão do Leão) e Grêmio Lourenciano (cidade de São Lourenço). Mas, no total, foram tanto os times por onde passou, que comentou : “Até me esqueço de todos os quadros que eu joguei.”

Em 1941, Seu Chambão, ainda como funcionário do frigorífico Anglo, foi jogar pelo Fiategi — equipe formada basicamente por operários, mas que, nessa data, disputava o Campeonato Citadino da Liga Pelotense de Futebol. No ano seguinte, 1942, passou a pertencer ao quadro do G. S. Brasil. Jogando tanto no 2º como no 1º time, conforme fosse preciso, seu Chambão permaneceu no G. S. Brasil até 1948.

### **Antônio Rodrigues Duarte**

(Entrevista realizada em abril de 1999, em sua casa, no Bairro Areal, na cidade de Pelotas, RS.)

Auxiliares: professoras Eliane Ribeiro Pardo e Carmen Duarte, nora do entrevistado.

Seu Duarte nasceu em 1909. Foi professor da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal de Pelotas. Como dirigente, participou da diretoria do C. A. Bancário no final dos anos 20, quando compôs o estatuto daquele clube, onde os estatutos “do Vasco e o do Fluminense serviram de base,” destacou ele. Apesar de ter começado a prática do futebol muito cedo, no Colégio Pelotense, seu Duarte não chegou a tornar-se um jogador, no

sentido restrito do termo. Nos times maiores da cidade atuou em algumas partidas pelo Bancário e nelas “gostava de jogar avançado para fazer gols. Eu gostava de ouvir a torcida festejar os gols que eu marcava.”

Mesmo tendo jogado apenas eventualmente nos times maiores da cidade, as lembranças do futebol transbordam com intensidade da memória de Seu Duarte, como transpareceu no momento em que tentou definir o que ele fora no futebol: “**eu era um curioso pela bola**” Essa curiosidade recebeu novos ingredientes um pouco mais tarde, quando ele acompanhou a trajetória dos seus dois filhos que foram jogadores profissionais de destaque na região, nos anos 50 e 60: Jaime Duarte — Duartinho — e José Antônio Duarte — Duartão. Esse último chegou a ser campeão Sul-Americano no México, em 1956, quando participou do selecionado gaúcho que lá esteve representando a CBD.

Por ocasião da entrevista, seu Duarte encontrava-se em um estado de saúde bastante debilitado. Estava em cadeira de rodas, cego e com grandes dificuldades de audição e de fala. Nessas condições, realizamos uma entrevista poluída, singular, rica em imprevistos<sup>61</sup>. Carmem Duarte, nora de seu Duarte, além de intermediária do encontro, por estar familiarizada com o estado de saúde e com a dicção do depoente, atuou como uma espécie de tradutora/mediadora da entrevista, facilitando o diálogo entre nós<sup>62</sup>.

### **Virgílio Mozzilo**

(Entrevista realizada em março de 1999, em seu escritório de trabalho, no centro de Pelotas, RS.)

Auxiliar: Pedro Curi Hallal

---

<sup>61</sup> Ao ser perguntado sobre como tratar as interferências, em geral não previstas, durante uma entrevista, Alessandro Portelli destacou: “transformamos em vantagens os obstáculos . . . Sempre que algo interfere. Considero maravilhosas as interferências. Sempre que algo se interpõe e muda a situação, muda o que fazemos, ou o que as pessoas dizem, não há problema, pois se trata de algo importante na cultura e, portanto, de algo que descobrimos”.(PORTELLI, Alessandro. op. cit. p. 45, 1997.)

<sup>62</sup> Na data da entrevista, os dois filhos de Seu Duarte que foram jogadores, já eram mortos e ele veio a falecer alguns meses depois.

Nasceu em 1929, na cidade de Pelotas. Por ter mantido uma relação bastante próxima com a imprensa esportiva da cidade — participou como comentarista de vários programas esportivos —, Seu Mozzilo mostrou, além de um conhecimento ampliado, também uma forte empatia com o futebol da região, vínculos forjados na intermediação com o rádio:

nós fizemos um programa de esporte. A rádio cobrava por hora e não cedia a parte de controle eletrônico. Então nós fizemos em três. Nós fazíamos no papel a programação e enquanto dois falavam, o outro ia lá para a parte do disco colocar no ar a emissora. Que precariedade de condições! Isso em 45, 46, por aí.

Torcedor fiel do E. C. Pelotas, Seu Mozzilo destacou a sociabilidade que o futebol lhe proporcionou: “Até hoje tenho amigos meus de 60, 80 anos. São amigos que eu adquiri no futebol”. A partir de 1951, Seu Mozzilo passou a fazer parte também de várias diretorias do E. C. Pelotas, vivendo esse duplo papel, esse entrecruzamento, dirigente/torcedor, que é tão freqüente na cultura dos clubes brasileiros. Sobre essa outra experiência, assim se referiu:

Tu deixa de lado, um pouco, o lado da fantasia. . . . um dia tu perdia um jogo, então dava um transtorno total, uma mexida no metabolismo da gente, no organismo. Ficava com dor de cabeça, ficava chateado, ficava com tudo; mas, depois, na outra semana, a gente tinha um sucesso, então começava a crescer de novo o entusiasmo.

### **Orlando Rodrigues Sanches (Negrito)**

(Entrevista realizada em fevereiro de 1999, em uma casa situada ao lado da casa do entrevistado, no bairro Laranjal, na cidade de Pelotas, RS. Negrito faleceu no ano seguinte à nossa entrevista.)

Auxiliar : Rafael Nascimento.

Apelidado pelo jornalista Aldir Schlee de “o pai da bola”, Negrito nasceu em Pelotas, onde aprendeu a jogar futebol e passou a maior parte da sua carreira e da sua vida. Seu pai

também teve passagem pelo futebol da cidade, “ jogou no Rio Branco, até me disseram que ele era muito bom de bola.” Profissionalmente, contou que começou a jogar em 1952, “estreiei com 14 anos e fiz 15 na segunda-feira.” Dos times pelos quais jogou, Negrito destacou a passagem que teve pelos dois principais clubes de Pelotas: “ joguei no Pelotas e ganhei do Brasil; joguei no Brasil e ganhei do Pelotas”. Além desses dois times, jogou também pelo São Paulo de Rio Grande durante quatro anos. Antes de ingressar nas maiores equipes da região, passou por vários times menores da cidade. Desse período, destacou o tempo que jogou pelo Fiação e Tecidos.

Durante o seu depoimento, Negrito deixou transparecer o orgulho que sentia pelo reconhecimento que alcançou no futebol. Contou-me sua história acompanhado de dois álbuns de fotografias que ele guardava com cuidado e que usei para enriquecer o depoimento. Com orgulho Negrito fez questão de contar os ganhos econômicos que teve com o futebol. Suas recordações eram alegres, pouco nostálgicas e tingidas com algumas tonalidades do futebol de hoje, um misto de paixão e profissionalismo. “Olha, eu joguei na meia cancha no lado esquerdo e batia com qualquer pé com facilidade; treinava muito. Eu acho que quando a gente abraça uma profissão tem que se dedicar. E eu gostava.”

### **Marina Freitas da Silva Tavares**

(Entrevista realizada em março de 1999, na sala de troféus do Estádio do G. S. Brasil, na cidade de Pelotas, RS.)

Auxiliar : Rogério Rangel.

Dona Marina nasceu em 1937, em Pelotas. Sua paixão pelo G. S. Brasil é fruto de uma relação familiar apaixonada herdada de seu pai — Francisco Tavares da Silva —, que foi torcedor e dirigente do clube. “Eu era pequenininha; devia ter uns seis anos e minha mãe era muito ciumenta. Daí me empurrava com meu pai. Eu ia pros treinos nos sábados à tarde. O Brasil concentrava ali perto da ponte do Laranjal, meu pai pegava o carro e me levava até a concentração .”

Logo que iniciamos a entrevista, Dona Marina fez questão de demarcar uma certa distinção perante a maioria dos demais torcedores, mostrando ser alguém que cultivava e conhece as histórias do seu time, narrando acontecimentos tanto da sua época como da época do seu pai. “Eu sei até o nome dos jogadores de 1948. Se tu me perguntar qual era o time do Brasil, eu te digo. De 52 eu te digo todo o time também. . . . Ali atrás onde tem a Garra Xavante, tinha umas árvores. Então, os que não podiam pagar subiam nas árvores para ver o jogo, todos trepados nas árvores.”

Além de torcedora apaixonada e conhecedora de histórias do clube, Dona Marina mantém-se ligada de forma mais orgânica ao clube, cuidando e preservando parte da memória do G. S. Brasil. Há dez anos ela é a responsável pela sala de troféus do clube. Por este trabalho, que faz como voluntária, Dona Marina demonstra, mais uma vez, ter um grande orgulho, bem como uma sensibilidade bastante apurada para aquilo que diz respeito à memória do clube. “Porque os troféus estavam abandonados, e eu recuperei eles, e tem troféus, que eu sei. Tem um, este aqui [aponta com a mão] que é de 1919, quando o Brasil foi campeão estadual.”

### **Narrador/Autor (Luiz Carlos Rigo)**

Nasci em 1967, em Porto Lucena, pequena cidade interiorana do Rio Grande do Sul, que faz divisa com a Argentina. Quando fiz seis anos minha família mudou-se para Santa Rosa, cidade pólo das Missões, com cerca de 100 mil habitantes. Em Santa Rosa morei dos seis aos dezoito anos e foi lá que construí os meus vínculos mais orgânicos com o futebol através das disputas escolares, dos jogos de finais de tarde e do futebol de várzea.

Da varanda da minha casa podia se ver um vasto gramado, palco de muitos jogos de futebol. Nesse espaço, nós, garotada de pouca idade, fizemos vários campinhos com diferentes disposições geográficas, uns com mais, outros com menos grama. Jogávamos tanto, todas as tardes, assim que o sol baixava que a grama logo morria e tínhamos que mudar a posição das goleiras, inventar um novo campo. Próximo aos nossos campinhos

havia um ou dois campos maiores, “oficiais”, dos times da região. Lembro-me com facilidade dos Campos do Ipiranga e do Cruzeiro, ambos times da Vila Sulina.

Assim que a gurizada começava a calçar acima de 30, não se contentava mais com joguinhos de final de tarde, todos queriam fazer parte de um time da vizinhança. Eu entrei para o E. C. Cruzeiro da Vila Sulina. Joguei nesse time no mínimo sete anos, primeiro no mirim e logo depois no primeiro e segundo quadro. Só saí quando completei dezoito anos porque fui fazer faculdade em outra cidade.

Dessa experiência muitas são as lembranças que guardo: as amizades que fiz, os torneios, os campeonatos e os amistosos que disputei. Lembro detalhes de várias partidas disputadas em nosso campo ou em outros. Recordo bem de algumas “linhas” — nome usado para referir-se a certa localidade da região — que tinham equipes de tradição, como era o caso do Flamengo da Linha Divisa, do Colonial de Campininha e do Tiradentes da Linha Salto.

Depois que você entra para um time de várzea, o futebol torna-se um lazer certo do final de semana. Recordo como voltávamos cabisbaixo e tristes da sede, ponto de saída do ônibus, sempre que o jogo era cancelado. Chuteiras em baixo do braço, ficávamos ali conversando algum tempo, depois retornávamos andando para casa um tanto desolados sem saber o que fazer: O domingo perdera a graça: não teve jogo.

Hoje, na função de professor universitário que trabalha com o futebol, volta e meia recorro às minhas memórias de infância e adolescência para buscar nelas saberes do universo do futebol. Durante este estudo minha memória afetiva aguçou-me a escuta para singularidades futebolísticas que tendem a passar despercebidas ao mundo acadêmico — detalhes, como a sensação ocasionada por uma derrota ou vitória, a importância de marcar um gol, o significado de uma medalha, uma camiseta, uma flâmula ou uma foto antiga do time.

Minha memória varzeana, por sua vez, não permitiu que eu esquecesse os pequenos clubes. Atento, fui recolhendo os poucos registros desse futebol, que iam surgindo durante o

trabalho de campo. Esses registros foram cuidadosamente compilados, dando origem, assim, ao capítulo que denominei Futebol Infame, uma espécie de reconhecimento ao futebol “anônimo.” Era um tema que não fazia parte do projeto inicial da pesquisa, mas que foi impossível deixar de fora.

## Capítulo II - A emergência de um futebol de fronteira<sup>63</sup>

### 2.1 - O pioneirismo do Sport Club Rio Grande: o Vovô

meninos do club Inglês jogaram em 1900, 1901 e 1902 . . . No Sport Club Rio Grande, a rapaziada jogava futebol no fundo do cemitério, que era o cemitério de alemães. Na época, jogavam futebol ali, numa várzea.<sup>64</sup>

A memória de seu Dennis Lawson localiza no tempo os detalhes empíricos das primeiras partidas de futebol realizadas em Rio Grande. Eles evidenciam uma diversidade geográfica na fase de emergência do futebol brasileiro que se não foi esquecida, pelo menos é pouco lembrada. A maior parte da grande imprensa brasileira ao longo deste século mostrou-se muito empenhada em personalizar a história enaltecendo a pessoa de Charles Müller como aquele que não apenas trouxe o futebol para cá, mas também o implementou, deixando no ar uma espécie de dívida histórica do tipo “se não fosse por ele o futebol não seria jogado no Brasil.” Sinal de uma personalização da história, essa tendência acabou por relegar a um plano secundário todas aquelas experiências de futebol contemporâneas ao próprio Charles Müller, que, sem um único pai, pipocavam em diferentes cidades brasileiras.

Fundado em 19 de julho de 1900, o Sport Club Rio Grande é reconhecido pela CBF — Confederação Brasileira de Futebol — como o clube de futebol mais antigo do Brasil. Preserva ele, ainda, o mérito de ter se mantido em atividade desde sua fundação, nunca cancelou, nem temporariamente, suas atividades. Nos últimos anos ele vem disputando a série B do Campeonato Estadual, mas já disputou muitas vezes a primeira divisão, sendo inclusive campeão no ano de 1936. Foi campeão também da Taça da Independência em

---

<sup>63</sup> O termo futebol de fronteira está sendo usado em um duplo sentido: tanto para se referir às práticas de futebol que se materializam em uma zona de fronteira, como para ressaltar a propensão que determinadas práticas culturais têm em desprezar, ultrapassar as fronteiras geográficas. Maiores considerações sobre as invasões territoriais implementadas por práticas culturais ver: (LINS, Daniel, S. (org.). **Saberes Nômades**. Campinas, SP: Papyrus, 1997; FEATHERSTONE, Mike. **O Desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo. Studio Nobel; SESC, 1997.)

<sup>64</sup> Entrevista Dennis Lawson, 1996.

1922, quando venceu a final diante do Grêmio Porto-alegrense por 4 X 1. Essa competição, nas palavras de Seu Dennis, envolveu “a maior elite do futebol do Estado” e, prossegue ele, “tinha a mesma importância do campeonato estadual, pra mais. . .”<sup>65</sup>

Logo após as peladas no fundo do cemitério, “um grupo de rapazes (alemães, ingleses e italianos)” ousou institucionalizar o futebol:

Um dos alemães, que se chamava Minnemann, achou que, como líder já devia organizar um clube de futebol. Isso em 1899. . . Porque tinha a Sociedade Germânia, que era uma Sociedade Social. . . Então, um ano mais tarde, por volta de 1900, fundaram o clube e colocaram o nome da cidade e as cores da bandeira do Rio Grande do Sul na mesma ordem — verde, vermelho e amarelo.<sup>66</sup>

Somados a um certo tom de reivindicação para ampliar a leitura da história, a ênfase emocionada e o envolvimento corporal que acompanharam o tempo todo o depoimento de Seu Dennis demonstram o significado que têm para ele tanto o S. C. Rio Grande como os fragmentos históricos do futebol que ele e seu clube produziram.

O Jornal Zero Hora faz a seguinte consideração sobre a fundação do clube e a primeira partida oficial de futebol: “Assinado pelo Alemão Johannes Christian Minnemann, o convite anunciava que haveria um jogo de futebol às 9h30min do dia 14 de julho de 1900, no campo do Club de Tiro Alemão. Havia ainda um aviso: após a partida seria discutida a

---

<sup>65</sup> Ibid. No decorrer de sua história, o S. C. Rio Grande participou de inúmeros campeonatos da cidade (obtendo a vitória em vários deles) e realizou jogos amistosos contra vários times famosos do Rio, São Paulo, Argentina e Uruguai. Como “todo bom tricolor”, é também identificado com a elite da cidade, mantendo, desde sua fundação, ligações com o Fluminense do Rio de Janeiro. O S. C. Rio Grande destaca-se também por atuar em outras esferas esportivas e sociais. Para um clube do interior do estado, ele possui um considerável patrimônio estrutural dentro de “uma área com vinte e seis hectares”. Possui um centro esportivo para seus sócios com três campos suplementares, onde funcionam escolinhas de futebol, piscina térmica semi-olímpica, pista de patinação, espaço para caminhar, correr, andar de bicicleta, churrasqueiras e um pavilhão coberto. O número de sócios e a sua participação na organização do clube é também destacado pelo nosso depoente: “O conselho é composto por 140 conselheiros, nós estamos com 3100 sócios fichados.”

criação de um clube em Rio Grande.”<sup>67</sup> Segundo informações colhidas de uma entrevista concedida em 1972 por Oscar Schmitt (um dos fundadores do clube e que também atuou no jogo que serviu como preparativo para a fundação), o jornal procurou passar um pouco do ambiente e das condições estruturais daquela partida:

um público de 600 pessoas foi ao campo. . . . Não havia marcação das áreas ou redes nas traves. Como tampouco poderia se esperar arquibancadas, o público se acomodou como podia para ver as duas equipes, formadas por rapazes de sobrenomes estrangeiros, como Kladt e Borhost. O primeiro jogo oficial de futebol do Rio Grande do Sul durou 110 minutos e terminou com vitória de 4 a 3 para um dos times.<sup>68</sup>

Já que a história oficial tende a cultuar a figura de um grande autor e de uma origem determinada, o S. C. Rio Grande correu atrás de seu espaço dentro destas condições de possibilidades. Hoje, com orgulho, o clube exhibe a proeza de ter sido reconhecido oficialmente como o mais antigo do Brasil,<sup>69</sup> posição que na região lhe propiciou o carinhoso apelido de Vovô. O título e o apelido são cuidadosamente cultivados tanto por Seu Dennis como por um grande número de torcedores e simpatizantes da região: “O extraordinário deste clube é que jogou desde 1900. E isso é muito raro. Existem clubes

---

<sup>67</sup> Jornal Zero Hora, Caderno de Esporte, Centenário do S. C. Rio Grande, Capítulo 1º p.04. 19/07/1999.

<sup>68</sup> Ibid. Sobre a reunião que oficializou a fundação do clube, o jornal Zero Hora assim se refere: “Na noite de quinta-feira, dia 19 de julho, os futuros sócios do Rio Grande finalmente se reuniram nos Salões do Germânia. Pelo sobrenomes — Kladt, Lohmann, Bornhorst, Nieckels, Dietiker, Bernitt, Scwamerburg — é possível perceber que pelo menos 16 dos presentes eram de origem germânica. Minnemann fez, em alemão, o discurso de fundação”. A Sociedade Germânia era remanescente de 1863. (Jornal Zero Hora, Caderno de Esporte, Centenário do S. C. Rio Grande, Capítulo 3º. p. 02, 9/08/1999, p. 02.)

<sup>69</sup> “Emoldurado na sede do Rio Grande, um diploma concedido pela Confederação Brasileira de Desporto (CBD, atual CBF) registra uma vitória. O documento, datado de 28 de julho de 1975, reconhece que o clube é o mais antigo do Brasil”. Jornal Zero Hora, Caderno de Esporte, Centenário do S. C. Rio Grande capítulo 1º. 19/07/1999. P. 4. O principal concorrente nesta disputa foi a Associação Atlética Ponte Preta — a Macaca — de Campinas, SP, fundada em 11 de agosto de 1900. A importância que este título tem para os dois clubes pode ser percebido pelo uso público que ambos fazem dele: enquanto o Rio Grande exhibe um documento oficial que recebeu da CBF, emoldurado em sua sede, para a Ponte Preta, a frase “o clube mais antigo do futebol brasileiro” permaneceu como um dos principais slogans usada em campanhas publicitárias feitas pelo clube. Os vinte e dois dias que oficialmente separariam as fundações da Ponte e do Rio Grande pelo visto não foram suficientes para convencer a Macaca a contentar-se com o segundo lugar. Sobre a trajetória da A. A. Ponte Preta consultar: (NETO, José, M. dos S. **O início de uma paixão; A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta.** Campinas: Editora Komedi, 2000.)

mais antigos na Argentina, no Uruguai e no Chile, mas são clubes que se licenciaram um ou dois anos em crise. O Rio Grande foi extraordinário porque foi ininterrupto, nunca teve crise que proibisse ou o fizesse deixar de participar.”<sup>70</sup>

Inicialmente os rapazes descendentes de estrangeiros — na maioria alemães e ingleses, fundadores do S. C. Rio Grande — concentraram-se em jogar o futebol entre si, realizando jogos demonstrativos e tentando fazer das partidas um novo episódio cultural para a cidade. Mas, como desfrutavam de ótima situação financeira — “eram todos de boas famílias, muito influentes na cidade”<sup>71</sup> — e, portanto, capazes de custear com facilidade viagens de trem ou de navio, o clube logo passou a aceitar os convites que começaram a ser feitos para que realizasse jogos demonstrativos também em outras cidades: “o Rio Grande excursionou e manteve o futebol no interior, não ficou limitado a Rio Grande”.<sup>72</sup>

Além dos jogos de exibição feitos na própria cidade e também fora dela, Seu Dennis destacou os jogos contra os marujos dos navios que aportavam na cidade: “todas as vezes que tinha navios estrangeiros em Rio Grande, convidava para jogar uma partida de futebol . . . Jogamos com tripulantes de diversos navios. O primeiro mesmo foi um navio de guerra inglês, o Nymph. Aquela sim, foi uma partida que chamou a atenção.”<sup>73</sup> O episódio que Seu Dennis ouviu contar, retido na memória com facilidade, envolveu duas partidas: uma em 18 de maio de 1901 e a outra quatro dias depois.

Essas partidas são ainda hoje motivo de atenção. Para muitos teriam sido elas os primeiros amistosos internacionais ocorridos no Brasil, já que a partida que a CBF considera como tal, aquela ocorrida em 14 de abril de 1895, entre a Railway Team 4 X 2 São Paulo Gas Team, foi realizada por jogadores que, apesar de ingleses, residiam no Brasil. Fazendo uso, novamente, do depoimento concedido em 1972 pelo ex-jogador Oscar Schmitt, o jornal

---

<sup>70</sup> Entrevista com Dennis Lawson.

<sup>71</sup> Ibid.

<sup>72</sup> Ibid.

<sup>73</sup> Ibid.

Zero Hora reconta: “Segundo ele, as duas partidas contra os ingleses foram as primeiras em que os jogadores do Rio Grande usaram caneleiras e colocaram redes nas traves.”<sup>74</sup>

A partir desses jogos de exibição realizados pioneiramente pelo Vovô como parte integrante da programação de festas e clubes sociais, o futebol começou a despertar a curiosidade e o interesse de grupos de rapazes de “boas famílias” de outras cidades. Como foi o caso de Pelotas.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> Jornal Zero Hora, Caderno de Esporte, Centenário do S. C. Rio Grande, Capítulo 3. 23/08/1999, p.13.

<sup>75</sup> Sobre a presença dos imigrantes ingleses em Rio Grande e suas intervenções no plano econômico e cultural da cidade, consultar: MACEDO, Francisco. **Ingleses no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, A nação, 1975. Já especificamente sobre o S. C. Rio Grande, além dos documentos e periódicos do próprio clube e da série de 25 capítulos elaborados pelo jornal Zero Hora no ano de seu centenário, ver: (RAMOS, Miguel Glaser. **S. C. Rio Grande: centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande, RS. Editora da FURG, 2000.)

## S. C. RIO GRANDE: O VOVÔ

Numa foto de 1909, a única imagem que restou dos fundadores do Rio Grande. Abaixo, o documento da CBF que garantiu ao clube o reconhecimento do status de clube mais antigo do Brasil e o convite, em alemão, para o primeiro jogo oficial de futebol no Rio Grande do Sul. Na última foto da página, Oscar Schmitt, integrante da primeira equipe do clube, que acompanhou até sua morte, em 1972



A Diretoria, a ata de fundação e o certificado de clube mais antigo do futebol brasileiro.  
(Fonte: Jornal Zero Hora, 19/07/1999, p. 4)

## 2.2 – Aparece o futebol em Pelotas

“Do Rio Grande virá um trem expresso conduzindo exmas. Famílias e o Sport Club, que jogará uma partida de bola no parque, assim mais realce dando a festa da Gaúcha.”<sup>76</sup> A tímida “partida de bola” a que se refere o enunciado do jornal ocorreu na festa de aniversário e posse da nova diretoria da Associação União Gaúcha em 1901, de acordo com os registros oficiais da maioria dos jornais da cidade e se constituiu na primeira partida de futebol planejada e executada na cidade de Pelotas, segundo os padrões estruturais e as regras do futebol moderno.

Essa exibição de futebol realizada pelo Sport Club Rio Grande, cidade vizinha distante setenta quilômetros de Pelotas, foi mais uma das diversas atrações programadas para a festa. Pelo espaço que recebeu nos jornais da cidade — longas matérias que apresentavam inclusive a programação preparada para o dia —, a comemoração da União Gaúcha foi um evento de significativa relevância para a cidade. Já o futebol, ou melhor, “a partida de bola”, apesar de prestigiada por alguns convidados, não demonstrava ser nenhum acontecimento merecedor de atenção especial. Não passava de mais uma, entre tantas outras atrações programadas. Após anunciar como fora pensado o préstito que seguiria em direção ao parque, o jornal divulgou a programação da festa, que consistia de:

Sessão da União Gaúcha, para a posse da nova directoria; baile ao ar livre; partida de bola, pelo sport club; torneios de argolinhas, pelos sócios do Gaúcha, sendo de ouro as argolinhas e em número de seis. Nos intervalos dessas diversões, serão servidos assados com couro, shopps, vinhos, licôres e doces aos convidados. As três bandas de música, do Club Caixerai, Liga Operária e do 29º Batalhão, tocarão, alternadamente.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> Jornal Diário Popular, 05/10/1901.

<sup>77</sup> Ibid.

“A Opinião Pública”, outro jornal da cidade, fez no dia seguinte uma ampla cobertura do evento ocorrido no Parque Pelotense, narrando, em mais de duas colunas, detalhes dos preparativos, da programação e do encerramento da festa. Sobre o futebol, assim se referiu:

Estava já preparado, do outro lado do jardim, em pleno campo, que fica nos fundos do Prado, o local para o jogo de bola, a cargo dos membros do Sport Club do Rio Grande. Para ali se dirigiram as famílias e os membros da União Gaúcha, todos interessados em ver a partida que se ia iniciar. Os Jogadores da Bóla apresentaram-se vistosamente trajados e deram imediatamente principio ao belo divertimento, diante de grande número de pessoas. A partida correu animadamente, tendo alguns associados se manifestado eximios jogadores, recebendo applausos incondicionaes.<sup>78</sup>

Não se tem certeza se essa realmente foi a primeira exibição do futebol moderno<sup>79</sup> na cidade de Pelotas. Semelhante ao que alguns registros apontam para outras cidades portuárias, também aqui é provável que tenham ocorrido outros jogos de futebol anteriores a esses.<sup>80</sup> Mas, para os fins desta pesquisa, desvendar essa distante origem não me parece relevante.

Quanto aos “jogos de bola” dessa época — curiosamente assim denominados pelos jornais do ano, que logo adiante passaram a utilizar a nomenclatura inglesa “foot-ball” — é interessante destacar que no início era um esporte pouco praticado, quase irrelevante. A aparição do futebol em nossos gramados, pois ainda não eram campos, não teve nada de

---

<sup>78</sup> Jornal A Opinião Pública, 7/10/1901.

<sup>79</sup> O termo Futebol Moderno está sendo utilizado no sentido assinalado por Norbert Elias, ou seja, enquanto uma experiência singular da modernidade. Na concepção desse autor, os Jogos Olímpicos Modernos não renascem dos antigos, mas nascem na era moderna. Sobre isso, ver: (ELIAS, Norbert & Dunning, Eric. op. cit. 1992.)

<sup>80</sup> Há muitas controvérsias a respeito das primeiras partidas de futebol no Brasil. A partida organizada por Charles Müller — 14 de abril de 1895 — na Várzea do Carmo, entre as ruas Santa Rosa e Gasômetro, tanto na imprensa como na cultura do futebol é considerada, quase unanimemente, como a primeira partida de futebol no país. Existem, porém, registros históricos que apontam para a ocorrência de outras partidas anteriores, principalmente junto às cidades portuárias. Sobre isto, ver: Registros do Jornal Zero Hora, Caderno Especial de Esporte **Cem Anos de Futebol**. 14/04/1995. Ou ainda: (WITTER, José. S. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.)

fabuloso nem de extraordinário. Foi, isso sim, muitíssimo acanhada, sem grande importância.

Limitados a um círculo bastante restrito de adeptos e de poucos conhecedores, foram estes jogos de exibição, realizados pelo S. C. Rio Grande (a partir de 1900 em sua cidade e logo depois em outras) que, aliados a possíveis práticas improvisadas desse esporte, atuaram como eventos pioneiros para difundir o “foot-ball” na região e no Estado. Foi através dessas viagens/passeios, realizadas de trem ou até de navio, a convite de uma e de outra associação, que o veterano S. C. Rio Grande pôde desempenhar um papel importante no processo de divulgação do futebol no Rio Grande do Sul.

O clube fez uma visita a um grupo de Pelotas, levou as traves no trem. Em 1901, 1902, levavam no trem. Chegava lá, armava as traves e marcava um campo improvisado. Apareciam os nossos jogadores de bermudão e as mulheres diziam: que coisa horrível! Mais adiante, o pessoal de Bagé pediu ao S. C. Rio Grande que fizesse uma demonstração do futebol em Bagé. Também foram de trem a Bagé e foram recebidos debaixo de banda de música, foguetes, aquela coisa toda, churrasco, festa. . . Em 1903 tinha um grupo alemão que se chamava Fussball em Porto Alegre que também pediu a visita do S. C. Rio Grande, que foi de navio, esperado no cais com banda de música e tudo. E tinha uma centena de pessoas. Então o clube deu uma demonstração de futebol que foi um verdadeiro sucesso. Aí então resolveram fundar o Grêmio.<sup>81</sup>

Nesses encontros festivos promovidos, predominantemente, por membros da elite social da cidade, aos jogos de exibição seguiam-se as comemorações e as conversas informais com explicações e divulgação das regras do novo esporte, o que servia de incentivo para os anfitriões motivarem-se e organizarem seus próprios times nas respectivas cidades.

---

<sup>81</sup> Entrevista com Dennis Lawson. Dessa viagem a Porto Alegre e da fundação do Grêmio a memória de seu Dennis Lawson recorda com elegância. O livro “História do Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense” conta que um grupo de rapazes que já vinha se reunindo de tempos em tempos em torno de uma bola, pertencente a Cândido Dias da Silva, foi assistir à exibição do grupo de Rio Grande. No decorrer do jogo, a bola dos “players” que se exibiam “esvaziou” e, como era difícil o conserto, “os rapazes da Praça 15 ofereceram a deles para o término do jogo.” Após finalizar a exibição, o pessoal de Rio Grande forneceu-lhes informações sobre o futebol e sugestões para a fundação de uma equipe. Assim, os rapazes que se reuniam “em torno da bola de Cândido Dias” fundaram no dia 15 de setembro de 1903 o Grêmio Football Porto-alegrense. Logo após a reunião da fundação, Cândido Dias doou a bola para a associação que nascia. Por tudo que representou a bola nesse processo, criou-se a história de que o Grêmio nascera de uma bola. (PIRES, Edison. **História do Grêmio Foot- Ball Porto-alegrense Passado e Presente de um Grande Clube**. Porto Alegre, Firmo, 1967.)

“Jogavam times daqui, um contra o outro, e depois eles se organizavam, formaram um grupinho e convidaram, mais tarde o S. C. Rio Grande.”<sup>82</sup>

Muitos desses pioneiros mentores das práticas do futebol nas diferentes cidades, em virtude de suas condições sociais bastante privilegiadas, além da participação nos efêmeros jogos demonstrativos, tiveram, provavelmente, outros contatos com o futebol, principalmente por ocasião de suas freqüentes viagens pelos grandes centros do Brasil, Uruguai, Argentina e Europa. Atentos para o status social que o esporte começava a usufruir nos centros maiores, esses senhores, ao que parece, pressentiram o que poderia significar culturalmente o desenvolvimento do futebol também em suas médias, porém movimentadas, cidades da fronteira gaúcha.

Essa empatia inicial pelo futebol, muitas vezes iniciada em terras estrangeiras, acontecia tanto com os distintos cidadãos de posse da região, que viajavam seguidamente a negócios ou a passeio, como também com os seus filhos, que na época iam estudar na Europa. Ao retornarem às suas cidades de origem, além de camisas de seda, da literatura em voga e das novidades européias do ano (o corte de cabelo, as palavras mais usadas, os costumes e hábitos corporais em moda), alguns desses seletos filhos da elite riograndina trouxeram também consigo informações, material apropriado e um certo conhecimento prático do futebol. Esse esporte naquele momento já estava presente no tempo de lazer de boa parte da elite européia.<sup>83</sup> Seu Dennis nos contou um pouco dessa história:

Acontece o seguinte: o meu tio e o meu pai, que traziam o material da Inglaterra, já encontraram também peladas de futebol entre os alemães. Já tinha alguma coisa, mas foram justamente o meu pai e o meu tio que incrementaram. Eles é que trouxeram novas idéias. Eles viajavam muito para a Inglaterra. De dois em dois anos, eles iam para lá. Se acontecia um problema de colégio aqui, as famílias e as pessoas que tinham posse mandavam os filhos estudar na Alemanha, Inglaterra, França e Itália. Porque

---

<sup>82</sup>Entrevista com Dennis Lawson.

<sup>83</sup>Sobre os pelotenses do século passado e início deste o historiador Mário Osório assim os define: “Aristocratas, cheios de prestígio e de riqueza, atenuavam os gestos largos dos gaúchos de fronteira com boas maneiras dos europeus.” (MAGALHÃES, Mário, O. **História e tradição na cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazem Literário, 3ª Edição, 1999, p. 46.)

naquela época não tinham colégios nem universidade à altura; então, quem podia mandava os filhos. Quando eles voltavam para as férias, aquela coisa toda, traziam novas idéias. Assim se popularizaram outros esportes; não somente o futebol, mas também o tênis, a bocha, esta coisa toda.<sup>84</sup>

A iniciativa de enviar seus filhos para estudar na Europa era uma prática comum à elite gaúcha e brasileira do início do século. Implementar esse desejo era quase uma questão de honra para algumas famílias da região da fronteira gaúcha, que na época disputava com a capital, Porto Alegre, a posição de vanguarda econômica e cultural do Estado.

A Zona da Campanha teve seu apogeu econômico no período do Império com as charqueadas e a indústria saladeiril. Posteriormente, com a chegada da Velha República (1889-1930) e com a implementação de uma política econômica mais diversificada — menos centrada no couro e no charque e mais voltada para empresas beneficiadoras de matérias-primas de origem agropecuária<sup>85</sup> —, essa região continuou tendo significativa influência econômica, política e cultural, mas deixou de rivalizar com a capital e passou a dividir e disputar, agora com outras regiões do Estado, o seu espaço dentro de uma nova configuração estadual.<sup>86</sup>

Em 1903, dois anos após o jogo-exibição do S. C. Rio Grande, outro time da cidade de Rio Grande, o Sport Club União, veio a Pelotas realizar partida demonstrativa, desta vez no Prado Pelotense.

---

<sup>84</sup>Entrevista com Dennis Lawson.

<sup>85</sup>Mário Osório assim sintetizou esses momentos de reordenação da economia gaúcha: “Em 1861 o charque e o couro participavam com 74,9% do total de exportações da província. Esse índice, em 1890, baixa para 54,9%. Em 1927, no entanto, há uma queda para 24,5%. Enquanto isso, a produção de arroz, banha, farinha de mandioca, feijão, fumo e vinho, que em 1861 participavam com 5,4% e em 1890 com 29,2% do total das exportações, aumenta sua cota para 43,9% no ano de 1927.”(MAGALHÃES, Mário, O. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas, RS: EdUFPEl: Co-edição Livraria Mundial, 1993, p.295.)

<sup>86</sup> Sobre a influência de Pelotas na economia do Estado e sua comparação com a capital, Mário Osório destaca que “os dois municípios praticamente se equiparavam, em desenvolvimento, no transcorrer do Império. Mas, em 1927, do total das receitas arrecadadas pelos municípios gaúchos, Porto Alegre participará com 43,2%, em primeiro lugar; Pelotas, mesmo em segundo lugar, terá um índice de 6,5%.” (Ibid., p. 296.)

Aliando as intervenções dos jogos de exibição e da situação geográfica — cidade portuária próxima a Rio Grande, onde o futebol já vinha sendo vivenciado há mais de três anos — com a conjuntura econômica e cultural desse momento — marcada pela vinda de imigrantes com seus hábitos e costumes e por uma tendência a importar novidades e práticas culturais de outros países — foi fundado em Pelotas, em 1904, o Atlético Football Club, primeiro time de futebol da cidade. Segundo destacou o jornalista Eliseu de Mello Alves, “foi o seu fundador, presidente e “center-forward” Octávio Mascarenhas, que trouxe a primeira bola de Montevideú, uma bandeira e as regras do jogo. A cor da sua camiseta era azul celeste e o Atlético jogava num campinho da zona da Luz, junto à chácara e tambo do Sr. Manéca Avila, defronte à igreja.”<sup>87</sup>

Mais do que ser o primeiro time da cidade, talvez a importância esteja nas características que acompanham esse fato. Fundado por alguém que retorna, agora não mais da Europa, nem de São Paulo ou Rio de Janeiro, mas sim de Montevideú, esse episódio pouco ressaltado (quando não esquecido) é emblemático das singularidades que vão acompanhar os processos constitutivos da trajetória do futebol de Pelotas e da região. Por sua posição geográfica de fronteira, o futebol dessa região traz consigo os sinais dos contatos e das trocas mútuas que estabeleceu com os países do Prata, principalmente Uruguai e Argentina, locais onde o futebol emergiu e se profissionalizou um pouco antes que no Brasil.

A emergência, a gênese e as formas de proliferação do futebol brasileiro na zona sul do Rio Grande do Sul terá então os rastros desta dupla linhagem platina/européia. Diferente do que ocorreu no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde o viés europeu foi a influência dominante, se não exclusiva no início do século, o futebol daqui desenvolveu-se e alastrou-se materializando os cruzamentos culturais de fronteira, o que deu a ele um rosto híbrido, marcado pela diversidade cultural, por tensões e conflitos.

A congruência de influências que marca o futebol da zona sul já no seu nascedouro e que o acompanha ao longo de sua proliferação nem sempre foi programada; pelo contrário, ela foi

---

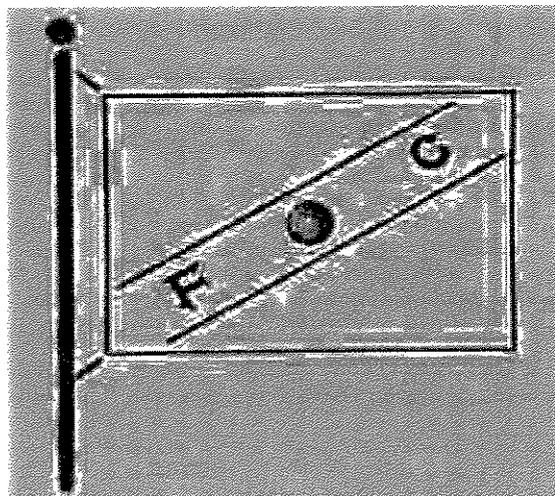
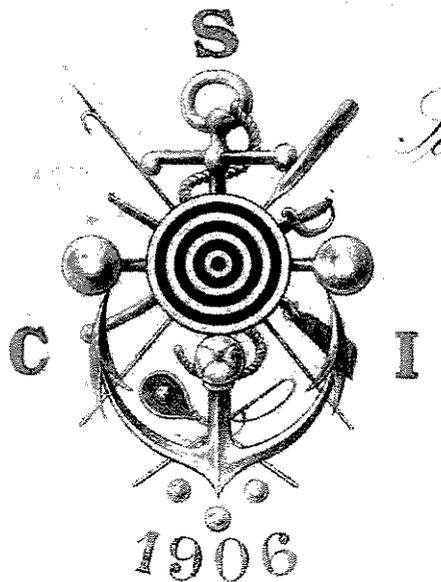
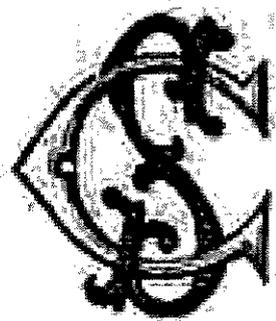
<sup>87</sup> ALVES, Eliseu, M. **O Futebol em Pelotas, 1901-1941**. Pelotas, RS. Livraria Mundial, 1984, p.14.

muito mais resultado da contingência de um lugar, de um tempo e de um estilo de viver. Inicialmente, do estilo de um grupo seletivo da região que, apesar das dificuldades da época, não media esforços para manter contatos com outras culturas. Ao se referir ao porto da cidade de Pelotas — por muito tempo um dos principais lugares de partida e de chegada —, Mário Osório faz o seguinte comentário: “Por ele e pela viação férrea é que chegavam os forasteiros; de navio é que os nossos avós se aventuravam até Buenos Aires ou até o Rio de Janeiro, de lá partindo às vezes para a Europa.”<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> MAGALHÃES, Mário, O., op. cit., 1999, p.66.

## BRASÕES DE TRÊS CLUBES ESPORTIVOS DE PELOTAS



Fundados em 1906, o C. S. Internacional, o C. Esportivo e o Foot-ball Club, fundiram-se em 1908 dando origem ao E. C. Pelotas. (Fonte: Arquivos da Biblioteca Pública Municipal de Pelotas.)

## 2. 3 - Aumenta o interesse pelo futebol

Pelotas, antes de tudo, foi núcleo das charqueadas. Embora se estendesse, também pelas margens do Jacuí, nas costas do São Gonçalo e do arroio Pelotas foi que o saladeirismo atingiu verdadeira importância. Ali construiu fortunas sólidas. Exigiu a entrada de um grande número de escravos. Esses fatores, somados a uma circunstância — a safra durar apenas de novembro a abril —, haverão de possibilitar, além da riqueza, o ócio dos charqueadores.<sup>89</sup>

Além de ter sido um dos principais pólos econômicos e políticos do Estado durante o século passado e início deste, Pelotas destacava-se também enquanto um centro propício

---

<sup>89</sup>MAGALHÃES, Mário. O., op. cit. 1999 p. 45. A situação econômica do Estado em fins do século passado e início deste era marcada por uma tensão entre o emergente setor industrial burguês e o setor agropastoril. Na análise de Sandra Pesavento “a década de 1890 assistiu a um verdadeiro surto industrial no Rio Grande do Sul, centralizado na produção de conservas, têxteis, banha, vinho, cerveja e calçado.” (1997:76). Essa produção estava voltada prioritariamente para o consumo interno, porém chegou a atingir também outros centros do País. Por outro lado, os setores mais tradicionais, ligados à pecuária, apresentavam sinais de dificuldades, principalmente pela concorrência dos países do Prata — Argentina e Uruguai —, no mercado de exportação e por sua debilidade interna: “A charqueada sulina, tal como se achava constituída, apresentava um grande descompasso tecnológico diante dos mais modernos processos de conservação da carne, utilizados já na época, no Prata: os frigoríficos.” Com a eclosão da primeira guerra esta situação irá sofrer um certo reordenamento, revitalizando temporariamente a produção agropastoril gaúcha. (PESAVENTO, Sandra, J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1997, p. 70.)

A não-exclusividade do setor industrial sobre o agropastoril é uma das singularidades da constituição histórica de nossa economia. Se em alguns momentos eles rivalizavam entre si, em outros eram capazes de estabelecer verdadeiras parcerias. O PRR (Partido Republicano Riograndense), que então estava no poder e nele se manteve por 40 anos, mostrou-se atento a essa situação pregando em seus discursos “um incentivo global a todos os setores de produção no qual se combinassem o crescimento da agropecuária com o progresso das indústrias beneficiadoras de matéria-prima local.” (PESAVENTO, Sandra. **A burguesia gaúcha dominação e disciplina do trabalho (RS:1889-1930)**. Porto Alegre, 1988, p. 120.)

Quanto à conjuntura política daquele momento: Borges de Medeiros herdara, em 1898, de Júlio de Castilhos — estadista autoritário, grande ideólogo e reprodutor da filosofia positivista de Comte no Estado — um estado hegemonizado pelos discursos republicanos, onde o enfrentamento mais direto com os federalistas já havia ocorrido. Estes tinham deposite as armas em 1895. Borges tratou então de se consolidar no poder, ampliando significativamente seu leque de alianças junto a diferentes setores econômicos e grupos políticos. “Os anos que seguiram, até o final da Primeira Guerra Mundial, foram os melhores momentos do domínio republicano no Estado. Neste anos o PRR (Partido Republicano Riograndense) sofreu menos contestação em âmbito estadual, além de conseguir a Viação Férrea e o Porto de Rio Grande, que passaram para a esfera estadual.” (Pesavento, 1997: 80). Além de priorizar aspectos infra-estruturais benéficos aos diferentes setores produtivos do Estado, como foi o caso do transporte, ao adaptar o discurso positivista para as contingências históricas do Rio Grande do Sul, o PRR soube fazer deste o seu principal instrumento para se referendar em diferentes segmentos da sociedade gaúcha, “convertendo o positivismo no “castilhismo” enquanto exercício de poder.” (PESAVENTO, Sandra, op. cit, 1988, p. 110.)

para se usufruir de eventos culturais e sociais. Aqui as práticas de lazer, principalmente aquelas organizadas pela e para as elites da cidade, alcançavam reconhecimento nacional. Neste ambiente de cidade ainda vanguarda cultural das elites, o número de clubes sociais cresceu rapidamente, e o “foot-ball”, tomado e jogado como um típico esporte de “gentleman”, logo passou a ser tratado como uma das práticas de lazer merecedoras da maior atenção de parte dos membros pertencentes às diferentes associações e clubes sociais que passaram a ser formados na cidade.

Ao que tudo indica, 1906 pode ser considerado o ano em que o futebol deu os sinais indicativos de que veio para ficar. A partir desse ano, cada vez mais, ele se fez presente nos eventos festivos e esportivos da elite pelotense. Eliseu de Mello refere-se a 1906 como “o primeiro grande ano do futebol em Pelotas.”<sup>90</sup> É por volta desse ano que se fundaram várias associações esportivas e clubes sociais na cidade e região. Estes incluíam entre suas atividades, “exercícios de foot-ball”, como exemplifica matéria da sessão de esporte ‘associações sportivas’: “Como anunciamos, o Club Sportivo fez, domingo, o primeiro exercício de foot-ball, n’elle tomando parte regular numero de associados. O Internacional deve fazer, domingo próximo, o seu primeiro ensaio de foot-ball.”<sup>91</sup>

Essas duas associações, apesar de já no primeiro mês de suas respectivas fundações<sup>92</sup> mostrarem-se interessadas em realizar exercícios de futebol, como eram preferencialmente chamados na época, os jogos que ocorriam somente entre os sócios de um mesmo clube não tiveram suas atenções voltadas única ou preferencialmente para o futebol. Tanto uma como a outra eram associações interessadas em proporcionar aos sócios a opção de práticas

---

<sup>90</sup>ALVES, Eliseu. op. cit.,1984, p.16.

<sup>91</sup> Diário Popular, 30/01/1906.

<sup>92</sup> De acordo com registros do jornal Diário Popular, o Club Sportivo foi fundado em 01 de janeiro de 1906 tendo sido, inclusive, noticiado errado o seu nome por ocasião da primeira matéria que anunciou a sua fundação. Assim, no dia seguinte, o jornal fez a seguinte correção: “A associação fundada no dia 1 do corrente recebeu o título de Club Sportivo e não Latino Americano como noticiou-se”. (04/01/1906). Já os sócios fundadores do Club Sportivo Internacional reuniram-se no Clube Caixeiral durante a noite de 10/01/1906 para formarem a sua primeira diretoria. Uma matéria de dias anteriores anunciava os preparativos da sua fundação com os seguintes comentários: “Sabemos que este club já tem mais de 200 sócios . . . entre os sócios do mesmo, foram escolhidas para a associação as côres branca e encarnada tanto para a bandeira, como para o uniforme.” (Idem, 06/01/1906.)

esportivas variadas que disputavam a preferência com o futebol. Destas modalidades esportivas podemos citar o remo, a natação, o cricket, as corridas a pé, as carreiras de cavalo, o hipismo e o turf, as corridas de bicicletas, as corridas de carros, o tênis, o tiro ao alvo, os exercícios de ginástica e, com um pouco menos de assiduidade, podemos acrescentar as brigas de galo e o boxe.

Dividindo o espaço com outras atividades físico — esportivas, os “exercícios de foot-ball”, colocados em prática pelos sócios desses e de outros clubes que logo viriam a ser fundados, foram, pouco a pouco, ampliando a curiosidade e o interesse. Nesse processo, desempenhou singular importância a festa inaugural promovida pelo Club Sportivo Internacional realizada no dia 13 de maio de 1906, no Prado Pelotense, local alugado pelo clube para desenvolver suas atividades esportivas — sociais. Por ocasião da mesma, foi convidado para retornar a Pelotas o S. C. Rio Grande, desta vez para jogar com o time do C. S. Internacional.

Pela programação, podemos perceber que o futebol, semelhante ao que ocorrera no evento promovido pelo União Gaúcha em 1901, continuava a ser mais uma das muitas atividades programadas para a festa. Mas a presença do S. C. Rio Grande, que já desfrutava de um considerável reconhecimento no Estado, somada com o espaço maior que o esporte começava a receber dos jornais da cidade, faziam da partida entre Rio Grande e Internacional uma atração especial. Durante o mês de maio, o jornal Diário Popular, diferente do que vinha fazendo até então, somente anunciando a ocorrência de exercícios de futebol, passou a publicar matérias tecendo considerações gerais e diversificadas sobre esse esporte.

## O DISCRETO LUGAR DO FUTEBOL NO INÍCIO DO SÉCULO

**Club Sportivo  
Internacional**

**PROGRAMMA**

Da festa inaugural, á realisar-se aos  
**13 de Maio, no PRADO PELOTENSE**

---

As 7 1/2 horas da manhã, recepção festiva dos membros do Sport Club Rio-Grandense.

As 11 h. em ponto, reunião na *Stadion des Pionniers*, a real Felix da Cunha n. 12 e de lá em bondes, esportes, música etc. partida para o Prado Pelotense.

I - *Corrida de 100 metros*, pelas equipes: Frans Rodrigues Gomes, Helmut Essentfeldt e Lutz Chapon, em 100 metros.  
1.º lugar, prêmio: uma primeira medalha de prata.

II - *Corrida de 200 metros*, pelas equipes: Adolico Luschik e Francisco Carpena, em 200 metros.  
1.º lugar, prêmio: uma bella medalha de prata.

III - *Corrida de 400 metros*, pelas equipes: Carlos Sturges, Luiz Wolf, Gustavo Khymantia, Arsenio, Cezar, Ernesto, Benardori, Oswaldo Haerdt, Francisco Carpena, Helmut Essentfeldt, Lutz Chapon, Rodolph, Kurt, Raul Zambrano, Julio Schramm, Carlos Schramm, Lutz Chapon e Vendes Castro Vieira, sendo offeridos os 11 primeiros e supplementes os restantes.

Deixam de ser publicados os nomes dos do Rio-Grande por não serem ainda conhecidos.

Juizes de linha: Augusto Alvarez.  
Juizes de linha: Dns. Joaquim Lutz, Geovio e H. Walet.

V - *Corrida de cavallo de 1000 metros*, montados por profissionais e em 1000 metros.  
Prêmios: 300\$00 - 100\$ ao 1.º e 40\$ ao 2.º.

Na	NOMES	PESOS	PELOS	GRADO	DE	PROPRIET
1.	<i>Bona</i>	44 kilos	<i>Azaz</i>	<i>3 annos</i>	<i>Mystral</i>	<i>A. Borges</i>
2.	<i>Beal</i>	52 "	<i>Zitico</i>	4 "	<i>Dried</i>	<i>J. Faria</i>
3.	<i>Saba</i>	58 "	<i>Yostado</i>	6 "	<i>Descon</i>	<i>G. Fernandes</i>
4.	<i>Lusa</i>	44 "	<i>Cobrado</i>	4 "	<i>Cunha</i>	<i>D. Geremios</i>

JUIZES DE PARTIDA - Tenentes A. Rubin e Farias.  
JUIZES DE CHEGADA - Capitão A. Pinheiro e E. Abbade.

A festa começará á 1 hora em ponto

57 MYZEA - Rio-Grande - 1911 - n. 25

No convite da festa inaugural do C. S. Internacional, que contou com a participação do S. C. Rio Grande, o futebol, que aparece no item IV da programação, está inserido como mais uma atividade esportiva dentre as programadas. (Fonte: Arquivos da Biblioteca Pública Municipal.)

Esse momento de conquista de maiores espaços, que coincide com um tratamento diferenciado, é assinalado pela matéria, de tamanho significativo, que trata das controvérsias sobre a origem do futebol e se empenha em divulgar algumas das suas qualidades, enfatizando que “Sob o ponto de vista hygienico o foot-ball, bugy ou association, produz os mais efficazes efeitos, que asseguram o bom funcionamento de todos os órgãos, sendo de todos os sports o mais completo.”<sup>93</sup> Ou ainda pela série consecutiva que o mesmo jornal publica nos dias 9, 10, 11, quando traz, na íntegra, para o conhecimento de seus leitores, as XVII regras oficiais “aprovadas pela association, da Inglaterra, pela Liga Metropolitana de Foot-Ball do Rio, e adaptadas pelo Club Sportivo Internacional.” E aproveita também para lembrar jogadores e torcedores que elas “terão execução no próximo domingo, no match que, no groud do Prado Pelotense, empenharão entre si, os teams do Sportivo e do Internacional.”<sup>94</sup>

A atração que o futebol começava a desencadear está registrada na matéria que cobriu a festa. A coluna teceu os seguintes comentários. “A nota da festa, porém, foi a partida de foot-ball.” Prossegue apresentando a escalação das duas equipes, os nomes dos árbitros e, por fim, comentando: “A partida durou 90 minutos, sempre despertando o maior interesse, marcando o Sport Club Rio Grande seis goal.”<sup>95</sup>

O aumento do interesse tornou os “exercícios de foot-ball” mais freqüentes e os clubes procuraram adaptar, cada vez mais, suas “sedes” às novas exigências, visando a melhor atender à demanda de seus associados e propagandear — entre os seus — a prática deste tão bem vindo hábito esportivo europeu, que também aqui começava a aparecer como o mais recente dos passatempos das distintas famílias da cidade. Foi basicamente isso que fez o C. S. Internacional ao construir um campo suplementar: “O Internacional tem agora dois

---

<sup>93</sup> Jornal Diário Popular, 06/05/1906.

<sup>94</sup> Idem, 09/05/1906.

<sup>95</sup> Idem, 15/05/1906.

excellentes campos para o jogo de foot-ball. O que hontem foi estreado, e é pouco menor que o primitivo, foi destinado aos principiantes nesse esporte.”<sup>96</sup>

O Prado Pelotense, alugado pelo Internacional, ao que tudo indica, tornava-se, gradativamente, o local não apenas dos treinos de futebol e da prática de esportes, mas um ponto de encontro, um palco para a vida social da cidade, e local onde as famílias grã-finas encontravam-se. Quanto ao futebol, estava ele incumbido de ajudar a montar o cenário deste palco.

Os valentes footballers do Internacional, cujo numero aumenta, de dia a dia, têm feito grandes progressos neste sport. Muitas exmas senhoras, aproveitando a bellissima tarde, foram assistir esse match, ocupando umas as archibancadas, outras a pelouse, em carruagens de tolda descida. E’ digno de nota o interesse que as familias têm tomado por este sport, indo ao Prado, assistir aos exercicios dos jovens footballers do Internacional.<sup>97</sup>

Devido à distância entre o Prado e o centro da cidade, o clube colocava bondes à disposição de seus associados nos fins de semana e em outros dias que houvesse programação. Os bondes geralmente partiam de um ponto do centro, sendo seu horário e lugar de partida anunciados em algum dos jornais da cidade.

Ainda sobre o tratamento diferenciado que alguns jornais da cidade começaram a dar ao futebol, vale ressaltar o espaço privilegiado que o jornal Diário Popular dedicou a ele nos dias 23, 24, 26, 27 e 30 de julho de 1906. Numa série, o jornal publicou, na íntegra, o estudo de um autor europeu sobre o futebol, matéria que havia sido primeiramente publicada em São Paulo.<sup>98</sup> Nessa publicação, quase um minitratado sobre futebol, chama atenção o seu conteúdo. Diferente da maioria, o texto singulariza-se por não priorizar o

---

<sup>96</sup> Idem, 07/08/1906.

<sup>97</sup> Idem, 31/07/1906.

<sup>98</sup> “Estudo baseado no trabalho de E. Weber. Traduzido do francez e publicado no Estado de S. Paulo, por Luiz Fonseca.” Este é o cabeçalho que acompanha a série de cinco matérias que ocupam, cada uma, duas colunas do jornal.(Idem, 23/07/1906.)

discurso sobre os efeitos saudáveis e educativos propiciados pela prática do futebol. Centrado e cuidadoso com algumas noções de tática e técnica, ele prioriza um discurso interno ao esporte. Bastante claro do ponto de vista didático, o autor tece considerações sobre o posicionamento em campo, as principais funções de cada posição, as qualidades físicas, técnicas e psicológicas mais exigidas para cada jogador. Além disso, fornece algumas “dicas” sobre como jogar, para quem passar a bola, para onde chutá-la, tudo de acordo com cada situação.

É interessante também atentar para o estilo de futebol que o texto procura preconizar. Ao se referir às diferentes posições, com exceção do goleiro, é claro, o autor faz contundente consideração sobre a prioridade que se deve dar ao jogo coletivo em detrimento dos dribles individuais. Sobre a linha de Forwards, conclui a sessão sintetizando: “Pelo exposto verifica-se que o dribling não é mais que um meio secundario; toda sciencia do jogo do forwards reside no passe, principalmente na oportunidade de ser feito.”<sup>99</sup> Já quanto aos half-backs: “Regra geral; na defesa como no ataque o half-back deve evitar fazer driblings e dar kickes fortes.”<sup>100</sup> Para os full-backs o conselho é: “Não debes jamais driblar, salvo em caso raro, mas desembaraçar-se da bola por meio de fortes kickes, na direção das azas, se estiver perto do seu goal, conservando-a somente em seu poder o tempo absolutamente necessario.”<sup>101</sup>

Uma das matérias traz uma coluna exclusiva referente ao goal-keeper — goleiro —, traça considerações sobre as indicadas qualidades físicas, psicológicas e táticas que este deve esforçar-se para desenvolver e apregoa: “Enfim um último conselho: o goal-keeper deve usar luvas guarneçadas, na palma, com borracha de superficie áspera, a fim de que a bola, se estiver molhada, não escape das suas mãos.”<sup>102</sup>

---

<sup>99</sup> Idem, 23/07/1906.

<sup>100</sup> Idem, 24/07/1906.

<sup>101</sup> Idem, 26/07/1906. Nesse momento predominava um “sistema tático” composto por: um goal-keeper, dois full backs, três half backs, cinco Fowards. Se comparado aos sistemas de jogo atuais, poderíamos dizer que ocorria algo similar a um 2-3-5.

<sup>102</sup> Idem, 30/07/1906.

Essa mesma matéria fala também do Capitão. Ao tratar dele, é interessante observar o deslocamento feito: o discurso sai da esfera física, tática ou técnica para enfatizar posturas de personalidade e de comando. Ganha destaque a apologia feita ao estilo autoritário, militar e disciplinador: “um team, que discute as ordens e o modo por que o chefe dirige o jogo, não fará nada que preste e, como este é responsável pela boa conduta de seus subordinados, sua autoridade deve ser absoluta.” Quanto a quem deve exercer a função de capitão o texto também é bastante categórico: “O capitão de um team deve ter qualidades especiais, innatas. Ninguém se transforma em bom general, pois a sciencia do commando não está no alcance de todos. Nasce com o individuo.”<sup>103</sup> Nítida revela-se a adesão do autor à ideologia positivista, teoria tão em voga no estado naqueles dias.

A demasiada preocupação em “se livrar” da posse da bola o mais rápido possível, a insistência constante no trabalho tático — ênfase no posicionamento — somadas a um certo desprezo por tudo que se assemelha ao drible e à supervalorização da austeridade disciplinar pouco lembram o estilo brasileiro do futebol de hoje. Tais referências denunciam a procedência européia; entre as linhas do “manual,” visualiza-se sua proveniência inglesa — até porque, naquele momento, era a Inglaterra a grande fonte inspiradora para todo e qualquer futebol.<sup>104</sup>

Tratando-se de um texto prescritivo, é instigante pensar o quanto discursos como esse terão influenciado a prática do futebol entre nós desde os seus primórdios. Mas, por enquanto, contento-me em pensar que, talvez, ele não tenha sido levado muito a sério. Pelo menos não

---

<sup>103</sup> Idem, 31/07/1906.

<sup>104</sup> Leonardo Pereira comenta que a obra de Weber intitulada Sport Atlético, que tratava de esportes como o hockey, o tênis e o futebol, publicada originalmente na França em 1905, foi traduzida para o português e editada no Brasil já em 1907 “tornando-se um grande sucesso editorial, que em 1910 já estava em sua nona edição.” No Rio de Janeiro, segundo ele, serviu como “uma espécie de bíblia para os esportistas cariocas”. O autor denuncia o forte intuito colonizador eurocêntrico presente no discurso da obra: “embora fosse francês, não hesita em ver nos ingleses os mestres desta ciência.” (PEREIRA, Leonardo. **Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Campinas, SP. Unicamp, 1998. Tese de Doutorado).

por todos os brasileiros, que, não muito depois de sua publicação, começaram a jogar futebol.<sup>105</sup>

Descendentes desse movimento em torno do futebol, no ano de 1906, além do Internacional, Sportivo e Atlético (remanescente de 1904), surgiram em Pelotas outras agremiações que se dedicaram à prática desse esporte. Encontramos no jornal Diário Popular de 1906 as seguintes associações: Sport Club União, Foot-ball Club, Sport Club Pelotense, Sport Club Brasileiro.<sup>106</sup>

Os registros das atividades desses clubes nos jornais da cidade diversificavam-se de acordo com suas influências políticas e sociais, predominando assim notícias referentes ao Internacional, Sportivo e ao Foot-ball Club. Mesmo assim, de vez em quando, os outros clubes também eram citados.

A preferência dos clubes era por realizar os “exercícios de foot-ball” entre seus próprios associados. Os sócios formavam dois times que disputavam partidas, principalmente nos finais de semana e feriados. Alguns clubes chegavam a programar torneios, séries de partidas internas entre os sócios ao longo do ano. Um exemplo desses modelos de torneios foi o organizado pelo Foot-ball Club.

Esta distinta associação, a exemplo do Sport Club Rio Grande, vae criar 11 medalhas de prata, que serão entregues aos jogadores do team que durante 12 matchs consigam maior numero de pontos. Estes matchs serão realizados duas

---

<sup>105</sup> Para Leonardo Pereira, ao vincular o conhecimento do futebol à terminologia e ao saber inglês visando “delimitar com mais precisão os princípios de atuação dos foot-ballers cariocas”, o livro de Weber tenta manter e reforçar a propensão de distinção social que marcava o futebol da época. (Ibid. p.31.)

<sup>106</sup> Enquanto o Internacional alugou o Prado Pelotense para suas atividades o Sportivo fez o seu campo na Rua Benjamim Constant. Já o Foot-ball Club utilizou um espaço em frente ao Parque Pelotense. O S. C. União, por sua vez, costumava fazer seus exercícios de futebol junto à estação da estrada de ferro. Começava aí a parceria ferrovia/futebol que mais tarde seria intensificada pelo Grêmio Sportivo Brasil. O vínculo do futebol com as ferrovias foi um elemento estratégico no seu processo de disseminação. Times identificados com as ferrovias são comuns na história do futebol. Alfred Wahl comenta que esta parceria não é uma exclusividade brasileira; na sua opinião ela foi decisiva para democratizar o futebol para as regiões menos urbanas nos mais diferentes países latino-americanos e europeus. “. . . Una estación, un campo de fútbol. Ésa era entonces la regla.” (WAHL, Alfred. *História del fútbol: del juego al deporte*. Barcelona, España; Ediciones Grupo Zeta, 1997, p.55.)

vezes por mez. Também será criado um premio especial, destinado ao jogador que, no espaço de 6 mezes, apresentar maior aproveitamento e melhor frequência nos Exercícios.<sup>107</sup>

Exceção à regra, de tempos em tempos era planejado algum jogo contra outro clube. Nesse caso, também havia as preferências de cada um. A partir do segundo semestre de 1906, Internacional, Sportivo e Foot-ball passaram a enfrentar-se mais vezes.

Também aqui, de modo similar ao que ocorreu em outros centros urbanos do país no início do século, os primeiros praticantes desse esporte, além de cidadãos da elite, eram com predominância “footballers” de origem estrangeira. Vejamos, por exemplo, os nomes dos jogadores das duas equipes do C. S. Internacional que se enfrentaram no dia sete de agosto de 1906: “Ed. Chapon, Farias, Ronhelt, Dupont, Carpena, Yates, Luscki, Simoni, Behrendorf, Haertel, Freitas” e “Juvenal, Essenfelder, C. Schramm, J. Schramm, Kaastrup, Carvalho, L. Chapon, Viera, Wolf, Schramm, Belchior.”<sup>108</sup> Claro que a supremacia da descendência européia nas primeiras equipes não é sempre igual; este quadro apresenta alterações de equipe para equipe, o Sport-Club Brasileiro, cujo nome já indica uma predisposição a ser uma alternativa ao estrangeirismo apresentava uma formação diferenciada, menos homogênea: “Fernando Jantzen, Francisco Galero, Antero Monfrim, Elyseu Barro Coelho, Godofredo Requião, Adolpho Traub, Carlos Moreira, Armenio Cesar, João Belchior (Cap.), Kurte Rheingantz e Octaviano Oliveira.”<sup>109</sup>

Apesar de não possuímos dados empíricos maiores para ilustrar possíveis significados que explicariam nomes como Internacional e Brasileiro, informações de outras experiências mostram que no início do século era freqüente ocorrer jogos de brasileiros versus estrangeiros; em consequência desses enfrentamentos, chegava-se a fundar times só de brasileiros e outros só de descendentes de estrangeiros. No Rio de Janeiro, por exemplo, segundo Leonardo Pereira, o processo que ocasionou a fundação do Botafogo em 1904

---

<sup>107</sup> Diário Popular, 9/08/1906.

<sup>108</sup> Idem, 07/08/1906.

<sup>109</sup> Idem, 8/11/1906.

seguiu essa linha. Após um jogo de brasileiros contra estrangeiros, todos sócios do distinto e seleteo Fluminense, Flávio Ramos propôs ao seu amigo Emmanuel Sodré “que se juntassem a outros jovens estudantes brasileiros, como Álvaro Wernek, Jacques Raymundo e Antonio Barroso — todos alunos do Ginásio Nacional — na fundação de um clube que prescindisse da participação britânica.”<sup>110</sup>

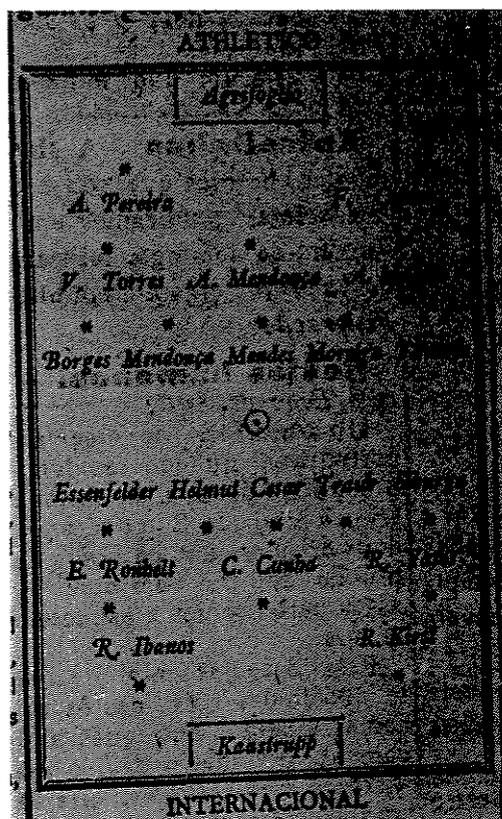
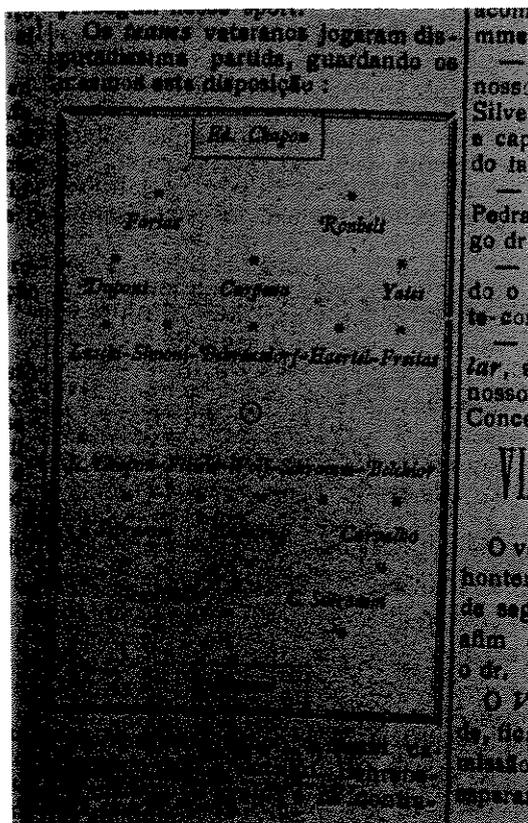
Já o uso freqüente do nome Internacional para clubes e times, em alguns casos, estava relacionado com a forte presença de estrangeiros, geralmente de mais de um país. Foi este um dos nomes inicialmente pensado para o Guarany de Bagé, RS, justamente por contar no seu grupo fundador com vários uruguaio e argentinos. Internacional foi também o nome atribuído a um dos primeiros clubes fundados em São Paulo, ainda em 1899, de acordo com Fátima Antunes Ferreira, “assim chamado devido à variedade de nacionalidades de seus associados: brasileiros, alemães, ingleses, portugueses e espanhóis.”<sup>111</sup>

---

<sup>110</sup>PEREIRA, Leonardo, A. op. cit. 1998, p. 25.

<sup>111</sup>ANTUNES, Fátima. Futebol de Fábrica em São Paulo. São Paulo, USP, 1992, p.16. (Dissertação de Mestrado). Já a origem do nome do S. C. Internacional de Porto Alegre é atribuída ao fato de seus fundadores, os irmãos paulistas Popper, terem jogado anteriormente em uma equipe de São Paulo que levava esta denominação. Quanto a essas curiosidades sobre os clubes gaúchos, ver: (NEY, José (dir). **Visão Esportiva: perfis de clubes gaúchos**. Edição Especial. Porto Alegre, Casa Publicadora Concórdia, 1966.)

## O FUTEBOL COMEÇA A SER VISTO E PASSA A SER MOSTRADO PELA IMPRENSA ESCRITA DA CIDADE



As imagens acima foram retiradas do Jornal Diário Popular de Pelotas, RS. Publicadas com comentários sobre os jogos, as imagens ajudavam a familiarizar os leitores com o novo esporte. Ao mostrar um pouco do rosto do futebol da época, ganham destaque os nomes dos jogadores e a distribuição “tática” das equipes, uma espécie de 2-3-5. Goal-Keeper, 2 Full Backs, 3 Half Backs, 5 Fowards. Na imagem da esquerda (13/08/1906) temos os dois times de veteranos do C. S. Internacional, e a da direita (07/08/1906) traz o 1º time do Atlético e o 2º time do C. S. Internacional.

Mesmo que o nome S. C. Brasileiro reforce a presença de um Oliveira ou Moreira, pela escalação pode-se notar não haver fidelidade absoluta a uma ou outra descendência, e sim um esforço para formar uma equipe que não se restringisse a descendentes de imigrantes. Processo parecido ao ocorrido no Rio de Janeiro com a formação do Botafogo F. C., 1904, e do Bangu, A. C., 1904. Apesar das diferenças existente entre cada um dos casos citados, o movimento que ocasionou a formação dessas equipes sinaliza para o germe do processo de miscigenação étnica no nosso futebol.

O processo de disseminação e democratização do futebol brasileiro em diferentes pólos urbanos do país ocorreu imbricado às contingências e às condições de possibilidades de cada lugar, e não como resultado exclusivo de propostas pensadas para esse fim. No Rio de Janeiro, por exemplo, a fundação do Bangu deu-se por um pequeno grupo, em sua maioria, de altos funcionários ingleses da Companhia Progresso Industrial Ltda. Mas, por falta de jogadores, logo ele passou a aceitar operários no time, já que o número de jogadores recrutáveis junto aos altos escalões da fábrica era insuficiente.<sup>112</sup>

Para árbitros das partidas eram convidados (e continuaram sendo por um longo tempo) distintos senhores de renome na cidade que detinham algum conhecimento das regras. Normalmente eles pertenciam a algum clube. São citados, como tendo exercido esta função, nomes como: Sr. Gustavo Rheingantz, Cap. Antônio Ferreira Soares, Sr. Leopoldo Soares, Sr. Joaquim Luiz Osório. Quando o jogo era entre dois clubes distintos, podia-se também convidar o “referee”— árbitro principal — de outra cidade. Foi assim no jogo entre o C. Sportivo e o C. S. Internacional no dia 11 de novembro de 1906, quando atuou como árbitro o Sr. Arthur Lawson, do S. C. Rio Grande.<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> Em São Paulo, sem esquecer suas particularidades e outras múltiplas interferências, a fundação e a trajetória da A. A. Ponte Preta (1900) e do S. C. Corinthians Paulista (1910) representam dois acontecimentos indicadores da gênese sócio-cultural do futebol paulista. Maiores informações sobre o processo de democratização do futebol carioca e paulista podem ser encontradas junto a trabalhos como: (ANTUNES, Fátima, op. cit. 1992; PEREIRA, Leonardo, op. cit. 1998. NETO, Jose M. dos Santos, op.cit.2000, e FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1964.)

<sup>113</sup> Jornal Diário Popular, 11/11/1906.

Este arsenal de cuidados em torno de quem, como e onde se praticava o futebol fazia parte das intenções da elite da época, que estava atenta para fazer também de seu tempo de lazer uma experiência singular de classe. A resistência a uma miscigenação maior tanto, social como racial — há pouco fora proclamada a abolição da escravatura — era uma das fortes preocupações para uma fração significativa da cidade, que fazia questão de viver aristocraticamente.

Preocupados em preservar e fiscalizar com quem seus sócios mantinham relações, com quem iriam jogar futebol, os clubes maiores da cidade fundaram no ano de 1906 uma Liga de Futebol — a primeira do Estado. Apesar de sua existência efêmera, pode-se perceber os cuidados que ela procurava ter para separar, vigiar e selecionar seus filiados a fim de evitar encontros ou disputas não desejáveis. Um ethos segregador perpassava seus princípios.

Em 14 de agosto de 1908, a diretoria do Sport Club Esperança enviou uma solicitação por escrito à diretoria do C. S. Internacional, convidando o seu segundo time para um jogo com o seu primeiro quadro. No convite, o referido clube dizia saber que “não é de justa lei que o C. S. Internacional jogue com clubs que não pertencem à Liga Pelotense.” Mas, alegava o clube solicitante, a insistência se dava devido à importância que teria o aceite, considerando estar se dirigindo “a um club que foi o iniciador do (sport foot-ball).”<sup>114</sup> A resposta da diretoria do Internacional, além de taxativa, parecia querer mostrar-se emblemática para outros possíveis convites que, por ventura, a ele pudessem ser dirigidos. “O Club Sportivo Internacional deixa de aceitar o convite que lhe fazeis para um Match de foot-ball de nosso 1º time com o seu 2º time, por estar filiado a Liga Pelotense de Foot-ball, e por isso é impedido de realizar partidas com associações estranhas a mesma Liga.”<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> Documento disponível na Biblioteca Pública de Pelotas.

<sup>115</sup> Documento disponível na Biblioteca Pública de Pelotas. A liga a que faço alusão foi fundada em 1907 e organizou o primeiro campeonato da cidade em 1908. Neste tomaram parte somente três equipes: S. C. União, C. S. Internacional e Foot-ball Club. Nesse mesmo ano esta liga dissolveu-se sendo reorganizada em 1912.

Numa cidade em que a vigilância sobre “com quem andas e com quem te divertes” era assunto de interesse e preocupação pública, o pacto estabelecido entre os times pertencentes à liga de só jogar entre si fazia parte de todo um conjunto de medidas cautelosas que se propunham a instrumentalizar o futebol, tornando-o uma prática cultural específica de uma classe social, um costume que deveria ser restrito a poucos.

Os minuciosos e preventivos cuidados que definiam quais times poderiam jogar entre si e as dificuldades de acesso aos instrumentos básicos, que em sua maioria ainda eram procedentes do exterior, faziam com que a maioria das práticas do futebol atuassem como experiências de lazer um tanto segregativas, propícias para serem instrumentalizadas como símbolos de distinção social.

Quanto ao material, merece destaque especial a importância que tinha a bola. Indispensável para qualquer jogo de gramado, era ela a relíquia maior daquele tempo. Objeto de desejo, imprescindível e escassa, a referência à bola aparece em várias correspondências trocadas entre os clubes. Diversos são os ofícios solicitando o seu empréstimo ou reivindicando, cobrando a sua devolução. Como é o caso deste, um tanto ameaçador, que o Sportivo endereçou ao Internacional: “De conformidade com o officio que em tempo nos foi dirigido, mais uma vez pedimos a entrega da bolla de “foot-ball” que se acha em vosso poder, em caso contrário faremos prevalecer o exposto do artigo 09 dos nossos estatutos.”<sup>116</sup>

Entretanto, como nenhum cuidado ou vigilância são absolutos, aos poucos, olhando de longe, adaptando local e material, outros sujeitos de diversas etnias e de diferentes classes sociais passaram a interessar-se pelo futebol. E este, ao se alastrar, não sem embates e disputas, vai transformar-se e fugir do controle desse pequeno grupo seletivo que inicialmente o cultivou.<sup>117</sup>

---

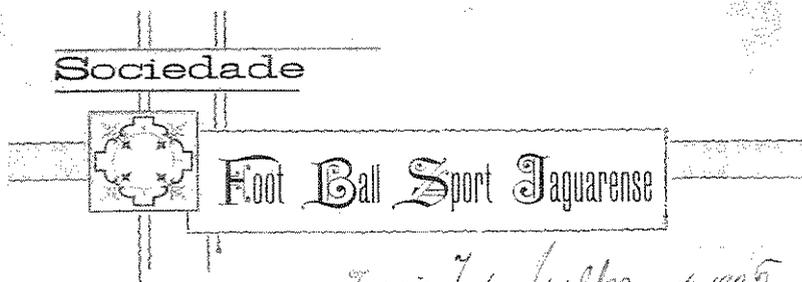
<sup>116</sup> Documento datado de 21 de março de 1907, disponível na Biblioteca Pública da cidade.

<sup>117</sup> A fim de ilustrarmos a emergência de clubes e associações sociais e esportivas ocorrida na primeira década do século (também em Pelotas) bem como a rede de relações que se estabeleciam entre elas, apresento a seguir uma listagem com a nomenclatura de algumas agremiações que trocaram correspondência com o C. S. Internacional, o Foot-Ball Club e com o Club Sportivo, durante os anos 1906, 1907, 1908: “Sport-Club

---

União, Ruderverein Germania, PoA. Foot-Ball Club, Club Sportivo Jaguareense, Foot-Ball Sport Jaguareense, Club Commercial, Sport Club Rio Grande, União Gaúcha, Sport Club Esperança, Secretária da Liga Pelotense de Foot-Ball, Sociedade Agrícola Pastoril do RS, Club de Regatas Rio Grande, Pelotense Turnes Chaft, Sport Club Pelotense, Vereim Concordia, Club de Regatas Almirante Barroso, Federação dos Estudantes do Rio Grande do Sul, Club de Regatas Pelotas, Club Caixeiral, Sport Club Fragatense, Academia do Comércio, Foot-Ball Club Atlético, Sport Club Brasileiro, Biblioteca Pública Pelotense, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Sport Club Bagé, Club Appollo, Club Diamantinos.” A grande maioria da correspondência era endereçada aos três clubes, predominando convites para participar de eventos e ofícios parabenizando ou notificando a fundação da agremiação e a composição da diretoria, a solicitação de empréstimo de materiais e de instalações para a prática do futebol e outros esportes. Além da diversidade da natureza das associações, destaca-se também a amplitude geográfica das relações, que extrapolava a cidade, abrangendo a região e própria a Capital. Quanto à particularidade do futebol, pode-se dizer que já na primeira década ele começava a ter uma presença significativa não só em Pelotas e Rio Grande, mas também na região. Como atesta, por exemplo, o documento da página seguinte referente à fundação do “Foot-Ball Sport Jaguareense” na cidade de Jaguarão. (Síntese feita com base nos documentos endereçados à secretaria do C. S. Internacional, Club Sportivo, e Foot- Ball, arquivados na Biblioteca Pública de Pelotas.)

## A REDE DE CLUBES ESPORTIVOS



Jaguaria, 7 de julho de 1906

Ill<sup>mos</sup> Srs

Tenho a honra de comunicar-vos que em 17 do mes <sup>de</sup> maio foi constituida nesta cidade o "Foot-Ball Sport Jaguareense", e em sessão de Assembleia Geral, realizada em 24 do mesmo mes, foi empossada a Directiva eleita que tem de gerir esta Sociedade durante o corrente anno, ficando assim constituida:

Presidentes. .... Capitão Alfredo Fonseca  
Vice-Presidentes. .... Sr. Edmundo  
1.º Secretário. .... Sr. Virgílio Soares  
2.º Secretário. .... Sr. João de Sá  
Treasurers. .... Sr. Antonio Pereira  
Fiscaes. .... Sr. Manoel João da Silva  
..... Sr. Jose Maria Lopes  
..... Sr. Carlos Emilio Gomes  
..... Sr. Geraldo H. Figueira  
..... Sr. Euriberto Rodrigues  
..... Sr. Elias Cassal

Arquivado

O documento do F. B. S. Jaguareense, da cidade de Jaguarão, datado de 7/07/1906, endereçado à secretaria do C. S. Internacional, ilustra a rede de relações forjada entre as associações que possuíam afinidades socioculturais na região. (Fonte: Arquivos da Biblioteca Pública Municipal de Pelotas.)

## A BOLA



# Secretaria do Club Sportivo

Estado do Rio Grande do Sul

Pelotas, 27 de Março de 1907

Illmo. S<sup>u</sup>.

De conformidade com o officio que em  
tempo nos foi dirigido, mais uma vez, pe-  
dimos a entrega da bola de "foot ball"  
que se acha em nosso poder, em caso contra-  
rio faremos prevalecer o exposto de artigo  
2.º dos nossos Estatutos.

faude e Propeitor  
Ao Illmo. Sr. Frederico Terck

Acioar  
Nair de Freitas  
N. S. S. S.

A bola era quase uma relíquia: Era motivo de empréstimo, merecedora de atenção e de cuidados especiais. (Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública de Pelotas.)

Na historiografia das práticas esportivas, a bola sempre ocupou um lugar de destaque. Elias e Dunning salientam que ela era uma das principais referências usadas tanto para agrupar as práticas como para nomeá-las. E acrescentam: "não é improvável que a razão pela qual os documentos medievais se referem a alguns destes jogos locais como 'futebol', enquanto outros são conhecidos por nomes diferentes, fosse, prioritariamente, resultante do facto de serem jogados com utensílios diferentes. . . . Alguns documentos medievais referem-se, de facto ao jogar 'com uma bola de futebol' e não ao 'jogar futebol' ". (ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos**. 1992, p. 269.)

OS BONDS E O FUTEBOL

# Club Sportivo-Internacional

## AVISO

Communico ao Sr. *Ernesto Behrens doff*  
que á *30* de *Setembro* de 1906 ás *3 1/2* ho-  
ras da *Tarde* haverá exercicio de foot-ball no  
Prado Pelotense, séde d'este Club.

Convido-o á comparecer.

O bond especial parte da Praça da Republica ás  
*2* horas em ponto.

Se não poder jogar fará o favor de avisar.

*Justino Meinigantz*

GUARDA-SPORT

N. B.—Multa 1\$000 cada vez que deixar de comparecer  
sem motivo justificado.

Os bonds — de tração animal (1873) e elétricos (1915) —, assim como os trens e os navios foram fundamentais para disseminar o futebol. Destaque também para o rigor da pontualidade e da cobrança da presença; em parte justificada pelo pouco número de jogadores existentes na época. (Fonte: Arquivo da Biblioteca Pública de Pelotas.)

## CONVITE

### CLUB SPORTIVO

Exmo. Sr.

*Temos a honra de convidar a V. E. e Exma. família para comparecerem ao baptismo do nosso Estandarte e Gigs, que se revestirá de solemnidade, no dia 7 de Setembro, á 1 hora da tarde, em nossa sede social á Praça Domingos Rodrigues n. 3.*

*Certo que aceitará ao nosso convite antecipamos os nossos agradecimentos.*

*Pelotas, 5 de Setembro de 1906.*

*Antonio Ferreira Soares.  
Francisco R. da Silva.  
José Teixeira Marques.*

A Comissão:

*Wenceslão Gastal  
José Leão.  
Antonio B. Pereira.*

Endereçados individualmente, os convites, como este confeccionado pelo Club Sportivo em 1906, eram uma das estratégia de distição social usada pelos clubes, no início do século. (Fonte: Arquivos da Biblioteca Pública Municipal.)

## 2.4 - Futebol entre vizinhos

A noute no conceitoado hotel Aliança  
Menu:  
Potage Carioca.  
Paté de Foie Garni.  
Petites Bouchées Crevetes.  
Salmi de Vollaile.  
Chateaubriand.  
Dindon A La Rio - Grandense.  
Rhim, Pontet Canet, Chambertin  
E Champagne, Licores, Café e Charutos.<sup>118</sup>

A ceia composta pelo cardápio acima foi oferecida pelo E. C. Pelotas<sup>119</sup> ao “scratch” carioca quando este esteve aqui em 1912 por ocasião da semana esportiva da cidade, acontecimento capaz de ilustrar algumas características do futebol da cidade e da região.<sup>120</sup>

A presença do scratch carioca não foi apenas uma visita ilustre isolada no contexto histórico do futebol da cidade. Ocorrido no final do ano, o evento pode ser tomado como símbolo maior de uma prática que já se mostrava há algum tempo e que naquele ano se intensificou: a freqüente troca de visitas entre clubes de distintas localidades. Diferentemente dos primeiros anos do futebol na cidade, quando se priorizavam os “exercícios de futebol” entre os sócios de um mesmo clube, os times de maior infraestrutura e melhores condições econômicas da região adotaram e intensificaram entre si

---

<sup>118</sup> Diário Popular, 10/11/1912, coluna “Pelo Foot-Ball”.

<sup>119</sup> O Sport Club Pelotas nasceu de uma fusão envolvendo o Club Sportivo Internacional e o Foot-ball Club. A eles somou-se um pouco mais tarde o Club Sportivo. Foi registrada como data oficial de sua fundação o dia 12 de outubro de 1908. Para outros detalhes particulares desse clube, consultar: (Revista Comemorativa aos 90 anos do Esporte Clube Pelotas 1908/1998. Pelotas, 1998.)

<sup>120</sup> A escolha dos anos de 1906 e 1912 como representativos do futebol de uma época deu-se muito mais por fatores intrínsecos a ele do que por questões conjunturais. No ano de 1906 foram fundados vários clubes de futebol na cidade de Pelotas e 1912 é o último ano em que os times da cidade não estão envolvidos em nenhuma espécie de campeonato oficial. A partir de 1913 começa a ser disputado o campeonato da cidade, realizado pela Liga Pelotense de Futebol, que foi reorganizada em 1912.

aquilo em que o Rio Grande foi pioneiro: as viagens — passeios. Só que agora não mais para fazer jogos de exibição, mas para se enfrentarem.

Vou explorar um pouco mais este episódio — presença do scratch carioca — para tentar apontar e compreender melhor as continuidades e as sutis inovações que aos poucos começaram a se evidenciar no futebol da cidade.

Em 18 de outubro de 1912, o jornal Diário Popular começou a anunciar a intenção e os esforços que estavam sendo realizados pelo Pelotas para trazer o selecionado carioca, “que aqui vem graças aos grandes esforços empregados pelo ilustre deputado Dr. Joaquim Osório.” A partir dessa data, o jornal intensificou as notícias relativas a esse acontecimento. Em 31 de outubro, a coluna “Pelo Foot-Ball” confirmou a vinda do scratch e, em 5 de novembro o mesmo jornal, na coluna intitulada “Scratch Carioca”, comunicou que “a directoria do Sport Club Pelotas recebeu, sabbado, pelo cabo submarino, do nosso amigo Dr. Joaquim L. Osório, deputado Federal, o seguinte telegrama: “Scratch seguiu Sirio. Saudações.” A seguir o jornal passou a publicar os preparativos para a semana esportiva, a programação que o selecionado carioca iria desenvolver na cidade e no Estado, destacando quem eram os atletas que aqui se fariam presentes.

No dia 8 de novembro, na coluna “Pelo Foot-Ball”, foi apresentado com certo detalhe, pela primeira vez, o cronograma do evento, preparado por uma comissão do S. C. Pelotas. Chama muito a atenção na programação o número de acontecimentos sócio-culturais previstos. Atividades como jantares íntimos, banquetes, recepções, visitas a lugares da cidade e a personalidades públicas sobrepõem-se, tanto em número como em relevância, às partidas de futebol previstas. A programação divulgada comunicava que, após a recepção na gare da cidade, seguiria com :

Prestito de automóveis, carros e bondes até o hotel Aliança . . . A tarde jantar íntimo, tomando parte o presidente vice-presidente, primeiro e segundo secretário e capitão do “team” Pelotense . . . A noite visita do Recreio Ideal. Sabbado - visita ao Club Comercial. Domingo 10 - Match official ás 3 horas da tarde, do “scratch” Fluminense com o primeiro team do S. C. Pelotas. A’noite ás 9 horas, banquete, no hotel Aliança oferecido pelo S. C. Pelotas. Segunda Feira, 12 “match official ás 3

horas da tarde, do “scratch” carioca com o Sport Club São Paulo do Rio Grande. Quarta feira, 14 - passeio ao estabelecimento agrícola dos Srs. Osório e Simões. Visita ao cinema Ponto Chic. Sexta feira, 15 - “match”, oficial dos “scratch” carioca e estadual as 3 horas. Festa promovida pela intendencia municipal. Domingo, 17 - “match” official, do scratch carioca com o S. C. Rio Branco de Bagé. A’noite sessão solemne em honra á “Liga Fluminense de Football.”<sup>121</sup>

Posteriormente a programação acima anunciada sofreu algumas pequenas alterações. Participaram como convidadas também as equipes vizinhas que naquele momento mantinham boas relações com o anfitrião do evento. O scratch estadual referido, na prática, foi composto somente por jogadores pertencentes ao S. C. Pelotas, São Paulo de Rio Grande e Rio Branco de Bagé.<sup>122</sup> Nota-se que o S. C. Rio Grande, apesar de ser um dos precursores do futebol no Estado, não participou de nenhuma forma do evento, porque entre ele e o Pelotas, naquele momento, as relações estavam um tanto estremecidas.<sup>123</sup>

O futebol já havia conquistado uma certa expansão. Se por um lado ainda estava longe de ser uma experiência massificada ou democrática, por outro já sinalizava ser uma das práticas esportivas preferidas do momento, apresentando um significativo crescimento tanto no números de praticantes como de simpatizantes e admiradores. De mero coadjuvante dentre outras modalidades esportivas, ele se torna um dos esportes preferidos e passa a ser o centro de eventos comemorativos de várias cidades da região.

Apesar da permanência de outras modalidades de esportes — aquáticas, hípcas, corridas — em eventos como a semana esportiva, o futebol destacou-se dos demais esportes e passou a

---

<sup>121</sup> Diário Popular, 8/11/1912.

<sup>122</sup> O “scratch” carioca trouxe no quadro jogadores que representavam: “Fluminense Foot-Ball Club, Paysandú Foot-Ball Club, América Foot-Ball Club, Club Regatas Flamengo e Mangueira Foot-Ball Club. . . Estes jogadores usarão em todos os “match” neste estado o uniforme do Paysandú Foot-Ball Club, Campeão Carioca de 1912.” Diário Popular, 8/11/1912. A imprensa local destaca ainda a popularidade que desfrutaram jogadores como Pindaro (C. R. F.) e Mendonça do (A. F. C ).

<sup>123</sup> Além da programação realizada em Pelotas, o “scratch carioca” excursionou também para Porto Alegre onde realizou jogos contra o Fuss Ball, o Grêmio Porto-alegrense e com um “scratch” da capital. Das partidas que realizou no Estado, o “scratch” carioca obteve os seguintes resultados: 6 X 0 São Paulo de Rio Grande, 0 X 0 S. C. Pelotas, 1 X 0 Scratch Sul Estadual, 1 X 1 Rio Branco de Bagé e 4 X 0 Scratch da Cidade. Na Capital: 1 X 1 Scratch da Cidade, 1 X 1 Fuss Ball, 8 X 0 Grêmio Porto-alegrense.

disputar o centro das atenções muito mais com as práticas culturais não-esportivas tornando-se, muitas vezes, quase um prolongamento dessas.<sup>124</sup>

A frequência de visitas que incluíam em sua programação jogos de futebol, a partir desse ano começou a aumentar, principalmente pelas várias associações esportivas-culturais que então eram fundadas ou re-inauguravam suas sedes sócio-esportivas. Nessas ocasiões era costume convidar algum time de renome para a festa, time esse que às vezes era escolhido como paraninfo do clube anfitrião.

Foi isso que se passou no dia 24 de agosto de 1912, por ocasião da ida do E. C. Pelotas até a cidade de Bagé para lá servir de paraninfo e participar da festa do Guarany F. C: “Essa visita dos nossos ‘foot-Ballers’ tem por fim não só retribuir a feita pelos bageenses no anno passado como inaugurar o campo de ‘foot – Ball’ recentemente adquirido pelo Guarany Foot-Ball Club.”<sup>125</sup>

Nesse episódio, a programação, respeitando as suas devidas particularidades, seguiu o estilo daquela que fora aqui organizada para receber o “scratch” carioca. Nela o futebol inseria-se dentro de uma programação cultural maior, dirigida e restrita aos sócios do clube local, uma parte da elite da cidade e seus convidados de honra.<sup>126</sup>

Experiências como essa não foram exclusividade do S. C. Pelotas. Apesar deste ser um dos clubes que mais congregava entre seus sócios, membros da fina sociedade pelotense (o que

---

<sup>124</sup> Diferente do que acontecia em 1906, em 1912 o futebol não mais aparece noticiado dentro da coluna dos esportes de forma geral. Ele conquista, no Diário Popular, uma coluna particular intitulada “Pelo Foot-ball.”

<sup>125</sup> Diário Popular, 18/08/1912.

<sup>126</sup> “É o seguinte o programa das festas que o Guarany Foot - Ball Club organizou em honra ao Sport Club Pelotas. A’s 5 horas da tarde de Sabbado, recepção na gare viação ferrea, pelos socios do Club e exmas senhorias. A’s 9 horas da manhã de domingo, passeio em automoveis, pela cidade. A’ 1 hora da tarde, carros de tolda descida, a directoria e jogadores do Guarany e do Pelotas irão á casa do coronel intendente e dahi, acompanhados deste, dirigir-se-ão ao “ground”, aonde se realizará pelo Ver. Hyppolito Costabile, a cerimonia do Bastismo do mesmo. Em seguida a esse acto dar-se-á o encontro das duas valentes equipes. A’s 6/1 horas da tarde, em uma sala especial do Hotel Paris, será servido aos jogadores do Pelotas um lauto banquete de 35 talheres. No banquete tomarão parte as autoridades civis, militares e eclesiasticas e representantes da imprensa. A’s 9 horas da noute os excursionistas darão entrada nos luxuosos salões do Club Caixeiral, onde se realizará uma intima soirée dansante, offerecida aos mesmos.” (Idem. 24/08/1912.)

o favorecia em ser convidado para os eventos comemorativos da região), outros clubes da cidade também participaram de acontecimentos desse tipo. Como foi o caso, por exemplo, do S. Club. União: “segue, sabbado, para Bagé o primeiro ‘team’ do Sport Club União, o qual jogará alí um ‘match’ com o sport club Rio Branco. Com este ‘match’ o União inaugurarà o campo daquela sociedade bagéense.”<sup>127</sup>

Num momento em que os exercícios de futebol são substituídos pelos “training”,<sup>128</sup> aliados aos típicos e já costumeiros jogos de finais de semana entre diferentes times de uma mesma cidade, sobressaem-se também as viagens — passeios. As excursões aconteciam como parte de algum evento comemorativo ou para realizar jogos semelhantes às atuais disputas amistosas de hoje. As partidas tendiam a ser de ida e volta, ou seja, uma em cada cidade. Fazendo uso, na maior parte das vezes, do transporte ferroviário, as excursões futebolísticas concentravam-se na região, com ênfase no eixo que envolvia as cidades de Pelotas, Rio Grande e Bagé. Esporadicamente aconteciam também alguns jogos com times da Capital<sup>129</sup>.

Menores, menos cobiçados pela imprensa e com programações sociais mais discretas, os “jogos amistosos” do início do século, além de mais freqüentes do que os eventos comemorativos, eram também mais democráticos. Com custos mais modestos eles começaram a acontecer também entre as equipes menores que emergiam na região. Assim, além das partidas entre as grandes equipes da época, é possível também encontrar nos jornais registros como este: “Domingo às 10/12 seguiu d’esta cidade em trem especial para

---

<sup>127</sup> Idem, 09/10/1912.

<sup>128</sup> Na terminologia futebolística mais usada naquele momento pela imprensa escrita, passou a predominar o termo “training”, ou “match training”, para designar as atividades de futebol entre os membros de um mesmo time, e não mais “exercícios de foot-ball,” como era comum em 1906.

<sup>129</sup> Nesse mesmo ano, 1912, o S. C. Internacional de Porto Alegre esteve jogando aqui por ocasião dos festejos comemorativos do aniversário da cidade frente ao S. C. União no dia 9 de julho e frente ao Pelotas no dia 11, vencendo o União por 6 X 0 e perdendo para o Pelotas por 2 X 1. Idem, 9 e 12 /07/1912.

Monte Bonito o primeiro “team” do Sport Club Arranca Rabo, o qual jogou ali uma partida com o Sport Club Monte Bonito.”<sup>130</sup>

## 2. 5 - Presentes e gentilezas: componentes de um futebol de compadres

As disputas que caracterizavam aquele futebol tanto eram influenciadas pelos costumes e comportamentos sociais predominantes nas elites, como ajudavam a forjá-los. Suas práticas situavam-se no interior de um clima composto por uma certa tensão que se estabeleceria entre os valores, os gestos corporais e os costumes de uma aristocracia agropastoril de ideário rural e os de uma burguesia urbana emergente.<sup>131</sup> O futebol era então mais um espaço social de disputa onde se constituíam os valores, os hábitos e os padrões de comportamento que deveriam ser seguidos, dentro e fora do campo, tanto pelos distintos futebolistas como pelos cidadãos comuns “educados”.

Fora de campo, a indumentária dos praticantes, trazida da Europa, era motivo de orgulho e reconhecimento social. Exibida ao público diariamente, fazia-se questão de destacar a sua “nobre” procedência: “Em uma das amostras da importante casa Americana acha-se exposto o novo fardamento do sympathico Sport Club Pelotas. Foi elle encommendado por

---

<sup>130</sup> Idem, 01/10/1912. Monte Bonito, em 1912, era um distrito de Pelotas. O Sport Club Monte Bonito apareceu no jornal daquele ano realizando outros jogos com pequenas equipes da cidade. Já o Sport Club Arranca Rabo apareceu, no mesmo ano, citado no jornal somente uma ou outra vez. Como outro exemplo do futebol menor daquele período, temos: “No Areal realiza-se hoje, às 2 horas um match entre as primeiras equipes do Sport Club Sul America, dessa localidade, e do Sport Club Camponez, das Tres Vendas.” Areal e Três Vendas são ainda hoje bairros de Pelotas. (Idem, 29/09/1912.)

<sup>131</sup> Em seu livro “O imaginário da Cidade: visões literárias do urbano”, no capítulo referente a Porto Alegre, Sandra Pesavento destaca as ambigüidades e os embates presentes no imaginário social e na própria cultura gaúcha no início desse século: “Seria preciso . . . . estabelecer um novo sistema de idéias e imagens de representação coletiva que fizessem da ‘cidade moderna’ o bem simbólico de referência. Mas mesmo um projeto que passasse pela construção de um mito de progresso — e, portanto, voltado para o futuro — teria de lidar também com o peso do arquétipo rural.” Pelotas, por ter sido um berço da economia e da cultura agropastoril durante a época do Império, compartilhava com Porto Alegre essa ambigüidade, esse tensionamento que se instaurou entre os valores e os costumes urbanos versos rurais. (PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano — Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 261.)

aquella conceituada casa para a Inglaterra. Compõe-se de pura lã. Ligas e cintos.”<sup>132</sup> Com a esperteza sutil de não esconder, de não guardar segredo, mas sim de mostrar, de tornar público, deixando exposto na vitrine para todos apreciarem e reconhecerem a sua fineza e procedência, a exposição dos fardamentos parecia ser mais uma das estratégias usadas para tentar manter o caráter distintivo do futebol, longe dos possíveis intrusos que começavam a aparecer.

De forma também anunciada, apareciam os prêmios e os brindes que eram oferecidos para os atletas (não em dinheiro, emprego ou outras formas de gratificações que mais tarde surgiam com o semiprofissionalismo, dando origem ao que hoje conhecemos como ‘bicho’,<sup>133</sup>). Os presentes pretendiam ser compatíveis com a estirpe de quem oferecia e de quem os recebia. Eram eles muito mais homenagens do que propriamente gratificações, no sentido atual da palavra. Predominavam lembranças próprias para uso particular, como grampos e/ou medalhas de ouro e de prata, ou ainda a homenagem de ter seu “retrato” de honra colocado no salão nobre do clube. Essas homenagens e presentes eram oferecidas tanto pelos clubes como pelas lojas comerciais, ou mesmo por algum cidadão.

A conhecida casa Bule Monstro oferece aos vencedores do “match” uma fina taça, bem como distinto cavalheiro, uma bengala com castão de ouro ao “footballer” que desenvolver mais bello jogo. Também outro cavalheiro, que oculta seu nome, dará a cada “footballer” vencedor lindos alfinetes de ouro para gravata, com aeroplano gravado.<sup>134</sup>

Dentro de campo, local onde a postura corporal e as atitudes pessoais são alvo de olhares e comentários públicos, a preocupação com que as boas maneiras fossem condizentes com os estereótipos de um cavalheirismo eurocêntrico era constante. Nesse futebol entre vizinhos,

---

<sup>132</sup> Diário Popular, 09/08/1912.

<sup>133</sup> Sobre as primeiras gratificações no futebol e a origem do “bicho extra” na era do semiprofissionalismo, ver: FILHO, Mário. op. cit. 1964.

<sup>134</sup> Diário Popular, 10/08/1912. O jogo a que a matéria se refere foi entre S. C. Pelotas e São Paulo de Rio Grande.

em que se entrava em campo de paletó e que era complementado por jantares, festas e homenagens, as disputas dentro do gramado tinham um estilo singular. Predominava um jogo com um ritmo lento, pouco veloz e com baixa exigência de resistência. O interesse pela vitória já estava presente, mas devia ser controlado, poisle não poderia, de maneira alguma, servir de pretexto para atitudes vergonhosas.<sup>135</sup>

Todos esses zelos, dentro e fora de campo, colocavam para as partidas daquela época padrões éticos intrínsecos, característicos e singulares daquele futebol, ajustados e compatíveis com a classe social, com o nível de escolarização, a ocupação, as preocupações morais e os costumes culturais tanto de quem entrava em campo como de quem aplaudia.

Vejamos o caso do jogo entre o Pelotas e o Rio Grande no dia 2 de julho de 1912. Primeiramente é importante ressaltar que jogo foi esse. Não se tratava de um jogo qualquer. Era um clássico da região e, por isso mesmo, recebia da imprensa local destaque especial: “É o primeiro encontro da temporada entre os dois clubs mais fortes do estado.” A imprensa local destacava também as personalidades individuais que faziam parte das duas equipes. No time de Rio Grande chamava atenção o fato da equipe pela primeira vez vir acompanhada por seu recém-contratado instrutor inglês. Ex-atleta profissional, ele “julga ter organizado um ‘team’ capaz de rivalizar com ‘teams’ estrangeiros.”<sup>136</sup>

No dia seguinte, véspera do jogo, o mesmo jornal volta a se referir ao clássico, ressaltando as qualidades dos jogadores que entrarão em campo. Na equipe do Pelotas “o Half esquerdo é o Sr. J. Brum. O popular Tutú: sempre dedicado, escolhido unanimamente para fazer parte do Scratch versus uruguaiois. . . . Moreira, “footballer feito na capital do estado, também fará sua estréia no team pelotense.” Dentro do quadro do Rio Grande, teremos “o goal-keeper o Sr. W. Ashlin um dos fundadores do football neste estado. . . Sr. Henebry,

---

<sup>135</sup> É interessante observar como o empate aparecia com frequência tanto nos exercícios de futebol como, mais tarde, nos “match trainings” e também nos jogos comemorativos.

<sup>136</sup>Diário Popular, 31/05/1912.

um dos backs, que veio da Inglaterra com fama de exímio goal-keeper. . . Sr. Tagnini, que em outros tempos foi um bom half-back apreciado em Porto Alegre.”<sup>137</sup>

Tão singulares eram alguns padrões de comportamento seguidos dentro de campo que hoje seriam capazes de causar estranheza e até risos. Vejamos uma passagem que fez parte do jogo que vinha se anunciando. Ao comentar a superioridade da equipe local sobre a visitante, a matéria registra que “além della desenvolver as mais bellas escapadas, não quis aproveitar o penalty Kick, que lhe cabia pela regra do jogo.” Sobre essa gentileza, agrega a seguinte observação: “Este ato tão delicado foi applaudido pelo publico, inclusive pelo próprio goal-keeper. Sr Ashlin, dos Rio-Grandenses.”<sup>138</sup>

Abrir mão de cobrar um pênalti não era uma atitude das mais raras, tampouco causava estranheza como causaria hoje. Para um futebol de colegas, as trocas de gentileza recebiam mais aplausos que as divididas de bola. Mostrar compaixão pelo adversário, controlar os gestos e não reclamar do árbitro eram, para muitos jogadores, princípios, quando não, parte integrante dos códigos de conduta e das próprias regras do jogo. O jornal Zero Hora, em matéria recente, apresentou algumas “curiosas” regras dos primeiros jogos do S. C. Rio Grande: “O tempo de algumas partidas era de 110 minutos. Em outras, já era de 90. Pênalti era considerado uma covardia e só era marcado quando algum jogador colocava a mão na bola. Se um time estava vencendo, cobrava o pênalti para fora. Faltas dentro da área eram cobradas fora. Era proibido reclamar das marcações do juiz.”<sup>139</sup>

Quanto aos sujeitos que prestigiavam os jogos, também recaía sobre eles determinadas prescrições sociais quanto à forma de torcer e se comportar. A vaia, por exemplo, instrumento usado pelos torcedores atuais como um meio tanto para intimidar e atrapalhar a equipe adversária quanto para protestar contra o mau desempenho de sua própria equipe, seria vista como algo descabido, uma atitude grotesca em demasia, como atesta a

---

<sup>137</sup> Idem, 01/06/1912.

<sup>138</sup> Idem, 04/06/1912.

<sup>139</sup> Jornal Zero Hora, Caderno de Esportes, Centenário do Rio Grande, 2º. Capítulo. 09/08/1999, p. 3.

preocupação e o pedido de esclarecimento feito pela diretoria do São Paulo à do Pelotas: “do Sport Club S. Paulo pedem nos para dizer que não é exato que a equipe daquela sociedade deixasse sob estrondosa vaia o “Ground” do Sport Club Pelotas, como noticiou o Echo do Sul . . . Não se deu, felizmente. Tal facto que seria muito para lamentar.”<sup>140</sup>

A preocupação do São Paulo, solicitando um esclarecimento público para desmentir o que o jornal da sua cidade, O Echo do Sul, vinha noticiando, bem como a consideração feita pelo Pelotas ao confirmar que, apesar dos pesares, não se chegou a tanto, mostra o quanto de preocupante e descabido era para o futebol da época sair de campo sob vaias.<sup>141</sup>

## 2. 6 - Jogos de poder e vaidade num futebol ainda de elite

Claro que em um futebol jogado por compadres — predominantemente pertencentes a uma mesma classe social e à raça branca — os elementos de tensão e disputa característicos de hoje não estavam presentes, pelo menos não com a mesma intensidade. Porém isso não significa que as disputas travadas fossem plenamente isentas de tensionamento e de jogos de poder.

---

<sup>140</sup> Diário Popular, 13/08/1912. O pedido de esclarecimento solicitado pelo time de Rio Grande se refere à partida realizada no dia 13 de agosto daquele ano em que houve um desentendimento perante um gol validado pelo “referee”, e alguns “populares sympathicos ao Sport Club S. Paulo” invadiram o campo, inviabilizando o término normal do jogo.

<sup>141</sup>Se na época a vaia era inaceitável, atualmente ela faz parte do futebol, é uma ferramenta de que os torcedores fazem uso para reclamar da arbitragem, instigar ou cobrar a troca do técnico, exigir mais dos jogadores de sua equipe ou intimidar os da equipe adversária. Diferentemente, no futebol do início do século, ela era vista como uma atitude por demais extremada, desprezível. Devia ser evitada ao máximo, contida mesmo em casos de conflitos como o citado, que envolveu invasão de campo e final antecipado da partida.

Tomada enquanto o resultado de uma conquista pautada na intenção e no desejo de intervir diretamente no espetáculo, de participar, ousaríamos dizer que hoje o uso da vaia tornou-se, pelo menos para o futebol brasileiro, muito mais que uma atitude desrespeitosa, um instrumento democrático através do qual os torcedores intervêm no jogo. Porém, em esportes como o tênis, por exemplo, vaiar continua sendo inadmissível. Coincidência ou não, na maioria dos países, o tênis mantém-se tão seletivo quando era o futebol no início do século.

Diferentemente dos discursos que contrapõem o futebol daquela época ao da era profissional, atribuindo somente a este último características como a competição e a violência, pode-se detectar nas práticas do início do século vestígios que mostram que elas não eram nem puras, nem tão harmônicas quanto muitos gostam de idealizar. Também naquele futebol, que usava de várias estratégias para afastar os negros, os pobres e os operários, as intrigas e a vaidade davam um tom singular para as relações de poder por ele produzidas. Elas estavam presentes e vinham à tona inclusive entre times coirmãos, portadores de grandes afinidades sociais, como aconteceu entre o S. C. Rio Grande e o E. C. Pelotas a partir do segundo semestre de 1912.

Os motivos dos desentendimentos podiam ser vários; no caso em foco, fora uma polêmica arbitragem, o que era freqüente tendo em vista o incipiente conhecimento das regras. O desentendimento serviu para potencializar as relações de poder que então se estabeleciam a fim de ver quem iria se constituir enquanto referência do futebol na região. Criou-se um estado de rivalidade e de desentendimento entre os dois clubes que perdurou por algum tempo.

Após um primeiro acontecimento, a vontade de poder mostrou-se suficiente para forjar novos episódios capazes de estimular e prolongar o desentendimento entre os dois clubes. No mesmo período em que o Pelotas trouxe o “scratch” carioca, o Rio Grande, para não ficar atrás, trouxe para a sua cidade o “scratch” paulista. E, como se isso não fosse suficiente, nenhum dos dois foi autorizado a atuar na cidade do “rival”. Com isso, ambos os “scratches”, após suas apresentações em cada uma das cidades, rumaram para Porto Alegre, dando continuidade às suas excursões pelo Estado.

Dando prosseguimento ao estado de disputa instalado, os dois clubes passaram a trocar farpas pela imprensa, ingrediente propício para alimentar a rivalidade e aguçar os ânimos. Por meio de um telegrama, o Rio Grande congratula-se com o Pelotas pela derrota que este sofrera diante do Rio Branco de Bagé por 4 X 2 com a seguinte mensagem: “Rio Grande - Sport Club Pelotas - Pezames ao campeão estadual pela estupenda e estrondosa derrota -

Mario Silva, Paulo Tagnin, Luiz Hormain, Paulo Torren, Reynaldo Souza, Eduardo Laranja, Alípio Antônio Silva e Felipe Laudares”.<sup>142</sup>

A resposta de parte do Pelotas não tardou. Por ocasião do segundo jogo do “scratch” paulista frente ao Rio Grande, o jornal da cidade faz questão de noticiar: “Domingo, na cidade vizinha, jogaram novamente o Sport Club Rio Grande e o “team” Paulistano, marcando este 7 ‘goals’ e aquelle 0.” Ironicamente, a matéria complementa: “Dois desses ‘goals’, informaram nos dali, foram feitos por próprios jogadores do Rio Grande.”<sup>143</sup>

Os ânimos aguçados em torno do futebol pelos embates na imprensa e pela rivalidade regional aliaram-se à vontade de disputa — espécie de tensão intrínseca à constituição das práticas esportivas modernas — e, de forma não prevista, contribuíram para induzir o futebol para além dos muros deste ou daquele clube social de elite. Fomentador de desafios, o futebol mostrou-se capaz de potencializar o sentimento de curiosidade que emergia dos cidadãos de diferentes classes sociais. Aos poucos ele amplia o leque de seus simpatizantes entre os habitantes da fronteira, primeiramente enquanto meros espectadores, atentos e interessados, logo como ousados principiantes.

Em carta endereçada a um amigo jornalista na Inglaterra, Charles Williams, “que antigamente jogou como goal-keeper pelo Manchester City” e em 1912 fora contratado como instrutor pelo Rio Grande, tece as seguintes considerações sobre o nosso futebol: “poucas vezes tenho visto as suas referencias sobre o progresso que o ‘foot-ball’ está fazendo em todo o mundo, mas nunca poderá ter sonhado como já se joga o ‘foot-ball’ aqui no Brasil.” Adiante o instrutor fala, como a maioria dos europeus, de sua admiração pelo clima “tropical” que encontrou no sul. “O clima do estado do Rio Grande do Sul é magnifico. O inverno aqui é como a primavera ai.”

---

<sup>142</sup> Idem, 2/11/1912. A derrota citada ocorreu dia 29 de outubro. Quanto ao título de campeão estadual a que o telegrama se refere, diz respeito a um título que o Pelotas designou para si no ano de 1912 por ter vencido vários jogos na região. O primeiro estadual oficial ocorreu somente em 1919 e foi vencido pelo Grêmio Sportivo Brasil, também de Pelotas.

<sup>143</sup> Idem, 19/11/1912.

Junto à admiração pelo clima e de como o futebol era jogado em nosso País, Charles Williams mostra-se surpreso com algumas interpretações das regras que aqui tem visto fazerem. “Acho muita graça em ver um ‘referee’ dar um ‘penalty’ porque o adversário cometeu tres ‘corners’ a seguir.”<sup>144</sup>

Mesmo que o fato narrado tenha sido uma mera contingência histórica, produto do não conhecimento maior das regras oficiais e não uma atitude de rebeldia perante as mesmas, foi pela proliferação de práticas desse tipo que o futebol disseminou-se pelas ruas e bairros das cidades. Microexperiências nas quais o fardamento — improvisado — não possuía a etiqueta uruguaia nem européia e onde três escanteios seguidos era pênalti, o futebol foi conquistando adeptos também na periferia e entre outras etnias. Vaiando, transformando terrenos baldios em campo, pouco a pouco ele vai deixando de ser exclusividade de sócios de clubes da elite branca.

Como uma amostra desse movimento que estava se desencadeando, destacamos a seguir os nomes de algumas equipes da cidade que apareceram citadas pelo Jornal Diário Popular ao longo de 1912: S. C. Pelotas, S.C Rio Branco, S. C. União, S. C. Guarany, Grêmio Sportivo Brasil, Grêmio Ideal, S. C. Esmeralda, Instituto Brasileiro, S. C. Juvenil, Bloco Foot- Ball Royal, S. C. Tiradentes, Grêmio de Foot-ball Academicos, S. C. Sul-América, Grêmio Esportivo Tamandaré, Arranca Rabo, S. C. Campones, S. C. União Operário, Grêmio Pelotense, Guanabara, Corinthios, Aráras, Bico a Bico.<sup>145</sup>

Dentro desse significativo número há clubes cujas ações não se limitavam ao futebol, bem como times de futebol no sentido restrito. Por algumas nomenclaturas usadas, percebe-se que a constituição das equipes de futebol não estava necessariamente presa somente a um ou outro critério identitário exclusivo, como classe social, etnia ou cor.

---

<sup>144</sup> As declarações feitas por Charles Williams ao jornalista inglês foram publicadas no jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, e reproduzidas em parte pelo jornal Diário Popular na sessão ‘Pelo Foot-Ball’ do dia 29/10/1912.

<sup>145</sup> Além dessas equipes havia também outros times que se reuniam esporadicamente, do tipo Casados X Solteiros. Esses jogos com frequência faziam as preliminares dos times de maior tradição. Outro costume das equipes menores ou improvisadas era enfrentar os segundos e terceiros times dos clubes maiores.

Outras afinidades que não necessariamente as condição sócio-raciais também interferiram junto à formação e proliferação das equipes. Como é o caso do Grêmio de Foot-ball Acadêmicos, formado pela Escola de Agronomia. Há também times que seguiam critérios geográficos; seus membros tinham em comum o fato de pertencerem a certas regiões ou bairros da cidade. Começava a ganhar visibilidade, assim, não um ou outro critério exclusivo, mas uma diversidade de traços identitários no futebol, os quais se entrecruzavam e, às vezes, se reforçavam ou se sobrepunham uns aos outros. Ou seja, tinha-se times que se identificavam somente pela etnia ou classe social e times que agregavam a esse critério outros elementos de identificação, como um bairro, uma escola ou mesmo uma fábrica.

Das equipes listadas, a grande maioria aparecia muito pouco nos jornais da época — apenas uma ou outra referência sobre quem jogou ou jogará tal dia. Muitas, provavelmente, foram organizações provisórias, semi-estruturadas, com duração efêmera que logo se extinguiriam ou mudariam de nome, fundando novas associações. Outras, dentro de suas singularidades, foram mais duradouras e fizeram-se representativas do futebol da cidade.

Algumas das equipes acima citadas podem ser chamadas de equipes grandes. Possuíam primeiro e segundo time e, a partir de 1913, formaram o grupo que passou a disputar o campeonato da cidade, organizado pela Liga Pelotense de Futebol. Pelotas, Rio Branco, União, Guarany e Brasil<sup>146</sup> fizeram parte da competição já em 1913. Ideal, Grêmio Pelotense e Tiradentes vieram a participar em anos posteriores no campeonato da Liga.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> O Grêmio Esportivo Brasil foi fundado em 7 de setembro de 1911. Resultante de uma dissidência interna do Esporte Clube Cruzeiro do Sul, ele surge mantendo ligações com a Cervejaria Haertel. De início tímido, o Brasil logo vai se tornar uma das principais equipes da cidade sendo tricampeão municipal em 1917, 1918 e 1919. No decorrer de sua história, o Brasil assume posturas menos elitistas do que o Pelotas, tornando-se o clube mais popular da cidade. Atualmente, Pelotas e Brasil são as duas principais equipes da cidade, mantendo uma rivalidade clássica expressa num sempre agitado Bra-Pel. Informações mais detalhadas sobre o Brasil podem ser encontradas na revista: Brasil Gigante. Pelotas, RS. Edição da Orpal (Org. de Pub. e Emp. Prom. Ltda.) Nº 1, 2, 3, 4. 1971.

<sup>147</sup> Apenas um ano depois, em 1914, ocorreu a disputa do campeonato organizado pela Liga Cassiano do Nascimento que correspondia a uma espécie de Segunda divisão do futebol da cidade. Participaram no primeiro ano Benfica, Democrata, Colombo, Grêmio Pelotense, Aliança e Internacional. (ALVES, Eliseu. op. cit. 1984, p.44.)

Além destas, outras equipes tiveram atuação e merecem ser lembradas como parte importante do futebol da cidade: Sul-América, Tamandaré, Camponéz. As três, mesmo preservando suas diferenças, simbolizavam a força do futebol de bairro já na época: Tamandaré e Sul-América, situadas no Areal, e a equipe do Camponéz, nas Três Vendas.<sup>148</sup>

A aparição naquele ano do Sport Club Juvenil merece um destaque singular por ter integrado e vencido mais de uma vez, a futura Liga José do Patrocínio, que foi organizada em 1919 e tornou-se conhecida na cidade como a liga dos negros. A existência, tanto do Juvenil como posteriormente dessa liga, são indicadores dos vínculos e do espaço que os negros começaram a galgar e conquistaram, sem muita demora, dentro do futebol da cidade.<sup>149</sup>

Além dessa gama de times da cidade, havia ainda as equipes “visitantes”. Em 1912 vieram jogar aqui times como: Aymoré Foot-Ball Club, S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo, S. C. União Fabril (todos de Rio Grande). De Bagé, aqui estiveram o Guarany Foot-Ball Club e o S. C. Rio Branco. De Monte Bonito, S. C. Monte Bonito. De Porto Alegre, S. C. Internacional, e mais o “scratch” carioca. Dos jogos internacionais realizados naquele ano pelos times da região, destacou-se, na imprensa, a partida entre o S. C. Rio Grande versus o “Team do Vapor Inglês Alexandra” e o jogo do S. C. Guarany de Bagé diante do S. C. Artigas do Uruguai.<sup>150</sup>

---

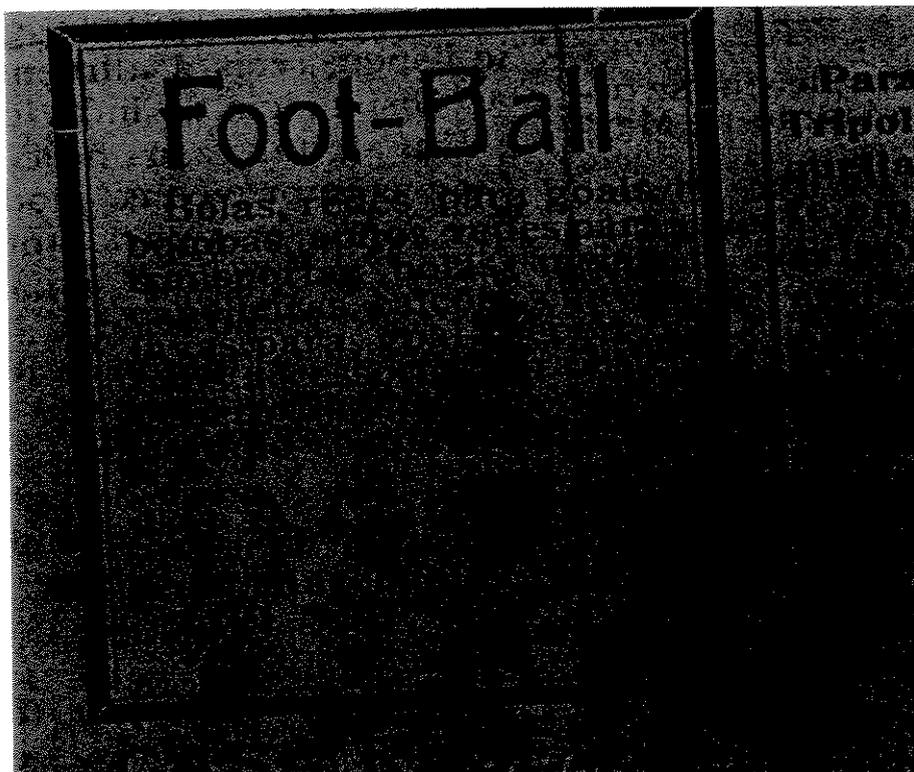
<sup>148</sup> O G. E. Tamandaré manteve-se em atividade no futebol menor da cidade até poucos anos atrás. Já o Sul-América, aqui citado, alguns anos mais tarde extinguiu-se sendo que alguns de seus membros participaram na fundação do Arealense clube do mesmo bairro. Posteriormente outro grupo fundou, no mesmo bairro, o E. C. Sul-América, que existe até hoje. O S. C. Camponéz mantém, ainda hoje, atividades de futebol.

<sup>149</sup> A prioridade da mão-de-obra escrava nas charqueadas e na indústria saladeiril fez de Pelotas uma das cidades do Estado de maior concentração de negros escravos. A atuação do negro nos maiores times da cidade e da região deu-se em anos posteriores e é tratada, neste trabalho, mais adiante junto com o tema da profissionalização; por enquanto fica o registro de que o Sport Club Juvenil solicitou, no início daquele ano, 1912, autorização para “ariar o terreno à 7 de abril entre Garibaldi e José Bonifácio, onde estabelecerá o seu ground”. (Idem, 09/05/1912.)

<sup>150</sup> Com o passar do tempo muitos clubes mudaram seus nomes enquanto outros o adaptaram para o português, acompanhando esse movimento a partir do próximo capítulo priorizarei as nomenclaturas atuais do Pelotas e do Brasil, que passaram de S. C. P. e G. S. B. para E. C. P e G. E. B. respectivamente.

No ano de 1912, indicando um crescimento das práticas do futebol e das demandas que ele começou a suscitar, já aparecia em alguns jornais da região o anúncio sobre a existência de uma casa comercial especializada na venda de materiais apropriados para aquele esporte. Localizada em Rio Grande, ela tenta atrair seus fregueses com anúncios publicitários em jornais de Pelotas com o seguinte enunciado:

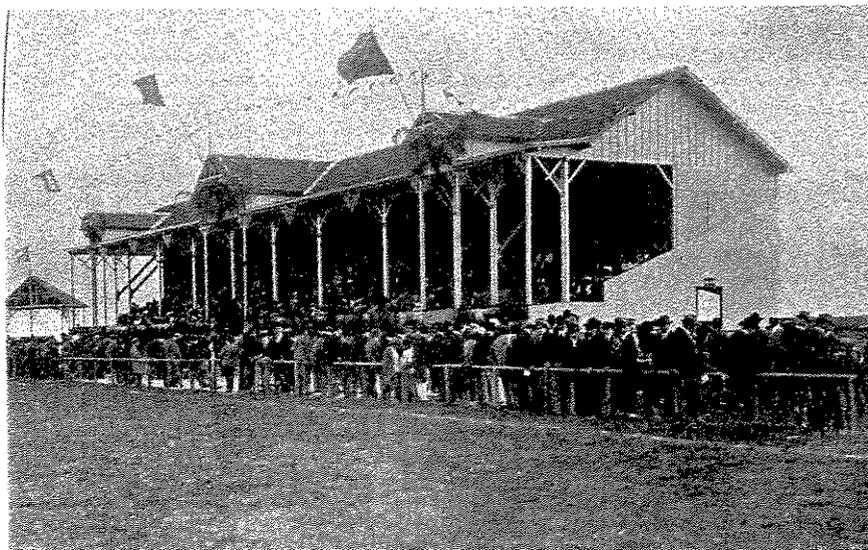
VENDE-SE



(Fonte: Jornal Diário Popular, 29 de setembro de 1912.)

## PAVILHÕES:

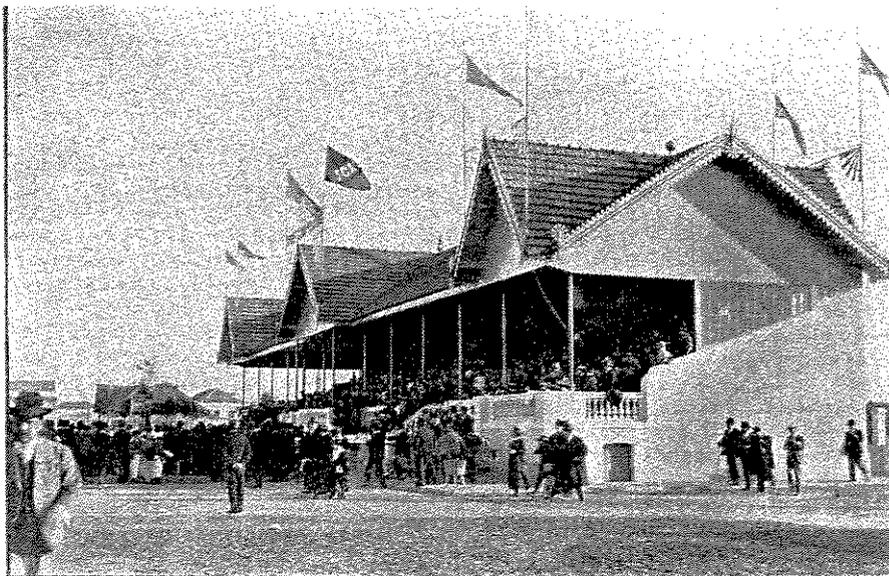
Destaque para o modelo e o uso da madeira



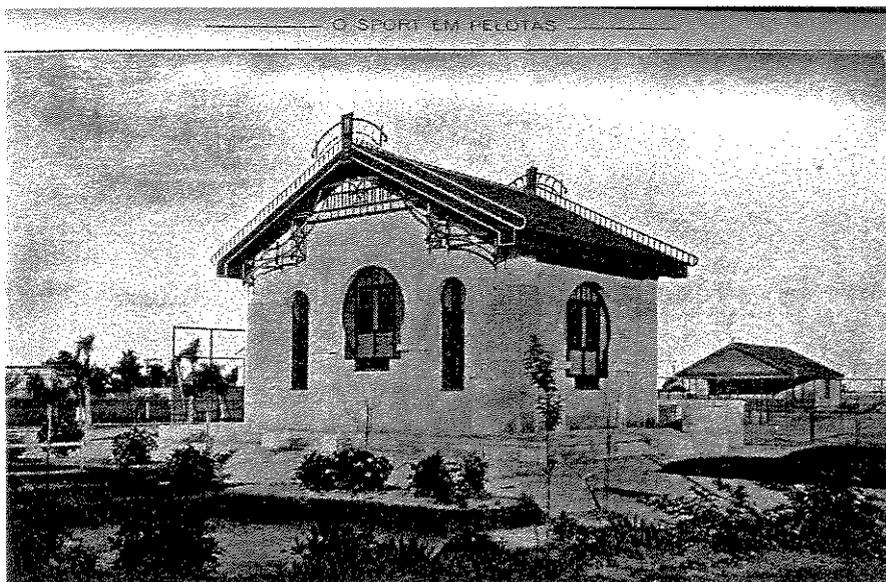
Um aspecto interno do 1º pavilhão do G. S. Brasil, localizado no bairro Simões Lopes Neto.  
(Fonte: Revista Almanaque de Pelotas, 1918, p. 168.)



Pavilhão do G. S. Guarany, clube que fez parte da 'Liga Pelotense de Futebol'.  
(Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1920, Anno 2, nº 2, p. 11.)



Vista interna do pavilhão do E. C. Pelotas situado no mesmo local até hoje — Avenida Bento Gonçalves. Inaugurado em 1917. (Fonte: Revista Almanaque de Pelotas, 1918, p. 29.)



Em destaque, o 'pavilhão' usado para a prática do tênis, outra modalidade que recebia atenção do E. C. Pelotas no início do século. (Fonte: Revista Almanaque de Pelotas, 1913, p. 123.)



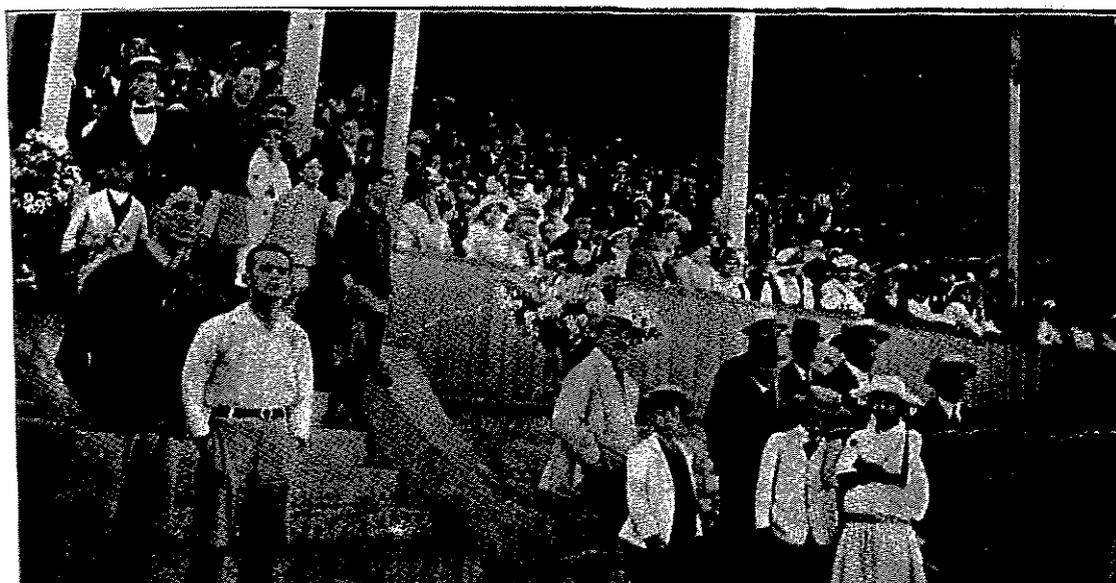
Atento, o público prestigia a visita que o E. C. Pelotas recebeu do S. C. Guarany da cidade de Bagé.  
(Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1919, anno 1, nº 10, p. 09.)



Vista do campo do S. C. Rio Branco, equipe que fazia parte da 'Liga Pelotense de Futebol'. Durante os primeiros anos do campeonato citadino, o S. C. Rio Branco era o principal rival do E. C. Pelotas.  
(Fonte: Revista Almanaque de Pelotas, 1918, p. 177.)

## PAVILHÃO DO G. S. BRASIL

Vista interna



Vista interna do pavilhão do G. S. Brasil do Bairro Simões Lopes Neto, no início dos anos 20, destaque para a vestimenta da época.  
(Fonte: Revista Brasil Gigante, nº 1, p.37.)

## MULHERES NOS ESTÁDIOS:

Em uma época em que o futebol ainda era marca de distinção social, quem não entrava em campo fazia questão de freqüentar as arquibancadas 'sociais'. As mulheres faziam delas um palco da moda com. Destaque para os modelos de chapéus e de saias, sinais da moda feminina nos anos 20.

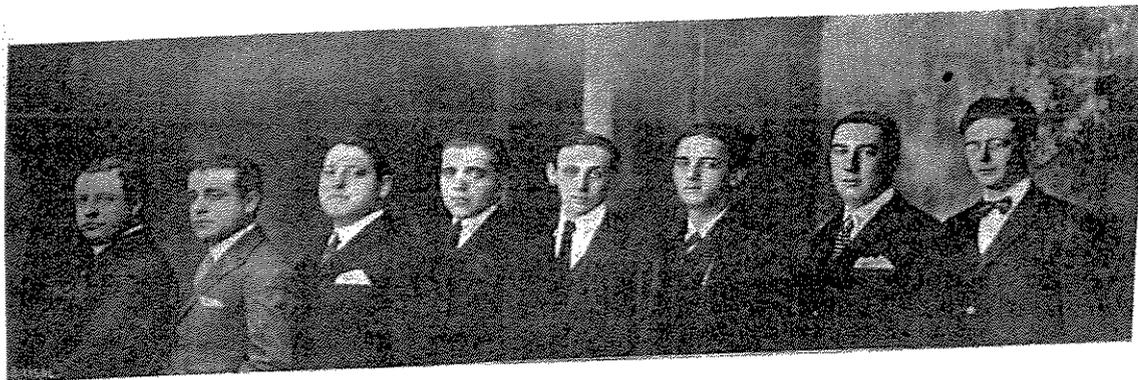


Torcedoras do E. C. Pelotas. (Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1920, anno 2, nº 2, p.03.)



Em um camarote, no campo do G. S. Guarany, os chapéus voltam a roubar a cena.  
(Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1920, anno 2, nº 2, p.07.)

## DIRETORIAS:

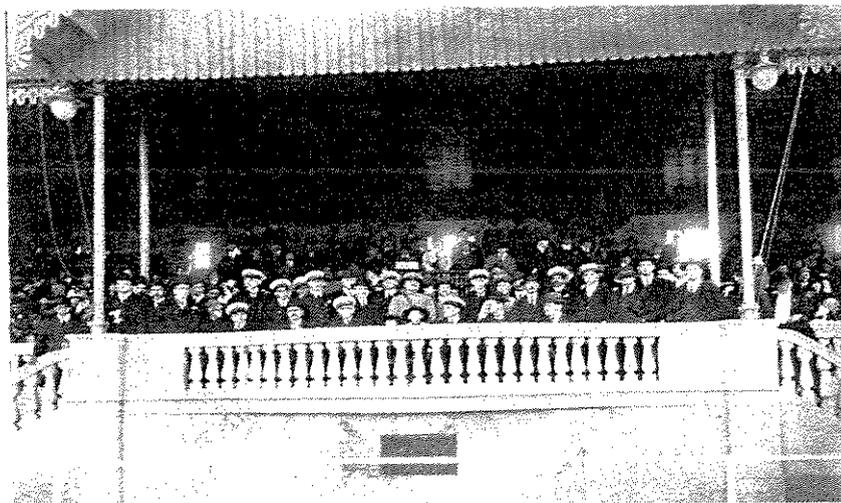


Diretores do G. S. Brasil. (Fonte Revista Ilustração Pelotense, 1920, anno 2, nº 2, p. 07.)



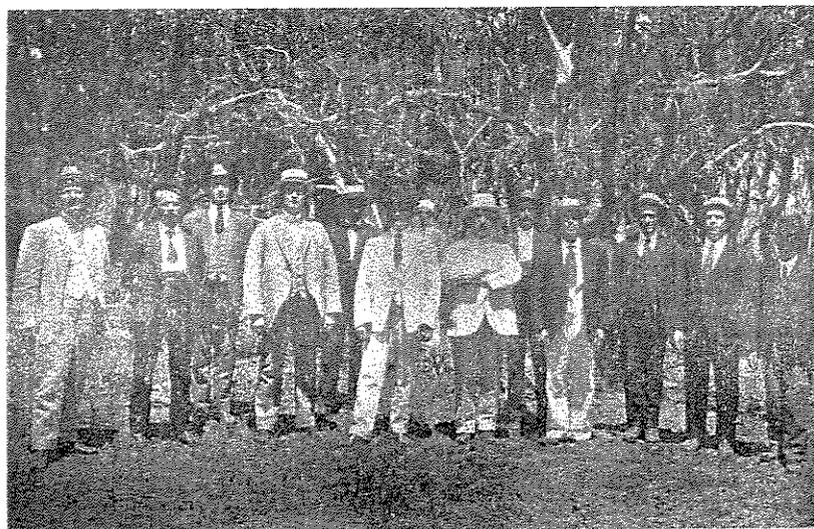
Diretoria do G. S. Ideal, clube que também fazia parte da 'Liga Pelotense de Futebol.'  
(Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1921, anno 3, nº 4, p. 04.)

## CAMAROTE DA DIRETORIA



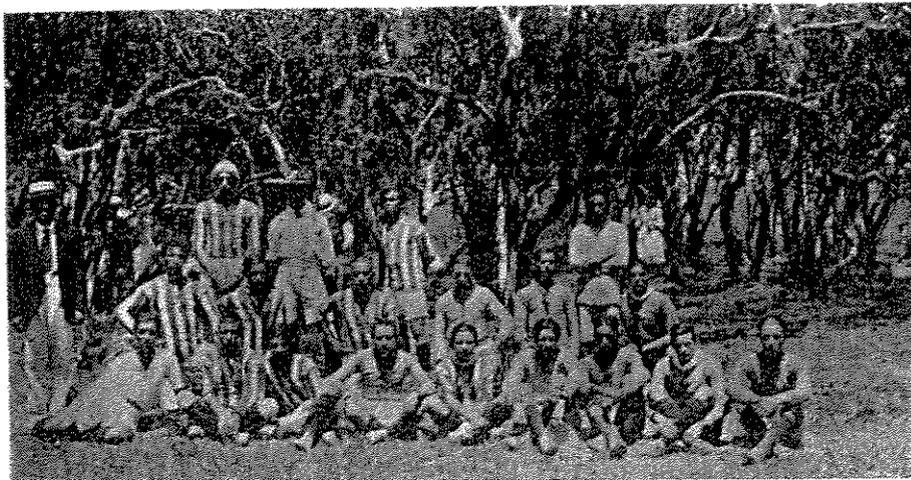
O camarote da diretoria e seus convidados em dia de jogo. Pavilhão do E. C. Pelotas.  
(Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1921, anno 3, n° 15, p. 22.)

## DIRETORIA PASSEANDO



Diretoria do G. S. Guarany realizando um pic-nic e posando para a fotografia.  
(Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1919, anno 1, n° 3, p. 13.)

## G. E. GUARANY



O primeiro e o segundo time do G. S. Guarany realizando uma confraternização  
(Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1919, ano 1, nº 3, p. 15.)

## S. C. PELOTAS

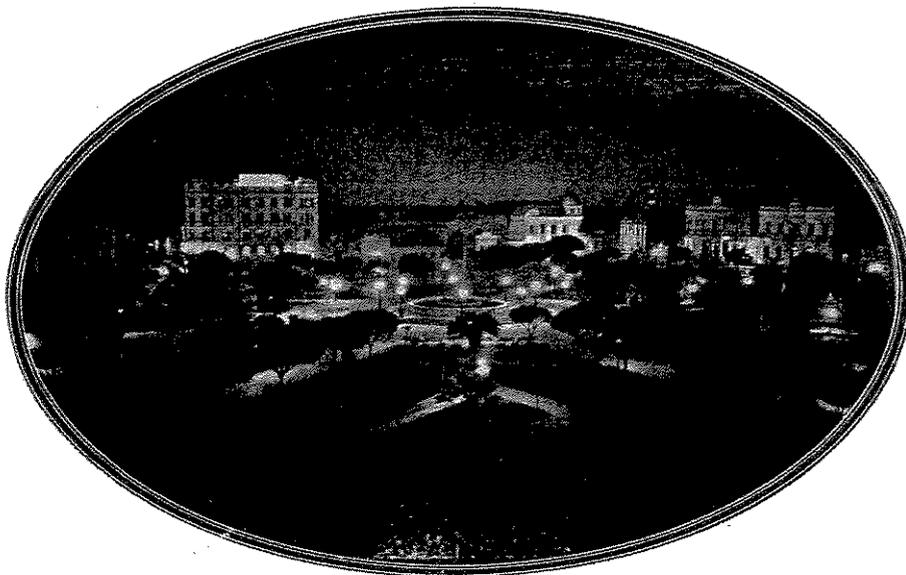


(Time do Sport-Club Pelotas (Campeão Estadual))

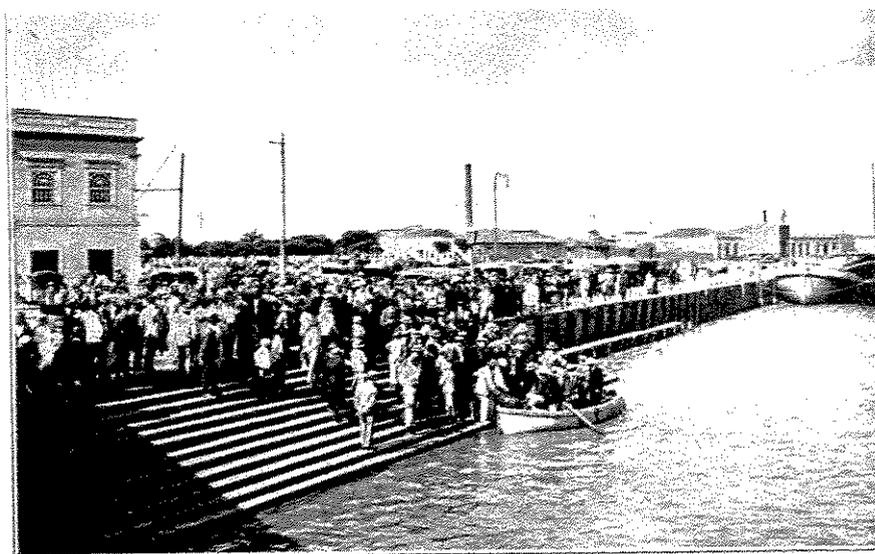
Equipe do S. C. Pelotas de 1912 que venceu uma série de jogos amistosos na região e se auto-intitulou Campeã Estadual. (Fonte: Revista Almanaque de Pelotas, 1917, p. 89.)

### Capítulo III - O futebol movimenta a vida urbana

Melhoramentos Municipaes



A praça pública, as ruas arborizadas e a cidade iluminada sinalizam uma Pelotas dos anos 20 e 30 modernizando-se, reconfigurando seu espaço urbano. (Fonte: Revista Almanaque de Pelotas, 1929, p. 125)



*A chegada do Gremio Sportivo Brasil, campeão regional.*

Junto aos bondes e aos trens o transporte marítimo também teve papel importante na propagação do futebol. Acima, o G. E. Brasil é recepcionado no porto de Pelotas, em 1921. (Álbum da cidade de Pelotas, 1922. p. 52)

### 3.1 - A vida nas cidades nos anos 30

A década de 30 costuma ser lembrada como uma época agitada — transformações na esfera econômica e política, significativos movimentos revolucionários e contra-revolucionários, acontecimentos indicadores de rupturas nas esferas macro e microssociais, novas configurações na estrutura do Estado, tanto em nível nacional como regional. Foi uma década marcada pelo início do Estado Novo, que iria se prolongar até meados dos anos 40, impondo normas de conduta e tentando aparelhar as entidades políticas, sindicais e demais formas associativas.

Os anos 30 foram tudo isso e muito mais. Além das transformações econômicas estruturais e políticas, esse período foi também portador de disputas no campo literário e cultural. Nesse âmbito, pelo sentido inovador, pela repercussão e polêmicas que produziu, o Movimento Modernista pode ser citado como um dos principais marcos culturais dessa época.<sup>151</sup> Somam-se aos embates dos discursos socioculturais desse período uma diversificação de hábitos e costumes, entrando em cena um estilo de vida que se diferencia do anterior na maneira de vestir, na forma de tratar o corpo, na relação com o trabalho, no conceito de diversão e nos lugares da moda.

Nicolau Sevcenko, em seu livro “Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20”, analisa as mutações cotidianas desse momento histórico, tomando como exemplo as transformações ocorridas na cidade de São Paulo. Partindo do ano de 1919 e tomando como referência discursos de jornais e imagens da cidade, o autor descreve com detalhes algumas alterações ocorridas no dia-a-dia dos cidadãos paulistanos.

---

<sup>151</sup> Além da Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922 que foi uma espécie de lançamento para o público, o Movimento Modernista, que teve dentre seus precursores nomes como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, continuou nos anos 30 a agitar e a questionar os valores do mundo da cultura. Diversificando-se, conseguiu novos adeptos e tornou-se um dos principais movimentos culturais brasileiro. Nesse processo destaca-se, por exemplo, o Manifesto Antropofágico, produzido no final da década de 20 e que se tornou uma corrente artística/cultural que ainda hoje continua a influenciar artistas e intelectuais de diferentes gerações.

Orquestrada pelos discursos otimistas do progresso — que ganham ressonância após a epidemia da Gripe Espanhola e o final da Primeira Guerra —, a vida na emergente metrópole quase de uma hora para outra muda o seu ritmo, ganha um rosto novo. Embalado pelo ritmo da guerra e pelas novas descobertas tecnológicas, o cotidiano dos paulistanos torna-se um palco de rupturas socioculturais, com uma série de modificações nos valores e costumes.

O projeto moderno de reordenamento arquitetônico dos espaços urbanos pressupôs também a valoração da velocidade, o aproveitamento eficaz da energia corporal, os encontros públicos — todos eles elementos anunciadores dos novos hábitos e da emergência do ritmo moderno das metrópoles. “Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, exercitando o espírito.”<sup>152</sup> Sobre esses novos costumes e valores urbanos, Sevcenko ressalva que nem todos são exclusividade de agora. Mas “é nessa conjuntura que eles adquirem um efeito sinérgico, que os compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural: como a fonte de uma nova identidade e de um novo estilo de vida.”<sup>153</sup>

Ao tomarmos São Paulo como exemplo para pensar as transformações ocorridas nos hábitos de vida urbanos, o fazemos tendo em vista sua singular situação de metrópole econômica, política e cultural. Assim, sua situação particular é utilizada aqui visando ilustrar um estado pioneiro na consolidação de um estilo de vida moderno, que mais tarde iria alastrar-se também para outras cidades brasileiras.

Se por um lado São Paulo guardava singularidades metropolitanas que tornariam demasiado imprudente qualquer tentativa de generalização; por outro, o ideário do progresso e dos hábitos modernos da nova vida urbana logo deixaria de ser um privilégio dessa cidade. Sandra Pesavento, em seu livro “O imaginário da cidade: visões literárias do

---

<sup>152</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.33.

<sup>153</sup> *Ibid.*, 1992, p. 34.

urbano”, faz uso de crônicas literárias publicadas nos anos 20 para analisar como os discursos modernos repercutiram em Porto Alegre.

Atenta para as heranças culturais gaúchas, a autora destaca a existência de posições divergentes, muitas vezes ambíguas, nos discursos dos principais cronistas porto-alegrenses da época quanto ao ideário moderno. A autora assinala nesses discursos a alternância da rivalidade e da mescla do sonho, do ideal de progresso expresso pelo “ethos urbano”<sup>154</sup> moderno, com os valores de uma cultura rural saudosista na qual a “positividade se conceitua no campo, numa idealização glamourizada . . . marcada por um retorno à natureza.”<sup>155</sup>

São Paulo presenciou, ainda nos anos 20, uma transmutação nos hábitos e costumes. Porém, como sugere a autora, em Porto Alegre isso parece ter ocorrido com ênfase maior na década seguinte, ao se implementar reformas arquitetônicas modernas nos espaços urbanos da cidade. Na década anterior “o desejo de cosmopolitismo se expressa no discurso e no sonho, já que, na realidade, são muito escassos os pontos de referência identitária da modernidade urbana.”<sup>156</sup>

As singularidades expressas na ambigüidade dos discursos, bem como na maneira lenta e cautelosa com que as promessas e os hábitos da modernidade foram sendo incorporados pelos porto-alegrenses, de certa maneira combinam com as tradições e com as particularidades econômicas e culturais de um Estado que, no anos 20 e 30, ao mesmo tempo em que se preparava para modernizar-se e inserir-se no novo modelo de industrialização que começava a emergir, ainda continuava sendo bastante agropastoril.<sup>157</sup>

---

<sup>154</sup> PESAVENTO, Sandra, J. op.cit. 1999, p. 327.

<sup>155</sup> Ibid., p. 356.

<sup>156</sup> Ibid., p. 370.

<sup>157</sup> A situação política e econômica do RS neste período — a relação de poder que as diferentes facções políticas gaúchas mantiveram com o Governo Federal, as transformações e a reorganização do setor produtivo agropastoril do Estado, assim como as principais medidas governamentais implementadas para tentar amenizar a crise (como, por exemplo, a política de fomento aos frigoríficos no Estado), bem como a posição e as formas de organização, tanto dos charqueadores como dos criadores — pode ser encontrada em maiores

Nos anos 30, Pelotas já não ocupava mais a mesma posição de destaque na economia estadual, posição que ocupou no início do século, no auge da indústria do charque. Impulsionada pelas novas contingências, a economia pelotense diversificou-se. Apesar de encontrar-se economicamente em desvantagem em relação a outras regiões emergentes no Estado — como era o caso da Serra e do Planalto — Pelotas continuava sendo uma cidade pólo da Zona Sul do Estado, um local para onde migravam os moradores da região em busca de trabalho e melhores condições de vida. De acordo com Sidney Vieira, em 1900 a população de Pelotas era de 43.881 e, no período entre 1911 e 1940, passou de 62.701 para 104.533.<sup>158</sup>

Beatriz Loner, ao se referir à situação em que se encontravam Pelotas e Rio Grande nos anos 30, assinala que “as duas cidades percorreram uma trajetória de decadência em termos industrial, estando em profunda crise econômica, motivada tanto por fatores externos quanto internos.” Mas, salienta a autora, ambas continuavam “mantendo uma determinada configuração de bens e serviços, suficientemente importante para colocá-las em posição de destaque dentro do Estado Gaúcho.”<sup>159</sup>

Além do papel significativo que a cidade continuava a desempenhar dentro de uma economia regional que se metamorfoseava, Sidney Vieira chama a atenção para outras marcas do progresso e da modernidade já presentes na Pelotas dos anos 30. Ao descrever sua localização geográfica, os meio de transporte urbano e as vias de ligação que a cidade possuía com o resto do Estado, o autor destaca que “as estradas federais que cortam Pelotas trazem a ligação com o resto do Estado, assim como as vias estaduais, que constituíram um

---

detalhes em: PESAVENTO, Sandra, J. **RS: A economia & o poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

<sup>158</sup> ROSA e CRUZ apud VIEIRA, Sydney G. **A fragmentação social do espaço urbano: uma análise da (re) produção do espaço urbano em Pelotas, RS**. UFRGS, Porto Alegre, 1997, p.127. (Dissertação de Mestrado).

<sup>159</sup> LONER, Beatriz, A. **Classe operária: Mobilização e organização em Pelotas e Rio Grande: 1888 – 1937**, UFRGS, Porto Alegre, 1999. (Tese de Doutorado).

importante fator de definição da configuração da malha urbana da cidade.”<sup>160</sup> Dentre as questões urbanas, ele assinala o uso que a cidade tradicionalmente fez do sistema de bondes, primeiro de tração animal (1873) e depois os elétricos (1915).

Tanto nas metrópoles maiores como nas cidades menores, onde as populações já respiravam os ares do ethos moderno, o esporte, com seus códigos e valores que ressaltam a competição, o exercício corpóreo e a velocidade, somados a outras novidades urbanas como o cinema e o carnaval, vinham tornando-se os passatempos favoritos, atuando como catalisadores do ideário coletivo, dos desejos e das aspirações de lazeres modernos de uma população que apostava na cidade para viver melhor.<sup>161</sup>

### 3. 2 - Futebol urbano

Nos anos 20 e 30 as práticas do futebol já haviam extrapolado de modo significativo as amarras ideológicas e estruturais que o condicionavam a ser apenas um costume distintivo das elites, como fora no início do século, mesmo não estando imune às ideologias predominantes na época, como o higienismo e o nacionalismo. (Para muitos higienistas, o futebol logo deixaria de ser visto como um aliado estratégico promissor e passaria a ser tratado muito mais como um problema que precisaria ser controlado, vigiado e disciplinado.)<sup>162</sup>

---

<sup>160</sup>VIEIRA, Sydney. op. cit, 1997, p. 128.

<sup>161</sup>Beatriz Loner, ao se referir às “entidades recreativas e musicais” existentes em Pelotas, nos anos 30, chama a atenção para o papel cultural sociabilizador significativo desempenhado pelas entidades carnavalescas, tanto pelos “ blocos informais” com durações efêmeras, quanto pelas associações mais organizadas e duradouras, que eram os clubes carnavalescos. Durante sua pesquisa, a autora registrou a existência, nessa década, de “cerca de 70 associações carnavalescas na cidade de Pelotas”, número que não incluiu “os blocos surgidos dentro de outras associações”. (LONER, Beatriz, op. cit. 1999, p. 407.)

<sup>162</sup> Tanto o higienismo como o nacionalismo foram dois discursos marcantes no contexto cultural brasileiro dos anos 30 e 40 e estabeleceram vínculos orgânicos com as práticas futebolísticas. Para uma leitura mais detalhada dessas interlocuções, ver. (PEREIRA, Leonardo. op. cit 1998. e NEGREIRO, Plínio. **A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. PUC-SP, 1998. Tese de Doutorado). Sobre a relação do futebol com os discursos nacionalistas para além dos anos 30, ver também o trabalho de Fátima Antunes em que a autora analisa as crônicas de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. (ANTUNES, Fátima:

Ao se tornar acessível a diferentes classes sociais, o futebol não só incorporou como se tornou, ele próprio, um emblema, um símbolo de um novo estilo de vida urbano que começava a marcar, principalmente nas médias e grandes cidades brasileiras, o ‘estilo esportivo’. A partir daquele momento, como afirma Plínio Negreiro,<sup>163</sup> não era mais possível dissociar o futebol da história de São Paulo, nem da memória de muitas outras pequenas e médias cidades do País, da qual ele se tornou parte.

Por ser uma prática imprevisível, de difícil controle social e com alta capacidade para adaptar-se às situações adversas, logo o futebol começou a ser jogado em locais improvisados por sujeitos nem sempre fiéis ao padrão social mais indicado. Isso fez com que muitos daqueles que até bem pouco tempo o exaltavam como atividade nobre, distinta, elegante e saudável passassem a desqualificá-lo:

Chovem queixas, reclamações e apelos do público e da redação contra os jogos improvisados de futebol, promovidos dentre os operários, pelas ruas e praças da cidade, em seus intervalos de almoço, e, principalmente, contra os ‘garotos’, ‘moleques’, ‘vadios’ e ‘vagabundos’, que se entregavam quase que o dia inteiro, por todos os cantos da cidade, nos terrenos baldios, ruas e esquinas, aos chutes e correrias atrás de bolas de pano e papel, couro ou simples tocos de madeiras.<sup>164</sup>

---

“Com Brasileiro, não há quem possa”: Crônicas de futebol e identidade nacional. USP, São Paulo, 1999. (Tese de Doutorado).

Particularmente quanto aos higienistas, que num primeiro momento foram favoráveis ao futebol, mas que logo mudaram de lado, Leonardo Pereira destaca a posição defendida pelo Dr. Álvaro Reis, que “em sua tese defendida na Bahia em 1904” alertava que o futebol “só seria benéfico para a ‘mocidade mais preparada’”. Complementando, pregava que, quando praticada em locais impróprios “a cultura física não poderia ‘chamar-se cultura da saúde do corpo, mas sim, da ruína do corpo.’” (PEREIRA, Leonardo. op. cit. 1998. p. 57.) Quanto ao discurso higienista de modo geral, suas intenções, suas táticas de intervenções e seus vínculos com as práticas corporais, ver ainda: (SOARES, Carmem, L. **Educação Física — Raízes européias e Brasil**. Campinas, SP, Autores Associados, 1994 . RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar — A utopia da cidade disciplinar — Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.)

<sup>163</sup> NEGREIROS, Plínio. op. cit. 1998, p. 124.

<sup>164</sup> SEVCENKO, Nicolau, op. cit. 1992, p. 61.

A trajetória do futebol em nosso país nunca foi consensual. Essa prática sempre foi alvo de discursos e julgamentos valorativos diferenciados. Nas primeiras décadas deste século as controvérsias deram-se dentro do espaço literário e estiveram centradas tanto no julgamento do seu valor cultural, quanto na sua maior ou menor probabilidade de difundir-se com sucesso. Simpáticos ao futebol e apostando na sua difusão, posicionaram-se autores como José Lins do Rego, Antônio Alcântara Machado e Fernando Azevedo. Do outro lado, denunciando o futebol da época como uma importação cultural, posicionavam-se autores como Lima Barreto e Graciliano Ramos. Este último, além de denunciar que aquele futebol era mais uma extravagância da importação cultural, apostava que ele não iria vingar, era apenas mais um entusiasmo passageiro que não encontraria ressonância cultural em nosso país. Em tom irônico, ele o definia como “um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês”.<sup>165</sup>

No final dos anos 20 e início dos anos 30, com o futebol já desfrutando de considerável inserção cultural, as divergências voltaram à tona, só que agora deslocadas mais para o campo moral, em que os discursos se concentram entre os favoráveis à profissionalização e os contrários a ela. Esses últimos, além de defenderem o amadorismo enquanto um princípio inquestionável, passaram a denunciar com considerável indignação tanto a proliferação descontrolada das práticas do futebol, como as primeiras experiências da profissionalização e do amadorismo marrom.<sup>166</sup>

---

<sup>165</sup> RAMOS, Graciliano, “Linhas Tortas”, p. 24 : In Ramos, R. (org). **A palavra é futebol**. São Paulo, Scipione, 1990. O reconhecimento do autor e a radicalidade do discurso contrário ao futebol fizeram de “Linhas Tortas” — publicada no início da década de 20 — uma crônica emblemática das polêmicas que o futebol suscitava naquele período entre os literatos. Para melhor visualizar esse momento e poder situar os diferentes discursos sobre o futebol dentro daquele contexto histórico, consultar: (ALFREDO, João: **Futebol Futeboleres: Uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920**. Unicamp, Campinas, 1996. (Dissertação de Mestrado). E, RAMOS, R. (Org.). **A Palavra é Futebol**. op. cit. 1990.)

<sup>166</sup> Sobre esse outro estado pelo qual passou o futebol, suas divergências, disputas internas e discursos predominantes, Plínio Negreiros destaca que em São Paulo, por exemplo, o debate profissionalismo versus amadorismo envolveu jogadores, dirigentes e também imprensa. O autor observa ainda que os adeptos do amadorismo, “que acreditavam nos esportes como um dos principais fatores de educação”, geralmente acusavam ser o profissionalismo um dos principais elementos responsáveis pela crise que passava o futebol brasileiro. NEGREIROS, Plínio. op. cit. p.122. Maiores detalhes desse momento histórico, consultar: (CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo, Ibrasa, 1990. E PEREIRA, Leonardo. op. cit. 1998. )

Mesmo considerando que os anos 30 lembram mais um período de crise do que de ascensão, tanto para o país como para Pelotas e região em particular, no que tange ao desenvolvimento específico das práticas futebolísticas, a situação mostrava-se outra.<sup>167</sup> As sobras de um período anterior, não muito distante, de uma certa opulência econômica e cultural, aliada ao fato de ter sido pioneira no processo de consolidação do futebol no Estado, bem como por desfrutar de uma posição geográfica estratégica, cercada por linhas ferroviárias e rodoviárias que facilitavam o intercâmbio com outras cidades, propiciaram ao futebol, ao menos temporariamente, a capacidade de ignorar o momento de descenso econômico pelo qual passava a cidade de Pelotas.

O crescimento que o futebol pelotense teve a partir dos anos 20 pode ser visto pelos resultados que ele conseguiu alcançar nesse período, consolidando assim a posição de destaque que já desfrutava desde o início do século, dentro do futebol gaúcho. Dos títulos alcançados pelos clubes da cidade, sobressai-se, dentre outros, os de Campeões Estaduais, conquistados pelo G. E. Brasil em 1919 (primeiro Campeonato Estadual), pelo E. C. Pelotas em 1930 e pelo 9º Regimento de Infantaria em 1935.

Em alguns momentos, o sucesso alcançado pelo futebol da cidade, que se mantinha vencedor mesmo em uma época de recessão, parecia servir de estratégia para se contrapor, resistir ou mesmo tentar afugentar a crise econômica que vinha se abatendo sobre Pelotas e região. Esse é o sentimento que parece transbordar, por exemplo, do depoimento de Seu Plácido, principalmente quando ele lembra e compara o futebol da Zona Sul com o da Serra, região em ascensão econômica na época e que hoje é também a segunda força no futebol estadual: “A Zona Sul mandava no futebol. . . . Por exemplo Caxias, que hoje se fala tanto, nem se falava em Caxias, era um saco de bordoadas. Se ia a Caxias pra fazer score.”<sup>168</sup>

---

<sup>167</sup> Um dos sinais anunciadores da crise econômica que começou a assolar Pelotas e região nos anos 30 foi o fechamento do Banco Pelotense. Fundado em 1906, teve sua falência decretada em 1931.

<sup>168</sup> Entrevista com José Plácido Nogueira, 1999.

Os títulos conquistados e os jogadores revelados pelo futebol pelotense naquela época — plagiando a metáfora usada por Paul Veyne — representam apenas a “ponta de um iceberg”, tendo em vista que também eles eram somente a superfície visível do estado de propagação e da presença das práticas do futebol perante o corpo social e a vida cultural das cidades naquele momento.

Além do campeonato citadino, promovido pela Liga Pelotense de Foot-Ball desde 1913 e que envolvia os maiores times de Pelotas, já nos anos 20 o futebol dava sinais de ter se alastrado e se consolidado perante um público bastante diversificado. Fortalecendo os indícios anunciados na década anterior, seus adeptos e simpatizantes multiplicaram-se e fundaram novos times, intercalando e cruzando critérios raciais, étnicos, geográficos e de classe.

O álbum comemorativo aos 100 anos da cidade, publicado em 1922, ao tratar do estado do futebol, registra que “presentemente, funciona na cidade de Pelotas nada menos de quatro ligas” assim nomeadas: “Liga Pelotense de Foot-ball, Liga Cassiano do Nascimento, Liga Acadêmica e Liga José do Patrocínio.”<sup>169</sup> Na seqüência, o texto apresentará o número de clubes e de times pertencentes a cada liga. Se contabilizados os primeiros, segundos e terceiros quadros dos diferentes clubes, totalizam sessenta e nove equipes.

Se o número anunciado acima é suficiente para indicar um considerável estado de organização, desenvolvimento e democratização do futebol pelotense já no início dos anos 20, cabe salientar que eles representam apenas o número de times vinculados às ligas, não abarcando toda a gama de equipes menores, muitas delas com duração efêmera, formadas por amigos, vizinhos, colegas de trabalho, etc.. Não sendo filiados a nenhuma liga ao longo dos anos 20 e 30, esses times menores multiplicavam-se pelas diferentes regiões da cidade e, através de jogos combinados e de torneios relâmpagos, organizados muitas vezes em campos improvisados ou emprestados, contribuíam para tornar o futebol conhecido e acessível a um público cada vez maior.

---

<sup>169</sup> Álbum da cidade de Pelotas, 1922, p. 52.

Beatriz Loner, nos anexos de sua tese de doutorado, na tabela 9, onde nomeia as entidades esportivas que encontrou citadas nos jornais de Pelotas entre 1900 e 1937, deixa claro a predominância das agremiações ligadas ao futebol e o crescimento que elas tiveram durante esse período. Se não se fizer diferença entre clubes de futebol, associações menores e times avulsos, a tabela apresentada pela autora, em termos aproximados, indica que entre 1900 e 1910 apareceram nomeadas nos jornais da cidade apenas dez agremiações esportivas voltadas para a prática do futebol. Já na década seguinte, entre 1910 e 1920, esse número aproxima-se dos sessenta e cinco. Na próxima década, entre 1920 e 1930, o número fica em torno de setenta e cinco, enquanto de 1930 a 1937 ele passa de noventa.<sup>170</sup>

A fim de ilustrar a diversidade que perpassava o processo de formação das equipes de futebol durante as quatro primeiras décadas deste século, apresento a seguir uma tabela feita a partir das informações contidas nos anexos da tese de Beatriz Loner (Tabela 9). Na confecção da tabela selecionei um conjunto de agremiações que fosse capaz de explicitar a diversidade do público e a pluralidade de vínculos que o futebol já era capaz de agenciar. Porém cabe, mais uma vez, ressaltar que os vínculos, os diferentes critérios de pertencimento, explicitados pelas várias agremiações, não eram absolutos e nem exclusivos e, com o passar dos anos, tenderam a tornar-se cada vez mais relativos.

---

<sup>170</sup> LONER, Beatriz, op. cit. 1999.

TABELA 01

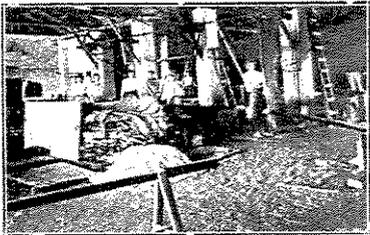
Algumas agremiações futebolísticas que aparecem citadas nos jornais da cidade nas quatro primeiras décadas e os principais vínculos que constituíram.

S. C. Aliança dos Operários	Operários
S. C. Democrata	Imigrantes
Foot Ball Club	Elite
C. S. Internacional	Elite
G. S. Guarany	Elite
S. C. União	Imigrantes
C. Atlético	Estudantes
S. C. América do Sul	Negros do Bairro Areal
G.S. Arealense.	Bairro Areal
G.S. Assis Brasil	Estudantes
G.S. Brasil	Funcionários da Cervejaria Haertel (em sua fundação, 1911)
Cruzeiro do Sul	Operários da Cervejaria Haertel
S. C. Guanabara	Jovens do Comércio
S. C. Juvenil	Negros
G.S. Ideal	Elite
S. C. Monte Bonito	Distrito de Monte Bonito
S. C. Monteiro Lopes	Negros
C. E. dos Operários	Operários
S. C. Paysandú	Classe média
S. C. Pelotas	Elite
G. P. Desportos	Portugueses do comércio
S. C. Rio Branco	Elite
Santa Tecla F. C.	Distrito de Capão do Leão

G. Acadêmico Tamandaré	Acad. de Odontologia e Direito
S. C. Tiro 31	Militares
Bico a Bico	Futebol avulso
S. C. Botafogo	Futebol avulso
G. Português de Desportos	Comerciantes Portugueses
G. S. Luzitanos	Negros
G. S. Ideal Infantil	Futebol Infantil
G. E. Democrata	Distrito de Capão do Leão
G. S. Bairro Dr. Simões Lopes	Bairro Simões Lopes
S. C. Universal	Negros
G. S. Ruy Barbosa	Funcionários da Alfândega
R. C. R. F. Club	Funcionários do Bromberg
Banco Inglês	Funcionários do Banco Inglês
G. S. União Democrata	Negros
G. S. Vencedor	Negros
S. C. Monteiro Lopes	Negros
Clube Atlético Bancário	Bancários
Grêmio 9º R. I.	Militares
S. C. 1º de Dezembro	Futebol avulso
G. D. Nacional	Futebol avulso
C. Melindroso	Futebol avulso
G. A. Vasco da Gama	Operários
G. S. Libanês	Sírios
S. C. Planalto	Bairro Areal
G. S. Polono – Brasileiro	Poloneses
São Pedro F. C.	Bairro Fragata
União F. C. Fragatense	Bairro Fragata
S. C. União Militar	Militares
S. C. Três Vendas	Bairro Três Vendas

## A INDÚSTRIA PELOTENSE NOS ANOS 30

CORTUME A VAPOR  
DE  
ZITZKE & SEUS



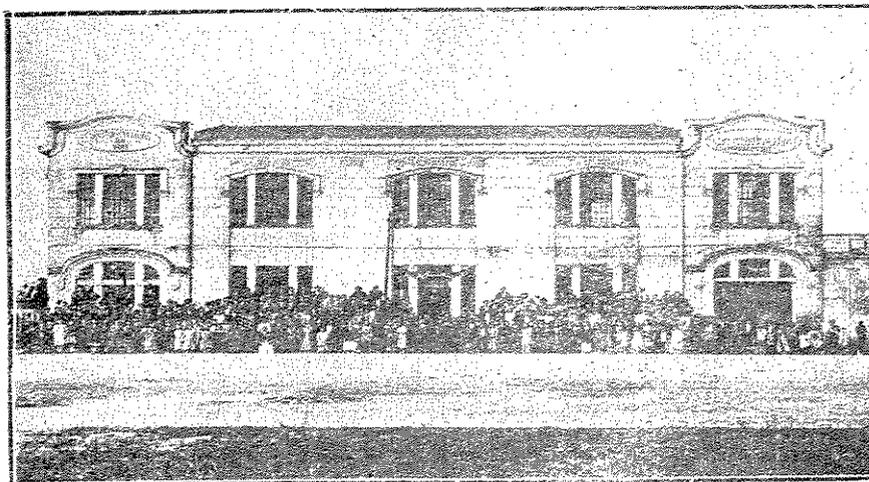
FORNECEM COUROS CORTIDOS E  
ENVERNIZADOS DE TÓDAS  
AS QUALIDADES



Rua Manduca Rodrigues ns. 073-075  
PELOTAS - ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

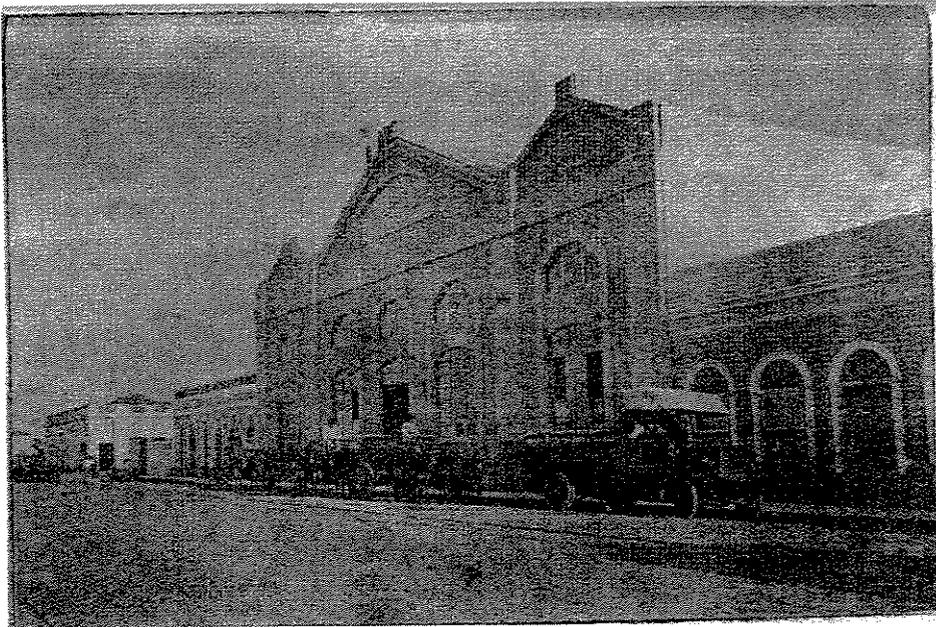
(Álbum da cidade de Pelotas, 1922, p. 133. Arquivos da Biblioteca Pública.)

## A INDUSTRIA DE PELOTAS



O moderno edificio da "Fabrica de Chapéus Pelotense".  
(Fonte: Revista Almanaque de Pelotas, 1932, p. 125.)

## CERVEJARIA HAERTEL



Vista dos fundos da Cervejaria Haertel, fábrica onde nasceu o G. E. Brasil em 1911. (Revista Almanaque de Pelotas, 1915, p. 219.)

### 3. 3 – O profissionalismo: um breve panorama geo-histórico

A instauração do profissionalismo dentro do Futebol Moderno, pelo papel decisivo que exerceu perante alguns desdobramentos sócio-históricos dessa prática cultural, pode ser considerada como um dos seus acontecimentos transversais de maior relevância. As controvérsias e as relações de poder que perpassaram sua emergência, implementação e consolidação extrapolam as fronteiras territoriais de nosso País e mesmo de nosso continente.<sup>171</sup>

No tocante às singularidades do futebol brasileiro, alguns estudos históricos podem ser considerados como marcos bibliográficos capazes de nos ajudar a conhecer um pouco mais sobre os embates, explícitos e de bastidores, provocados pelas iniciativas profissionalizantes pioneiras.<sup>172</sup>

Em sua maioria, esses estudos concentraram suas análises a partir de ilustrações empíricas procedentes do eixo Rio-São Paulo. Sem pretender desconsiderar o papel de vanguarda que esses dois estados representaram tanto no futebol como nos aspectos econômico-político-culturais de nosso país, optei por fazer aqui um deslocamento geográfico. Assim, minha análise, que irá ter como suporte empírico fontes escritas e fragmentos históricos retirados de depoimentos orais, terá como recorte territorial a experiência futebolística ocorrida na zona sul do estado do Rio Grande do Sul, mais exatamente a emergência e a instauração do profissionalismo dentro do futebol da cidade de Pelotas. Farei também referência a alguns

---

<sup>171</sup> A respeito de alguns acontecimentos que envolveram o processo de profissionalização do futebol francês, consultar: (WAHL, Alfred. *Le footballeur français: de l'amateurisme au salariat (1890-1926)*. *Le Mouvement Social*.nº 135, avril—juin 1986, pp. 7—30.)

<sup>172</sup> Dentre o significativo número de estudos históricos que tratam do futebol, a título ilustrativo cito o clássico de FILHO, Mário. op. cit. 1964, e o artigo O futebol no Brasil, de Anatol Rosenfeld. In: **Negro, Macumba e Futebol**. Perspectiva, Edusp; Edunicamp. SP. 1974. Quanto aos estudos mais recentes, ver, por exemplo, (PEREIRA, Leonardo. op. cit. 1998.)

acontecimentos relacionados à cidade de Rio Grande em função dos vínculos bastante orgânicos que sempre caracterizaram as práticas do futebol dessas duas cidades.

Além de portuárias, essas cidades eram, no início do século, pólos de referência para todo o Estado no âmbito econômico e no cultural. Situadas na região da fronteira, destacaram-se não só pelas charqueadas como pelas atividades ligadas à produção agro-pastoril de uma maneira geral, setor que foi responsável por forjar uma certa singularidade política, econômica e cultural ao Rio Grande do Sul.

Sendo essas duas cidades uma espécie de vanguarda também na organização e no incentivo das práticas do futebol no Estado, a trajetória das mesmas para consolidarem-se como centros futebolísticos na região — o que aconteceu por volta dos anos 30 e 40, concomitante com as iniciativas do profissionalismo —, parece ter peculiaridades significativas que as tornam, em alguns aspectos, semelhantes, e em outros, destoantes do processo ocorrido em centros urbanos maiores do país, como, por exemplo, Rio de Janeiro e São Paulo.<sup>173</sup>

### **3. 4 - Acontecimentos anunciadores do profissionalismo**

O ano de 1933, em função de uma reunião histórica ocorrida no Rio de Janeiro que contou também com a presença de convidados paulistas e que acabou por fundar a LCF (Liga Carioca de Futebol), costumava ser citado como o ano que marcou o início oficial da implementação do futebol profissional no Brasil.<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> Diferente do que ocorreu na maioria dos outros estados brasileiros, volto a lembrar que no Rio Grande do Sul a porta de entrada pioneira do futebol não foi a capital, Porto Alegre, mas a interiorana Rio Grande.

<sup>174</sup> Waldenyr Caldas, uma referência nos estudos que tratam da instauração do profissionalismo no futebol brasileiro, sinaliza a importância que teve essa reunião: “Ali seria tomada, certamente, a mais importante decisão sobre os destinos do futebol brasileiro em toda a sua história. De São Paulo, havia chegado um grupo bastante numeroso de jogadores, jornalistas e dirigentes favoráveis ao profissionalismo, dispostos a apoiar o grupo carioca pró-profissionalista. A rivalidade política, os desentendimentos dentro de campo e as brigas inúteis que tanto marcaram as relações esportivas entre paulistas e cariocas haviam sido esquecidas, pelo menos naquele momento.”(CALDAS, Waldenyr. op. cit. 1990. p. 211.)

Apesar de todo o significado que esse ano pode ter na historiografia das práticas futebolísticas em nosso país, convém atentar para os perigos de transformá-lo em uma espécie de marco representativo único desse processo, relegando a segundo plano os inúmeros microacontecimentos, portadores de pequenas disputas e diversas conquistas, ocorridas em tempo e espaço múltiplos, anteriores ou mesmo posteriores a 1933. Batalhas localizadas que prepararam o solo fazendo com que nele germinasse uma certa cultura capaz de propiciar a proveniência e a sustentação social do movimento pró-profissionalismo.

Como um exemplo dos vários episódios que antecederam a reunião de 1933, destaco a vitória do Vasco da Gama no Campeonato Estadual de 1923. Com uma equipe formada por mulatos e mestiços, lançando mão de gratificações econômicas, o Vasco, campeão carioca daquele ano, entrou para a história de forma singular, não apenas por ter ganho o título, mas também por mexer com os valores morais amadores e racistas que ainda predominavam no futebol do Rio de Janeiro.<sup>175</sup>

Assim como o episódio que envolveu o Vasco da Gama — que se tornou um marco de nossa cultura futebolística —, é bem provável que vários acontecimentos menores, quase desconhecidos, que não referendavam o ideário do amadorismo, tenham ocorrido em diferentes regiões do País. Na zona sul do Estado, mais propriamente nas cidades de Rio Grande e Pelotas, já nas duas primeiras décadas do século era possível encontrar nos jornais da época registros que mostram uma tendência à profissionalização do futebol da região. Exemplo disso é a decisão tomada pelo S. C. Rio Grande, em 1912, de contratar um instrutor inglês para preparar sua equipe daquele ano.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> Para maiores detalhes sobre a vitória do Vasco da Gama em 1923 e as conseqüências dela para o futebol brasileiro, consultar: FILHO, Mário. op. cit. 1964.

<sup>176</sup> A contratação do instrutor inglês Charles Williams, pelo S. C. Rio Grande, pela considerável soma de sete contos de réis foi uma das sensações do futebol da região no ano de 1912. “A vinda de um instructor ínglez contractado por quantia elevada animou os foot-ballers Rio Grandenses, que vinham fazendo excellent training diario, há mais de seis meses”. (Jornal Diário Popular, 04/06/1912.)

Além das polêmicas que propiciou e apesar de ainda não ter sido a contratação de um jogador, essa atitude serve para ilustrar o nível de seriedade que os principais clubes da região estavam atribuindo à prática do futebol, seriedade indicadora da presença de treinos, de preparação e de planejamento anterior ao início da temporada, que implicava a realização de jogos municipais e intermunicipais. Todos esses preparativos revelavam, também, que começava a aflorar, nas principais equipes, uma eminente vontade de vencer para ver qual iria estabelecer-se como a referência maior do futebol da região.

No que tange aos vestígios de profissionalização de jogadores, eles tendiam a ser ofuscados pelo culto aristocrático do amadorismo<sup>177</sup> predominante no futebol daquela época, semelhante ao que acontecia em outras localidades. Mesmo assim, foi possível identificar alguns sinais de sua emergência na região sul, principalmente quando atentamos para alguns pormenores de episódios ocorridos com jogadores. Como pode ter sido o caso que envolveu o goleiro paulista Tufy, que atuou pelo E. C. Pelotas em 1919.

Naquele ano o Campeonato Citadino Pelotense já estava em sua sétima edição e o Grêmio Esportivo Brasil era tricampeão (havia vencido os três certames anteriores). Para tentar acabar com a série de derrotas que vinha sofrendo, após ter sido derrotado pelo Brasil por 4 X 0 no primeiro Bra-Pel do ano, o Pelotas anunciou como novo reforço de seu time ninguém menos que o arqueiro paulista Tufy, goleiro reconhecido nacionalmente.

A presença de Tufy — posteriormente considerado um dos melhores goleiros do País — no elenco do E. C. Pelotas daquele ano foi lembrada por alguns dos nossos depoentes também como sinal do prestígio e da grandeza que o futebol da cidade desfrutava na época. Mas,

---

<sup>177</sup>Incisivo na crítica ao culto do amadorismo, Bourdieu denuncia: “Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes.”1983 p.140. Essa postura do autor perante o discurso do amadorismo e da arte desinteressada aparece inserida no texto “Como é possível ser esportivo?” Nesse artigo o autor procura mostrar o interesse na distinção social que tende a acompanhar a exaltação do caráter nobre de determinadas práticas corporais e a desqualificação de outras — amadorismo diante do profissionalismo. (Bourdieu, P. Como é possível ser esportivo?. In: **Questões de Sociologia**. Editora Marco Zero, RJ. 1983.) Sobre outras reflexões deste autor quanto às práticas esportivas modernas, destacamos: (BOUDIEU, Pierre. *Deporte y classe Social*. In: **Materiales de sociologia del deporte**. Barbedo, J. I. (org.). Madrid, España, La Piqueta. s. d. )

apesar da importância que a estada desse goleiro deixou na recordação do futebol da cidade, esparsos são os indícios capazes de tornar mais claros os meios, profissionais ou não, que tornaram possível a vinda de um jogador paulista para atuar, apenas em 1919, por uma equipe do interior do Rio Grande do Sul.

Durante a entrevista, Seu Alcides de Moraes, um dos que espontaneamente se referiu à presença de Tufy, salientou que “o Pelotas, de um modo geral, tinha tradição de trazer jogadores. Em 1919, o Pelotas tinha o melhor goleiro do Brasil. Naquela época era o Tufy, veio parar aqui”. Na seqüência do depoimento, após Seu Alcides lembrar outros jogadores que também vieram de fora para atuar na equipe do Pelotas, indaguei a ele como isso acontecia. Perguntei se eles já eram contratados. Um pouco duvidoso e pensativo, ele respondeu: “pois é, acho que contratavam. Segundo me consta, nessa época cada pessoa abastada do Pelotas tinha o seu jogador, era por conta dele. O Dr. Mário Magalhães, os Osório, os Mascarenhas, Jorge Mascarenhas, essa turma toda.”<sup>178</sup>

Indícios empíricos como esses anunciam a presença do germe do profissionalismo em diferentes regiões do País, bem antes de 1933, inclusive em locais pouco estudados e não somente no Rio de Janeiro, São Paulo ou outros grandes centros.

Outros rastros empíricos nessa mesma delimitação geográfica, agora posteriores à oficialização do profissionalismo, são também importantes, por sua vez, por apontarem como as decisões legais não têm um efeito imediato, similar para todo o território nacional. Mesmo se ao invés de 1933 tomarmos como referência 1937, ano em que a Confederação Brasileira de Futebol assumiu e referendou a existência do futebol profissional no país, os depoimentos que me foram concedidos indicaram que no futebol pelotense o profissionalismo regulamentado só veio a se tornar predominante bem mais tarde. Vejamos, por exemplo, o que disse sobre sua situação particular nosso depoente: “Bom, eu tinha uma ajuda de custo do Pelotas, morava no pavilhão, tinha um quarto e o restaurante, a alimentação eles patrocinavam. Nunca tive luvas. Agora, o que acontecia é que se ganhava presentes dos torcedores”. Apesar de ter começado a jogar em 1936, podemos perceber que

---

<sup>178</sup> Entrevista com Seu Alcides Carlos de Moraes, 1999.

a carreira de goleiro de Seu Alcides esteve marcada muito mais por práticas do amadorismo marrom do que propriamente por vínculos e cobranças que caracterizam o profissionalismo.

Se a experiência de Seu Alcides ilustra singularmente o futebol de uma época e de um determinado lugar, ela não era única, como ele mesmo salientou: “Tinha o Pardal, o Manhones, o Buquelli, o Carlos Rodrigues. Esses aí eram só jogadores. [Viviam exclusivamente do futebol, não trabalhavam.] E tinha outros que não ganhavam nada, nem ajuda de custo, como o Chico Azevedo e o Tutu. E outros, que eram Marrom, como o meu caso.”<sup>179</sup>

O depoimento de outro ex-jogador traz contribuições referentes aos primeiros vínculos profissionais assinados pelos jogadores na região. Seu Plínio contou que a primeira vez que ele estabeleceu vínculos profissionais com um time foi em 1937. De acordo com suas lembranças, isso aconteceu após ter sido convidado pelo treinador, Correia, para treinar junto à equipe do Americano de Rio Grande. Depois do treino, seu Correia o apresentou ao presidente do Clube, Sr. Diamantino Figueiredo, para que ele o convencesse a assinar ficha para jogar o campeonato da cidade daquele ano pelo Americano:

Esse Diamantino Figueiredo era proprietário de uma vidraçaria, uma grande vidraçaria que tinha lá. Aí ele disse ‘Olha, seu Diamantino, esse é o homem, ele não quer assinar a ficha conosco’. Aí o português disse ‘mas por que tu não quer assinar rapaz, eu ia te dar quinhentos mil réis pra assinar essa ficha’. . . . Aí eu disse: ‘Mas espera um pouquinho, eu nunca tinha visto quinhentos mil réis na minha vida.’ E ele dizia ‘Assina aí que eu vou te dar quinhentos mil réis’. Eu disse ‘Tá, eu vou assinar. . .’. E assinei. Era umas fichinhas pequenas Não era contrato ainda, não era contrato, e eu assinei por um ano.<sup>180</sup>

A presença de um certo amadorismo marrom mesclado ao profissionalismo fabril era outra característica forte do futebol daquela região. Os elos da tríade fábrica, operário/jogador, time de futebol, reforçam-se de diversas maneiras. Eles apareciam tanto na forma como

---

<sup>179</sup> Ibid.

<sup>180</sup> Entrevista com Seu Plínio Castro Mello, 1999.

explicita o depoimento de Seu Plínio, no qual os proprietários de fábricas ajudavam a pagar os jogadores para atuar em uma certa equipe, como através das propostas de emprego para os jogadores. “Lá no Anglo eu peguei porque eu jogava futebol.”<sup>181</sup>

Esses senhores de posses, que exerciam influência sobre a economia da região, mantinham relações diretas e indiretas com o futebol. Junto com seus auxiliares, atuavam como uma espécie de olheiros do futebol, garimpando jogadores em início de carreira nos times menores: “Então tinha um time na Várzea [uma zona da cidade de Pelotas], no Areal, nas Três Vendas, no Fragata, qualquer setor da cidade. Eles cuidavam os melhores jogadores e chegavam: não quer trabalhar numa firma?”<sup>182</sup>

Posterior à contratação, a maneira como o sujeito iria administrar seu tempo para que fosse possível trabalhar e jogar, diferenciava-se de um momento histórico para o outro, pelas particularidades de cada equipe e definia-se considerando a forma como essas programavam o horário, as sessões de treinos semanais, os preparativos de vésperas das partidas, as concentrações para os jogos. Naquela época, décadas de 30 e 40, bastavam alguns anos para se detectarem alterações históricas significativas dentro do futebol.<sup>183</sup>

---

<sup>181</sup> O Anglo a que Seu Chambão refere-se é o Frigorífico Anglo, situado na cidade de Pelotas. Durante muitos anos esse frigorífico foi uma significativa fonte de emprego da cidade. Além das tradicionais disputas internas, dos conhecidos torneios entre sessões, o frigorífico mantinha relações com o futebol da cidade através de seus trabalhadores que jogavam nas equipes maiores, como o G. E. Brasil e, especialmente, o Fiategi, time que, como ilustra o depoimento de Seu Chambão, aglutinava trabalhadores de diversas firmas: “Uns trabalhavam na Fabrica de Tecido, . . . tinha os do Anglo, tinha uns que trabalhavam no abatedouro das Charqueadas, e outros que trabalhavam em outras firmas, nos Engenhos . . . .”

<sup>182</sup> Entrevista com Seu Negrito, 1999.

<sup>183</sup> Comparando dois depoimentos de diferentes momentos históricos, podemos visualizar mudanças estruturais referentes ao condicionamento físico, aos treinos e às concentrações. Se nos anos 30, de um modo geral, eles estão ainda embrionários, nos anos 40 já aparecem com intensidade, como mostram os depoimentos a seguir de Seu Alcides e Seu Plínio, respectivamente: “treinava só terça e quinta-feira, tanto que naquele tempo o segundo tempo era muito moroso, todo mundo cansava,[risos], não era como é hoje . . . Se começou a fazer ginástica quando o Pelotas contratou o Cabelli, uruguaio que foi treinador do Fluminense do RJ. Ele começou essa fase aqui em 37, 38 ou talvez 40.” Sobre os anos 40, Seu Plínio foi mais minucioso. Ele contou que, quando jogou no G. S. Brasil, “o preparo físico que tem no Palmeiras era o preparo físico que tinha no Brasil.” Lembrando detalhes dos locais e dos métodos utilizados, acrescentou: “Como nós concentrávamos do outro lado da barca, ‘acho que não tinha ponte, era uma balsa que atravessava ali’, nós saíamos da casa do velho Sussa Farias e corríamos até aquela primeira ponte que vai para Rio Grande, íamos e voltávamos e ficávamos duas horas fazendo física e dando pique. Segundas, quartas e sextas.”

Essas mudanças ocorriam também nas parcerias que o futebol estabelecia com fábricas, lojas comerciais da cidade e com outros possíveis “patrocinadores”.

Quando a equipe pertencia à própria fábrica, normalmente já era previsto um horário de treino comum para os seus operários-jogadores. Isso acontecia com mais frequência quando elas disputavam jogos amistosos ou campeonatos entre firmas. Quando o jogador atuava por uma equipe que não era da fábrica, mas com a qual essa mantinha alguma parceria, usava-se de certas artimanhas, estratégias discretas, a fim de liberar o jogador para os treinos e jogos, procurando não causar alarde nem inveja entre seus colegas de trabalho.

Eu trabalhava até as duas e meia. Aí a secretária dizia assim: ‘olha, tu vais no banco, entendeste? Então de lá, se der, tu vens! Já era tudo combinado. ‘Se não der, tu vais pra casa e vem no outro dia’. Então eu ia treinar.<sup>184</sup>

Meu chefe, o senhor Vilson, era Brasil doente. Então às 4 horas ele deixava sair. A gente desmarcava o cartão e já tinha um carro me esperando ali e levava pro treino.<sup>185</sup>

Somados a esse profissionalismo fabril, a renda que provinha da cobrança de ingressos — efetuada na cidade, no mínimo, desde de 1919<sup>186</sup> —, e o dinheiro arrecadado pelas mensalidades dos sócios e pelos eventos sociais promovidos, havia também o apoio financeiro conseguido pelos clubes da cidade junto à sociedade civil, na qual se destacavam as contribuições feitas por determinados cidadãos que desfrutavam de razoável situação

---

<sup>184</sup> Entrevista com Seu Negrito, 1999.

<sup>185</sup> Entrevista com Seu Chambão, 1999.

<sup>186</sup> A cobrança de ingressos pode ser apontada como um dos fatores que impulsionaram a profissionalização, principalmente depois que alguns jogadores começaram a questionar o destino do dinheiro arrecadado nos ingressos. Sobre esse assunto, Caldas destaca que inicialmente “enquanto as arrecadações nos estádios aumentavam e enriqueciam ainda mais as agremiações, os jogadores permaneciam na mesma situação de explorados e sem nenhum direito” (CALDAS, Waldeny. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. In: **Dossiê Futebol**. Revista USP, nº 22, São Paulo, 1994. p. 44.) No caso específico do futebol pelotense, através de registros de jornais, foi possível identificar a existência de cobrança de ingressos já em 1919, pelo menos nas partidas do campeonato citadino promovido pela Liga Pelotense, como ilustra o fragmento de jornal no final deste item.

econômica. Seu Plácido contou-me algumas das estratégias utilizadas pelo Farroupilha para se manter:

Olha, nós chegamos a ter dois mil sócios, todos fichados direitinho, pagando mensalidade. Naquele tempo, 2 mil réis, 3 mil réis, até 42 mil réis, né. E tinha uma série de comerciantes fortes que davam uma mão pros clubes. . . .Tinha outro, o Joaquim, que me chamava de patrão, era um português grande, tinha muito dinheiro, era Pelotas doente, mas todos os anos ele me dava uns dois contos de réis. Dois contos de réis era dinheiro.<sup>187</sup>

Para capturar a riqueza de estratégias que caracterizou esse momento do nosso futebol com singularidades, não apenas de uma cidade para outra, de um clube para o outro, mas, inclusive, no elenco de um mesmo time, convém atentar para a complexidade do período concebido pela instauração do futebol profissional em nosso país, portador de rupturas, mas também de continuidades. Um momento de transição, que condicionou a profissionalização a concretizar-se não tanto por decretos legais, mas muito mais a partir dos embates locais que aconteceram vinculados às contingências próprias das diferentes realidades socioculturais<sup>188</sup>.

No caso do futebol pelotense, arriscaria assinalar enquanto uma de suas particularidades, no tocante ao profissionalismo, o vínculo fortemente orgânico que ele sinaliza ter instituído com o amadorismo marrom por um período, provavelmente bem maior do que aquele que caracterizou as maiores equipes de cidades como Rio de Janeiro, São Paulo ou mesmo Porto Alegre (locais onde a profissionalização do futebol foi assumida anteriormente). Durante o trabalho de investigação, foi possível detectar vestígios do amadorismo marrom

---

<sup>187</sup> Entrevista com Seu Plácido Nogueira, 1999.

<sup>188</sup> Subsidiados em dados empíricos específicos das diferentes regiões do País, os estudos mais recentes da historiografia do futebol brasileiro vêm se caracterizando por não se utilizarem de fases nem etapas estanques, construídas a partir de datas e episódios legais para falar da trajetória de nosso futebol. Plínio Negreiros, por exemplo, ao investigar a instauração do profissionalismo no futebol paulistano, destaca que: “torna-se muito complicado definir o exato momento em que a experiência profissional, mesmo ilegal, tornava-se dominante. . . . desde meados da década de 10, essas duas relações perante o futebol coexistiram, ora em equilíbrio, e com a aproximação do anos 30, com o domínio dos defensores e praticantes do profissionalismo.” (NEGREIROS, Plínio. J. L. op. cit. 1998. p. 53.)

bastante anteriores aos anos 20 (vinda de jogadores e treinadores de outras localidades, implementação de cobrança de ingressos), estendendo-se até meados dos anos 40, período em que os clubes da região continuavam a expressar publicamente suas condições de clubes amadores e não profissionais. As recordações de Seu Plácido ressaltam que os jogadores somente “mais tarde, em 43, 44, por ali começaram a ganhar, mas ganhavam quando muito um salário mínimo.”<sup>189</sup>

Seu Plácido ainda comentou que um dos fatores que mais contribuiu para o profissionalismo firmar-se em Pelotas e no resto do Estado foi a diminuição do isolamento regional e a alteração no tipo de disputas: elas deixaram de ser regionais para, cada vez mais, tornarem-se estaduais. Instalou-se um enfrentamento entre o futebol do interior e o da Capital. Para diminuir o êxodo dos melhores jogadores da região para Porto Alegre ou outras cidades, onde o profissionalismo já estava em um estágio mais avançado, os clubes do interior viram-se obrigados a abandonar o amadorismo marrom e passar a propor melhores contratos, também profissionais, para os seus principais jogadores.

Sobre esse considerável período, no qual parece ter vigorado uma delimitação bastante tênue entre amadorismo puro, amadorismo marrom e profissionalismo, outro depoente, dessa vez um dirigente de clube, tentou mapear a situação com as seguintes recordações:

O que chamavam de profissionalismo marrom aconteceu muito antes aqui em Pelotas. O E. C. Pelotas importava jogadores: os dois irmãos Bertoni (eu não conhecia mas ouvi muito falar), Tufy, o goleiro, o Beto, que era um castelhano que eu conheci já velho, meio esclerosado . . . . Depois, lá pela década de 30, acho que até um pouco antes, começou que o clube conseguia emprego, dava uma muda de roupa, davam isso, davam mais aquilo. . . . A partir do ano de 1940, tenho a impressão, é que foi definitivamente implantado o profissionalismo<sup>190</sup>

---

<sup>189</sup> Entrevista com Seu Plácido Nogueira.

<sup>190</sup> Entrevista com Seu Clóvis Russomano.

## VESTÍGIOS DO PROFISSIONALISMO

As grandes partidas do campeonato

**G. S. Brazil,** campeão local

**VERSUS**

**S. C. Pelotas**

**DOMINGO -- 1º de Junho -- DOMINGO**

**No campo do G. S. BRAZIL.**

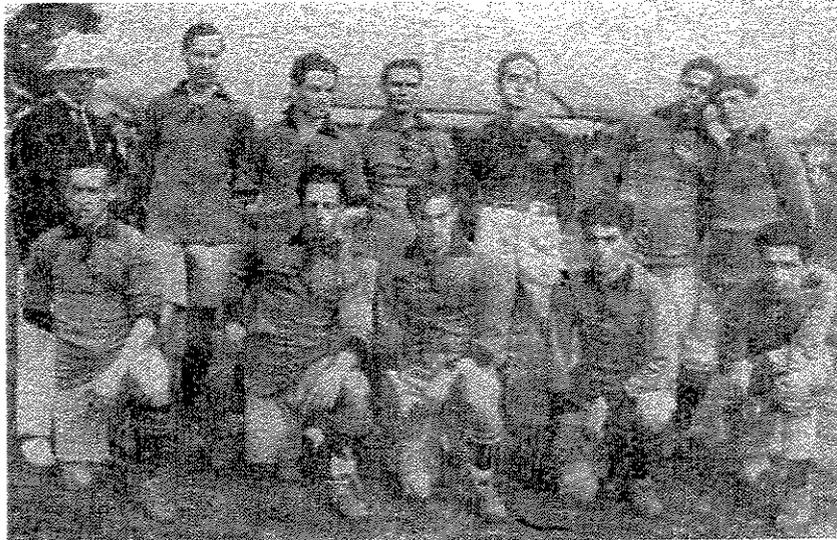
Camarotes	15.000
Entradas para o Pavilhão	8.000
Entradas gerais	2.000
Meias entradas	1.000

NOTA—Só terão entrada gratuita, além dos seus pais, umas respectivas famílias e as crianças menores de 10 anos.

Os camarotes acham-se desde já à venda na "A Miscellanea", à rua 15 de Novembro 615.  
N. 7781

3-2

(Fonte: Jornal O Rebate, Pelotas, RS. 30/05/ 1919.)



Uma das constituições do E. C. Pelotas de 1919. Da esquerda para a direita, em pé: Roberto Stephan, Itálo, Quincas, Tufy, Miranda e Varela; agachados, na mesma ordem: Vinholes, Pereira, Cabeli, Beto e Floriano Dias. (Revista dos Esporte, Ano VII, nº 103, 1958, p. 18.)

### 3. 5 - Posturas imorais e acirramento nas competições: democratização do futebol

É como entretenimento, competentemente administrado para dar lucros e bons shows, como o esporte profissional nos Estados Unidos, que o futebol tem futuro. Mas preferimos a idéia do futebol como um comprometimento diferente, ainda regido pelas nossas ilusões juvenis, que inclui alguns preconceitos sobre a conduta do jogador e sua relação com o clube. Nada mais profundo e sério — e intolerante — do que ilusões juvenis.<sup>191</sup>

Além das singularidades geo-históricas apontadas ao longo do texto, julgo interessante assinalar também alguns vínculos que se estabeleciam entre os acontecimentos propulsores do profissionalismo e o tipo de competição vigente nas práticas do futebol. De um modo geral, havia uma certa correlação entre o aguçamento das competições e a aparição do futebol profissional. Quanto mais se acirravam as disputas entre as equipes rivais de cada cidade ou região, mais essas se viam obrigadas a recorrer à práticas semiprofissionais. Em Rio Grande e Pelotas, por exemplo, os sinais mais evidentes do amadorismo marrom envolvendo “pagamentos” e “contratações” de jogadores e/ou de treinadores vão aparecer justamente após ter início, nessas duas cidades, seus respectivos Campeonatos Citadinos.<sup>192</sup>

À medida que esse tipo de competição (Campeonato da Cidade) ia se consolidando, deixavam-se cada vez mais para trás os jogos festivos, as viagens a passeio, as partidas de exibições — jogos que caracterizaram os primeiros anos do futebol na região e que ocorriam entre duas equipes de uma mesma agremiação, ou entre times “coirmãos”, portadores de afinidades socioculturais.

---

<sup>191</sup>VERISSIMO, Luiz. F. Edmundo, Sim ou Não? In: **A eterna privação do zagueiro absoluto**. Porto Alegre, Objetiva Ltda, 1999. p. 50.

<sup>192</sup>Em Pelotas, o campeonato da “Liga Pelotense de Foot-Ball” tem sua primeira edição em 1913, envolvendo E. C. Pelotas, S. C. União, S. C. Rio Branco, G. S. Guarany e G. S. Brasil. Em Rio Grande, em 1912, ocorre o primeiro campeonato promovido pela “Liga de Foot-Ball de Rio Grande”, com a participação das seguintes equipes: “S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo, S. C. Fábrica Túlio, F. C. Riograndense, Leal Santos F. C., S. C. União Fabril, S. C. União Democrata e S. C. Internacional.” (ALVES, Eliseu op. cit. 1984.)

Concomitante a essa metamorfose, nota-se um aumento de interesse das equipes em vencer a competição em que se envolviam. Com a expectativa pública da vitória crescendo de jogo para jogo, cada clube começou a utilizar-se das estratégias mais eficazes de que dispunha, agora não mais para fazer demonstrações, mas sim para vencer, mesmo que para isso fosse necessário abandonar, ou pelo menos burlar, alguns dos principais valores e princípios do futebol daquela época, como foi o caso do amadorismo puro.

Talvez se possa identificar na intensificação da vontade de vencer alguma explicação para o fato de que vários clubes, pioneiros na implementação do amadorismo marrom e do próprio profissionalismo, serem, na época, representativos das elites das suas cidades. Esse foi o papel desempenhado, por exemplo, pelo Fluminense, no Rio de Janeiro, pelo E. C. Pelotas, em Pelotas, e pelo S. C. Rio Grande, em Rio Grande.

Apesar de vários autores terem denunciado a dimensão aristocrática e elitista intrínseca aos discursos que lamentam o fim do amadorismo, volta e meia os vemos reaparecerem na imprensa esportiva e no próprio meio acadêmico, acompanhados de jargões do tipo: “na época do amadorismo os atletas tinham mais amor à camiseta, não havia violência, nem cartolas”. Esse tipo de discurso, que não vai além de um saudosismo romântico, tende a idealizar um futebol amador que nunca existiu. Durante os depoimentos que coletei, se algum fragmento de discurso saudosista em prol do amadorismo pôde ser identificado, sem dúvida ele partiu de algum dirigente, e não de jogadores. Esses, pelo contrário, sempre mostraram um certo orgulho em contar os parcos benefícios econômicos que conseguiram com o futebol, na época em que jogaram.

Vários ex-jogadores, em seus depoimentos, além dos contratos, empregos e outras formas de gratificações que conseguiram com o futebol, fizeram referência também às pequenas quantias que ganhavam de forma esporádica atuando pelas equipes menores da cidade e da região. Seu Chambão, por exemplo, enquanto recordava as inúmeras equipes pelas quais passou, lembrou que, em um determinado ano, chegou a jogar em São Lourenço pelo

Grêmio Lorenciano e contou que “eles pagavam a passagem, o almoço e davam um trocadinho também, e aí a gente vinha no outro dia.”<sup>193</sup>

Pequenas contribuições econômicas como essa, muito mais que um episódio qualquer na vida de um jogador como Seu Chambão, trazem consigo as marcas de uma época do futebol. Vejamos este outro exemplo:

Garoto, tome aqui esse dinheiro para pegar sua condução. Assustado e surpreso, pegou o dinheiro e percebeu que ali havia 5 mil réis. Era muito dinheiro e a única coisa a fazer era aproveitar aquele momento de felicidade. . . . Quando Léo já estava a alguns metros de distância, ouviu o homem gritar: ‘Garoto, semana que vem quero você de novo aqui para treinar.’<sup>194</sup>

A passagem acima bem poderia estar ilustrando algum episódio ocorrido na vida de Seu Chambão ou de um outro colega seu. Mas não, o garoto Léo a que ela faz referência, que olha assustado e sai feliz com os 5 mil réis, era Leônidas da Silva, o Diamante Negro, um dos maiores jogadores do nosso futebol.

Além da contemporaneidade que aproxima Leônidas e Chambão, seus depoimentos também podem ser indicativos da posição assumida por muitos jogadores brasileiros, principalmente aqueles de procedência social menos privilegiada, mais ou menos famosos, em diferentes regiões do país, diante da possibilidade concreta de tornarem-se profissionais do futebol.

Aliás, Leônidas, por ser pobre e negro, conquistou o seu espaço enfrentando os preconceitos sócio-raciais presentes no futebol sem se deixar seduzir pelos apelos morais que partiam de boa parte da imprensa esportiva e da maioria dos dirigentes, que na época se

---

<sup>193</sup> Entrevista com Seu Chambão, 1999.

<sup>194</sup> RIBEIRO, André. **O Diamante Eterno; biografia de Leônidas da Silva**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 10.

empenhavam em condenar, ou pelo menos retardar, a profissionalização do futebol brasileiro.

Talvez por intuir que nos estudos ou em qualquer outra profissão ele não teria a mesma disposição e tampouco a desenvoltura que pressentia ser capaz de alcançar nos gramados, desde cedo Leônidas não abriu mão de fazer do futebol sua profissão. No início de sua carreira, em 1930, com apenas 17 anos, quando soube que o Bonsucesso estava interessado em seu futebol, mesmo estando temporariamente sem clube, num gesto bastante ousado para a época (mas digno de quem sabia o quanto valiam seus gols e seus “serviços” futebolísticos), Leônidas colocou as seguintes condições para atuar pelo modesto clube carioca:

queria dois ternos — um de linho branco, importado, e outro de casimira azul inglesa —; dois pares de sapato — um de duas cores e um preto —; 600 mil réis por mês e ainda um conjunto de paletó listrado com calça de flanela, que era a última moda.<sup>195</sup>

As condições colocadas pelo garoto foram aceitas e o ano de 1931 foi para a história do Bonsucesso como um marco da sua maioridade no futebol do Rio de Janeiro. Apesar de ter terminado o campeonato em sétimo lugar, a equipe foi considerada a revelação do ano, com destaque para as atuações de Leônidas e para as inovações táticas introduzidas pelo seu técnico, Gentil Cardoso, que organizou o time dentro do sistema de WM.<sup>196</sup>

A carreira de Leônidas talvez seja uma das que melhor ilustra a gama de polêmicas e controvérsias que caracterizou o declínio do amadorismo e a ascensão do profissionalismo em nosso futebol. Por um lado, sua trajetória de jogador porta os detalhes da beleza

---

<sup>195</sup> Ibid. p.16. Além do estilo de Leônidas, que sempre dedicou uma atenção especial para a vestimenta, cabe salientar que tanto jogador de futebol, quanto músico e artista não eram considerados, na época, como profissões; portanto, vestir-se bem e ter cuidado com a roupa eram também estratégias usadas para enfrentar esse preconceito, para mostrar que não eram vagabundos, que possuíam um trabalho “digno.”

<sup>196</sup> O WM foi importado e (re)inventado por Gentil Cardoso a partir do futebol Inglês mais especificamente do Arsenal. No Brasil em função das adaptações e das singularidades que adquiriu também ficou conhecido como a "Diagonal a Brasileira". Sobre a introdução desse e de outros sistemas táticos no futebol brasileiro ver: (TOLEDO, L. Enrique. **No país do futebol**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000.)

presente em um futebol ainda adolescente, rico em criação e ousadia, capaz de eternizar jogadas, como fizera ele próprio ao immortalizar a bicicleta. Por outro, diversos episódios de sua carreira, tais como quando esteve preso, as inúmeras vezes em que foi multado, as acusações de praticar latrocínio, de gesticular de modo obsceno para a torcida e de ser um mercenário, atestam e mantêm viva a faceta menos romântica daquele futebol. Essas máculas sinalizam que aquele futebol, apesar de menos normatizado, esquadrinhado, não deixava de ser constituído também pelas disputas de bastidores, pelos interesses políticos e econômicos, pelos jogos de poder entre cartolas, pelos boicotes morais e pela discriminação racial.<sup>197</sup>

Resta lembrar que a possibilidade do profissionalismo não se colocou a partir de alguma dádiva ou da boa vontade idealizada por alguns. Ela foi resultante de uma série de embates e de disputas morais e culturais que se fizeram presentes no interior da sociedade e do futebol de uma época. Nas interfaces desses tensionamentos e ambigüidades que movimentaram e transformaram essa prática cultural, por mais terrível que isso possa parecer aos puritanos (que persistem em condenar toda forma de competição presente no esporte moderno), parece pertinente avaliar o quanto o aumento e a diversificação nos tipos de competições, o surgimento de novos torneios e campeonatos — citadinos, regionais e estaduais — impulsionaram e o quanto foram importantes, ou não, para a emergência e a sustentação da profissionalização, tendo em vista que ela contribuiu para uma maior democratização do futebol.<sup>198</sup>

---

<sup>197</sup> Maiores detalhes sobre as tensões, os conflitos e as ambigüidades presentes na carreira de Leônidas da Silva e, por extensão, no futebol brasileiro daquela época, consultar: (RIBEIRO, André. op. cit. 1999; E, PRADO, Decio. Recordação de Leônidas (Da Silva) O Inventor da bicicleta voadora. In: **Dossiê Futebol**. Revista USP. São Paulo, 1994. p. 27 - 29.)

<sup>198</sup> Fátima Antunes aponta ser o profissionalismo, junto com a várzea, dois elementos estratégicos no processo de democratização do futebol brasileiro. (ANTUNES, Fátima, op. cit. 1992.)

### 3. 6 – Negrinhos da Estação X Fidalgos da Avenida

Em 1920, 1921 e 1922, tinha uns jogadores pretos que jogavam na várzea e, naturalmente, jogavam muito bem, né! E um dos diretores propôs que devia-se então contratar um negrão para jogar. Aí, houve dentro do clube um protesto muito grande, pois ainda havia raízes do racismo e do amadorismo . . . . Então uma vez que eles abriram o precedente, começaram a contratar mais um, mais dois, mais três, e os filhos dos diretores que queriam jogar, amadores, não eram escolhidos.<sup>199</sup>

O fragmento de depoimento acima ilustra um dos modos pelos quais o processo de profissionalização, deselitização e a diminuição da discriminação racial (que ocorreram na mesma época) entrecruzaram-se e se influenciaram mutuamente no interior do nosso futebol.

Mesmo não sendo imunes às intenções de instrumentalização política e cultural, as práticas do futebol parecem ter desenvolvido estratégias sutis capazes de fugir, ou pelo menos de extrapolar, as tentativas de vigilância e controle absoluto que eram colocadas sobre elas em vários momentos históricos. Assim, mesmo contra a vontade de muitos, os campos de futebol logo passaram a ser freqüentados por sujeitos pertencentes a uma ampla diversidade étnica e social, deixando de ser um reduto típico do tempo livre dos brancos de “boa família” e dos descendentes de imigrantes para se tornarem um local ocupado também por negros, mestiços e pobres.<sup>200</sup>

---

<sup>199</sup> Entrevista com Dennis Lawson, o clube a que ele se refere é o S. C. Rio Grande.

<sup>200</sup> Um pouco diferente dos discursos que falam de uma deselitização do futebol brasileiro somente depois dos anos 30, Leonardo de Miranda assinala a probabilidade da prática do futebol, no Rio de Janeiro, ter deixado de ser uma exclusividade das elites já bem antes. Para ele, isso se torna mais claro se não nos fixarmos apenas nos times e nas ligas típicas da elite que predominavam na imprensa oficial, mas se levarmos em consideração também os times e as ligas menores. Se assim procedermos, salienta o autor, o número de jogadores no Rio de Janeiro, “chegaria em 1920, segundo os cálculos feitos por um redator esportivo a mais de 13.000, fora ‘os inúmeros clubs que não estão filiados a liga nenhuma’.” (PEREIRA, Leonardo. op. cit. 1998, p. 120.)

O movimento de democratização fez com que aparecessem bons jogadores, de diferentes raças e posições sociais, quase diariamente, nos diversos espaços em que o futebol era jogado. A par desse processo, os clubes que começaram a pautar-se prioritariamente por formar boas equipes logo optaram por tornar mais amenos os discursos e as práticas segregacionistas, passando a incorporar em seus quadros tanto jogadores pobres, como mulatos, mestiços e negros.

Principalmente por ter se consagrado campeão carioca em 1923, com uma equipe que apresentava essas peculiaridades, o Vasco da Gama transformou-se numa espécie de precursor desse movimento de mestiçagem étnica e social. A partir dos anos 20, resguardadas algumas especificidades geo-históricas, isso se tornou uma marca da maioria das nossas práticas futebolísticas.

Em Pelotas o negro teve uma presença bastante grande na constituição da população — uma reminiscência forte do uso da mão-de-obra escrava, que fora a principal força de trabalho ali utilizada, de maneira bastante violenta, nas charqueadas, nos abatedouros e na própria pecuária. Assim, algumas das principais práticas culturais que ali se desenvolveram, como o futebol e o carnaval, foram fortemente marcadas pela intervenção negra no decorrer da sua gênese histórica.<sup>201</sup>

Assim como em outras regiões do País, a participação do negro e do pobre deu-se primeiro no futebol marginal, periférico, dos times menores das cidades. Excluídos dos maiores clubes sociais, foi nos pequenos times de bairro, de fábrica ou mesmo de rua que negros e pobres galgaram sua porta de acesso e aprenderam a jogar futebol, não raramente, improvisando o campo, a bola e o fardamento.

---

<sup>201</sup> Quanto à população negra em Pelotas, Beatriz Loner assinala que, de acordo com os registros oficiais, em 1894 ela representava um percentual de 30,7%, enquanto em 1930 correspondia somente a 14,9 % da população da cidade. A autora observa “que não há dados intermediários sobre a cor que permitem acompanhar quando se deu este decréscimo e, muito menos, conjecturar a forma como ocorreu.” (LONER, Beatriz, op. cit.1999, p. 392.) Já sobre a intervenção do negro em algumas práticas culturais da cidade, o músico pelotense Giba-Giba destacou que “a principal marca das escolas de samba da zona sul foi o uso do sopapo, instrumento criado pelos escravos e utilizado até os anos 70 pelas escolas pelotenses.” E o historiador Álvaro Barreto ressaltou que “a antecipação da participação africana na festa foi uma das razões para o destaque da cidade.” (Jornal Zero Hora, Caderno Revista ZH, Memória do Carnaval, 27/02/2000, p. 8.)

Por estarem bastante distantes da imprensa oficial e por serem em sua maioria equipes pequenas, geralmente com duração efêmera, são escassos os registros encontrados sobre esses times, que foram os primeiros a aceitarem ou a serem formados exclusivamente por negros e pobres. Como resultado do acúmulo dessas experiências de resistência e de contraposição à perpetuação exclusiva de um futebol branco e de elite, fundou-se em Pelotas, em 1919, a “Liga José do Patrocínio”, que logo se tornou conhecida como ‘a liga dos negros’. No primeiro ano de sua existência, fizeram parte de seu campeonato as seguintes equipes: “América do Sul, Juvenil e Vencedor.”<sup>202</sup>

Sem desconsiderar a importância que possa ter desempenhado para a democratização do futebol movimentos alternativos, como a formação de pequenos times e ligas constituídas somente por negros, o questionamento mais enfático da discriminação sócio-racial no interior do futebol parece ter se dado quando o negro e o pobre não mais se contentaram em jogar futebol somente entre si e passaram a almejar participar também dos times maiores da cidade, entrando em choque com o ideário de um futebol ariano, branco e amador, símbolo de distinção social.

Tal hipótese torna-se mais sustentável se for considerado que enquanto os negros e pobres mantinham-se apenas em suas pequenas equipes, “se via melhor a diferença que havia, não entre brancos e pretos, mas entre clubes. Clubes de bairro, de subúrbios, da zona sul e da

---

<sup>202</sup> Jornal O Rebate, Pelotas, RS, 19/06/1919. Sobre essa liga, as informações que consegui encontrar são bastante dispersas. Apesar disso, é possível indicar que ela se manteve em atividade, realizando seus campeonatos por um período significativo. Principalmente considerando que os times e as ligas só de negros tenderam a diluir-se a partir do momento em que os times maiores, semiprofissionais, começaram a incorporar os jogadores negros. Sobre as disputas promovidas pela Liga José do Patrocínio posso pontuar que o S. C. América do Sul foi tricampeão em 1922, enquanto o S. C. Juvenil festejou esse mesmo título, em 1926. Além dessas equipes, tiveram atuação de destaque nessa liga times como: Vasco da Gama, S. C. Universal e G. S. Luzitano.

A existência de ligas só de negros não é uma exclusividade de Pelotas. Tem-se registros e comentários de sua existência também em Rio Grande, onde era denominada “Liga Rio Branco”, e em Porto Alegre, “Liga Nacional de Football Portoalegrense”, que fora apelidada de “Liga da Canela Preta”. Essa ganhou uma maior notoriedade no meio futebolístico nos anos 30 quando o S. C. Internacional buscou nela vários mulatos e negros para formar seu ‘time de negrinhos’, atitude que revelou craques como Tesourinha e imortalizou o famoso ‘Rolo Compressor’, equipe que fez o Internacional ser hexacampeão estadual — 1940-1945. Para algumas considerações teóricas mais pontuais sobre a “Liga da Canela Preta,” ver : (JESUS, Gilmar, M. “Futebol e Territorialidade: da Segregação Racial em Porto Alegre.” In: *Motus Corporis*, v. 5, número 2, Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1998.)

zona norte. Grande e pequeno, cada um ficando no seu lugar, conservando a distância. Sem tentar nem se aproximar.”<sup>203</sup> Nessa perspectiva, o movimento em direção à implosão da discriminação sócio-racial dentro do futebol ganhou em intensidade, tornando-se público, justamente quando cresciam e diversificavam-se as formas de competição e o jogador, pobre ou negro, estimulado pelas gratificações econômicas e promessas de emprego, passou a disputar com os jogadores brancos, filhos de ilustres famílias, um lugar nas equipes principais de cada cidade.

Situado entre os times grandes da cidade, aqueles que disputavam o campeonato da Liga Pelotense de Foot-Ball, o Grêmio Esportivo Brasil logo se tornou o clube mais popular da cidade. Ele é lembrado também como o primeiro clube da cidade que se dispôs a aceitar em seu grupo jogadores negros e mulatos. O depoimento concedido por Seu Clóvis ressalta que, já em 1919, quando o Brasil tornou-se o primeiro clube Campeão Gaúcho, ao vencer a primeira edição do Campeonato Estadual promovido pela Federação Rio Grandense de Desportos, fazia parte da equipe campeã o mulato Babá.<sup>204</sup>

Se a presença isolada do mulato Babá na equipe de 1919 pode ser vista apenas como mais uma exceção à regra, o mesmo não se pode dizer das equipes que o clube irá formar um pouco mais tarde. Ainda nos anos 20, passam a fazer parte da equipe outros jogadores negros, como, por exemplo, Gradim e Ivo, em 1925, e Fruto, em 1929.

Esse processo de incorporação de atletas negros, além de ter sido uma estratégia que qualificava significativamente as equipes do Brasil, acabou por fortalecer o veio popular do clube. Ao longo de toda a década de 30, a presença de jogadores negros se fortaleceu,

---

<sup>203</sup> FILHO, Mário. op. cit., p. 31.

<sup>204</sup> Babá se chamava Valdomiro Victório, atuava no meio de campo e foi um jogador que conquistou certa popularidade em sua época. O primeiro certame estadual envolveu apenas o G. E. Brasil, tricampeão da cidade de Pelotas, e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, campeão Metropolitano e da Primeira Região. O jogo pelo título estadual ocorreu em Porto Alegre e foi vencido pelo G. E. Brasil, pelo folgado score de 5 X 1. As duas equipes apresentaram a seguinte formação: “Brasil: Frank; Nunes e Ary; Vitório, Rossel e Babá; Farias, Alberto Correia, Proença, Gerlach e Alvariza. Grêmio: Demétrio; Py e Garibotti; Meneghini, Dorival e Chiquinho; Máximo, Lagarto, Bruno, Gertum e Levy.” (Revista Brasil Gigante, nº 1, 1971, p. 18.) Considerações mais pontuais sobre essa partida, inclusive com narração dos principais lances do jogo, estão presentes na Revista Brasil Gigante. (op. cit. 1971.)

tornou-se uma constante e virou uma espécie de emblema. Em 1931 o Brasil tornou-se mais uma vez Campeão Pelotense, com um grupo no qual eram titulares vários jogadores negros como: Alvim, Gradim, Fruto e Ivo. A partir daquele ano, a marca forte do jogador negro no Brasil foi consolidando-se, estendendo-se por toda a década e adentrando a seguinte.

Por ter jogado por mais de uma equipe da região, por ter ganho títulos importantes e pela qualidade e raça de seu futebol, Fruto foi o jogador negro que apareceu com maior intensidade na memória dos antigos 'boleiros' que entrevistei. Quando eu fazia referência ao papel do negro no futebol da região, era a ele que espontaneamente os mais antigos costumavam referir-se, com comentários do tipo: "O Fruto foi extraordinário, porque durante o jogo ele teve um ferimento na cabeça. Ele foi o primeiro jogador que continuou jogando com esparadrapo e gazes na volta da cabeça e não quis parar de jogar. Então foi considerado um verdadeiro herói."<sup>205</sup>

Fruto nasceu na cidade do S. C. Rio Grande e lá retornou em 1936 para ser campeão estadual. Curiosamente, ele, um negro, tornou-se um dos jogadores símbolo desse clube, que na época era tido como um dos mais aristocráticos da região, representante da elite da cidade. Mas a passagem de Fruto pelo Brasil de Pelotas, clube que criou fortes vínculos populares e que o projetou para o futebol maior da região ainda em 1929, não foi menos importante. Por ter ajudado a conquistar vários títulos e por sua personalidade marcante ele é lembrado também em Pelotas "como um jogador símbolo do G. E. Brasil."<sup>206</sup>

O ritmo um tanto veloz com que o G. E. Brasil popularizou-se e o fato de ter sido o primeiro clube da Liga Pelotense de Foot-Ball a aceitar jogadores negros criaram na memória futebolística da cidade a imagem de um clube que já nascera genuinamente popular e que, para muitos, sempre aceitou jogadores negros. Para quem jogou e torceu no

---

<sup>205</sup>Entrevista com Seu Dennis Lawson, 1996. A partida a que o meu depoente faz referência envolveu o S. C. Rio Grande e o S. C. Internacional-POA, em Porto Alegre, pela final do campeonato gaúcho de 1936. Esse jogo foi vencido pelo S. C. Rio Grande, conquistando, pela primeira e única vez em sua história, o título de campeão estadual.

<sup>206</sup>Entrevista com Seu Clóvis Russomano. O lembrado Fruto chamava-se Nestor Pedroso e defendeu também o C. R. Flamengo do Rio de Janeiro em 1934. Permaneceu lá só um ano, retornando no ano seguinte para o Brasil de Pelotas transferindo-se em 1936 para o S. C. Rio Grande.

futebol da cidade, na época do G. E. Brasil mestiço e popular, essa é a lembrança deixada pelo clube. Para os depoentes deste trabalho e talvez também para a grande maioria da população da cidade, os pormenores dos primeiros anos de sua fundação parecem não ser os mais significativos. Saber se em seus primórdios o clube foi ou não tão popular quanto se tornara nos anos 20 e 30 não parece ser o mais importante.

Enquanto o Brasil é lembrado como o clube mais popular de Pelotas, mentor de uma certa democratização sócio-racial no futebol da cidade nos anos 20 e 30, o E. C. Pelotas, por sua vez, é lembrado como o clube que representava a elite da cidade e que mais resistência teve ao movimento de miscigenação racial que acontecia no futebol brasileiro e local. Alcides de Moraes, ex-goleiro do Pelotas, se reportou a isso tecendo um paralelo com o ocorrido com a dupla GreNal, na capital do estado. “No Pelotas foi só um pouco depois que eles começaram a jogar. Até então, pode ver no pavilhão do Pelotas: só se vê branco. Em 38 já tinha o Dirceu jogando, que era um mulato. Era quase como o Grêmio, que o primeiro a jogar foi Tesourinha.”<sup>207</sup>

A postura bastante divergente assumida pelas duas principais equipes da cidade perante a aceitação ou não de jogadores negros fez com que se acirrasse ainda mais a rivalidade que já vigorava entre G. E. Brasil e E. C. Pelotas, que passou a expressar-se no seguinte slogan: “Negrinhos da estação versus fidalgos da avenida.”<sup>208</sup> Oriunda do próprio meio futebolístico, difundida por toda a cidade e passada para as novas gerações, além de lembrar as procedências socioespaciais específicas de cada clube — Brasil próximo à estação ferroviária e Pelotas junto a uma das avenidas centrais da cidade —, a frase incita a rivalidade e ressalta a posição de ambos, na época, quanto à questão racial.

---

<sup>207</sup> Entrevista com Seu Alcides de Moraes, 1999. Tesourinha, além de ter sido um jogador símbolo do S. C. Internacional da década de 40, fase do ‘Rolo Compressor’, aumentou sua popularidade quando, em 1952, tornou-se o primeiro jogador negro a vestir a camiseta do Grêmio F. Porto-alegrense. (ENDLER, Sérgio. **Tesourinha**. Porto Alegre, Tchê, 1984.)

<sup>208</sup> Este slogan apareceu em vários depoimentos.

Apesar das posições assumidas pelo dupla G. E. Brasil e E. C. Pelotas terem monopolizado as lembranças de nossos entrevistados, elas representam o protótipo de duas posições históricas presentes no futebol brasileiro dos anos 20 e 30. A problemática do negro também se colocava para os outros times da cidade que disputavam a Liga Pelotense de Foot-Ball. Vejamos como isso se manifestou também em outros dois clubes de tradição: “O Bancário, ao ser fundado, não tinha negros, só brancos. Mas depois foi visto que isso não era constitucional. Assim se fundou o estatuto sem exigência nenhuma de cor. Por esta ocasião, o meu pai, que não gostava de negros, abriu mão.”<sup>209</sup> Já Seu Plácido apontou que, no Farroupilha, a questão da cor não era motivo de exclusão. Segundo ele, ela sucumbia perante a exigência maior e exclusiva que era o vínculo militar: “No Farroupilha jogava de qualquer cor, porque soldado tinha preto, tinha branco, tinha amarelo, tinha de tudo que era cor.”<sup>210</sup>

Mesmo que a aceitação dos jogadores negros pelas demais equipes da cidade não tenha sido tão tranqüila como é hoje lembrada em alguns discursos, o depoimento de Seu Plácido, ao recordar a condição colocada para jogar no Farroupilha, possibilita-nos detectar outras marcas identitárias, sentimentos de pertencimento, que extrapolavam muitas vezes as questões raciais e os condicionantes sociais que estavam colocados no futebol. Afinidades que ajudaram a fundar times e clubes e que ainda hoje são recordadas como propulsoras do futebol de uma determinada época.

A problemática do racismo não se restringiu aos grandes clubes, mesmo porque ela é uma questão social e não particular do futebol. Também no futebol menor, como no caso dos times de bairro, dentro de suas particularidades, de forma explícita ou escamoteada, ela forjou rivalidades que quase sempre extrapolaram as linhas dos gramados. Um exemplo disso pode ser encontrado na fundação do Terezinha F. C., clube social e recreativo pertencente ao bairro Três Vendas. Em depoimento concedido ao jornal Diário da Manhã, Seu Jorge, um dos doze fundadores do clube, salientou que o mesmo fora fundado em

---

<sup>209</sup> Entrevista com Seu Antônio Rodrigues Duarte, 1999.

<sup>210</sup> Entrevista com Seu Plácido Nogueira, 1999.

1944, como uma “alternativa dos negros do bairro, que eram barrados no clube, em atividade na época.”<sup>211</sup> Isso mostra que a discriminação racial, longe de ser uma singularidade do futebol daquela época, estava arraigada no próprio tecido cultural da cidade e do país.

Para tensionar e se contrapor a essa situação, os negros utilizavam-se de táticas e estratégias diversificadas. Constituíam e organizavam-se tanto em microorganizações, nos bairros, como em entidades municipais, como era o caso da FNP (Frente Negra Pelotense). Fundada em 1933, Beatriz Loney coloca que a FNP procurou inspirar-se na FNB (Frente Negra Brasileira) — que existiu em São Paulo de 1931 a 1937 — para tentar legitimar-se como “uma entidade aglutinadora na luta contra a discriminação racial.”<sup>212</sup> Quanto à duração da FNP, a mesma autora assinala não ter encontrado dados relativos à sua existência após 1936.

---

<sup>211</sup> Jornal Diário da Manhã, Pelotas, RS. Segundo Caderno, 17/01/1999. p. 6.

<sup>212</sup> LONER, Beatriz. op. cit. 1999. p. 401

## OS NEGROS NO FUTEBOL

FRUTO:



Nestor Pedroso — Fruto para o meio futebolístico —, jogador que virou símbolo tanto do S. C. Rio Grande como do G. E. Brasil. Por sua “raça”, Fruto ficou lembrado como uma marca do negro no futebol da região nos anos 30. (Fonte: Revista Brasil Gigante, nº 3, 1971, p. 97.)

## NEGROS NO G. E. BRASIL.

A série que segue destaca (sublinhado) o aumento progressivo de jogadores negros dentro da equipe do G. E. Brasil, episódio que ocorre concomitante à popularização do clube.



Escalação (sempre da esquerda para a direita) — sentados: Zabaleta, Franck e Chico Nunes. Agachados: Floriano, Babá (lembrado como o primeiro mulato a jogar pelo G. E. Brasil.) Alvariza. Em pé, Farias, Proença, Gerlacach, Ignácio e Darnin. (Fonte: Revista Brasil Gigante nº 1, 1971, p. 21.)

## G. E. BRASIL, 1927



Escalação: de cima p/ baixo da esquerda p/ a direita: Nunes, Nicolo, Tica, Gradim, Babá, J. da Cruz, Farias, Theotônio, Arthur, Ivo, Olosi, Nicolino, Castro. Os sentados são da Diretoria. (Fonte: Revista Brasil Gigante, nº 2, 1971, p. 47.)

## G. E. BRASIL 1931



Em pé: (da esquerda p/ direita) Alvim, Gradim, Mortoza, Fruto, Barbosa, João Cruz e Eugênio (reseva); ajoelhados: Nalario, Italiano, Teotônio, Selferino, Ivo e Osório (goleiro deitado)  
(Fonte: Revista Brasil Gigante, nº 2, 1971, p. 49.)

## G. E. BRASIL 1932



Em pé (da esquerda p/ direita) Pacheco (reserva), Gradim, Mortosa, Osório (goleiro), Barbosa, Botão, Solferino e Fruto. Ajoelhados: Eugênio, Teotônio, Dirceu e Balbuena.  
(Fonte: Revista Brasil Gigante, nº 2, 1971, p. 51.)

## E. C. PELOTAS



A equipe acima foi campeã estadual em 1930. Diferente do G. E. Brasil, no Pelotas, nesta data, ainda não havia jogadores negros.

(Revista Esporte Clube Pelotas 90 Anos: 1908 – 1998. 1998, p. 10.)

### 3.7 - O Mesmo e o Outro num futebol de fronteira<sup>213</sup>

Nós jogamos com marinheiros de navios e jogamos com diversos navios. . . O S. C. Rio Grande convidou o Estudantes. Eles estiveram aqui e depois retribuimos a visita indo a Buenos Aires. Nós convidamos o Vasco da Gama, o Flamengo e o Botafogo para jogarem aqui no Rio Grande e todos vieram<sup>214</sup>.

Jogamos com o Peñarol, com o Nacional. O Pelotas jogou lá em Montevidéu e o Brasil também. Era interessante porque tinha jogadores uruguaios famosos aqui. Este aqui [apontando para a foto] é um, se chamava Pierro, jogou aqui em 45. Tinha um jogador que não aparece na foto, se chamava Palermo, do Peñarol, esse jogador era fabuloso. Ele esteve nesta época aqui. Este outro também é uruguaio. Não me lembro o nome dele.<sup>215</sup>

As passagens apresentadas acima, uma referente aos jogos amistosos realizados pelo S. C. Rio Grande e a outra pelo E. C. Pelotas, além de se complementarem do ponto de vista geográfico regional, abrangem duas cidades, explicitam um pouco os intercâmbios e os cruzamentos geoculturais presentes na emergência e na trajetória histórica do futebol dessa região. Indicam interferências culturais forjadas a partir das trocas de experiências estabelecidas com o futebol do centro do país e com o do estrangeiro, inicialmente o europeu, e logo em seguida com o platino, principalmente o argentino e o uruguaio.

As interferências externas sobre o futebol da região materializavam-se principalmente através das partidas combinadas e das trocas de jogadores que migravam de um lugar para

---

<sup>213</sup> A problemática do ‘mesmo e do outro’, da diferença, é um dos temas priorizados pelas Ciências Humanas contemporâneas. Entre outros autores que dedicaram atenção ao tema se encontra Michel Foucault. Na introdução do seu livro “As Palavras e as Coisas”, reportando-se a outra obra sua, “A história da loucura”, ele assinala que “a história da loucura seria a história do Outro — daquilo que, para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho, a ser portado excluído (para conjurar-lhe); a história da ordem das coisas seria a história do Mesmo — daquilo que, para uma cultura, é ao mesmo tempo disperso e aparentado, a ser portanto distinguido por marcas e recolhido em identidades.” (FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas**. Martins Fontes, São Paulo, 1987. p.14.) Sobre a diferença — infância, velhice, migração, loucura —, ver também: (Imagens do Outro, Larrosa, J. Pérez de Lara, N. (orgs.). Vozes, Petrópolis, RJ. 1998).

<sup>214</sup> Entrevista com Seu Dennis Lawson, 1996.

<sup>215</sup> Entrevista com Seu Virgílio Mozzilo, 1999.

o outro levando consigo rastros da cultura e do próprio futebol de onde procediam. Durante as duas primeiras décadas, devido à proximidade geográfica, a influência exercida pelo futebol platino superou a do centro do país. Eliseu de Mello assinala que já em 1910 a cidade de Pelotas presenciou o seu primeiro jogo internacional quando o E. C. Pelotas recebeu a visita da equipe do Estudiantes de Buenos Aires, jogo que acabou com a vitória tranqüila dos argentinos por 7 a 0.<sup>216</sup> No ano seguinte, o mesmo Pelotas foi novamente o protagonista de outro jogo internacional na cidade. Dessa vez, ele foi o anfitrião do “Scratch” uruguaio. Apesar da vitória um tanto humilhante dos uruguaiois por 12 a 0, o que atesta o estado de desenvolvimento do futebol uruguaio naquela data, Eliseu de Mello destaca o significado sociocultural desse acontecimento para a cidade, observando que “o pavilhão, arquibancadas, todos os espaços enfim, ficaram tomados por uma multidão calculada em mais de quatro mil pessoas, a nossa população era de 37 mil habitantes em 1911.”<sup>217</sup>

Nos anos que se seguiram, junto com o crescimento do futebol da região, presenciamos também um aumento dos jogos envolvendo os times da cidade e os de fora. Além das partidas estaduais e internacionais, cresce também o número de excursões pela região de equipes de renome nacional, prioritariamente do Rio e São Paulo.

Com a proximidade do profissionalismo e com a mutação que se instituiu na natureza das disputas após o início dos campeonatos citadinos — Rio Grande, 1912, e Pelotas, 1913 —, quando se acentuavam as rivalidades locais e regionais, além dos jogos amistosos, os intercâmbios futebolísticos foram acelerados também pelo vai-e-vem, cada vez maior, de jogadores de uma equipe, de uma cidade, ou ainda de um país para outro.

Enquanto o G. E. Brasil foi pioneiro e referendou sua popularidade agenciando jogadores negros e pobres junto aos times menores da cidade ainda na década de 20, o E. C. Pelotas, por ser o clube que desfrutava de melhores condições econômicas, singularizou-se como o

---

<sup>216</sup> ALVES, Eliseu, op. cit., p. 21.

<sup>217</sup> Ibid. p. 24. A equipe do Estudiantes, além do E. C. Pelotas enfrentou e venceu o S. C. Rio Grande e o “scratch” Porto Alegrense. A seleção uruguaia, por sua vez, derrotou o S. C. Rio Grande, o Grêmio F. Portoalegrense e um “scratch” Gaúcho.

que mais trazia jogadores de fora da cidade. Dentre os estrangeiros, destaca-se a vinda de atletas uruguaios, que na época possuíam grande prestígio no futebol internacional. Sobre a participação deles na história do clube, a revista comemorativa dos seus 90 anos lembra que “o Pelotas, preocupado com o desempenho do time em 1915, trouxe do Rio de Janeiro seus primeiros uruguaios, os irmãos Juan e Augusto Bertone, craques de primeira linha, que jogavam pelo América. Em seguida, veio Norberto Ojeda.” Um pouco mais adiante, a mesma revista comenta que “a lista é enorme” e, além de acrescentar outros nomes, destaca que “El Pancha, por exemplo, formou respeitável zaga com Roberto Stephan, em 1918.”<sup>218</sup>

Apesar dos diversos casos anteriores, foi nos anos 30 que essa propensão ao nomadismo intensificou-se dentro do futebol brasileiro. Ganhou visibilidade e conquistou uma determinada legitimidade sociocultural dentro do futebol, quando muitos dos nossos craques, na busca de melhores condições profissionais, optavam por sair do país e ir jogar na Europa, principalmente na Itália e nos vizinhos Argentina e Uruguai, países em que o profissionalismo fora oficializado em 1931 e 1932, respectivamente. Sobre esse movimento migratório, Waldenyr Caldas especifica que “em 193, logo após a legalização do futebol argentino, iriam jogar pelo San Lorenzo de Almagro, Petronilho, Vani, Ramon, Teixerinha e Tufy, todos de São Paulo.”<sup>219</sup> O autor prossegue a exemplificação registrando que no ano seguinte iriam para o futebol uruguaio “Congo, Martin, Leônidas da Silva e Domingos da Guia.”<sup>220</sup> Caldas argumenta que essa situação colocava os times brasileiros em uma posição de mero trampolim para as equipes daqueles países, com “uma função idêntica a que têm hoje os times pequenos do interior: revelar bons jogadores para os times grandes da capital.”<sup>221</sup>

No contexto interno do nosso futebol, proporcional à implementação da profissionalização, vimos aumentar e proliferar o hábito do jogador mudar de equipe. A adesão, oficial ou não,

---

<sup>218</sup> Revista dos 90 anos do Esporte Clube Pelotas. 1908/1998. p. 16.

<sup>219</sup> CALDAS, Waldenyr, op. cit., p. 203.

<sup>220</sup> Ibid. p. 203.

<sup>221</sup> Ibid. p. 203.

de vários clubes a posturas profissionalizantes, intensificou as disputas pelos jogadores de maior reconhecimento que permaneciam no país. Paralelamente a isso, muitos clubes optavam por garimpar novos craques junto às ligas e aos times menores, seduzindo-os com recompensas de dinheiro, trabalho, roupas, etc..

Guardadas as diferenças temporais e as devidas particularidades geográficas, isso parece ter sido um traço comum nas práticas do futebol brasileiro dos anos 30. Os jogadores, principalmente aqueles com intenções profissionais, começavam a transitar de uma equipe para outra e, muitas vezes, na procura da melhor proposta, eram levados a mudar não só de time, mas também de cidade ou de país. Essa tendência ampliou a diversidade dentro do futebol. As equipes, principalmente as maiores, gradativamente foram tornando-se um espaço aglutinador de jogadores de diferentes classes sociais, raças e nacionalidades. Menos homogêneos, os principais times, pouco a pouco, deixaram de caracterizar-se como um reduto do 'mesmo', tendência que predominou nos grandes clubes de futebol no início do século, quando a maioria deles esforçava-se para constituir times que fossem fiéis aos seus respectivos laços socioculturais.

O futebol jogado na Liga Pelotense, nos anos 30 e 40, apesar de ainda estar regido por um semiprofissionalismo, expressa os indícios desse novo futebol, marcado pela alteridade. Nele, muitos jogadores não raramente tornavam-se andarilhos, atletas semiprofissionais que passaram a 'viver da bola'. Rodando por diferentes equipes, eles levavam em suas bagagens as marcas de suas andanças e foram adotados, temporariamente, pelas torcidas dos diversos clubes por onde passaram.

Por serem estratégicos na configuração regional, os times de Pelotas absorviam também os jogadores procedentes de outras pequenas cidades situadas ao seu redor. Para eles vinham espontaneamente alguns jogadores, enquanto outros eram chamados, na expectativa de conseguir um contrato semiprofissional ou, ao menos, um emprego, uma fonte de renda, por intermédio do futebol. Foi essa possibilidade que trouxe Seu Alcides de Jaguarão para Pelotas: “Eu tinha 19 anos e tinha vontade de sair de lá. Vim para trabalhar e jogar pelo

Bancário. O futebol foi o meio com que eu vim . . . Trabalhei em Joaquim Oliveira. Era um emprego indireto.”<sup>222</sup>

Apesar de diferentes times da cidade terem em seus quadros jogadores oriundos dos times menores da redondeza, o G. E. Brasil, por ser identificado como o time dos ‘negrinhos da estação’ e por ter se tornado o clube de maior popularidade na cidade, foi o que mais usufruiu dessa facilidade para formar seus plantéis, pelo menos até meados dos anos 30.

Além dos jogadores pobres, dos negros e daqueles procedentes de equipes de outras cidades, o futebol da região singularizou-se e diversificou-se pela afluência que teve de jogadores platinos. Além de confirmada, essa particularidade foi enfatizada em diversos depoimentos que coletamos, na forma de comentários e de considerações. Facilmente nossos entrevistados recordavam e citavam uma lista de bons jogadores e técnicos platinos que aqui estiveram. Seu Plácido lembrou que “os clubes de Bagé e de Pelotas tinham uma quantidade enorme de jogadores uruguaios e argentinos. . . Jogadores de seleção”,<sup>223</sup> ressalta, com voz categórica.

Beneficiadas pela localização geográfica e pela significativa posição econômica e cultural que tinham na época, as cidades de Bagé e Santana do Livramento — essa última faz divisa seca com a cidade uruguaia de Rivera — foram elos de conexão do futebol da região com o uruguaio.

Bagé e Livramento eram um pólo muito forte, fortíssimo em futebol. O Guarany de Bagé sempre tinha em sua equipe vários jogadores do Nacional e do Peñarol, jogadores fabulosos. O Pelotas, mesmo, trouxe de Bagé um jogador que foi irmão de um que foi campeão da copa do mundo de 50 pelo Uruguai. Se

---

<sup>222</sup> Entrevista com Seu Alcides. Durante o depoimento, ele comentou que a primeira vez que veio a Pelotas não permaneceu por muito tempo, principalmente porque os dirigentes do C. A. Bancário não estavam cumprindo o que lhe haviam prometido. Um pouco mais tarde ele recebeu outra proposta de emprego e ajuda de custo, agora da parte do E. C. Pelotas, que o fez retornar a cidade e aqui permanecer defendendo as cores desse clube por vários anos.

<sup>223</sup> Entrevista com Seu Plácido Nogueira, 1999.

chamava Terrera, era de um preço alto, e o Pelotas conseguiu trazer este jogador pra cá.<sup>224</sup>

A característica do futebol moderno, expressa desde o século XIX, de ser uma prática cultural apta a quebrar fronteiras e limites territoriais, aliada à localização geográfica de Pelotas e Rio Grande (que facilitou a realização de jogos internacionais e trocas de jogadores), possibilitou a criação, nessas zonas de fronteira, de uma cultura do futebol não circunscrita, obrigatoriamente, aos limites nacionais. Alguns futebolistas de Pelotas, já desde há muito tempo, cultivavam essa curiosidade, essa vontade de acompanhar também o futebol platino.

Eu tinha um irmão que trabalhou e morou na Argentina e ele trazia pra mim a revista o El Gráfico . . . Foi em 1958, tinha um time na Argentina, o Racing, que foi campeão. Eu olhei assim e vi aqueles jogadores famosos que depois jogaram em vários clubes do Brasil. Eu fixei esse time que até hoje eu não esqueço; tinha o goleiro Garcia, dois zagueiros, Jino Garcia e Garcia Teles, Rastely e Gutiérrez, Mendes, e Bravo, Simes, Suévis.<sup>225</sup>

O processo migratório que se instituiu no futebol contribuiu para que os principais times da região misturassem jogadores procedentes do próprio clube com os que eram oriundos de

---

<sup>224</sup> Entrevista com Seu Virgílio Mozzilo, 1999. Com o intuito de ilustrar o papel exercido por Santana do Livramento e Bagé no futebol gaúcho, destaco suas principais conquistas estaduais: três títulos de campeões do estado, Guarany-BA em 1920, Grêmio de Bagé em 1925 e Grêmio Santanense, Santana do Livramento, em 1937. Juntas elas conquistaram ainda sete vice-campeonatos estaduais nos anos de 1926, 1927, 1928, 1929, 1940, 1944 e 1948. (**Revista da Federação Gaúcha de Futebol. Os Melhores Momentos.** Edição Comemorativa -1918/1994. 76 anos. Porto Alegre, 1994.)

É importante assinalar também que o 14 de Julho F. C., de Santana do Livramento, fundado em 14 de julho de 1902, é o segundo clube de futebol mais antigo do Estado. Este sinal empírico, além de suscitar investigações históricas, mostra como a emergência do futebol no RS ocorreu quase simultaneamente em duas regiões distintas (já que as duas cidades, Rio Grande e Santana do Livramento, locais onde respectivamente foram fundados o 1º e o 2º clube de futebol do Estado, estão a uma distância aproximada de 400 Km uma da outra.) A distância é bastante significativa, principalmente quando consideramos o ano e o contexto histórico desses episódios — 1900 e 1902. Essa proveniência bifurcada reforça a tradição não homogênea do futebol dessas regiões de fronteira. Enquanto em Rio Grande, em função das trocas portuárias, predominou a influência inglesa e europeia, em Santana do Livramento, cidade de zona de fronteira terrestre, destacou-se a influência do futebol uruguaio. No entanto, não muito mais tarde, essas duas vertentes iniciais do futebol gaúcho iriam cruzar e mesclar suas características.

<sup>225</sup> Entrevista com Seu Virgílio Mozzilo, 1999.

outros times menores e os que vinham de fora da cidade. As equipes de Pelotas, ao mesmo tempo que aproveitavam os jogadores procedentes dos times menores da região, também importavam e exportavam jogadores para Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Uruguai e Argentina.<sup>226</sup> Após a consolidação do profissionalismo, que ocorreu primeiro nos grandes centros do país — por volta dos anos 40 —, intensificou-se a saída de craques da região para as equipes maiores. Conhecedores da situação proporcionada pela profissionalização, muitos jogadores migraram em busca de melhores contratos profissionais.

É enorme o número de jogadores que partiram de Pelotas para fazer sucesso nas equipes de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro na década de 30, 40 e 50. Mesmo tendo se afastado da cidade, eles permaneceram vivos na memória daqueles que compartilharam do início de suas carreiras. Resistindo ao tempo, esses jogadores que alcançaram um sucesso maior chegando às grandes equipes do país tornaram-se ícones na lembrança dos mais antigos e passaram a fazer parte da cultura futebolística da cidade. “O Juvenal, que foi zagueiro do Farroupilha, eu fui pegar ele em Santa Vitória . . . Depois ele foi pro Vasco, depois foi pro Palmeiras. Foi um zagueirão, foi até da Seleção Brasileira, aquela de 50, que perdeu o campeonato.”<sup>227</sup>

---

<sup>226</sup> A fim de exemplificar o sentido andarilho do jogador da região e a posição estratégica dos clubes de Pelotas perante às cidades menores da sua volta, mostrarei alguns dados biográficos dos jogadores do G. S. Brasil que foram campeões da cidade no ano de 1946. Gastão Leal iniciou sua carreira no F. C. Cerrito, do distrito de Cerrito, em Pelotas; jogou pelo G. A. Farroupilha e G. S. Brasil. Chico, Francisco Carlos de Araújo Silveira, iniciou no G. A. Farroupilha; depois jogou pelo Guarany de Bagé, Fluminense do Rio de Janeiro e G. S. Brasil. Ari Machado dos Santos iniciou jogando pelo S. Francisco F. C., time do futebol menor da cidade; depois passou para o G. S. Brasil. Tibirica, Alcibiades Brisolára, começou no Marechal Floriano F. C., equipe do futebol menor da cidade; depois foi para o G. S. Brasil. Juvenal Amarijo, natural de Santa Vitória do Palmar, iniciou sua carreira no E. C. Vitoriense daquela cidade; depois veio para o G. A. Farroupilha e, mais tarde, passou a jogar pelo G. S. Brasil. Enedino Tavares começou jogando pelo Estrela F. C., time do futebol menor do bairro Areal; depois foi para o G. S. Brasil. Mortosinha, Darci Lopes da Cunha, começou jogando pelo 15 de Outubro, equipe do futebol menor da cidade; depois passou para o Brasil. Enrique Hernandez, natural de Montevidéu, começou jogando pelo Defensor F. C. daquela cidade; depois teve passagem pelo Peñarol e pelo futebol de Bagé-RS; mais tarde jogou no G. S. Brasil. Tite, Hugo Calandrelli, natural de São Paulo, começou jogando pelo Palmeiras, SP. Chambão, Osvaldo Rodrigues, também iniciou no futebol menor da cidade, depois jogou pelo E. C. Fiaterci e, mais tarde, pelo G. S. Brasil. Galego, Paulo de Souza Lobo, começou a jogar no G. E. Americano, time do futebol menor da cidade, depois ingressou no G. S. Brasil. Scamparini, Irineu Scamparini, natural de São Paulo, começou a jogar no Araras F. C., SP. O Técnico foi Teté, Francisco José Duarte. (Síntese feita a partir do livro de bolso: **Salve GSB Campeões de 1946**; 1946.)

<sup>227</sup> Entrevista com Seu Plácido Nogueira, 1999.

A chegada do negro e do pobre e, um pouco mais tarde, do outro — aquele que vem de fora, o estrangeiro, o jogador profissional andarilho — caracteriza uma nova era em nosso futebol. Ele se torna mais híbrido, menos homogêneo e também menos romântico. Apesar desse novo futebol não ser uma exclusividade dessa ou daquela localidade, seu veio transversal de mestiçagem não exclui as especificidades regionais.<sup>228</sup>

Uma das particularidades que mais chama a atenção nesse futebol de Pelotas e região, ao longo das suas diversas e constantes reconfigurações socioculturais, é a intensidade e a frequência das interfaces que ele estabeleceu com o futebol platino. Sua situação de fronteira facilitou os contatos intensos com o futebol uruguaio e argentino, praticamente durante toda a sua trajetória, sobressaindo-se em alguns episódios.<sup>229</sup>

Os jogos amistosos, a presença de jogadores, de técnicos e de torcedores estrangeiros nas zonas de fronteira potencializaram as práticas do futebol como experiências culturais não-homogêneas, mestiças, híbridas. Práticas que mesclam, de forma não-harmônica, códigos de diferentes classes, raças, etnias e nacionalidades.

Essa presença pulsante do futebol estrangeiro junto ao nosso torna-se mais significativa se considerarmos o momento atual, no qual ganham ressonância, dentro de diversos países, discursos fundamentalistas e práticas nacionalistas que tratam o outro, o estrangeiro, não como um diferente, mas sim como um adversário, quando não como inimigo.

---

<sup>228</sup> Para uma síntese sobre as múltiplas influências étnicas e sociais presentes na emergência e na trajetória do futebol brasileiro, consultar o artigo de José Leite Lopes: (“As raízes mestiças do futebol brasileiro”. In: **Revista Ciência Hoje**. Vol. 24, n. 139, SBPC, Junho 1998.)

<sup>229</sup> Eliseu de Mello assinala a influência do futebol uruguaio inclusive sobre a fundação do primeiro time de futebol em Pelotas, em 1904, o Atlético Foot-Ball Club. De acordo com o autor, ela aconteceu por intermédio de Octávio Mascarenhas, que, ao retornar de Montevidéu, trouxe em sua bagagem materiais para o futebol, bolas, regras etc. Nos anos seguintes, a vinda de jogadores e técnicos e os jogos amistosos internacionais deram prosseguimento a esse intercâmbio. Sobre esses amistosos ocorridos em Pelotas nas quatro primeiras décadas, cito a vinda das seguintes equipes argentinas e uruguaias: C. A. Estudiantes. (Buenos Aires, 1910), Artilas de Mello. (cidade de Mello, Uruguai, 1917), “Scratch” argentino. (1918 — presentes vários jogadores que disputaram o Sul Americano de Seleções nesse mesmo ano), “Scratch” da cidade de Mello. (Uruguai, 1920), Onward F. C. (Montevidéu, 1924), Wanderes F. C. (Montevidéu, 1932), Rampla Juniors. (Montevidéu, 1937), C. A. Urundai. (Montevidéu, 1938) e C. A. Peñarol. (Montevidéu, 1940). (ALVES, Eliseu, op. cit. 1984.).

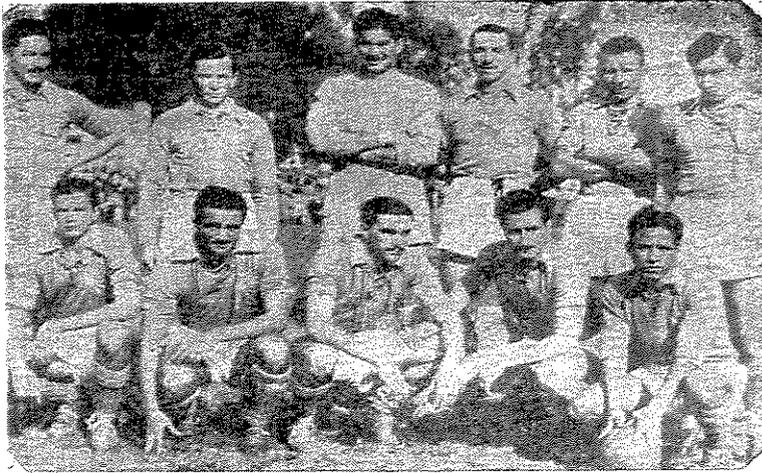
Interagindo, admirando e incorporando fragmentos do futebol estrangeiro em nosso território cultural desde o início do século, além de explicitar que o outro não se resume em uma invenção exclusiva dos discursos multiculturais recentes, a experiência das práticas futebolísticas, ao mesmo tempo que nos inspiram, também nos desafiam a pensar e a implementar relações de alteridade e não de discriminação com o que é diferente, com os estrangeiros. Relações “con el otro extranjero que permita mantener su potencialidade reflexiva, pero sin reducir lo que esa reflexividade pudeira tener de inquietante para a arrogancia de nuestro discurso, para la seguridad de nuestras prácticas y para la solidez de nuestra propia identidad.”<sup>230</sup> Isso se tornará possível quando nos convenceremos e aceitarmos que “para (re)conhecer real e radicalmente o outro, é imprescindível desensimesmar-se; isto que dizer, é mister pensar e agir a partir de, com e contra si mesmo.”<sup>231</sup>

---

<sup>230</sup> JORGE, Larrosa. Para Qué Nos Sirven Los Extranjeros?. In: **Contra el Fundamentalismo Escolar; Reflexões sobre educación, escolarización y diversidad cultural**. Virus editorial, Barcelona, 1998. p. 53.

<sup>231</sup> SANTAMARÍA, Enrique. Do conhecimento de próprios e estranhos (disquisição sociológica). p. 64. In: **Imagens do Outro**. Larrosa, J. Pérez de Lara, N. (orgs.) Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro. 1998. p. 64.

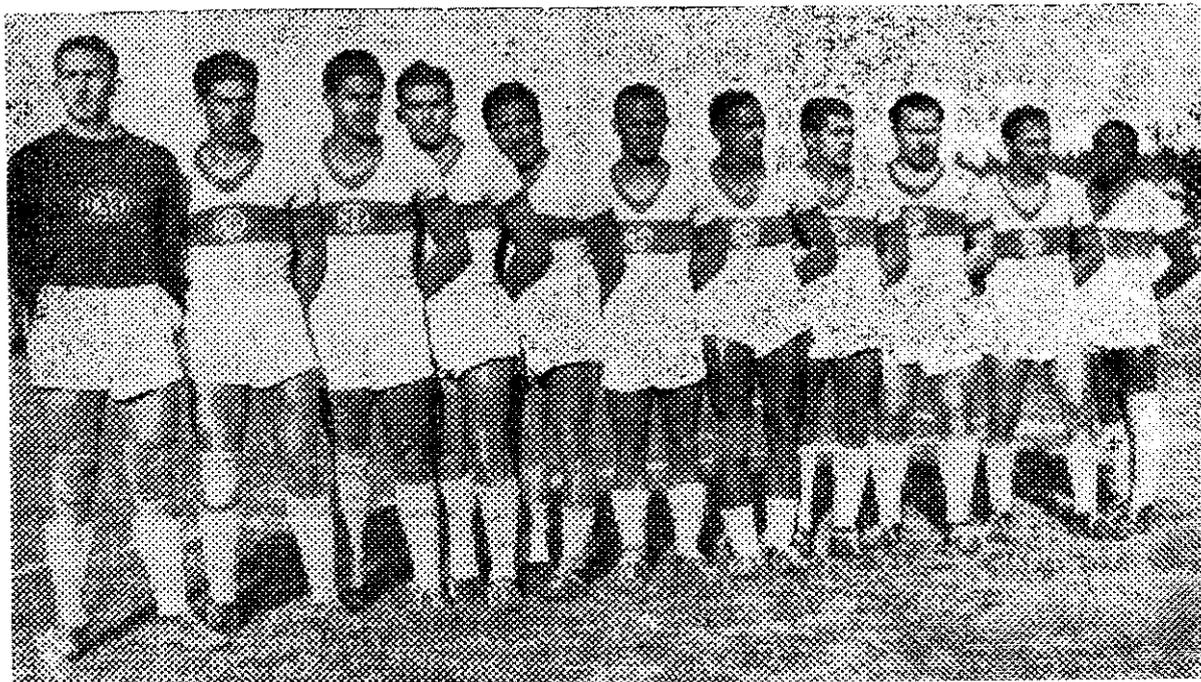
## E. C. PELOTAS / 1944



*quadro do Pelotas, campeão de 1944, vendo-se entre os seus componentes os craques Palermo e Bucheli.*

Bucheli veio para o E. C. Pelotas em 1941 e em 1948 jogou no G. E. Brasil. Palermo veio do Peñarol para o Pelotas em 1944. (Revista dos Esportes nº41, 1952, p. 5.)

## C. A. BANCÁRIO



Equipe do C. A. Bancário Campeão da Liga Pelotense de Futebol em 1947.  
Polaco, Totino, Damião, Assis, Ataíde, Vinicius, Laxixa, Leonidas, Negrito, Gonzaga, Soares,  
Pelado e Delamare. Técnico: Alípio Rodrigues. Presidente: Paulo Nunes Vieira.

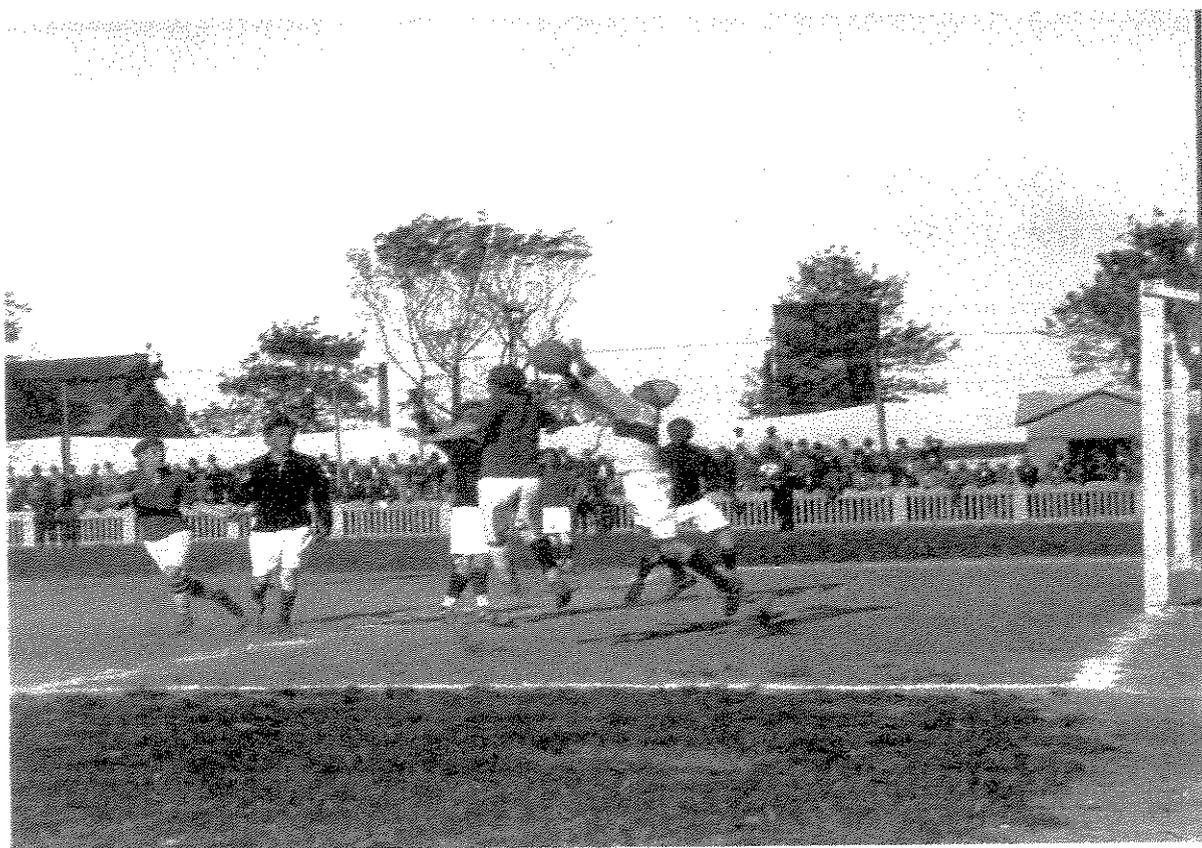
Fundado em 10 de Dezembro de 1925 o C. A. Bancário venceu o campeonato citadino da Liga Pelotense de Futebol em 1940 e em 1947.

(Fonte: Revista dos Esportes nº 25, ano II, 1950, p. 8.)

**TRÊS LANCES DE UM BRA-PEL  
1928**

(Fonte: Acervo do E. C. Pelotas)







## Capítulo IV – Futebol infame

Nos capítulos anteriores priorizei os clubes maiores da cidade, aqueles que venceram campeonatos municipais, regionais e estaduais. Agora, neste capítulo, irei falar de um outro futebol. Trata-se de acontecimentos e episódios relacionados a jogadores e times que, apesar da tradição que possuem, pouco interessam às versões oficiais da história do futebol da cidade. Os registros desse futebol são escassos e, quando existem, não costumam estar guardados em nenhuma biblioteca municipal, museu ou casa de cultura. As conquistas esportivas desses times dizem respeito a campeonatos de bairros, torneios e festas esportivas ou no máximo uma ou outra vez, ao campeonato citadino varzeano.

A primeira dificuldade que encontrei para narrar as memórias dessas “outras” práticas foi a dúvida sobre como nomear esse futebol. Inicialmente, pensei em chamá-lo de Futebol Menor.<sup>232</sup> Porém, posteriormente, julguei que o termo ‘infame’, no sentido que Michel Foucault utiliza para referir-se a sujeitos não famosos, sem fama, ficava melhor para se referir-me a esse futebol que, mesmo estando abaixo da linha de visibilidade da fama, sempre manteve vínculos diretos ou indiretos com os clubes mais famosos da cidade.<sup>233</sup>

Pelo estilo e capacidade de alcance deste estudo, optei por tomar como suporte empírico para falar desse futebol quase anônimo, que existiu e continua existindo em Pelotas, a experiência de um clube. A escolha deu-se a partir de dois critérios principais: ser um clube com uma certa tradição na cidade, não ser muito recente, e a disponibilidade de fontes orais e escritas das suas atividades.

---

<sup>232</sup>Essa primeira hipótese surgiu não pensando em termos valorativos (menor como inferior), mas sim inspirando-me em outros campos do saber, como na Literatura e na Filosofia, onde alguns autores usam o termo “menor” para referir-se a uma determinada produção literária ou filosófica bastante singular. A “Revista dos esportes”, uma das fontes da pesquisa, também se utilizava da terminologia para referir-se ao futebol da cidade não pertencente à primeira divisão.

<sup>233</sup> Em seu texto “A vida dos homens infames”, ao garimpar fragmentos dos discursos emitidos pelas “lettres de cachet”, Foucault assinala que irá se ater aqueles endereçados à sujeitos “infames.” “Infâmia estrita” demarca o autor. E acrescenta: “aquela que, não sendo temperada, nem de escândalo ambíguo, nem de uma surda admiração, não é compatível com nenhuma espécie de glória.” Ou seja, o termo é usado não no sentido valorativo, moral, mas sim como um adjetivo para identificar sujeitos não famosos, sem fama. (FOUCAULT, Michel. A vida dos homens Infames In: **O que é um autor?** Lisboa, Vega. 1992, p. 103.)

Após sugestões de algumas pessoas conhecedoras desse futebol e de uma pequena turnê visitando as sedes de alguns clubes — geralmente abertas apenas em horários bem restritos —, cheguei até Seu Jorge Edi Bairy, torcedor, ex-jogador e ex-dirigente do Grêmio Esportivo Arealense (Clube do bairro Areal que a partir de 1976 passou a se chamar Sociedade Recreativa Arealense).<sup>234</sup> Após uma conversa inicial com Seu Edi, percebi que o Arealense enquadrava-se no perfil de clube que eu procurava. Além da sua tradição, havia um farto material escrito confeccionado por Seu Edi: cadernos de anotações sobre as disputas futebolísticas travadas pelas equipes do clube de 1960 até 1993. Confesso que a existência desses registros, referente a um futebol que normalmente carece de fontes escritas, seduziu-me bastante.

Tomada essa decisão, o capítulo que segue, mesmo sendo uma referência à experiência particular da S.R. Arealense, quer ser também um reconhecimento, uma quase homenagem, a todos os times e clubes de futebol “desconhecidos” de nosso país, desde os mais efêmeros até os mais duradouros. As principais fontes utilizadas foram os cadernos de anotações de Seu Edi Bairy e dois depoimentos orais, um dele próprio e o outro de seu Chaguinha, ex-jogador e ex-artilheiro do Arealense.

Antes de falar desse futebol, apresento os entrevistados, que estão entrelaçados pelas afinidades de pertencerem ao mesmo clube.

As memórias do futebol infame não são as mais conhecidas e nem as mais (re)contadas pela população da cidade. Mas, mesmo assim, é interessante observar que, como um pacto forjado pela cumplicidade da experiência comungada, as lembranças entrecruzam-se, resistem ao tempo, mantendo-se vivas e pulsantes nas recordações dos seus autores, que também são os seus narradores mais competentes.

---

<sup>234</sup> Tanto nas entrevistas, como nas fontes escritas que usei, a troca de nome do clube não teve maiores destaques. Observando os cadernos de registros de Seu Edi, é possível verificar que até 1975 ele usa a nomenclatura de Grêmio Esportivo e, a partir de 1976, passa a usar a de Sociedade Recreativa Arealense. (Livro de anotações 1975-1984).

#### **4. 1 - Narradores de memórias infames**

##### **Jorge Edi Bainy**

(Entrevista realizada na casa do depoente, no bairro Areal, em Pelotas, RS, em outubro de 1999.)

Além de seu Edi Bainy, acompanhou a entrevista Edson Campos, vulgo Samarone, que foi ex-jogador, ex-treinador e atualmente é dirigente (Presidente) do Sul-América, outro clube de futebol do bairro Areal. Samarone foi quem me colocou em contato com seu Edi, fazendo a seguinte observação: “Vou te levar no cara que mais conhece a história do futebol daqui do Bairro.”

Natural de Pelotas, Seu Edi Bainy nasceu em 26 de maio de 1935. Em 1972 começou a trabalhar, como auxiliar de escritório, na empresa de ônibus Santa Maria, localizada no próprio bairro Areal. Lá permanecia em atividade até a data que nos concedeu o seu depoimento.

Seu Edi Bainy contou-me que começou a atuar como dirigente do Arealense em 1950, com 15 anos, na função de “segundo tesoureiro”. Apesar de ter começado a relacionar-se com o futebol, particularmente com o Arealense, já na adolescência, Seu Edi comenta que não foi um grande jogador: “Ah, eu jogava, mas não era grande coisa.” Mesmo assim ele não deixou de recordar determinados lances de algumas partidas de que participou.

Se enquanto jogador Seu Edi Bainy não é um dos mais lembrados entre os que passaram pelo seu clube, o mesmo não se pode dizer de sua atuação enquanto dirigente: “Presidente fui três anos. O primeiro ano foi em 1963. Fui também tesoureiro, secretário e treinador. Secretário fui muitos anos, da turma do Arealense o que tinha mais estudo era eu . . . Meu avô, que me criou, me botou no Colégio Pelotense e eu me formei no Ginásio. O fichário, essa parte era comigo.”

Além das obrigações costumeiras dos cargos que exerceu, Seu Edi Bainy confeccionou vários cadernos de anotações nos quais registrou todas as partidas do Arealense, de 1960 até 1993, ano em que o setor de futebol do clube entrou em recesso. Nesses cadernos, que são uma espécie de “diário de campo” de um antropólogo leigo, Seu Edi Bainy anotava a data, o local, os adversários, o resultado, quem marcou os gols e a escalação do primeiro e segundo quadro do Arealense. Somado a essas anotações, mais padronizadas, geralmente ele acrescentava também comentários pessoais sobre as partidas.

No final de cada ano, Seu Edi Bainy realizava um retrospecto contendo os principais goleadores, o número de vitórias, de derrotas e de empates obtidos na temporada pelos dois times. Fazia ainda uma lista com os nomes e os apelidos de todos os jogadores que atuaram pelo primeiro e segundo quadro naquele ano. Quando lhe perguntei como ele havia conseguido juntar todas essas informações durante tantos anos sem interrupção, ele respondeu que, quando faltava a alguma partida, seus colegas passavam-lhe as informações. “E davam as escalações no mesmo dia, e no outro eu já anotava.”

Além do Arealense, Seu Edi Bainy teve também contato direto com o resto do futebol amador da cidade. Nos anos 60 e 70 trabalhou no departamento amador da Liga Pelotense de Futebol. Essa experiência ajudou a torná-lo um grande conhecedor da história do futebol amador da cidade, com especialização no futebol do seu bairro. Todo esse conhecimento esteve no solo do seu depoimento e veio à superfície, transbordou de sua memória em diversos momentos fazendo, com que ele narrasse episódios que extrapolavam a trajetória específica do Arealense.

Em 1952 houve o campeonato promovido pela Rádio Cultura e depois teve uma parada. Em 1959 a Liga Pelotense de Futebol organizou o departamento amador pra fazer os campeonatos, o Arealense não quis participar. . . . em 60 nós fomos campeões do bairro, em 61 foi o Sul-América campeão; em 62, o Arealense, 63, o Planalto, 64 e 65, o Cabana, 66, o Arealense , 67, o Planalto, 68 e 69, o Oriental, 70, o Arealense, 71, o Planalto . . . O Cabana foi o primeiro clube da zona do Areal a ser campeão amador da cidade, em 64. De uma dissidência do Planalto, ele trouxe o Milionário e o Marinho. O time do Cabana daquele ano foi: Daci, Bicagem, Jarica, Mineirinho, Didinho, Pedrinho Rocha, Marinho, Gaúcho, Betinho, Milionário e Dica.

### **Wilson da Silva Rodrigues: Seu Chaguinha**

(Entrevista realizada dia 09 de dezembro de 1999, às 10 horas da manhã, dentro de sua padaria.)<sup>235</sup>

A indicação de Seu Chaguinha como um jogador representativo do Arealense foi feita por Edi Bairy. Chaguinha nasceu em 18 de Janeiro de 1936 e, já na adolescência, começou a estabelecer vínculos com a S. R. Arealense, permanecendo atrelado a ela, como jogador, dirigente e torcedor por várias décadas. Hoje, residindo em outra região da cidade desde 1971, ele disse ter se afastado do futebol e do clube, mas ressaltou que acompanha de longe e mantém contatos com os antigos amigos daquela época. “Ah, eu devo ter começado no Arealense em meados de 53, 54. Iniciei jogando no segundo quadro, depois foi passando os anos e eu subi pro primeiro quadro. Por aí fui ingressando na diretoria. Cheguei a ser tesoureiro por muitos anos e fui até presidente.”

Apesar de também ter sido dirigente, foram as lembranças da sua trajetória de jogador, nos anos 50 e 60, que monopolizaram suas recordações. Os gols que fez ou deixou de fazer, as partidas decisivas e acirradas que disputou são exemplos emblemáticos dos acontecimentos selecionados por sua memória. “Eu era acostumado a bater pênalti num canto, aí todo mundo foi prá trás da goleira e diziam é nesse canto, é nesse canto . . . o juiz autorizou e eu bati forte no meio do gol e ele se atirou no canto, depois ele se escabelava, se tivesse ficado parado, tinha agarrado.”

Chaguinha não foi um jogador que circulou por vários times da cidade, daqueles que jogam uma temporada em um time e a próxima em outro. Praticamente toda a sua “carreira” futebolística foi junto ao Arealense. Nos cadernos de anotações de seu Edi, ele consta como

---

<sup>235</sup> Para não prejudicar seu trabalho, seu Chaguinha sugeriu conceder seu depoimento ali mesmo, dentro de sua padaria. Preferiu o turno da manhã, porque nesse horário, alegou ele, o movimento é menor. Assim, de tempo em tempo, sempre que Seu Chaguinha precisava atender a um cliente, ocorria uma pausa na entrevista. Em alguns momentos, por quebrar o ritmo da narrativa, essa situação parecia atrapalhar, porém, em outros, ela parecia ajudar a enriquecer o depoimento, já que Seu Chaguinha se aproveitava das pausas para, longe do gravador, exercitar sua memória, trazer para a entrevista detalhes dos episódios que estava narrando.

goleador do primeiro quadro nas temporadas de 1960, 1961, 1962 e 1963, com 16, 7, 16 e 17 gols, respectivamente.

#### 4.2 - O Caso da Sociedade Recreativa Arealense: fundação e manutenção

mistura, aliás, é um atributo inerente ao estilo de futebol de várzea: seu caráter eminentemente lúdico envolve e iguala a todos na contenda, atrai torcidas formadas por amigos, colegas, familiares (de ambos os times em disputa) e constitui forma de lazer típica de fim de semana, complementada pela bebida, pelo almoço. Uma forma de encontro, enfim, com vários desdobramentos.<sup>236</sup>

Pelas diferenças que existem entre os clubes de bairro (amadores) e os clubes maiores (profissionais) e por se tratar de uma outra localização temporal, não mais centrada nos anos 30 e 40, mas sim nos anos 60 e 70, o profissionalismo, o racismo e a presença de jogadores estrangeiros não mais serão os temas centrais. Nesse capítulo a atenção maior se voltará para as estratégias e as táticas utilizadas pelos clubes para organizarem-se e sobreviverem, para as disputas futebolísticas que costumam participar e para as relações de pertencimento que instituem entre seus membros e com o bairro.<sup>237</sup>

Nascida, organizada, freqüentada e mantida, predominantemente por moradores do Areal, um bairro operário da cidade de Pelotas, a S. R. Arealense pode ser classificada como uma

---

<sup>236</sup> MAGNANI, J., G. C./ MORGADO, N. Futebol de várzea também é patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. p. 175 - 184. p. 181.

<sup>237</sup> Os temas priorizados no capítulo anterior (racismo, profissionalismo, presença de jogador estrangeiro) pouca ressonância tiveram no futebol Infame. Sobre a remuneração financeira, os dois entrevistados foram contundentes em afirmar que se “jogava só por amor à camiseta”. Já quanto à participação ou não de jogadores negros no Arealense e em outros clubes do bairro, ambos afirmaram não haver racismo, pelo menos não na época deles. Sobre isso seu Edi destacou que no bairro havia um clube que ficou conhecido como o time dos negros, porque sua diretoria era formada só por dirigentes negros. Mas ele fez questão de ressaltar que no time também jogavam brancos. Especificamente sobre o racismo, cabe destacar que principalmente a partir dos anos 50 no RS ele encontra-se em um estado diferente, está mais sutil e mais escamoteado do que era nos anos 30 e 40. Após os anos 50, tanto o Grêmio Portoalegrense como E. C. Pelotas, dois clubes que ficaram conhecidos no futebol gaúcho por uma certa discriminação racial, já contavam com atletas negros em seus plantéis.

associação futebolística e recreativa de bairro. Com a sede social localizada na Avenida Barão de Corrientes, nº 204, sua fundação remete ao longínquo 26 de julho de 1920, data que faz do Arealense um dos clubes de futebol mais antigos do Bairro. Um pouco dessa história Seu Edi assim nos abreviou:

Aqui onde agora é a Supra-Arroz, antigamente era uma fábrica e ali tinha também uma venda, e o pessoal dessa fábrica se reuniu e formaram o Arealense em 1920. Não, documento da fundação não tem. Essas informações foram dadas de cabeça pelos antigos, os fundadores. Acontece que antes não tinha a sede, e ia ficando na casa de um e na casa de outro e foi se extraviando depois. Com a sede, aí sim, começamos a guardar tudo. De 1928 prá cá é que nós temos documentos, livros de atas.<sup>238</sup>

Sobre os primeiros times de futebol no bairro Areal, no início do século, Seu Edi observou que há indícios, comentários, de que existiram outros times no bairro já antes de 1920. Segundo ele, um desses times se chamava Sul-América, mas “seus participantes não formalizaram nada”, e ele logo se dissolveu. Posteriormente, “praticamente aquela mesma turma, em 1920, fundou outro clube a que deram o nome de Arealense.”<sup>239</sup>

Ainda sobre os passos iniciais do Arealense, os vínculos que possuía com outros clubes da cidade, a definição das cores e do escudo, Seu Chaguinha acrescentou: “Parece que é assim porque o primeiro fardamento do Arealense foi o Pelotas quem deu. Isso é o que eu ouvi falar; parece também que quando fundaram o Arealense, lá tinha gente que jogava no Pelotas. Você pode notar que o distintivo é quase igual.”<sup>240</sup>

---

<sup>238</sup> Entrevista com Seu Jorge Edi Bairy, 1999.

<sup>239</sup> Esse detalhe histórico ganha importância porque no bairro Areal existiram dois times chamados Sul-América. O mais antigo, a que Seu Edi se referiu, é anterior a 1920 — no jornal Diário Popular encontrei várias referências a ele no ano de 1912. O outro Sul-América está em atividade até hoje; possui sua sede social localizada no Dunas, região pertencente ao bairro Areal. Esse segundo irá aparecer nos depoimentos orais e nos registros escritos como o principal rival do Arealense após os anos 50. De acordo com seus estatutos, ele foi fundado “em 29 de outubro de 1928 e reorganizado em 1º de janeiro de 1939” (Estatuto p. 01, capítulo I).

<sup>240</sup> Entrevista com Seu Chaguinha, 1999.

Diferente dos clubes profissionais, o futebol de bairro nunca pôde contar com o dinheiro dos ingressos nem com grandes patrocínios. Por ocorrer também aos finais de semana, esse futebol acabou constituindo-se num evento paralelo ao futebol dos clubes maiores da cidade. Só que, diferente daqueles, o futebol de bairro nunca atraiu um interesse maior da grande imprensa da cidade, dependendo quase exclusivamente, dos esforços dos seus autores, sendo escassos e parcos os apoios econômicos que vinham de fora do grupo. O Arealense não fugiu à regra. Ele estruturou-se e manteve-se em atividade, principalmente, graças à disposição, à vontade e ao trabalho de seus jogadores, dirigentes e colaboradores mais próximos.

Além de se responsabilizar pela conservação do fardamento, os jogadores também pagavam a sua passagem quando tinham que se deslocar para jogar “fora de casa”, “ou se ia num ônibus ou se ia num caminhão, mas cada um pagava . . . e quem não podia os outros ajudavam.”<sup>241</sup> Às contribuições individuais, diretas, somavam-se as arrecadações indiretas que provinham do lucro da “copa” — bebidas que eram vendidas quando os jogos eram em seu campo —, das festas esportivas e dos eventos sociais.

A organização de eventos sociais tinha uma importância singular: além de auxiliar economicamente, eles serviam para aproximar e fortalecer os vínculos existentes entre os moradores do bairro, familiares e torcedores com o clube. “Mais era baile, diversão. Antes de nós fazermos a sede, nós alugávamos. Ali onde é o posto médico agora, era uma Sociedade (Sociedade Beneficente Caixa do Socorro). Depois começamos a fazer bailes na própria sede. Fizemos uma sede grande, inaugurou em 1961.”<sup>242</sup>

Assim como fizera Seu Edi Bairy, Seu Chaguinha destacou a organização e a união do grupo — sempre balizada pelo futebol — em torno do clube, pacto coletivo que foi decisivo para o clube construir sua sede social e comprar o campo de futebol que, no início,

---

<sup>241</sup> Ibid.

<sup>242</sup> Entrevista com Seu Jorge Edi Bairy, 1999.

era emprestado. “Ah, o clube sobrevivia assim. Com muito sacrifício, começamos a fazer uns bailezinhos. Pra nós não darmos o dinheiro diretamente, nós dávamos indiretamente: tomava uma bebida, pagava o baile. Fomos fazendo assim até que compramos um terreno, dois terrenos e, depois, com sacrifício, fomos fazendo a sede.”<sup>243</sup>

Quanto ao campo e à sede próprias, Betty Schifnagel assinala que, principalmente para a sede, há uma valorização diferenciada de parte dos clubes de várzea. Para alguns ela não demonstra ser tão importante, podendo “funcionar na casa de um jogador.” Ou “será alugada — um porão ou uma garagem é o suficiente.”<sup>244</sup> Já para outros clubes, destaca a autora, a posição é bastante diferente. Eles “fazem questão absoluta de sede e campo próprios (sem o que, o time sente-se moralmente diminuído).”<sup>245</sup>

A ênfase e o valor que os dois entrevistados atribuíram ao movimento que proporcionou condições para a aquisição da sua sede própria explicita a relevância que teve para o Arealense essa conquista. Os diferentes significados e a importância (ou a falta dela) atribuída por cada clube à sede está relacionada com o seu perfil. Quanto maior é a sua intervenção cultural — realiza bailes e outras atividades sociais —, ou seja, não se restringe ao futebol, mais importância ele tende a atribuir à sede.

Seu Chaguinha e Seu Edi Bairy falaram das múltiplas estratégias implementadas pelo grupo para arrecadar fundos para o clube. Além de jogar com as possibilidades de sucesso, maiores ou menores, de cada uma dessas iniciativas, procuravam levar em conta a realidade, sócio-econômica do bairro. Manter um quadro de associados com as anuidades em dia, por exemplo — prática corriqueira em muitos clubes de futebol —, no caso do Arealense nunca foi possível. “A gente teve algumas vezes sócios, mas nunca deu certo. A

---

<sup>243</sup> Entrevista com Seu Chaguinha, 1999.

<sup>244</sup> Betty Schifnagel destaca que, entre outras funções, a sede servirá “como ponto de reunião, sala de troféus, abrigará o arquivo onde consta nome e endereço dos sócios e controle de mensalidade, etc...” (SCHIFNAGEL, Betty. Caracterização geral do futebol de várzea como atividade popular de lazer. *Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, Cadernos nº 12, 1ª série. Setembro de 1979. p. 110/125. p. 116.)

<sup>245</sup> *Ibid.* p. 117.

gente fazia o quadro de sócios e eles começavam a pagar e depois não pagavam mais, e a gente acabava desistindo. É um bairro pobre, um pessoal pobre.”<sup>246</sup>

Sem grandes patrocinadores, sem cobrar ingressos e sem conseguir estabelecer um quadro permanente de associados, o clube via-se obrigado a correr atrás de apoios que, aliados à ‘copa’ e as atividades de lazer, pudessem garantir sua permanência. Lançar mão do prestígio e da simpatia que dispunha perante o bairro para conseguir, junto a pequenos comerciantes, colaborações (como, por exemplo, o “patrocínio” das premiações oferecidas nas festas esportivas), era uma das alternativas encontradas. “A gente arrumava uma padaria que dava uma taça, um posto que dava outra taça, o Tumelero dava outra taça.” Outro caminho era organizar atividades que mobilizassem jogadores, torcedores, familiares e simpatizantes como, por exemplo fazer uma “quermesse”. Enfim, Seu Chaguinha lembrou que “se arrumava dinheiro de tudo que era jeito.”<sup>247</sup>

#### **4.3 - Campeonatos, excursões e amistosos: a vida futebolística de um clube infame**

As atividades esportivas realizadas pelo Arealense seguiam um estilo bastante parecido ao da maioria dos outros pequenos clubes. De acordo com os nossos entrevistados, até meados de 1950 ele disputava, predominantemente, jogos amistosos. Partidas que eram combinadas no sistema de ida e volta, onde um time recebe o outro em seu campo e depois retribui a visita.

Além do primeiro e do segundo quadro, às vezes as disputas envolviam também times de veteranos e infantis, quando os clubes possuíam essas categorias. “Uns tempos depois se formou os veteranos. Aí ficou infantil, veteranos, primeiro e segundo quadro. Houve uma

---

<sup>246</sup> Entrevista com Seu Jorge Edi Bairy, 1999.

<sup>247</sup> Entrevista com Seu Chaguinha, 1999.

época que jogavam as quatro equipes no mesmo dia . . . Veteranos e infantis de manhã, primeiro e segundo quadro à tarde.”<sup>248</sup>

O primeiro Campeonato Varzeano que contou com um grande número de times da cidade, segundo Seu Edi Bainy, ocorreu em 1952 e foi organizado pela Rádio Cultura. Esse Campeonato, como também os outros que posteriormente vieram a ocorrer, possuía uma primeira fase zonal, por bairros, e uma fase final que reunia campeões zonais. Na primeira edição, em 1952, do bairro Areal participaram somente o Arealense, o Oriental e o São Pedro. A fase final, Seu Edi lembra que foi disputada entre “. . . o São Pedro, campeão do Areal, o Tiradentes, campeão da Várzea e, não me lembro bem se foi o São Geraldo, campeão do Fragata, sei que ficaram quatro campeões: do Areal, Fragata, Várzea e Três Vendas” (zonas da cidade). Esses quatro times jogaram entre si e “o Tiradentes ganhou os três jogos por 3 X 1 e foi campeão da cidade.”<sup>249</sup>

O campeonato promovido pela Rádio Cultura não teve segunda edição. Somente posteriormente, em 1959, quando a Liga Pelotense de Futebol organizou seu departamento de futebol amador o campeonato citadino varzeano foi reeditado, mantendo a mesma fórmula, uma primeira fase zonal e a final com os campeões de cada região. Com edições anuais para o primeiro e segundo quadro, o campeonato varzeano voltou para ficar. Passou a fazer parte da agenda anual de muitos “pequenos” clubes e seus episódios ajudaram a formar a memória afetiva de várias gerações de boleiros da cidade. “Bom, quando eu fui diretor, disputaram 40 clubes, em 1964 e 65 também, e cada clube podia inscrever quarenta jogadores. Eu organizei 1600 inscrições, todas as fichas rigorosamente em ordem alfabética.”<sup>250</sup>

De 1960 a 1993, a S. R. Arealense disputou a maioria das edições desse certame, sempre com o primeiro e o segundo quadro, e conquistou vários títulos. O primeiro quadro foi

---

<sup>248</sup> Seu Jorge Edi Bainy, 1999.

<sup>249</sup> Ibid.

<sup>250</sup> Ibid.

campeão do bairro, primeira fase, em 1960, 62, 66 e 72 e o segundo foi em 1960, 67 e 70. Mas 1989 foi o ano em que ocorreram as conquistas mais lembradas e festejadas pelo clube, quando o primeiro e o segundo quadro foram campeões citadinos. “Em 89 foi o único título que conquistamos da cidade. . . . fomos campeões, segundo e primeiro quadro, do Areal, do torneio início da zona, do torneio início da cidade e do campeonato da cidade. Segundo e primeiro, arrematamos todos.” Apesar do campeonato sempre envolver os dois quadros, havia uma valorização maior para a disputa que ocorria entre os primeiros quadros. Formados pelos “melhores” jogadores, era para eles que o olhar do clube e da torcida estava mais voltado. “Segundo quadro a gente não dava muita bola.”<sup>251</sup>

O primeiro quadro era o time principal. Desempenho físico e técnico, aliados à frequência aos jogos, eram os critérios que definiam a equipe. Já o segundo quadro, além de ser um “laboratório” para o primeiro (nele se testavam e se lapidavam os jogadores mais jovens que despontavam no clube), era também o espaço para quem estava um pouco fora de forma ou para quem gostava de jogar, mas não era muito habilidoso (membros da diretoria do clube). O segundo quadro era uma mistura de “gurizada mais nova, velhos que já estavam voltando e aqueles que nunca iam chegar no primeiro.”<sup>252</sup>

Apesar da importância do campeonato citadino (que começava no primeiro semestre, abril ou maio, e estendia-se pelo segundo, com a final geralmente próxima ao fim do ano), os clubes não restringiam a sua vida esportiva a ele. Os tradicionais jogos amistosos, com as trocas recíprocas de visitas, e os torneios relâmpagos, que aglutinavam vários times num único dia no mesmo campo, continuaram presentes na vida dos clubes.

Assim que conseguiam uma certa estabilidade, alguns clubes ousavam um pouco mais. Além dos corriqueiros jogos amistosos frente aos times da vizinhança, de tempos em tempos eles planejavam alguma excursão para um lugar mais distante. Nessas viagens

---

<sup>251</sup> Ibid.

<sup>252</sup> Entrevista com Seu Chaguinha, 1999.

futebolísticas, além dos jogadores iam as mulheres, os filhos, as namoradas, os amigos e os torcedores.

Das diversas excursões que o Arealense realizou, Seu Edi Bairy deu grande ênfase a duas, ambas para São Leopoldo, RS — cidade próxima à capital, hoje distante mais ou menos 300 Km de Pelotas. A primeira delas ocorreu em 1966 e a segunda em 1970. Essas duas excursões, que não se restringiram ao jogo de futebol, foram recordadas por Seu Edi com entusiasmo e com saudade. Lembro, disse ele, que “nós saíamos daqui às duas da madrugada. De manhã cedo nós estávamos em Porto Alegre. O pessoal tomava café por ali, dava uma passeada. Uma vez conhecemos o Olímpico [Estádio do Grêmio], outra vez conhecíamos outra coisa. Íamos pro Jardim Zoológico. De tarde jogávamos futebol e depois vínhamos embora. Chegávamos de volta de noite, o dia inteiro na rua.”<sup>253</sup>

Essas duas excursões, que passaram a fazer parte da memória do clube e do Seu Edi, merecem ser melhor detalhadas. Assim, optei por transcrever alguns fragmentos dos registros da excursão de 1966 tal qual foram feitos na época.

No dia 3 de abril, excursionamos até a cidade de São Leopoldo, onde levamos quatro ônibus lotados, num total de 170 pessoas. A excursão transcorreu de maneira brilhante. Saímos de Pelotas às 2,45 horas. Chegamos em Pôrto Alegre às 7,30 horas. Visitamos as principais ruas dessa cidade. Às 9,00 horas seguimos para S. Leopoldo visitamos o Jardim Zoológico e o túmulo do Padre Réus. Às 12,00 horas participamos de um suculento churrasco oferecido pela diretoria do C. E. Independente para um total de 30 pessoas. Às 14,00 horas foi iniciada a partida de futebol que foi disputada contra o C. E. Independente da cidade de S. Leopoldo. Nos segundos-quadros perdemos por 2 x 0. — [segue escalação do Arealense]. Nos primeiros-quadros houve um empate em 2X 2. Os nossos golos foram marcados por Béto e Queijo — [segue escalação do Arealense]. A nossa caravana retornou de S. Leopoldo às 19,00 horas. Chegamos em Pelotas a 1,00 hora do dia 4 de abril.<sup>254</sup>

---

<sup>253</sup> Entrevista com Seu Jorge Edi Bairy 1999.

<sup>254</sup>BAINY, J. E. Livro de Anotações 1965-1974, p. 12. A segunda excursão a São Leopoldo ocorreu em 26 de abril de 1970 e está registrada com a seguinte ressalva: “Neste dia realizamos uma grande excursão à cidade de São Leopoldo. Uma grande caravana nos acompanhou, lotando nada menos do que seis ônibus, num total de 250 pessoas. Lamentavelmente o jôgo que deveríamos disputar com o Obras e Viação F. C. daquela cidade não foi desdobrado em virtude das fortes chuvas que caíram durante tôda a tarde.” (op. cit. BAINY, J. E. p.55.)

Além dos jogos amistosos, dos torneios e das partidas válidas pelo campeonato citadino, o Arealense organizava e participava também de festas esportivas. Essas, mesmo não seguindo um modelo único, costumavam ser um torneio, um triangular ou um quadrangular, geralmente envolvendo o primeiro e o segundo quadro dos clubes que dela tomavam parte. Além da motivação especial que despertavam, diferente dos amistosos, delas sempre saía um campeão. Essas festas, que geralmente iniciavam pela manhã, tinham o mérito e o objetivo de proporcionar um lucro maior para os clubes que as sediavam. Por reunir vários times, o lucro da “copa” costumava ser maior, vendiam-se mais bebidas, churrasco, arroz de carreteiro, etc..

Torneios, triangulares e quadrangulares é o que predomina nas festas esportivas. Porém, esporadicamente, o Arealense organizava uma comemoração que recebia o nome de “Festa Atlética.” Essa diferenciava-se das típicas festas esportivas, principalmente por não se ater somente ao futebol. Vejamos o exemplo da que ocorreu dia 11 de setembro de 1960. Durante todo o dia houve várias provas esportivas, e o futebol só apareceu no final da tarde, quando o Arealense enfrentou o E. C. Fiação e Tecidos.

Os registros dessa singular “Festa Atlética” apresentam as seguintes provas com seus respectivos vencedores:

Corrida de Biciclétas

1º lugar - Ibanês Silveira - do E. C. Estrêla do Sul. 2º lugar - Ildefonso Braudt - do Sul Brasil. 3º lugar - Orci Bastos - do Sul Brasil. 4º lugar - Oridio Pristneu - (em branco). 5º lugar - Carlos Roberto Megisto - do Sul Brasil

Corrida de Resistência

1º lugar- Waldemar Oliveira - do Sul Brasil.  
2º lugar - Jorge Gonçalves - do G. E. Arealense

Corrida de Velocidade

Vencedor - Luzardo Lourenço - do G. E. Arealense

Corrida do Saco

Vencedor - Deracy Oleiro - do G. E. Arealense

Corrida de Obstáculos

Vencedor - Nilmar Rodrigues - do G. E. Arealense  
Salto em Altura  
Vencedor - Samuel Costa - do G. E. Arealense  
Salto em Distância  
Vencedor - Samuer Costa - do G. E. Arealense  
Cabo de Guerra  
O G. E. Arealense venceu a equipe do Estrela do Sul.<sup>255</sup>

As diferentes modalidades de disputas, jogos amistosos, festas esportivas e campeonato citadino intercalavam-se no decorrer do ano. Na temporada de 1960, por exemplo, o Arealense disputou 17 jogos amistosos, 10 jogos pelo campeonato citadino e participou de 7 eventos do tipo “torneio início” ou “festa esportiva”. Todas essas partidas ocorreram nos finais de semana ou em feriados. Em 1960, esses foram alguns dos adversários do Arealense: Alagoas, Tamandaré, Estrela do Sul, Cometa, Vila Prieto, Planalto, Penharol, Sul-América, Tiradentes, Flamengo, Santa Teresinha, Rui Barbosa, E. C. Fiação e Tecido, Corinthians, Instituto de Menores, Belém, Camponês, 3 de Outubro, São Geraldo, Santa Irene, Coroa.<sup>256</sup> Todos eles eram equipes da cidade.

Certos jogos amistosos eram parte de acontecimentos esportivos especiais da cidade, como foi o caso do clássico Sul-América X Arealense, disputado no dia 16 de outubro de 1960, no campo do E. C. Pelotas, que serviu de preliminar do também amistoso E. C. Pelotas X C. R. Flamengo do Rio de Janeiro.<sup>257</sup>

Apesar dos jogos do Arealense envolverem times das diferentes regiões da cidade, era no próprio bairro Areal que estavam os seus rivais mais tradicionais. As fases zonais do campeonato citadino potencializavam ainda mais a rivalidade que costumava existir entre times de um mesmo bairro. No Areal, além do Arealense, ao longo dos anos surgiram vários outros times de tradição. Entre eles podemos destacar: Planalto, Sul-América, São

---

<sup>255</sup>BAINY, J. E. Livro de Anotações, 1960-1964, p.11.

<sup>256</sup> Ibid.

<sup>257</sup> Ibid. p. 13.

Pedro, Oriental, 15 de Outubro, São Paulo, Cabana, Atenas, Estrela Solitária, Estrela do Sul. Quando dois desses times enfrentavam-se, os ânimos exaltavam-se. Um dos principais clássicos do bairro foi, por muito tempo, Arealense X Sul-América. Sempre que se enfrentavam em jogo amistoso ou pelo campeonato, a movimentação, os comentários e as provocações comuns de toda rivalidade futebolística tomavam conta do bairro. O jogo poderia ser no Estádio das Areias, campo do Arealense, ou no Estádio da Montanha, campo do Sul-América, mas a presença da torcida dos dois clubes era certa. Atrás da goleira adversária ou colados nas laterais do campo, com as bandeiras em punho, os torcedores não mediam esforços para provocar, perturbar e tentar intimidar árbitros e jogadores adversários. Como bem destacou Seu Chaguinha, “Arealense e Sul-América pro bairro era considerado um Bra-Pel.”<sup>258</sup>

Em certos momentos a rivalidade era tamanha que se estendia para fora do campo; servia como um marco que ajudava a delimitar a territorialidade dentro do bairro. “O Areal era meio dividido, era mais Sul-América na rua das Traíras e, mais pro fundo, era mais Arealense.”<sup>259</sup> Mesmo nos dias de semana, que teoricamente nada tinham a ver com futebol, os jogadores, torcedores e dirigentes de ambos os clubes tinham seus locais de encontro preferidos um tanto diferenciados. “Na padaria que eu trabalhava e que era dono, à noite se reunia a turma do Arealense, ia toda pra ali. E no bar Farroupilha, que era um bar uns 150 metros longe da padaria, era a turma do Sul-América que se encontrava.”<sup>260</sup>

As relações de poder não se restringiam às disputas entre times rivais; elas constituíam-se também no interior de cada clube. A posição de titular, principalmente do primeiro quadro, era sempre bastante disputada e não faltar aos jogos era uma das condições para não perdê-la. “No caso do Arealense, tinha um cara que se chamava Ares Nunes, não se chamava de treinador naquela época, acho que se chamava de Capitão Geral. Ele era muito enérgico.

---

<sup>258</sup> Entrevista com Seu Chaguinha, 1999.

<sup>259</sup> Ibid.

<sup>260</sup> Ibid.

Botava o cara, e aí se tu falhava, no outro domingo ele botava outro, que podia até ser inferior, mas ele só iria tirar ele depois de um certo tempo.”<sup>261</sup>

Seguidamente apareciam disputas também entre os jogadores oriundos do próprio bairro, os chamados “prata da casa” — com um ou outro que vinha de fora. Esse “estrangeiro” podia ser alguém que fora convidado para começar a fazer parte do time ou apenas para reforçar a equipe em uma determinada competição. A segunda opção, reforçar a equipe com alguém de fora, normalmente causava transtornos ao grupo. “Na minha época a maioria era do bairro. Muitas vezes eles experimentavam levar gente de fora, mas gente de fora era aquele problema: tirava o da casa pra botar o de fora que, às vezes, era pior que o da casa, mas como era de fora tinha que botar.”<sup>262</sup>

A disputa pela titularidade agregada à rivalidade fortalecia os laços de pertencimento existentes entre jogadores, clube e torcedores. Mudar de time, jogar um ano em um e o outro ano em outro não era proibido mas, além de pouco comum, nem sempre era bem aceito. Quando a troca era entre dois times rivais, o risco era ainda maior. Seu Chaguinha contou o episódio de uma competição da qual o Arealense não iria participar e dois dos seus jogadores, um zagueiro e um centro médio, decidiram assinar pelo Sul-América. Assim que a notícia espalhou-se pelo bairro, houve um comentário geral, “foi um baaah, esses caras não podiam jogar pro Sul-América.”<sup>263</sup> Posteriormente, passado o impacto inicial, aparentemente o fato tinha sido assimilado pelos dois clubes. Tudo parecia estar transcorrendo razoavelmente até que em um jogo em que ventava muito, bateram um escanteio e o centro-médio foi tirar de cabeça e fez um gol contra. “Pronto”. Foi um acidente, mas era o que faltava, “a torcida gritava: é vendido, esse é vendido, não é nosso, isso vem do Arealense, não é nosso .”<sup>264</sup>

---

<sup>261</sup> Ibid.

<sup>262</sup> Ibid.

<sup>263</sup> Ibid.

<sup>264</sup> Ibid.

## 1º QUADRO DA S. R. AREALENSE

Equipe Campeã da zona do Areal em 1962

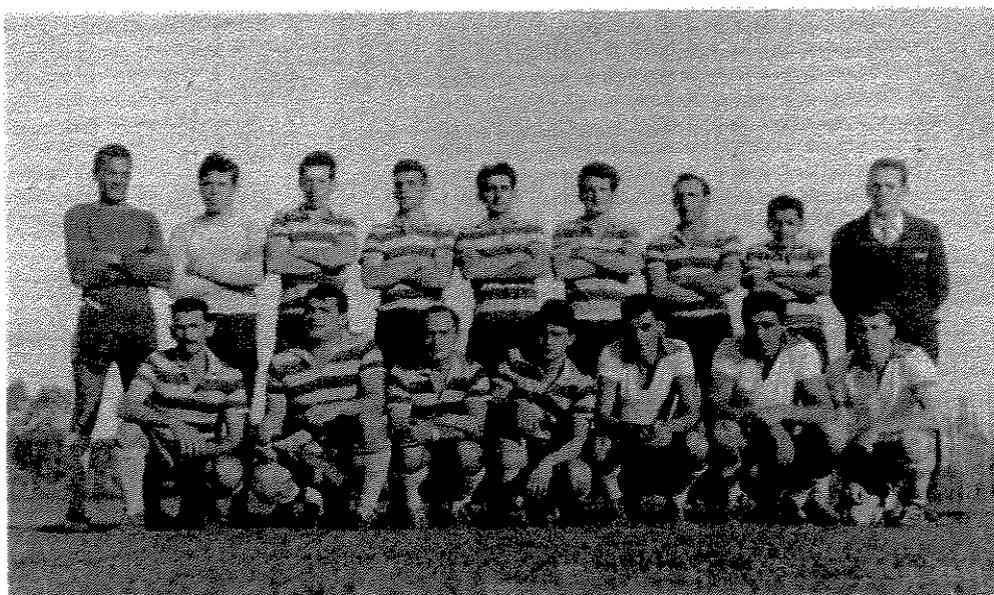


Em pé (da esquerda p/ direita): treinador, Jorge E. Bainy, Valentim Oliveira, João Lourenço (Pechada), Charuto, Dindin, Olicio Rosa, José C. Rodrigues (Cabide), Cláudio Cunha, Aglair Conceição (Leco). Agachados (mesma ordem): Adão Costa, Clóves Penadez, Valdir Cardoso, Dilson Ramalho, Edemar Soares (Marzinho), Wilson Rodrigues (Chaguinha), Nílvio Santos, Paulo Argou (Pipico).

(Fonte: acervo particular de Jorge E. Bainy. Fonte da escalação: Jorge Edi Bainy.)

## 2º QUADRO DA S. R. AREALENSE

Equipe Campeã da Zona do Areal em 1960



Em pé: (da esquerda p/ direita) Mário Dias (Mareco), Valentim Oliveira , Lourenço (Zarico), Jorge Cunha (Cabrito), G. Steves, Vilmar Rodrigues (Carrasco, José Lourenço (Zeca), Nilton Santos, (Cambota). Treinador Aires R. Nunes. Agachados (mesma ordem): José Viera, Tito Borges, Nilo Carzes, Cláudio Cunha (Lequinho), Arlei Lourenço, Jorge E. Baily, José R. Lourenço.

(Foto: Arquivos de Seu Jorge Edi Baily. Escalação: Jorge Edi Baily.)

## E. C. SUL-AMÉRICA

Clube do bairro Areal (rival do Arealense)



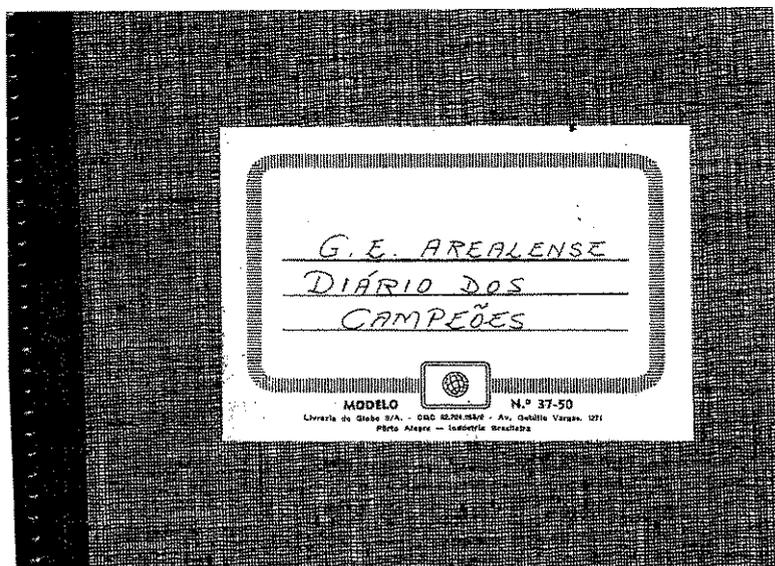
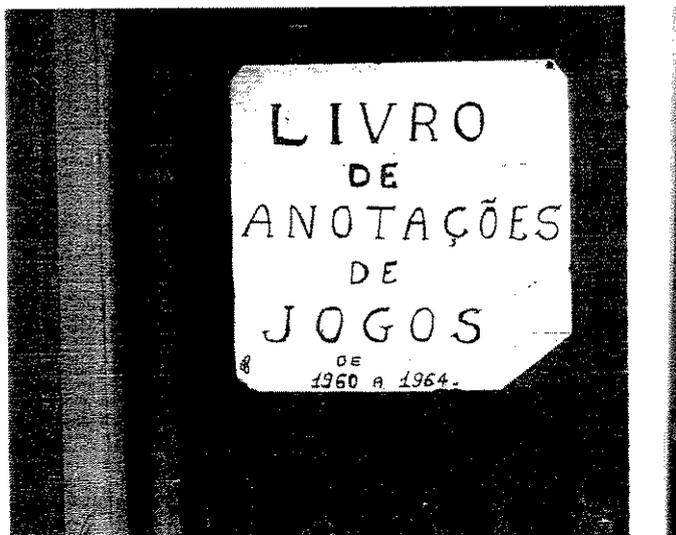
Fundado em 29 de outubro de 1928 - pertencente à zona do Areal.

Escalação (em pé da esquerda p/direita): Luiz Lourenço, Zeca Lourenço, Valdemar Machado, João Cardoso, Luiz Lima, Zezinho, Tito Borges. Presidente Edi Mattos. Agachados (mesma ordem): massagista Darci Carinha, Rubens Gonçalves, Moacir, Darci Galego, Martelinho, Ivo Gonçalves, Kenedi Erigon. Mascote; Ademir Gonçalves.

(Fonte: Sede do clube. Escalação: Jorge Gonçalves, 52 anos. {Ex-jogador do clube, Seu Jorge continua residindo no bairro Areal, na foto há dois irmãos seus: Ivo e Rubens Gonçalves.})

## LIVROS DE ANOTAÇÕES

Capas dos “livros de anotações” da S. R Arealense confeccionados por Seu Jorge Edi Bainy .



(Fonte: Acervo particular de Jorge E. Bainy.)

#### 4. 4 - O bairro e o clube de futebol

Pierre Mayol, ao falar sobre os bairros, comenta como eles interferem, condicionam e ajudam a produzir um estilo de vida em seus moradores com seus códigos de conduta. Para o autor trata-se de “uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição.” O exemplo, emblemático, da S. R. Arealense, mostra como os clubes de futebol ocupam um lugar de destaque dentro dos bairros.

Além de atuarem como ícones de pertencimento (identificam seus membros entre si e com o bairro), os clubes de futebol agem como catalisadores que concentram e reproduzem os afetos, os códigos e os conflitos que flutuam pelas ruas. Por sua capacidade de agregar e interagir com os moradores, eles tornam-se agenciadores de sociabilidade, um lugar onde forjam-se sentimentos e valores, um espaço utilizado para administrar as rivalidades, as diferenças e as tensões intrínsecas a todo bairro: “Cada clube desses tinha um grupo ligado a eles.”<sup>265</sup>

Poder-se-ia dizer que os clubes são pequenos microcosmos do bairro, já que um condiciona o outro mutuamente. O futebol, as festas e os bailes fazem dos clubes um espaço compartilhado pelo bairro, principalmente nos finais de semanas, quando eles se tornam pontos de encontro. Ao redor do campo de futebol, escorado na copa, ou nos bailes e festas transitam tanto os freqüentadores assíduos como novatos, curiosos do próprio bairro, ou visitantes da redondeza. O clube transforma-se em um lugar propício para encontros, um espaço que contribui para aproximar amigos, conhecidos e vizinhos quase anônimos. Proximidade fundamental para forjar um estado para melhor “conviver” entre toda a vizinhança.

---

<sup>265</sup> Ibid.

Simoni Guedes, ao analisar o futebol de bairro, acentua que ele ajuda a forjar redes de sociabilidade em que, segundo ela, “joga-se e negocia-se, para além do futebol, valores, idéias, informações sobre o mercado de trabalho e sobre locais de moradia.” A autora observa que “. . . os laços são mais fortes no local de residência, estendendo-se e esgarçando-se pelas áreas próximas . . .”<sup>266</sup>

Ambos, bairro e clube, longe de serem espaços harmônicos e idealizados, são constituídos também por jogos de poder. As permanentes divergências e disputas que neles germinam são balizadas e administradas por determinados pactos sociais que criam obrigações e estabelecem vínculos comuns a todos que neles se inserem. Ambos, clubes e bairros, mais do que leis padronizadas, tendem a orientar-se por certas posturas éticas contingentes e singulares. “A prática do bairro é uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível por todos os usuários através dos códigos da linguagem e do comportamento.”<sup>267</sup> Mais do que uma normatização, esse pacto ético visa forjar um sentimento favorável a uma coletividade, entendida aqui como “um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro.”<sup>268</sup>

A análise feita da experiência da S. R. Arealense propiciou identificar algumas singularidades do futebol de bairro, como a sua peculiar maneira de lidar com transferência dos jogadores de um clube para outro. Quando a troca se dá entre times rivais, vimos que há resistências a ela. Porém, quando se trata de deixar o time para ingressar no futebol profissional, a aceitação é de todos — a saída é comemorada, é contada em alta prosa e passa a fazer parte da memória do clube. Orgulhosamente Seu Edi recordou alguns jogadores que foram revelados pelo Arealense e viraram profissionais : “. . . teve o Joaquinzinho, que jogou aqui em 50, 51, 52, 53 e, a partir de 54, jogou no

---

<sup>266</sup> GUEDES, Simoni, L. **O Brasil no campo de futebol; estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói, Rio de Janeiro. EDUFF, 1998, p. 85.

<sup>267</sup> MAYOL, Pierre. In: **A invenção do Cotidiano**; 2. morar, cozinhar / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. Petrópolis, RJ, Vozes, 1996, p. 47.

<sup>268</sup> Ibid. p.47.

Brasil. Depois teve o Nildo, foi na década de 60, jogou aqui e depois foi pro Pelotas. O Xoxó [Alexandre Gaúcho] jogou aqui há poucos anos, ele ainda joga hoje, é do Grêmio, mas está emprestado.” Se deixasse, Seu Edi exercitaria a memória e iria acrescentar jogadores de outros clubes do bairro Areal à lista de nomes. “Djamir, Manuel, Gonçalves. Antigamente, saíam muitos jogadores. O Sul-América, um dos maiores que formou foi o Martelinho.”

Semelhante a uma família que vê seus filhos irem para o mundo, o bairro cultua com orgulho os jogadores que saíram de seus times e fizeram sucesso no competitivo universo do futebol profissional. Através da memória e da oralidade, os antigos companheiros de clube e os moradores do bairro se encarregam de passar para as novas gerações os nomes, as qualidades futebolísticas, as manhas e um pouco da trajetória desses jogadores que ganharam certa fama. A alegria e o orgulho com que a maioria dos moradores narra e guarda na memória as histórias desses jogadores mostra alguns laços de pertencimento instituído entre futebol e bairro.

Mesclando sentimentos clubísticos, forjadores das rivalidades locais, com laços de pertencimento ao bairro, as práticas desse futebol infame parecem ser capazes de criar elos de interação, de incitar interconexões não só entre os pertencentes a um mesmo clube ou bairro, mas com o resto da cidade. Essa probabilidade aumenta, principalmente se concordamos com Pierre Mayol, quando ele pressupõe que “o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido.”<sup>269</sup> O bairro, prossegue o mesmo autor, “se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública.”<sup>270</sup>

---

<sup>269</sup> Ibid. p. 40.

<sup>270</sup> Ibid. p. 44.

O futebol de bairro, assim como outras práticas culturais que aí são produzidas ou apropriadas, atua como um fomentador da inquietude, como mais um desafio para a “inventividade” e para a “arte de fazer,”<sup>271</sup> qualidades que acompanham os produtores culturais das ruas e dos bairros. Audacioso, insistente e astuto, o futebol infame sobrevive e prolifera. Para isso ele conta também com um determinado grau de disciplina e persistência dos seus autores. Para alguns, como Seu Jorge Edi, tamanho é o envolvimento que essa perseverança beira a uma certa obstinação. Sensação que passa quando manuseio os seus cadernos de anotações ou passagens de seu depoimento, como por exemplo, no momento em que ele lastima o cancelamento do setor de futebol da S. R. Arealense a partir de 1993. “Foi a primeira vez que parou, e tu sabes que seu eu tivesse uns dez, quinze ou vinte anos a menos eu não tinha deixado parar. ah, não tinha.”<sup>272</sup>

---

<sup>271</sup> Termos utilizados por CERTEAU, Michel. op. cit. 1994.

<sup>272</sup>Entrevista com Seu Jorge Edi Bainy, 1999. Simoni Guedes, ao analisar exemplos de futebol de bairro destaca que essas experiências, com suas ambigüidades e aparentes contradições são desdobramentos de uma cultura e, ressalva a autora, “classificá-las como ‘espontaneístas’ não iria acrescentar muito à sua compreensão, embora adicionasse um tanto de etnocentrismo em relação a forma de intervenção pautadas em racionalidades outras.” (GUEDES, Simoni. op. cit. p. 95.)

#### 4.5 – Rastros infames

### FUTEBOL FEMININO



Foto do jogo feminino Corinthians F. C. X Vila Hilda F. C. Partida realizada no estádio do G. E. Brasil dia 8 de Julho de 1950. Corinthians 1 X 0 Vila Hilda.

Além do “sucesso financeiro - desportivo - social,” a imprensa da cidade destacou o fato desse jogo ser uma das primeiras partidas de futebol feminino no estado e no país. (A direita, o jornalista Osmar Flores, presidente da associação dos cronistas esportivos de Pelotas. Foto: João Carvalho.)

(Fonte: Revista dos Esportes, Ano II, nº 10, 1949, p. 12.)

## G. E. SÃO JOÃO BATISTA



Em pé (da esquerda p/direita): Brito, João, Avelino Magalhães, Fontana, Guedes. Agachados (mesma ordem): Definkis, Barão II, Nenê, Schdöeder I, Gantes.  
Jogo realizado no campo do Fiateci F. C. dia 15/01/1950. São João Batista venceu o Liberal de São José do Norte por 5 a 1.

(Fonte Revista dos Esportes Ano II nº 19, Janeiro de 1950, p. 10 [fotografia de Alaor Grill].)

## G. S. PENHAROL



O G. S. Penharol foi fundado em 8 de Março de 1945. Equipe que enfrentou o Baependi F. C. , no campo do Tamandaré. Em pé (da esquerda p/direita): Zézinho, Adão, Pena, Círio, Dídi, Paulo. Agachado (mesma ordem): Bira, Madrogôa, Nico, Sanches, Nei. Mascote: Derney Tavares.

(Fonte: Revista dos Esportes Ano III, nº 26, Agosto de 1950, p. 16.)

## G. E. LIBERAL



Pertencente ao bairro Fragata, o G. E. Liberal foi fundado em 29 de Novembro de 1929.

Em pé: Raul Disquez (presidente de honra), Polaco, Magalhães, Doda, Alemão, Carneirinho II, Vitor, Beca (Capitão Geral). Agachados: Edú, Petrucci, Nery, Djalma, Pedrinho.

(Fonte: Revista dos Esportes, Ano II, nº 19, Janeiro de 1950.)

## DESTAQUE PARA AS MADRINHAS



Equipe do G. E. São Pedro que venceu o campeonato organizado pelo Livraria do Globo F. C. em 1949 .

(Fonte: Revista dos Esportes, ano II, nº 19, Janeiro de 1950, p. 18.)

## ARSENAL F. C.



Clube da Zona da Luz, fundado em 9 de julho de 1947. Em pé (da direita p/ esquerda): Sapo, Telmo e Ary; Ciro, Aldo e Dadá; Agachados (na mesma ordem): Ruy, Almir, Quiqui, Malinho e João.

(Fonte: Revista dos Esportes Ano V, nº 43, Agosto de 1952, p.14.)

## DESTAQUE PARA O “PADRE”

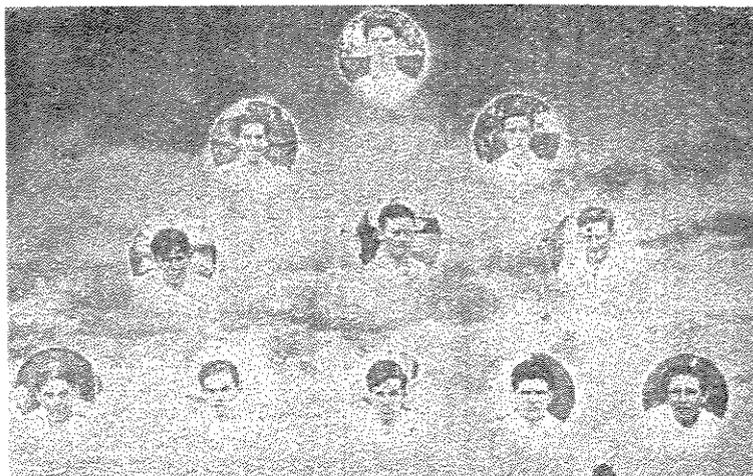
Duas equipes dos pensionistas menores do Colégio Gonzaga



Dois times de pensionistas menores do Colégio Gonzaga. Primeiro time: Manoel Viana, Joaquim Motta, Abel Lima, Luiz Leão, Celso Abreu, Auro Acevedo, Leopoldino Simoni, Renato Abreu, Joaquim Machado, Josmar Borges, José Carlos Simoni. Segundo time: Clementino Fonseca, Roberto Acevedo, João Osório Corrêa, Fernando Soares, Pedro Corrêa, Bayard B. Jacques, João Carlos Ignácio, Alfredo Netto, Jorge Serpa, Vinicius Netto, Manoel Terra. Técnico: Irmão Afonso. (Foto tirada por ocasião de um torneio interno do colégio.)

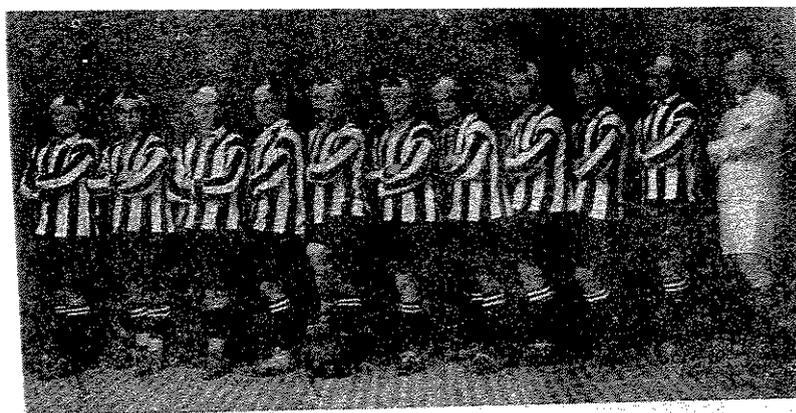
(Fonte: Revista dos Esportes, Ano II, nº 23, Maio de 1950, p. 17.)

## TIME DO BANCO PELOTENSE



O Banco Pelotense (1906 — 1931) foi um ícone do progresso e do destaque econômico da cidade no início do século. A existência de um time do banco mostra a propagação do futebol pela cidade. (Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1919, Ano 1, nº 9, p.09.)

## A MARCA COLEGIAL



O eliche acima fixa o Combinado PE-GON (Pelotense Gonzaga), que foi organizado em 1926 para enfrentar o de igual categoria formado por alunos da Escola de Agronomia e Escola Prática de Comércio. Entre os elementos que o compõe vamos encontrar NOVE JOGADORES DO GONZAGA e dois do Pelotense, o que demonstra quão superior era naquela época o esquadrão gonzaguano. Da esquerda para a direita, aparecem: Nei Barreto, dr. João J. Mendonça, João Pedro Netto, dr. Orlando Corrêa de Azevedo, Francisco Corrêa de Azevedo, Francisco Brisolara da Rosa, Cabito (Neto), Alfredo Schild, Ottilio Moreira Fabião, Tristão Garcia e Armando Goulart

(Fonte: Revista dos Esportes, nº 13, ano, II, 1949, p. 7.)

## Capítulo V - O futebol cria histórias

Onde há futebol é costume criar histórias que passam de uma geração para a outra. Contadas e (re)inventadas nos bares, estádios e nas ruas, muitas delas acabam virando lendas, histórias do bairro, da cidade e, às vezes, até do país.

Apesar de mutante, o futebol mantém esse hábito de criar histórias. Algumas têm a magia de resistirem ao tempo, persistirem por várias décadas. Com enredos multiformes, seus personagens podem ser jogadores, times, partidas, lances, mascotes ou a torcida. No futebol brasileiro, a lista delas é enorme, do tamanho do país. No Rio de Janeiro tivemos, por exemplo, a conhecida história do Sapo de Arubinha. Já em Porto Alegre podemos citar, entre outras, as histórias da cabrita Chita e do imortal goleiro Lara.<sup>1</sup>

Em Rio Grande, RS, sobressai-se a história da taça serrada ao meio. Conta-se que lá pelos anos quarenta, num jogo entre São Paulo e S. C. Rio Grande, o empate persistiu por tanto tempo que os dois clubes resolveram dividir o troféu, serrando a taça ao meio, na vertical. Hoje, cada clube guarda, em sua galeria de troféus, a metade que lhe coube.

No futebol pelotense, há um leque de “causos” que ficaram conhecidos, ganharam certa “notoriedade”. Como é o caso da história de Joaquinzinho, jogador do G. E. Brasil, que na década de 50 andou perto de ser trocado por Pelé. A seguir irei explorar um pouco mais essa faceta do futebol pelotense com três histórias: a de um pênalti, a de um jogo amistoso e a de um jogador da cidade.

---

<sup>1</sup> A história do Sapo de Arubinha originou-se após a vitória do Vasco da Gama sobre o Andaraí por 13 a 0. Conta-se que, como castigo por essa exagerada goleada, o Vasco penaria 13 anos sem ganhar nenhum título. Ver (FILHO, Mário. **O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.) A cabrita Chita foi um mascote, amuleto da sorte, adotada pela torcida do Internacional nos anos 40. A crença que ela ajudava o time a ganhar era tanta que Chita era levada aos jogos, com direito a ingresso e tudo. Eurico Lara foi goleiro do Grêmio nos anos 20. Dizem que ele fazia milagres. Sua atuação ganhou tanta fama que seu nome passou a fazer parte do hino do Clube.

## 5. 1 - O pênalti mais longo da cidade<sup>2</sup>

O pênalti é um dos momentos mais apolíneos do futebol. Nele há muito pouco de arte. Não há ginga, não há invenção, é um lance frio e calculista, ele é quase razão pura. Porém isso tudo não relega as penalidades ao esquecimento, pelo contrário. Por ser um dos raros momentos em que ambas as torcidas param, fazem um pacto de silêncio para acompanhar o seu desfecho, a maioria dos pênaltis, com seus minuciosos detalhes, fica retida na memória daqueles que os presenciaram, principalmente quando ocorrem em partidas decisivas.

A história do pênalti que aqui vou contar ocorreu em 1934, no jogo que iria apontar o vencedor do campeonato citadino de Pelotas daquele ano. Jogavam E. C. Pelotas e 9º Regimento de Infantaria, equipe militar do bairro Fragata. A partida foi no campo do Pelotas e o time da casa precisava vencer. O empate dava o título, inédito, para o time do bairro Fragata. Apesar do jogo ser no campo do Pelotas, a torcida do 9º R. I. compareceu em massa, afinal o time nunca estivera tão perto de ser campeão da cidade, bastava um empate. Além do mais, a equipe desse ano estava empolgando a todos, era uma das melhores: tinha Brandão no gol, Cardeal de centroavante, e assim por diante.

O jogo estava “ranhido”, como se dizia na época. Zero a zero, e já estava no finalzinho do segundo tempo. Mas, lá por volta dos 40 minutos, quando a torcida fardada do 9º R. I. já começava a festejar o título, o Juiz — na época era o juiz e não o árbitro — corajosamente sinalizou um pênalti a favor do time da casa. De pronto os protestos tomaram conta do gramado e das arquibancadas; a torcida do 9 R. I. aceitaria tudo, menos isso: um pênalti duvidoso a essa altura. Sem muita demora e sem maiores pruridos de “fair play”, ela não

---

<sup>2</sup> Título inspirado no conto “El penal más largo del mundo”, de Osvaldo Soriano. As semelhanças existentes entre o conto do autor argentino e o episódio aqui narrado vão muito além do título. Ao ler o conto e ouvir as histórias, tem-se a impressão de que um inspira o outro sem, contudo, ficar claro se é o conto que influencia as memórias dos depoentes ou se é essas que influenciam o autor do conto. Essa proximidade da memória com a ficção mostra-nos como, muito mais do que a verdade, a verossimilhança está presente na memória e nas diferentes versões da história. (VALDANO, Jorge (org.). *Cuentos de Fútbol*. Extra Alfaguara, Madrid, Esp. 1995. p. 323–332.)

hesitou: tomou conta do gramado decidida a não deixar cobrar pênalti nenhum. Era o título cidadão que estava em jogo. Parecia tão perto até instantes atrás e agora, em questão de segundos, estava se indo.

Naquela época, a segurança e a proteção nos estádios não eram iguais às de hoje. Em muitos deles, os torcedores ficavam em cima do campo, baforando na nuca dos jogadores. Assim, para um torcida fardada tomar o campo, mesmo na casa do adversário, não foi muito difícil. Mas isso não bastava. Como garantia de que o pênalti não seria cobrado, em meio a toda a confusão, alguém mais precavido encarregou-se de furar a bola. Estava consumado o alibi para o jogo parar. Em 1934 não era fácil conseguir uma bola extra de uma hora para a outra. Naquele tempo, após cada jogo, a bola que era costurada com tento e considerada uma preciosidade, era ensebada e guardada com todo o cuidado.

O jogo suspenso, por volta dos 40 minutos do segundo tempo, sem a cobrança do pênalti, levou a decisão — como acontece muito hoje em dia — para o “tapetão”. Sem a pomposidade e o dispositivo legal dos nossos dias, a deliberação foi a mais simples e pragmática possível: as duas equipes deveriam voltar a campo e terminar o jogo, reiniciando onde parou: com a cobrança da penalidade a favor do E. C. Pelotas.

Na data marcada, mais de uma semana depois, os dois times e suas respectivas torcidas voltaram ao mesmo estádio. Como uma última tentativa de pressão, o 9º R. I. exigiu que o juiz fosse o mesmo, um tal de Martinato, de Rio Grande, cidade de forte tradição no futebol gaúcho e vizinha de Pelotas. Martinato não fazia nenhuma questão, mas acabou voltando também. Teoricamente, ao contar com um pênalti a seu favor praticamente no final do jogo, a equipe do E.C. Pelotas estava em uma situação bastante cômoda, tinha tudo para vencer, sagrar-se campeã da cidade mais uma vez. A festa da comemoração do título já estava toda programada.

Assim que saiu a decisão do tapetão, João Pedro, ponteiro-direito e batedor oficial do E. C. Pelotas, e o cabo Brandão, goleiro do 9º R. I., iniciaram uma verdadeira maratona de

cobrança de penalidades. Nas ruas da cidade, nos bares, nos açougues, nas escolas, não se falava em outra coisa a não ser no tal pênalti.

Do goleiro, como acontece em toda a cobrança de um pênalti, não se esperava outra coisa senão o milagre da defesa. A responsabilidade da decisão estava toda ela centrada no cobrador e ela crescia a cada dia, ganhava um caráter obrigatório na mesma proporção em que proliferavam os comentários, atingindo, nas vésperas, quase o tamanho da cidade. Nenhum torcedor do E. C. Pelotas cogitava outra hipótese que não a do gol. Sem dúvidas ele iria converter a cobrança e mais um título estaria “no papo”.

Apesar de excelente ponteiro, reconhecido por todos na cidade, João Pedro ainda era um gurizote, não passava dos 20 anos, e pouco a pouco começou a sentir o peso da responsabilidade. Começou a dormir mal. Para sentir-se mais seguro, passou a treinar diariamente. Pelas manhãs e tardes cobrava dezenas de pênaltis, mas à noite a insônia voltava. Quanto mais se aproximava o dia do jogo, mais ele treinava e mais sonhava que Brandão iria adivinhar o canto — pesadelo de todo cobrador de pênalti.

Toda a cidade sabia que era João Pedro quem iria chutar o pênalti e sempre que alguém o encontrava na rua vinha lhe dar um palpite, dizer o canto que Brandão costumava escolher, dar dicas de como chutar, coisas desse gênero.

Finalmente, passada mais de uma semana, chegou o dia do jogo. Portões abertos, as duas torcidas voltaram a encher o estádio, motivadas para ver o tão esperado pênalti. Os torcedores do E. C. Pelotas dessa vez eram maioria e vieram em clima de festa, prontos para comemorar mais um título. Com as duas equipes em campo, a bola na marca do pênalti e o cronômetro beirando o final do jogo, o juiz Martinato autorizou a cobrança.

João Pedro caminhou para o local, aparentemente tranqüilo. Já tinha feito tantos gols de pênalti que esse seria apenas mais um, pensava consigo mesmo; além do mais, nunca havia treinado tanto como para aquela ocasião. Alto, rasteiro, forte, colocado, no canto direito, no

canto esquerdo, todas as maneira possíveis de uma boa cobrança ele tinha praticado repetidas vezes. Muitas eram as opções, bastava escolher uma e fazer o gol.

Chutou rasteiro, não forte e certo como de costume ou como havia treinado. Chutou “chocho”, chute típico de quem deixara para decidir na última hora. Chute tão chocho e, pior, no meio do gol, que Brandão não precisou de maior esforço para segurar.

Enquanto todo o 9º R. I. comemorava, a torcida do E. C. Pelotas não acreditava no que tinha acabado de ver, o campeonato e a festa programada tinham 'ido pro brejo' junto com o pênalti.

Como o futebol não é cristão, mas sim forjado no tenso e permanente jogo agonístico da vitória e da derrota, não há nele lugar nem tempo para a compaixão. O empate de zero a zero foi comemorado pelo 9º R.I. como se fosse uma vitória de goleada. Assim, no longínquo 1934, com a singular defesa de Brandão — se não foi a mais difícil da sua carreira foi a que mais tempo ele teve que esperar para fazer —, o time dos militares do bairro Fragata (hoje G. A. Farroupilha) sagrou-se, pela primeira vez, campeão da cidade de Pelotas.

Mais uma vez o futebol surpreendeu a todos. Mostrou que até mesmo na hora do pênalti, como uma contraface da racionalidade, a imprevisibilidade ronda a grande área.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Seu José Plácido Nogueira, dirigente do 9º R. I., esteve no estádio e acompanhou toda a novela da final do Campeonato Pelotense de 1934. Ele lembrou que da parte dos torcedores do E. C. Pelotas foi uma decepção geral, porque “o João Pedro tinha um tiro forte e todos esperavam que ele desse um bagonaço, mas ele chegou e tava tão afobado que deu um chutezinho, um chutinho assim . . . e a bola foi defendida.” Já seu Alcides de Moraes, ex-goleiro do Pelotas, mesmo não tendo presenciado essa final, contou que muito ouviu falar desse episódio e fez a seguinte ponderação: “Também o estado de nervos que ficou o cara, que passou a semana toda sabendo que iria bater o pênalti. Eles deviam ter colocado todos para treinar e, na hora, decidir quem ia bater.”

## 5. 2 - Grêmio Esportivo Brasil Campeão Mundial

A derrota sofrida no Maracanã em 1950, queiramos ou não, marcou o futebol brasileiro. Levamos um bom tempo para nos libertarmos e curarmos dos resíduos daquele jogo. Toda vez que cruzávamos com o futebol uruguaio, fosse numa disputa entre clubes — libertadores — ou entre seleções, éramos invadidos por um sentimento no mínimo raro para nós brasileiros, orgulhosos e apaixonados pelo nosso futebol: uma estranha mescla de medo e admiração. Por longo tempo mantivemos viva uma secreta e malfadada expectativa de que, a qualquer momento, veríamos o futebol uruguaio ressurgir. Um novo Obdúlio Varela, com a mesma fibra e o mesmo senso de liderança, poderia despontar a qualquer momento e (re)conduzir a Celeste Olímpica (codinome proveniente (Celeste da cor da camisa, Azul Celeste, e Olímpica pelos dois títulos olímpicos conquistados em 1924 e 1928) ao lugar que ocupou na primeira metade do século.

Foi principalmente a copa de 50 que nos introjetou esses sentimentos ambíguos perante o futebol uruguaio. Seríamos campeões mundiais pela primeira vez, bastava-nos um empate, e eles, ousadamente, depois de estar perdendo por 1 a 0, viraram o jogo, fizeram 2 a 1 e nos tiraram o título debaixo do nosso nariz, dentro de nossa própria casa, ou melhor, do templo que havíamos construído para sermos campeões do mundo: o Maracanã.

Passada a copa, muitas histórias sobre a Seleção Campeã vieram a público. Uma delas afetou e ficou na memória da torcida Xavante do G. E. Brasil de Pelotas/RS, tanto quanto a derrota do Maracanã. Trata-se do jogo que envolveu o G. E. Brasil e a Seleção Uruguaia meses antes da copa.

A partida ocorreu em meados de maio de 1950, como parte dos preparativos da Seleção Uruguaia para a copa. O jogo amistoso ocorreu em Montevideu e o G. E. Brasil, que na época contava com uma das melhores equipes da sua história, venceu a Celeste Olímpica

por 2 a 1. Seu Plínio, ponta esquerda da equipe pelotense, participou desse jogo e, ao recordá-lo, destacou que sua equipe jogou um futebol “tão primoroso que em uma determinada hora a meia cancha ficou trocando bola e o Obdúlio Varela correndo feito um desvairado, atrás de um e de outro, de um e de outro,<sup>4</sup>” Se na ocasião a vitória sobre uma seleção que se preparava para a copa foi considerada um feito, depois do Uruguai sagrar-se campeão, ela virou uma façanha que ficou do tamanho de uma lenda.

O sabor e o tamanho da vitória foram maiores ainda porque, além de tudo, o jogo foi na casa dos Campeões do mundo, nas vésperas da copa (apenas dois meses antes) e não no início da temporada, e contra a seleção principal completa, sem reservas. Aliás, conta-se que a equipe estava mais completa do que aquela que venceu a Seleção Brasileira. Comenta-se que a equipe que ganhou a copa, jogou com o ponta-esquerda reserva, enquanto a outra, que perdeu para o G. E. Brasil, estava com o titular.

Por tudo isso, pelo G. E. Brasil ter em seu currículo, a seu favor, essa 'revanche' particular do Maracanã, os torcedores Xavantes foram os primeiros brasileiros a tirar proveito imediato da derrota de 50.

O feito — ganhar da Seleção Campeã do mundo — logo deixou de ser considerado apenas mais uma vitória em amistoso. Passou a interagir com a cultura e a ficção e tornou-se parte da memória compartilhada pelo clube. Ainda hoje a “tal vitória” é lembrada com muito carinho e orgulho por seus torcedores, que lhe deram estatuto de título e a regaram com suas invenções e adaptações. Assim, por um bom tempo, ela passou a fazer parte das rimas, das letras e dos versos cantados pelos torcedores nas arquibancadas em dia de jogo. “Xavante, Xavante, já és Tricampeão: tens sangue, amor e fibra os negrinhos da estação. Ganhaste do Bancário, do Pelotas teu rival, ganhaste do Farroupilha e do Campeão Mundial.<sup>5</sup>”

---

<sup>4</sup> Entrevista com Seu Plínio Mello, 1999.

<sup>5</sup> Verso reproduzido por Marina Freitas da Silva durante o seu depoimento em 1999.

## G. E. BRASIL EM MONTEVIDÉU

Jogo em que G.E. Brasil venceu a Seleção Uruguaia, campeã em 1950.



Em pé (da esquerda p/ direita): Urtola (dirigente), Tibirica, Bedeu, R. Diaz, Tavares, Dario, Arizabalo, Chico. Agachado (mesma ordem): Mortoza, Galego, Darcy, Manoelzinho, Plínio, Figoli. Foto tirada em 19/03/1950 (Fonte: Regista Brasil Gigante, nº 2, 1970, p 69.)

A bola caiu em cima do braço do zagueiro e o juiz mandou cobrar o pênalti. Aí o Mortoza deu um bico na bola que ela entrou no ladinho da perna do Máspoli. Ele nem viu a bola. Ganhamos o jogo por 2 a 1, jogo que todo mundo comenta até hoje . . . (Fragmento do depoimento de Seu Plínio lembrando esse jogo)).

### 5.3 - Cardeal: uma história de um jogador quase infame

Eu era guri, mas me lembro perfeitamente, porque esse Cardeal fez uma jogada que eu vou te descrever assim com gestos: ele recebeu uma bola com a chuteira, a bola parava na ponta da chuteira, ele tinha uma qualidade excepcional, e este aqui, o Alcides, que era um dos melhores goleiros do RS, saiu para apanhar a bola e ele deu por cima e fez o Gol.<sup>6</sup>

Vou ser meio temerário a falar, mas ele com saúde acho que era melhor que Pelé.<sup>7</sup>

Era calmo e ágil e comandava seu ataque com rara habilidade. Sabia jogar de costas para o gol, e por isso ficaram famosas as suas viradas.<sup>8</sup>

Eu vi o jogo e vi ele fazer o gol. Uma bola centrada da direita, e ele agarrou com a mão esquerda na trave, subiu e cabeceou para baixo e fez um dos gols.<sup>9</sup>

Bem antes de começar o trabalho de campo, ao comentar com um colega de faculdade o tema e o recorte empírico que escolhera fazer, escutei o seguinte comentário: “Tu vais ouvir falar de um tal de Cardeal, um centroavante que existiu por aqui; ele era muito bom.” Posteriormente, no decorrer das entrevistas, vários jogadores como Fruto, Mário Reis, Chico Fuleiro e outros foram lembrados pelos depoentes. Já a previsão feita pelo meu colega não só se comprovou como me surpreendeu. O nome de Cardeal não era apenas citado. Além de ser lembrado por quase todo os entrevistados, independente do time com que mantinham vínculos, a maioria, como transparece nas falas acima, fazia questão de narrar um lance, contar uma jogada, um gol ou uma façanha que o viram fazer ou que ouviram contar que ele tenha feito.

---

<sup>6</sup> Entrevista com Seu Virgílio Mozzilo, 1999.

<sup>7</sup> Entrevista com Seu Alcides de Moraes, 1999.

<sup>8</sup> Frase retirada do depoimento de Romeu Machado dos Santos, o Machadinho. Machadinho era jornalista esportivo na região, viu Cardeal. Eram amigos, prestaram serviço militar juntos. Jornal Zero Hora, 26/08/1980, p.41

<sup>9</sup> Entrevista com Seu Plínio Mello, 1999.

De nome estranho, Sezefredo Ernesto da Costa, Cardeal era natural de Santa Vitória do Palmar, cidade que nasceu em 1913 e onde começou a aprender a lidar com a bola. Jogou inicialmente como meia-direita no Esporte Clube Santa Cruz, passando logo a seguir a integrar o time do Grêmio Esportivo Brasil, ambos daquela cidade. Um pouco mais tarde, em 1933, transferiu-se para Pelotas, onde foi prestar serviço militar. Nesse mesmo ano começou a fazer parte do time dos Militares, como era então chamado na época o 9º R.I., que posteriormente, em 1944, passou a se chamar Grêmio Atlético Farroupilha, nome que mantém até hoje.

Nos anos em que Cardeal atuou pelo 9º R.I., o time militar do Bairro Fragata alcançou suas maiores glórias, foi tricampeão da cidade em 1934, 35 e 36. Em 1934 foi também vice-campeão gaúcho, perdendo a final para o Internacional de Porto Alegre; em 1935 tornou-se Campeão Regional e Estadual. A final do Estadual foi em Porto Alegre, diante do Grêmio Porto-alegrense. A decisão ocorreu no sistema melhor de três, na qual o 9º R. I. perdeu a primeira e ganhou as outras duas. Na última partida venceu o Grêmio no estádio do Força e Luz por 2 a 1: “Cardeal no primeiro minuto de jogo. Russinho aos 36 para o Grêmio, e Cerrito aos 18 do segundo tempo.”<sup>10</sup>

Como um dos principais responsáveis por esta façanha, primeiro e único título estadual ganho pelo time do Farroupilha, Cardeal começou aí a trajetória de jogador que o fez, e é ainda hoje, uma lembrança viva do futebol pelotense.

O ano seguinte, 1936, foi um ano de campeonato brasileiro de seleções estaduais. Pelo mérito do que vinha mostrando no 9º R. I., Cardeal foi convocado para fazer parte do selecionado gaúcho pela primeira vez; lá também sua atuação foi digna de criar histórias, como nos contou seu contemporâneo Alcides:

---

<sup>10</sup> Jornal Zero Hora, 26/08/1980, p. 40/41. O Campeonato Gaúcho desse ano foi uma espécie de homenagem aos 100 anos da Revolução Farroupilha que ocorreu no RS em 1835. Este fato justifica a opção do nome que 9º R. I. fez mais tarde quando tornou-se o G. A. Farroupilha.

Tem uma história interessante que é quando ele foi convocado para a seleção gaúcha em 1936, e aí o meia-esquerda da seleção era o Foguinho. Ele chegou e treinava nos reservas; mas os reservas, de um modo geral, ganhavam sempre, porque o cara jogava uma barbaridade. Então inventaram uma posição pra ele, foi jogar de centroavante para não tirar o Foguinho que era também muito bom jogador.<sup>11</sup>

Com uma desenvoltura incomum para a época, capaz de transitar com facilidade por diferentes posições do ataque — meia-direita, meia-esquerda ou centroavante — e um faro apurado de gol, Cardeal demonstrava não se intimidar pelo fato de atuar diante dos melhores jogadores do país na época, em sua maioria pertencentes aos clubes do Rio e São Paulo. Nas narrativas históricas singulares de nossos depoentes e nas declarações de cronistas esportivos, aparecem bastantes frases curtas, típicas da cultura futebolística, para tentar passar uma imagem da maneira como ele jogava: Era um jogador clássico, não era de dar trompaço. Era muito habilidoso. Tinha muita calma e frieza para fazer gols. “Era um esgrimista da pelota, um verdadeiro bailarino”<sup>12</sup> “Sua jogada mortal era o drible de corpo, que matava os adversários e que era facilitado por causa de seu corpo alto e magro.”<sup>13</sup>

Além das qualidades do jogador, as memórias de nossos entrevistados se mostraram também atentas para os detalhes sutis e as curiosidades dos bastidores, entre as quais destacaram-se o costumeiro lembrete de que Sezefredo da Costa jogava sempre usando uma boina vermelha, o que originou o seu apelido de Cardeal. Além da boina, é bastante lembrado seu biotipo e o seu hábito de vida: elegante, alto e magro, ele é recordado como um sujeito da noite, um tanto namorador, apaixonado pelo futebol, pelo baralho, além de ser muito bom também na sinuca.

O hábito noturno ajudou a que fosse recordado como “um boêmio.” O interessante é que a sua identificação como um boêmio que aparece mais de uma vez vem logo acrescida pela

---

<sup>11</sup> Entrevista com Seu Alcides de Moraes, 1999.

<sup>12</sup> Frase retirada do depoimento do jornalista Péricles Azambuja concedido à Umberto de Campos e reproduzida por ele no Jornal Diário Popular em 20/9/1985. p. 23.

<sup>13</sup> Depoimento de Machadinho ao Jornal Zero Hora. 26/08/1980. p. 41.

seguinte observação: “Mas tinha uma coisa, ele não bebia, sabe.”<sup>14</sup> Mais do que um paradoxo esta observação, aceita sem resistência, mostra a tranqüilidade com que a cidade convive com essa aparente ambigüidade, do ídolo jogador ser também um singular boêmio que não bebe. Talvez seja uma estratégia da memória compartilhada para preservar a imagem de atleta e as lembranças que Cardeal deixou como jogador.

Mesmo não bebendo e somente saindo à noite, mesmo sendo habilidoso, inteligente e calmo para jogar, a facilidade com que marcava gols e se adaptava dentro do futebol mais competitivo, que já vigorava no centro do país, deixava no ar uma inquietude, como se devesse existir mais algum segredo, ainda não revelado, capaz de justificar a tamanha facilidade com que Cardeal jogava futebol. Assim, durante a entrevista com seu Plácido Nogueira, insisti um pouco mais sobre o que fazia dele um jogador tão singular para a época. Além das suas qualidades técnicas e da inteligência com que jogava, o entrevistado contou que:

Ele, como cabo, foi Campeão Gaúcho Militar em salto em altura e 100 metros rasos, e isso pro futebol da época levava uma vantagem, . . . ele tava sempre no quartel treinando porque o Regimento tinha sempre competições com as outras unidades; tinha a olimpíada militar. Ele saltava em altura muito, de modo que bola centrada na área ele cabeceava que nem um tigre. [Risos.]<sup>15</sup>

Numa época em que a preparação física no futebol ainda era bastante incipiente, ter um atacante que, além de habilidoso era também um bom velocista, possuía uma excelente impulsão, era um eficiente cabeceador, realmente impunha uma diversidade de qualidades difíceis de serem encontradas reunidas num mesmo jogador, e suficientes para diferenciá-lo dos demais.

Após a sua participação no campeonato brasileiro de seleções no ano seguinte, em janeiro de 1937, ainda como cabo e jogador do 9º R. I., Cardeal foi convocado para fazer parte da

---

<sup>14</sup> Observação feita por Seu José Plácido Nogueira, salientada também no depoimento concedido por Seu Negrito e Seu Alcides de Moraes.

<sup>15</sup> Entrevista Seu José Plácido Nogueira, 1999.

Seleção Brasileira que iria disputar o sul-americano em Buenos Aires. Para uma época em que a base do "scratch" Brasileiro era formada por atletas que atuavam no futebol paulista ou carioca, sua convocação virou mais uma proeza.

O comentário de Seu Plácido, fazendo referência a um certo isolamento geo-político do Estado perante o centro do país, e aos critérios e condições de possibilidade com que se organizava a Seleção Brasileira, mostra a diferença existente entre aqueles anos e hoje:

Naquele tempo era tudo tão difícil. A Seleção Brasileira treinava com os que tinham lá. Então eles recomendaram pro Cardeal entrar na Seleção já em Buenos Aires, pra não ter que ir ao Rio treinar. Então ele já foi direto, e ir pra Buenos Aires era uma desgraça . . . ia até Jaguarão de canoagem e pegava o trem lá e ia pra Montevideú, de lá ia até Colônia pra passar pro lado da Argentina e pegar o trem de novo.<sup>16</sup>

Para se ter uma idéia melhor da novidade e exceção que foi a presença de Cardeal no elenco que disputou esse sul-americano, veja-se a seguir o nomes dos atletas brasileiros e seus respectivos times, que no dia 1º de fevereiro de 1937, enfrentaram o Selecionado Argentino na decisão dessa competição:

1. Jurandyr Corrêa dos Santos (S. E. Palestra Itália).
2. Euclides Barbosa, "Jaú" (S. C. Corinthians Paulista).
3. Domingos Spitalette, "Carnera" (S. E. Palestra Italia).
4. Herminio de Britto (S. C. Corinthians Paulista).
5. José Augusto Brandão (S. C. Corinthians Paulista).
6. Affonso G. Silva, "Afonsinho" (São Cristóvão A. C.).
7. Roberto Emilio da Cunha. (São Cristóvão A. C.).
8. Luiz Mesquista de Oliveira, "Luizinho" (S. E. Palestra Itália) (2).
9. Sezefredo Ernesto da Costa, "Cardeal" (G. A. 3º. R.I - Pelotas) (3).
10. Elba de Pádua Lima, "Tim" (A. A. Portuguêsa Santista).
11. Rodolfo Barteczko, "Patesko" (Botafogo F.C.).

---

<sup>16</sup> Ibid.

Obs. – (1) substituído por João Baptista Siqueira Lima, “Carreiro” (São Cristóvão); (2) substituído por Antonio Almeida, “Bahia” (Madureira A. C.) e (3) substituído por Carlos Dobbert de Carvalho Leite (Botafogo F. G.).<sup>17</sup>

Se Cardeal não era a estrela daquele “scratch”, cheio de jogadores badalados do eixo Rio-São Paulo, sua participação no campeonato sul-americano foi fundamental para torná-lo mais conhecido no centro e fora do país. Fazer parte de um elenco composto por tantos jogadores famosos do futebol brasileiro já seria façanha suficiente para um jogador do interior do RS. Mas onde Cardeal atuava sempre primava pela qualidade de seu futebol. Assim, mesmo tendo jogado somente parte de duas partidas naquele Sul-americano, sua única passagem pela Seleção Brasileira foi suficiente para deixar uma boa impressão, tanto é que de acordo com o Jornal Zero Hora, para uma parte da imprensa ele estaria entre os melhores da sua posição na competição.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> A equipe acima foi a que participou da partida da final do sul-americano em 1º de Fevereiro de 1937, no estádio do C. A. San Lorenzo de Almagro, em Buenos Aires. No tempo normal houve empate de 0 a 0, vencendo na prorrogação a Seleção Argentina por 2 a 0. O nome do time a que pertencia Cardeal foi posto errado; não era 3º R.I. e sim 9º R. I. (CASTRO, Alceu e FILHO, José. **Seleções brasileiras através dos tempos**. Ed. Adolpho Scherman, 1961, p. 32.)

<sup>18</sup> Jornal Zero Hora de 26/08/1980, p. 41. De acordo com Thomas Mazzoni, Cardeal jogou somente parte das duas últimas partidas do Brasil naquele sul-americano quando a Seleção brasileira enfrentou a Seleção da Argentina. Sobre sua atuação específica na primeira partida, o autor comenta que, assim como Luizinho, “Cardeal igualmente entrou muito tarde e demonstrou que com a sua maior ligeireza seria de melhor realização. Quando o ataque contou com ambos os jogadores, demonstramos que outras seriam as capacidades ofensivas.” (MAZZONI, Thomaz. **O Brasil no Campeonato Sul-Americano de futebol**. CBD, s/d p. 82) Maiores detalhes sobre esse e outros campeonatos sul-americanos, ver: (RIOS, Carlos. **História de los campeonatos sudamericanos de football**. All Gráf. Montevideu, 1944.)

## CARDEAL SURGE NO FUTEBOL PELOTENSE



Uma composição da equipe do 9º R. I. (Regimento de Infantaria) que venceu o torneio Início da Cidade de Pelotas, em 1933, ano em que Cardeal estréia no futebol pelotense com 20 anos. Da direita p/ a esquerda, em pé: Tenente Leão, Bichinho, Selistre, Cardeal, Itararé, Rui, Folhinha, Chavei e Castelhana (técnico). Sentado: Heitor (segurando a taça), Luiza, Chico, Brandão, Jorge e Coruja. (Informações retiradas do verso da foto). (Fonte: Álbum Cardeal, 1966, Sede do G. A. Farrroupilha.)

G. A. 9º R. I. — CAMPEÃO ESTADUAL EM 1935



Brandão, Cardeal, Selistre,, Chico, Itararé, Bichinho D'Água, Jorge, Gasolina, Birilla, Cerrito e Ruy. (Diário Popular, 20/09/85. p. 24.)

### 5. 3. 1- De jogador — soldado à atleta profissional

A equipe do 9º R.I., que fora Campeã Estadual, era identificada e formada por atletas militares: “Em 35 o time de futebol tinha um civil, que era o Moraes, reserva de goleiro. O resto era tudo soldado.”<sup>19</sup> De acordo com o depoente, somente mais tarde esse critério tornou-se mais flexível, inicialmente aceitando também os ex-reservistas que tinham dado baixa e um pouco mais tarde os civis de modo geral, sem nenhum tipo de restrição.

Apesar do profissionalismo já ser algo instituído nos principais clubes das capitais — oficializado desde 1933 —, em Pelotas ainda predominavam as práticas de um amadorismo marrom. A maneira com que o 9º R.I. formou um plantel capaz de vencer os times da capital é reveladora desta situação. A estratégia usada pelos militares lembra os métodos usados pelos clubes de fábricas.<sup>20</sup>

Os nosso jogadores eram todos dali: Pelotas, Rio Grande e Santa Vitória. Em Santa Vitória não tinha quartel, então . . . eles iam prestar serviço militar em Pelotas e Rio Grande. A gente (eu cansei de fazer isso) ia lá em Santa Vitória ver aqueles times, o Vitoriense, o Brasil e o Santa Cruz, e via quais eram os melhores e convidava eles para irem servir em Pelotas.<sup>21</sup>

Em uma época em que as leis trabalhistas eram ainda bastantes frágeis, as chances de fazer uma carreira militar, mesmo que temporária, não deixava de ser uma proposta bastante sedutora para muitos jovens da região, ainda mais sabendo que como jogadores teriam

---

<sup>19</sup> Entrevista com Seu Plácido Nogueira, 1999.

<sup>20</sup> Maiores considerações sobre futebol de fábrica e o “profissionalismo fabril.”, ver : ANTUNES, Fátima op. cit. 1992.

<sup>21</sup> Durante a entrevista, Seu Plácido lembrou o nome de vários outros jogadores que, segundo ele, vieram das cidades vizinhas para jogar nos times de Pelotas.

algumas “regalias” típicas que a caserna costumava conceder para seus atletas, como dispensas para treinar e para competir.

Após a passagem pela Seleção Gaúcha de 1936, as gratificações proporcionadas pela caserna deixavam de ser compatíveis com o futebol de Cardeal. Além disso, em 1937 ele encerraria sua carreira militar, já que vencida o prazo que ele poderia permanecer como Cabo. Ciente desta situação de instabilidade profissional futura, Cardeal aproveitou o momento em que estava sendo assediado como nunca por vários clubes do Rio de Janeiro e São Paulo para avaliar as diferentes propostas de profissionalização que lhe eram oferecidas. Suas declarações à imprensa revelaram a tranquilidade e os cuidados profissionais com que estudava as propostas:

É mais que provável o meu regresso. Recebi além das propostas do Flamengo e Fluminense, uma do Palestra: 10 contos de luvas. Naturalmente prefiro ficar no Rio. . . . A minha aquiescência dependerá da melhor proposta . . . . Os jogadores gaúchos são amadores, podendo, pois, transferir-se indiferentemente para um clube da C. B. D. ou da Federação Brasileira, é o que farei.<sup>22</sup>

Em meio à especulação da imprensa, no dia 16 de outubro de 1936, após um amistoso entre a Seleção Gaúcha e a Seleção Brasileira em Porto Alegre, em entrevista coletiva, Cardeal aproveita para desfazer os boatos de que teria sido seqüestrado pelo Peñarol de Montevidéu e noticia que acertou sua transferência para o Nacional daquela mesma cidade. Ele relata que a proposta que fez “exigindo vinte contos de luvas e um conto de réis mensal.”<sup>23</sup> foi aceita pela diretoria do clube uruguaio.

Aproveitando a proximidade cultural e geográfica que mantinha com o país vizinho, enquanto cidadão de fronteira — “nas férias dele ele ia sempre lá. Tinha parentes, tinha

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida por Cardeal ao Jornal o Globo do Rio de Janeiro, provavelmente de 1936. (ÁLBUM Cardeal, Sede do G. A. Farroupilha, 1966.)

<sup>23</sup> Entrevista concedida por Cardeal ao Jornal Diário de Notícias, 1936. (ÁLBUM Cardeal, op. cit. 1966, p.48.)

irmãos que moravam lá”<sup>24</sup> — Cardeal optou por trilhar o mesmo caminho de outros jogadores brasileiros como, por exemplo, Domingos da Guia, e transfere-se para o futebol uruguaio que, além de ser uma referência do futebol sul-americano, era um local onde o profissionalismo já estava melhor consolidado se comparado ao Brasil.

Depois de resolver algumas dificuldades burocráticas relativas à sua transferência, Cardeal prepara-se para começar a jogar em outro país e em seu novo clube. Os fragmentos a seguir apresentados dão uma noção da ansiedade que antecedia sua estréia.

Todos me querem bem e me apreciam muito, principalmente o presidente que é o Srs. Falco, que me quer como um filho. Domingo joga a primeira partida. . . . o povo de Montevideu em geral, aguarda com vivo interesse a minha primeira apresentação nos campos Uruguaios, estou precedido de uma fama incrível, e tudo farei para corresponder a mesma. . . . talvez fale ao microfone saudando o povo da minha terra e a vocês.<sup>25</sup>

Na sua estréia o Nacional venceu o Racing por 4 a 0, e Cardeal fez o que mais gostava e sabia fazer dentro de campo: marcou três dos quatro gols de seu time. Os jornais uruguaios definiram a sua exibição de estréia com as seguintes frases : “A nota sensacional do encontro foi a exibição do jogador brasileiro Da Costa (Cardeal), que marcou três belos golos, sendo um de cabeça.”<sup>26</sup> No outro dia o mesmo jornal publica “Cardeal poderá ser a sensação futebolística do ano”<sup>27</sup>

No Nacional, Cardeal permaneceu somente o ano de 1937, transferindo-se no ano seguinte para o Fluminense do Rio. Apesar de jogar só uma temporada no Uruguai, sua passagem

---

<sup>24</sup> Entrevista com Seu Plácido Nogueira.

<sup>25</sup> Passagem retirada de uma carta, disponível adiante, que Cardeal enviou de Montevideu para seus familiares no Brasil, datada de “20 de Maio de 1937.”(Arquivo pessoal da sobrinha de Cardeal, Dona Nenena.)

<sup>26</sup> Jornal Gazeta Portenha, reproduzido pelo Jornal O Diário Popular, 23/05/1937. (ÁLBUM Cardeal. op. cit, 1966, p.56.)

<sup>27</sup> Jornal Gazeta Portenha, reproduzido pelo Jornal O Diário Popular, 27/05/1937. (ÁLBUM Cardeal, op.cit.1966, p.44.)

por lá não foi despercebida; conta-se que ele chegou a marcar gols até para a seleção daquele país num amistoso em que venceram a Argentina. Alguns jogadores pertencentes ao elenco do Nacional, no ano em que Cardeal lá atuou, indicam não só a qualidade daquele time, como o padrão de futebol que existia no Uruguai. “O Nacional . . . podia manter os maiores jogadores do mundo: “El Príncipe” Ciocca, Arturo de León, Atílio Garcia, Enrique Hernandez, e dois jogadores campeões mundiais pela Itália em 34, o centro-médio Ricardo Faccio e o ponteiro esquerdo Roberto Porta.”<sup>28</sup>

Seu segundo contrato como jogador profissional, além de mais efêmero que o primeiro, foi também mais dramático. Contratado pelo Fluminense do Rio de Janeiro em 1938, após algumas partidas, num clássico com o Flamengo, Cardeal lesionou seriamente seu joelho esquerdo em uma disputa de bola com o jogador argentino Valido, lance que ele mesmo, mais tarde, fez questão de caracterizar como acidental. Após várias tentativas frustradas para se recuperar da lesão e voltar a jogar pelo time do Rio, Cardeal rescindiu seu contrato com o clube carioca ainda em 1938 e retornou a Pelotas.

De volta à cidade e ao clube que o revelaram em 1939, após fugaz passagem pelo futebol uruguaio e carioca, Cardeal ainda vai jogar muitas partidas na região, novamente pelo 9º R. I. Mas, a partir de agora, além do adorno singular da boina vermelha, ele irá entrar em campo, o que aparece nas fotos, portando também uma atadura em seu joelho esquerdo. “Eu vi ele jogar já com o joelho pisado e sem um pulmão, dizem que estava sem um pulmão, eu vou te contar. . . . ele acabou com o jogo.”<sup>29</sup>

Mesmo frágil de saúde e com uma lesão mal-curada no joelho, Cardeal disputou ainda várias competições, sendo Campeão da cidade pelo Farroupilha em 1943. Posteriormente chegou a exercer, algumas vezes, a função de técnico nesse mesmo time, que a essa altura

---

<sup>28</sup>Jornal Zero Hora, 26/08/1980, p.40.

<sup>29</sup> Entrevista com Seu Negrito, 1999.

já havia mudado o nome para Grêmio Atlético Farroupilha.<sup>30</sup> As recordações que falam de um Cardeal machucado e com sérios problemas de saúde referem-se ao jogador desse segundo momento.

Como continuava um boêmio, mas não era mais um atleta da caserna, perdera parte da velocidade e do condicionamento físico do atleta — soldado do início da carreira; mas não desaprendera a jogar futebol e tampouco a fazer gols, tanto que suas atuações em campo continuaram a criar história, mesmo em condições físicas inferiores à maioria dos jogadores.

Das atuações de Cardeal de final de carreira, uma das mais comentadas foi sua última participação na Seleção Gaúcha em 1944, num jogo contra os Baianos em São Paulo. Devido ao seu estado de saúde havia sido dispensado do elenco Gaúcho mas, após a primeira partida, em que a Baía venceu por 2 a 0, Seu Nogueira contou-nos que o Dr. Correia de Oliveira, na época presidente da Federação Estadual, veio pessoalmente buscá-lo aqui em Pelotas para o segundo jogo, contra os mesmos Baianos. Vamos pegar carona na narrativa de Seu Nogueira e deixar que ele mesmo conte mais alguns detalhes desse episódio:

Ele se tocou lá de São Paulo e veio falar comigo, pra eu falar com o Cardeal, pra ele ir lá jogar a outra partida . . . O Cardeal chegou pra ele: mas eu tô doente, tô magro . . . eu não posso ir, se um sujeito me der uma trombada me arreventa. Não. Mas, tu vais ao menos pra jogar um tempo . . . Aí o Cardeal disse assim: como é que ele joga? — o principal zagueiro da Baía que havia anulado o centroavante gaúcho. Olha, ele cola no sujeito e vai ser bruto pra ti também. E o Cardeal disse assim: olha então eu vou. Chegou lá, ele corria 100 metros que era um negócio, combinou com os outros do time pra recuar, deixar a Baía vir. A Baía vinha eles largavam a bola na frente pra ele. O primeiro tempo terminou 3X0 pros gaúchos e ele fez os três gols, aí ele saiu... no segundo tempo a Baía fez um gol mas foi desclassificada. Ele com a bola no pé era fogo na roupa. . . . jogava com a inteligência, conforme ele via o adversário, assim ele jogava.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> De acordo com o depoimento de seu Plácido Nogueira, a mudança do nome do 9º R. I. para G. A. Farroupilha ocorreu quando foi proibida a existência de times com nomes vinculados a etnias, “no mesmo período em que o Palmeiras deixou de ser Palestra Itália.”

<sup>31</sup> Entrevista com Seu Plácido Nogueira, 1999.

Depois de 1945, cada vez mais frágil de saúde, continuou envolvido com o futebol por mais alguns anos, agora no papel de técnico, sendo que por vez ou outra voltava a entrar em campo. Conta-se que em uma partida em que sua equipe perdia o jogo por 1x 0, no intervalo ele fardou-se, entrou em campo, fez dois gols e virou o jogo a favor de seu time.<sup>32</sup>

Em 1949, por seu estado de saúde ter-se agravado, Cardeal foi se tratar em Montevideú. Durante sua estadia no hospital chegou a receber a visita da delegação do Grêmio Futebol Porto-alegrense quando lá esteve para participar de jogos amistosos. Nessa ocasião recebeu da delegação um exemplar da bola Cardeal, confeccionada em sua homenagem e que levava seu nome. Apesar da enorme torcida por sua recuperação, sua saúde já estava por demais comprometida, vindo a falecer lá mesmo, no Hospital das Clínicas, no dia 3 de agosto de 1949, aos 36 anos de idade.

Por ironia do destino, Cardeal faleceu numa cidade onde jogou apenas uma temporada, mas, como sempre, o fez com tamanha personalidade que foi suficiente para deixar saudade naqueles uruguaios que também puderam vê-lo em campo.

#### “ CARDEAL ”

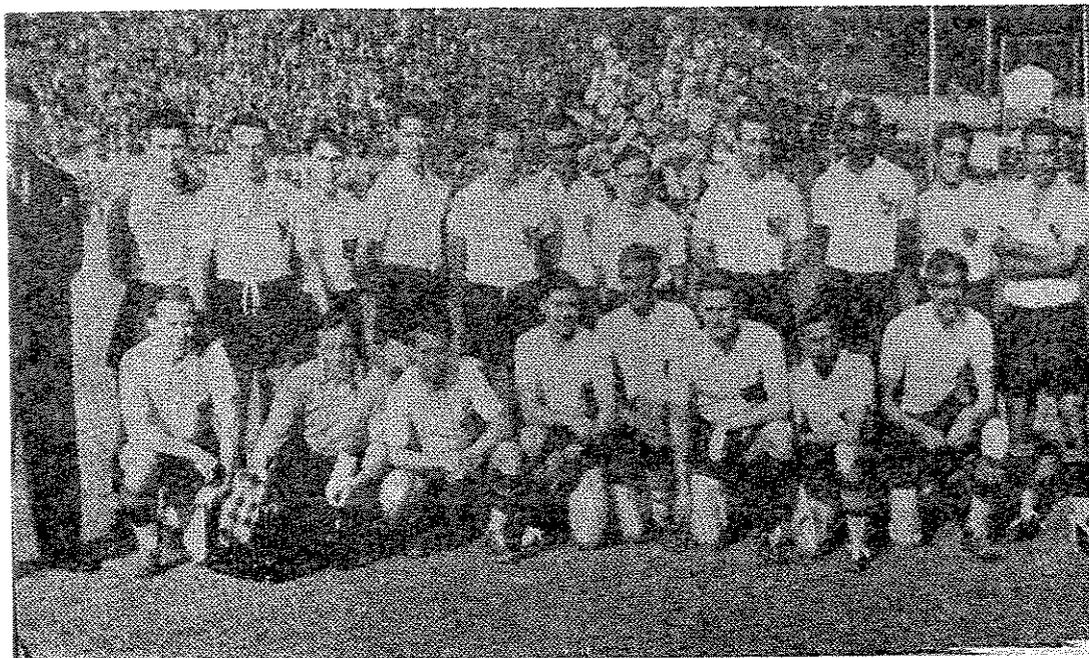
Otro extranjero a quien se quiso y admiró como a un Uruguayo. Sólo jugó una temporada em Montevideú (em 1937). Sin embargo su actuación siempre será recordada. Fue un lujo verlo em aquella delantera del Nacional que integraban Porta, Ciocca, Cardeal, Arispe e Thurbide. Pagó tributo al juego brusco que anuló el virtuosismo de su classe. Fue un caballero, un modelo de jugador. Se retiró, pobre y enfermo, falleciendo em 1949 en nuestra capital donde descansan sus restos. Alfredo Sezefredo “Cardeal”. Fue un jugador inolvidable.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Relato anônimo, colhido informalmente com um antigo sócio do G. A. Farroupilha durante os dias em que eu pesquisava junto à sede do clube.

<sup>33</sup> Crônica no El Torito publicada em um jornal Uruguaio em 18/03/1960 *ÁLBUM Cardeal*, op. cit. 1966, p.55. Cardeal foi enterrado em Montevideú em 1949. Mais tarde em 1951, por meio de uma campanha popular, seus restos mortais foram transferidos para um cemitério de Pelotas. Em Santa Vitória do Palmar, cidade em que nasceu, como uma homenagem foi colocado o seu nome no ginásio esportivo da cidade.

## CARDEAL NA SELEÇÃO GAÚCHA



Seleção gaúcha de 1936, vice-campeã brasileira. Da esquerda p/ a direita, em pé: Telêmaco F. de Lima (téc.), Penha, Negrito, Cascão, Luiz Luz, Wanderlino, Itararé, Rui, Risada, Grandi, Russinho e Miro; agachados, na mesma ordem: Sardinha II, Corati(massagista), Sorrinho, Eugênio, Cardeal, Foguinho, Tom-Mix e Dario.(Fonte; Revista dos Esportes, Ano10, n ° 108, 1958, p.4)

CARTA DE CARDEAL

Montevideo 20 de Maio de 1934

Queridos Amigos Sr. Ho e Sr. ...

Desejo-lhes saúde e felicidade juvenis com  
os queridos filhos.

Eu não vou indo bem, graças ao Sr. ...  
Aproveito a oportunidade do amigo  
Manuel B. para escrever-lhes estas  
poucas linhas a minha vida aqui  
vai indo muito bem, em na simplicidade  
de todos os dirigentes do Nacional,

todos me querem bem e me apreciam  
muito, principalmente o presidente,  
que é o Sr. Falco, que me quer como  
um filho. Domingo joga a primeira  
partida contra o River, o povo  
de Montevideo em geral, aguarda  
com vivo interesse a minha primeira  
apresentação nos campos Uruguaios,  
estão precedido de uma fama desori-  
vet, e tudo fará para consagrar  
a mesma.

Junto a esta envio uns recortes de  
jornais, para que se entenda melhor

Queridas irmãs não posso escrever  
mais porque já são nove horas da  
noite e tenho que levar a carta  
ao Sr Manoel, que sai amanhã de  
manhã, espere resposta. Também  
falle ao microfone saudando o  
povo da minha terra, e a vossas  
saudades para todos os da minha  
família um abraço ao São Vicente,  
e que estou muito agradecido pelo car-  
tão que elle manda para o Sr. L.  
apresentar-lo, e um grande beijinho  
recebam infinitas saudades e um  
beijo em cada qui do amor que  
unite os que

Tardes

O meu endereço:  
Rua Perez Castellanos n.º 1366 Ep. 3.º  
República Oriental do Uruguai  
Montevideo

## CARDEAL EM MONTEVIDÉU

Cardeal Cabeceando. O uniforme revela a equipe: o Nacional de Montevidéu.



A foto mostra a impulsão de Cardeal, uma de sua qualidades famosas. Na mão esquerda a boina vermelha, adorno futebolístico que só tirava na hora de cabecear.  
(Fonte: acervo particular de Laci Alves da Costa, Dona Nenena, sobrinha de Cardeal.)

## CARDEAL EM CAMPO



Destaque para o olhar atento de todos para a bola e o movimento da perna esquerda de Cardinal, ao centro, preparando-se para a 'dominar.' (Fonte: acervo particular de Dona Nenena).

CARDEAL POUSA COM O UNIFORME DO NACIONAL



(Fonte: acervo de Dona Nenena.)

## CARDEAL VOLTA A PELOTAS



Depois do Uruguai e do Fluminense do Rio de Janeiro, Cardeal retorna ao seu antigo time de Pelotas. Nos anos 40 ele entra em campo e aparece nas fotografias portando uma atadura no joelho esquerdo. A foto mostra a equipe do G. A. Farroupilha que venceu o campeonato citadino de 1943. Da esquerda p/ a direita, agachado, ele é o terceiro. (Fonte: acervo de Dona Nenena.)

### 5.3.2 - Saudades de um jogador do interior

Além de ser um exímio estilista do futebol, autor de belos gols, comemorações tímidas e jogadas imprevisíveis, Cardeal freqüentou os campos num período de rupturas e transição do futebol brasileiro, por isso sua trajetória contém também sinais das dificuldades pelas quais passavam os jogadores daqueles tempos.

Em um contexto em que a luta pelo profissionalismo estava em andamento, os jogadores que o almejavam e o tinham como modelo de vida travavam disputas ardentes também fora de campo, já que na época tal reivindicação era conflitante com boa parte dos valores morais do momento. Além disso, vivíamos um momento histórico em que a regulamentação dos direitos e das leis trabalhistas, mesmo fora do âmbito restrito do futebol, era ainda bastante incipiente.

Por ser um jogador branco, Cardeal não enfrentou o forte preconceito da cor — outro estereótipo que maculou o futebol moderno no Brasil, desde sua emergência, estendendo-se até bem pouco tempo — como tiveram que fazer alguns de seus colegas contemporâneos como Domingos da Guia, Leônidas, Feitiço e Tesourinha. Mas, nem por isso, sua vida como jogador foi tranqüila ou privilegiada.

Os imprevistos trágicos que restringiram a maior parte de sua carreira a um clube do interior do RS permitiram-lhe realizar apenas frágeis e fugazes contratos profissionais, ainda mais deficientes do que aqueles que conseguiam os jogadores da Capital do Estado e do centro do país. Esta situação fez com que no final de sua vida, aos 36 anos de idade apenas, Cardeal tivesse que enfrentar, além das enfermidades, sérias dificuldades financeiras, vindo a falecer novo e pobre.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> O processo de ascensão e consolidação do profissionalismo dentro do futebol brasileiro não ocorreu de maneira homogênea em todo o território nacional. No RS ele aconteceu primeiro nos clubes da Capital e,

Após ter mostrado para o país todo seu potencial como um jogador — soldado, quando decidiu profissionalizar-se e transferir-se para o Nacional de Montevideú, Cardeal, apesar de ser um atleta de clube amador como a maioria dos jogadores de seu tempo, também enfrentou dificuldades perante a CBD para conseguir sua liberação. Outros jogadores intervieram a seu favor, como Itararé, seu colega de clube e da seleção gaúcha de 1936, em uma carta que enviou ao Jornal Folha da Tarde em 13 de maio de 1937, solicitando que este intercedesse junto à CBD a favor de Cardeal. Nesta, Itararé faz as seguintes considerações: “Sr. redator, o meu ressentimento é contra a CBD que devia primar pelo bom nome do desporto nacional, não deixando margem para taxá-la de injusta para com A ou B, e o que é pior, negando o passe a um jogador que cobriu de glórias o football pátrio, ajudando a encher os cofres da entidade, no campeonato sul-americano.”<sup>35</sup>

Depois de tornar-se profissional, conseguiu um bom contrato, para aquela época, com o Nacional. Ao se transferir para o Fluminense do Rio — como já havia dito, seu segundo e último contrato profissional —, a sorte voltou a manter-se distante.

Além de ter-se tornado quase um mito do futebol da zona sul, Cardeal representa também as singularidades e a potência do futebol dessa região nos anos 30, força personificada e exemplificada pelos vários títulos estaduais conquistados pelos clubes da região — Pelotas, Rio Grande, Bagé e Livramento — naquele período<sup>36</sup>. A zona da campanha, além dos bons jogadores que formava, era também uma região determinante na conjuntura econômica e política do Estado, ainda bastante centrada no setor agropastoril, o que proporcionava uma importante base infra-estrutural para o futebol da região.

---

segundo os depoentes, somente mais tarde, década de 40 em diante, ele tornou-se referência também para o futebol do interior e de Pelotas.

<sup>35</sup>ÁLBUM Cardeal, op. cit. 1966. p. 44.

<sup>36</sup> Os títulos estaduais ganhos pelos times dessas cidades foram: Brasil – PE (1929), Guarany – BA (1920), Grêmio de Bagé (1925), Pelotas (1930), São Paulo – RG (1933), 9º R. I. – PE (1935), Rio Grande (1936), Grêmio Santanense – SL (1937), Guarany – BA (1938), Riograndese – RG (1939). (Revista da Federação Gaúcha de Futebol. op. cit., 1994.)

Além do amparo econômico, o futebol dessa região contava também com suas peculiaridades e diversidades geoculturais de fronteira. Enquanto tal, mantinha permanente contato e diálogo com o futebol platino, tanto argentino como uruguaio — na época referência para a América e Europa —, o que trazia para a região constantes novidades e desafios do universo futebolístico, contribuindo para aprimorar sua qualidade e melhorar o nível técnico das disputas. A trajetória de Cardeal serve para exemplificar um pouco o veio desterritorializante presente neste futebol de fronteira já nos anos 30: natural de Santa Vitória, cidade pequena e periférica, ele desloca-se para Pelotas, onde se torna conhecido, e de lá emigra para o Uruguai transferindo-se depois para o Rio de Janeiro e logo voltando a Pelotas.

Tanto para aqueles que o viram jogar como para os que ouviram contar, as histórias de Cardeal demonstram ter um poder de captura similar ao que tinha o seu futebol. Talvez isso aconteça porque elas são capazes de produzir em nós, olheiros varzeanos, um sentimento de pertencimento, uma lembrança compartilhada que guardamos deste ou daquele outro rapaz que vimos jogar em nossa infância, atleta fabuloso, mas que nunca deixou de ser um quase anônimo bom jogador, permanecendo na lembrança apenas de seus colegas de times, dos torcedores da vila ou, no máximo, na memória dos moradores de uma pequena cidade que tiveram o privilégio de vê-lo em campo.

Fragments de memórias localizadas num tempo e espaço, forjadas com os amigos da época e mais tarde acrescidas e reconfiguradas com outras versões. Um astuto jogo temporal capaz de tornar mais coletivas e públicas as diferentes versões do passado e também capaz de instituir na memória um processo seletivo onde irá resistir ao tempo o que for mais significativo.

No futebol a memória mostrou-se polifônica e plural, geralmente aparecendo colada à experiência de vida de cada sujeito. Apesar de se expressar verbalmente, vinha assessorada de gestos corporais e expressões faciais.

Quanto às lembranças que sobrevivem ao tempo, em nossa investigação tanto as histórias mais gerais referendadas e compartilhadas pela comunidade, quanto os detalhes específicos desse ou daquele episódio, contado por um ou outro depoente, apareceram com uma mesma intensidade. Assim, detalhes do futebol como: as cores das camisetas, o jeito que o jogador costumava bater na bola, o estilo de jogo e as manhas de um e de outro atleta, foram lembrados constantemente e narradas com a mesma atenção e com os mesmos cuidados com que eram contadas as histórias de um determinado campeonato. Uma jogada bonita, por exemplo, independente da importância do jogo em que ela ocorreu, pelo sentido estético que representou, pode permanecer latente na memória tanto de quem a fez como de quem a assistiu. Como é o caso desta, feita por Cardeal e a nós narrada com um preciosismo tamanho que até parece ter acontecido no último final de semana.

O Patinho, que era o ponta-direita do Farroupilha, entrou e centrou a bola, e ele (o Cardeal) entrou correndo pela meia-esquerda, assim, e cabeceou. E o Chico, esse aqui ó [indicando em uma foto], zagueiro grande, um baita de um zagueirão, se atirou para cortar a bola que ele tinha que ter cabeceado pra baixo, e o Leal que era o goleiro, se atirou pra lá também, mas, no cabecear, Cardeal trouxe a bola com a cabeça, ela caiu e ele dominou no peito, ela caiu na coxa. Quando ela caiu na coxa, ela saiu pro lado e ele trouxe no pé. Aí, no pé direito, Cardeal virou pro lado, e a bola parada em cima do pé. Quando o Cardeal parou ela no pé, o Chico se levantou e se atirou pra cá, pra cortar o passe; e o Leal, que já tinha se levantado, se atirou de novo. Aí ele parou ela no pé, virou pro outro lado que não tinha mais ninguém e atirou ela lá pro outro lado.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup>Entrevista com Seu Plínio, 1999.

### CARDEAL NO HOSPITAL



Em 1949, no hospital de Montevidéu, Cardeal recebe a visita de dirigentes do Grêmio Futebol Porto-alegrense e do presidente da Federação Gaúcha de Futebol que lhe entregam um exemplar da bola Cardeal, confeccionada em sua homenagem. (Revista Super Grêmio, 1949, nº 01, p.33.)

## CARDEAL NAS GRADES



Para Dona Nenena essa foto é de 1949, quando Cardeal foi hospitalizado. A metáfora da escrita, feita por um anônimo, fortalece o tom melancólico da imagem.

(Fonte: acervo particular de Dona Nenena.)

**HOMENAGEM A CARDEAL**  
Ao Sezefredo Ernesto da Costa



Oferece o G. A. 9º R.I.(Fonte: Arquivos de Dona Nenena.)

**ALGUMAS CORES DO FUTEBOL PELOTENSE**  
**(Fonte: vitrine da loja Times Sport, centro de Pelotas, 1999)**



## VI - Fronteiras

Arlequim continua então a desvestir-se. Sucessivamente aparecem uma outra roupa mourisca, uma nova túnica recamada, em seguida uma espécie de véu estriado e ainda uma malha ocelada, multicolorida. . . . Arlequim nunca chega ao último traje, enquanto o penúltimo reproduz exatamente o antepenúltimo: diversificado, compósito, rasgado. . . . Sobre si, Arlequim traz uma camada espessa desses casacos de arlequim. Retirado, o último disfarce acaba de cair. Estupor! Tatuado, o imperador da Lua exhibe uma pele multicolor, muito mais cor do que pele. Também ela é um casaco de arlequim. . . . Arlequim põe à mostra, para terminar, a sua carne. Misturados, a carne e o sangue mestiço de Arlequim parecem confundir-se ainda com um casaco de arlequim.<sup>38</sup>

Muito mais do que as origens de um futebol local, genuinamente pelotense (gaúcho), ao longo do texto, tanto de forma explícita com nas entrelinhas, procurei assinalar como a trajetória do futebol em Pelotas e na região apresenta conexões e influências múltiplas. Já em sua emergência, aparece tanto a proveniência européia, via porto de Rio Grande, como a platina (Uruguai e Argentina), essa ocasionada, principalmente, pelas parcerias e diálogos que realizou com cidades que fazem divisa terrestre com esses países, como Santa Vitória do Palmar, Bagé e Santana do Livramento. Não muito depois, a essas duas linhagens é acrescida a influência que provém de outros lugares como Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo.

Esses contatos multilaterais foram em parte facilitados pela localização geográfica, por ser a região uma zona fronteiriça, mas também por ser essa uma característica transversal do futebol moderno. Desde o final do século XIX as práticas futebolísticas sempre estiveram propensas a expandir-se, a não respeitar os limites nem as demarcações territoriais. De um jeito ou de outro elas insinuaram-se para além das suas fronteiras originárias. Assim, o futebol pelotense se singulariza por ter radicalizado, por ter realizado antes e com mais intensidade, os cruzamentos, as miscigenações culturais, que mais tarde todo futebol

---

<sup>38</sup> SERRES, Michel. Laicidade. In: **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. pp.1– 6.

brasileiro irá fazer. Isso porque a zona fronteira é um local de passagem da cultura ou, como lembra Boaventura de Sousa Santos, ela “é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam .”<sup>39</sup>

Essa gênese de múltiplos cruzamentos culturais confere ao futebol pelotense (e do RS) uma boa dose de singularidade. A objetividade, a “raça” e uma maior relevância para os aspectos táticos são alguns traços típicos do futebol gaúcho onde, mesmo indiretamente, podemos visualizar heranças do seu passado. Essas características atestam nosso parentesco e uma certa simpatia com o futebol platino, simpatia que aparece na frequência com a qual trazemos jogadores desses países para o Rio Grande do Sul que é, sem dúvida, ainda hoje, uma das principais portas de entrada de jogadores do Cone Sul para o futebol brasileiro. Muitos aqui fizeram história, outros por aqui passaram, usando o futebol gaúcho como um ‘estágio’, para depois se fixarem no futebol carioca, paulista ou mineiro.<sup>40</sup>

O termo fronteira também me parece propício para falar das intersecções e distinções existentes entre as diversas práticas futebolísticas; entre o futebol infame, o futebol colegial e o futebol profissional, por exemplo. Ao mesmo tempo que cada um deles é singular, entre eles circulam fluxos, há pontos de encontros, como acontece quando um jogador transita de um para o outro. Nos interstícios dessas práticas existem as zonas fronteiriças que delimitam esse diferentes tipos de futebol. Elas são as bordas, os parâmetros que tornam possíveis as classificações. Nesse espaço, composto por bordas e intersecções, nos limites entre o que é e o que deixou de ser, germina um futebol peculiar, indefinido, andrógino e mutante que escapa a todo e qualquer enquadramento ou classificação.

A cultura futebolística de uma cidade é constituída por todo esse leque diversificado de práticas, das mais próximas às mais distantes, incluindo suas mesclas e indefinições — futebol varzeano, futebol avulso, futebol colonial, futebol fabril, futebol profissional, futebol feminino, futebol comercial, etc... Histórica, essa cultura é instável e aberta ao

---

<sup>39</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. Edições Afrontamento. Porto, Portugal. 1994. p. 135.

<sup>40</sup> No meio futebolístico do país há um certo consenso sobre este perfil do futebol Gaúcho.

devir. No caso de Pelotas ainda mais, porque “a leveza da zona fronteira torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vai-vem, e como tal nem nunca está escancarada, nem nunca está fechada.”<sup>41</sup>

O futebol moderno atingiu sua maioridade e transformou-se num ícone da cultura do século XX, metamorfoseando-se, desprendendo-se e abandonando parte de suas raízes, como ocorreu, por exemplo, com o futebol brasileiro, que deixou de ser uma prática elitista, usada como distinção social, para ser consumido e (re) inventado pelos negros e pobres das ruas e vilas do país. Essa pré-disposição e capacidade de mudar de rosto, de ser apropriado, de alterar e mesclar diferentes laços de pertencimento, de não ser fiel às origens, torna o futebol contemporâneo um migrante cultural, um agenciador de identidades traduzidas, ou seja, identidades “que estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou ‘puras’.”<sup>42</sup>

A intensificação dos contatos culturais, ocasionada pelo afrouxamento dos limites territoriais entre países e continentes, trouxe maior velocidade e vigor às fusões culturais que sempre marcaram as práticas futebolísticas. Um futebol em permanente estado de ebulição, atento e receptível às diferentes inovações técnicas e culturais, parece ser o que predomina na maioria dos países onde ele possui uma considerável tradição.

O número de jogadores que mudam de país, que se tornam profissionais itinerantes, que circulam por diferentes realidades futebolísticas, é cada vez maior. Esse movimento, feito por jogadores andarilhos, cruza e mescla diferentes culturas do futebol — escola Sul-Americana, Européia, Africana etc . . . Esse estado mestiço do futebol está representado nos campeonatos de alguns países, como é o caso do Italiano, Espanhol ou Inglês. Neles

---

<sup>41</sup> Ibid. pag. 137. Sobre as fronteiras e os modos de subjetivação modernos, ver também: (COHEN, Jeffrey J. **Pedagogia dos Monstros — os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 200.)

<sup>42</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 p. 87.

predomina um estilo futebolístico bastante peculiar, representativo de diferentes e de nenhuma escola, de muitos e de nenhum país.<sup>43</sup>

A essa tendência, cada vez maior, de mesclar e cruzar diferentes experiências futebolísticas soma-se o aumento das transmissões televisivas dos jogos. A cada dia que passa, o futebol é mais imagem. Cada vez mais é possível ver, sem sair de casa, os principais campeonatos dos mais distantes países.

Em meio a esse escorregadio, movediço e instável terreno do futebol contemporâneo, vemos seleções de países que até há pouco tempo eram desconhecidas, como as africanas, por exemplo, jogarem um futebol que nos é familiar: alegre, ousado e vencedor. Em alguns aspectos assemelham-se tanto ao futebol brasileiro que até nos vencem. Se para uns tudo isso lembra a homogeneização da cultura, o fim da alteridade e das identidades nacionais, para outros são sinais dos novos cruzamentos, dos emergentes hibridismos culturais.<sup>44</sup> Para esses a situação atual do futebol e da cultura não é tão desapontadora, há menos motivos para se lamentar, porque “o pior que uma colonização pode fazer a uma cultura é fixá-la, ‘gelá-la’ irremediavelmente nos traços que tinha num certo momento.”<sup>45</sup> As mudanças são bem vindas. Concebidas como mutações, produções de outra época, elas são tratadas como sinais de vigor e capacidade de reconfiguração das práticas culturais. Já que “a força e a saúde de uma cultura medem-se pela sua aptidão a transformar-se; pela sua plasticidade, pela sua apetência em devir, evoluir, provocar grandes mudanças internas.”<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup> Às vésperas da copa de 1998, o Jornal Folha de São Paulo publicou um matéria onde destacou que “dos 704 jogadores que vão disputar a copa da França, 305, ou seja, 43 % do total, atuam fora de seus países de origem”, sendo que a América do Sul e a África são os dois continentes que mais exportam jogadores. No “caso africano, 72 dos 110” jogadores que foram à copa estavam jogando fora do país de origem. O exemplo mais radical dessa situação é o da Seleção Nigeriana, onde todos os seus jogadores estão atuando fora do país. Entre os países que mais recebem esses jogadores, destacam-se Inglaterra, Espanha e Itália. (**Jornal Folha de São Paulo**, Caderno 4, 07/06/1998, p. 11.)

<sup>44</sup> Sobre culturas híbridas, ver: (CANCLINE, Nestor, G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.)

<sup>45</sup> Gil, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir –monstro. In: **Pedagogia dos Monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. COHEN, Jeffrey J. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 177.

<sup>46</sup> Ibid. p. 177.

Ambigualmente, a principal perenidade do futebol moderno parece ser seu veio híbrido, portador de um devir antropofágico,<sup>47</sup> atuando como um agente que aproxima as culturas, mescla rastros e cicatrizes, ultrapassando as fronteiras nacionais. Interconectando-se umas às outras, à revelia dos limites territoriais legais, as práticas do futebol continuam, cada vez mais, a mesclar experiências. Insinuando-se por novos territórios elas criam novos pontos de encontro, novas zonas fronteiriças, entre culturas diferenciadas. Lugares dos devires, essas zonas são flácidas. Sempre “sensíveis ao vento<sup>48</sup>”, elas são mais abertas para a alteridade e, em muitos casos, servem de abrigo para o novo, para os hibridismos e as anomalias.

Fazendo um exercício de analogia, diria que o futebol que hoje acompanhamos a propagar-se pelo mundo, à revelia das fronteiras, em muito assemelha-se ao Arlequim de Michel Serres, sempre plural e mestiço, resultante de cruzamentos e de hibridismos culturais. Na passagem do século XX para o XXI, ganha visibilidade um futebol que sem ser homogêneo é multicolor. Em permanente estado de ebulição, ele não é nada puro nem estável, está sempre se reconfigurando. É quase só invenção, apropriação e mutação.

O futebol a que me refiro traz, encarnado no corpo, nas jogadas e resultados imprevisíveis ou mesmo no cabelo dos jogadores — na última copa o destaque ficou para os penteados rastafári, todos discretos perto ao verde saliente exibido pelo nigeriano West — devires de um futebol sempre diferente: disponível, sem essências fixas, sem saudosismo ou rancor. Capaz de preservar o artista que existe latente em todo jogador e em cada um de nós.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup>Sobre a cultura antropofágica, consultar o artigo "Subjetividade Antropofágica" de Suely Rolnik. Nesse texto a autora se utiliza de autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari para atualizar algumas contribuições do movimento antropofágico desencadeado pelos Modernistas. No mesmo texto Rolnik faz questão de demarcar a diferença do discurso antropofágico daquele feito em prol da globalização onde “identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis. Estas acompanham o ritmo alucinado de mudança do mercado” (ROLNIK, Suely; Subjetividade antropofágica, Mimeo, 1988, p. 11.)

<sup>48</sup> SANTOS, Boaventura, op. cit. 1994.

<sup>49</sup> “El artista es aquel que sabe salirse de sí. Salirse de sí: olvidarse a sí mesmo, olvidarme del mí, olvidarme de que “yo” soy frente a lo otro. Y, curiosamente, en ese olvido de sí, en esa pérdida, lo que se recupera es esa extraña sensación de unidade, transcendidas todas las diferencias.” (MAILLARD, Chantal. *La razón estética*. Barcelona, Esp. Editorial Laertes, 1998. p. 247.)

Refiro-me aqui ao futebol que surpreendentemente, quase intuitivamente, fez a Inglaterra mudar — para muitos perder — o seu tradicional estilo de jogar. Ou ainda ao audacioso futebol que, sem avisar, nem determinar quando, transformou os antigos laterais, meros marcadores, em andróginos alas, um híbrido de defensores e atacantes.

Uma das intenções deste estudo foi descentrar um pouco mais a historiografia do futebol brasileiro, ao meu ver, ainda excessivamente voltada para o eixo Rio – São Paulo. Aliado a isso, procurei não personalizar a história das práticas futebolísticas, por isso evitei ao máximo prender-me à trajetória particular de um ou outro clube, desse ou daquele jogador ou dirigente esportivo. Se me detive mais em alguns desses atores — como no caso de Cardeal e da S. R. Arealense — é devido à função exemplificadora que eles realizam dentro do cenário histórico do futebol em Pelotas que construí.

Não foi minha intenção seguir à risca preceitos de nenhuma metodologia histórica; por isso, com certeza, muitos encontraram no texto várias heresias metodológicas. Sem seguir nenhuma periodização fixa, nem anual, nem por década, mas sim atentando para as mutações e rupturas internas do futebol, poder-se-ia dizer que fiz apenas uma, das muitas possíveis, cartografias do futebol pelotense.

Por sua constituição multifacetada e multidisciplinar, a memória, em suas diferentes dimensões: material, oral, visual, individual, coletiva ou compartilhada, dominante ou subterânea, teve um papel estratégico na pesquisa. Sem preocupar-me em definir suas fronteiras, história e memória intercalaram-se e mesclaram-se constantemente. Como lembra Octavio Ianni é “pela memória que se puxam os fios da história.”<sup>50</sup> Pragmática e perspectiva, a memória é o “segredo da história. Ela amarra o presente ao passado, pela audácia da imaginação e pelo talento da criação.”<sup>51</sup> Como um pêndulo, sem fixar-se em nenhum ponto, as memórias, latentes ou à ‘flor da pele,’ perpassam o texto do início ao fim.

---

<sup>50</sup> IANNI, Octavio. A ditadura militar no Cárcere. In: *Caros amigos*. n° 32, São Paulo, Casa Amarela, Novembro de 1999, p. 10.

<sup>51</sup> *Ibid.* p. 10.

Outro dia chamou-me a atenção uma crônica do cineasta Walter Salles onde ele apontava o século XX como o século do cinema. Outros, diferentemente, acreditam que foi o século das guerras. Talvez tenha sido o século das guerras e do cinema. Da ciência, da técnica, da riqueza e da miséria dos povos, de muitas utopias e dos seus fins. E muito mais, como por exemplo, o século do futebol. Ou seria essa afirmação uma blasfêmia? Seria dar demasiado crédito histórico ao futebol? Não interferiu ele na vida do sujeito ocidental do século XX tanto quanto o cinema e as guerras?

## VII - Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR, Durval, M. Um leque que respira: a questão do objeto em história. In: **Retratos de Foucault**. Portocarrero, V. Castelo Branco, G. (orgs.). Rio de Janeiro: Nau, 2000.
- ALFREDO, João, C. **Futebol futebóleres: uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920**. Dissertação de mestrado, Inst. da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP. 1996.
- ALVES, Eliseu, M. **O futebol em Pelotas, 1901 — 1941**. Pelotas, RS. Livraria Mundial, 1984.
- AMATO, Janaina e FERREIRA, Marieta, M. (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- ANTUNES, Fátima, M. R. F. **Futebol de fábrica em São Paulo**. Dissertação de mestrado, USP, São Paulo, 1992.
- , **Com brasileiro não há quem possa: crônicas de futebol e identidade nacional**. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 1999.
- BAINY, Jorge, E. **Livro de anotações de jogos de 1960 a 1964**. (mimeo) s/d.
- , **Livro de anotações de jogos de 1975 a 1984**. (mimeo). s/d.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIM, Walter. O narrador: consideração sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1983.
- ; Deporte y clase social. In: **Materiales de sociología del deporte**. (org.) Barbedo, J. I. Madrid, España. La Piqueta. s.d.
- CALDAS, Alberto, L. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

- CALDAS, Waldeny. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894 - 1933)**. São Paulo, Ibrasa, 1990.
- ; Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. In: **Dossiê Futebol**. Revista USP, nº 22, São Paulo. 1994.
- CANCLINE, Nestor, G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- CASTRO, Alceu, Filho, José. **Seleções brasileiras através dos tempos**. Ed. Adolpho Scherman, 1961.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano: 1. Arte de Fazer**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.
- ; **A cultura no plural**. Campinas, SP. Papyrus, 1995.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico In — **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 8, nº 16, 1995.
- CLARK, Mary, M. Esquecendo Louise Rouget — O problema do individualismo, da coletividade e das lembranças não-compartilhadas na História Oral e na cultura dos Estados Unidos. **Projeto História**, nº 15, PUC-SP, São Paulo: Educ-Editora da PUC-SP, 1997.
- COHEN, Jeffrey, J. **Pedagogia dos Monstros** — os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- DERMARTINI, Zeila, B., F. Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação. In — **Caderno Ceru**, Série 2, nº 8 – 1997.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizatório**. Volume 1; uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- ; **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- ; e DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel Difusão Editora, 1992.
- ; O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos. In: **A busca da excitação**. Lisboa: Difel Difusão Editora Ltda, 1992.
- ENDLER, Sérgio. **Tesourinha**. Porto Alegre: Tchê, 1984.

- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade.** São Paulo: Studio Nobel: Sesc, 1997.
- FERREIRA, Jerusa, P. Os desafios da voz viva In: — **Os desafios contemporâneos da História Oral.** (org.) Simson, Olga, R.von Campinas, SP: CMU/Unicamp, 1997.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol Brasileiro.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2ª Edição, 1964.
- , **O sapo de Arubinha: os anos de sonhos do futebol brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FONSECA, Márcio, A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito.** São Paulo: Educ, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas; uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- ; **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999
- ; **O que é um autor?** Lisboa: Vega. 1992.
- ; **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 4ª Edição 1995.
- ; Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do Poder,** Machado, Roberto (Org.) Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- ; O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica).** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ; **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- ; **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graall. 1988.
- GUEDES, Simoni, L. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro.** Niterói, Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.
- GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. In: **Pedagogia dos Mostros — os prazeres e os perigos da confusão de fronteira.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 4ª edição, 2000.

- IANNI, Octávio. A ditadura no Cárcere. In: **Caros Amigos**, Casa Amarela, nº 32, p. 10–11. São Paulo: Novembro, 1999.
- JESUS, Gilmar, M. Futebol e territorialidade: da Segregação Racial em Porto Alegre. In: **Revista Motus Corporis**, V. 5, nº 2, Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.
- KOSSOY, Boris. **Realidade e ficção na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.
- LARROSA, Jorge. Pérez de Lara, N. (orgs.). **Imagens do outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- LARROSA, Jorge. Para Qué Nos Sirven los Extranjeros? In: **Contra el Fundamentalismo Escolar**; Reflexões sobre educación, escolarización y diversidad cultural. Barcelona, España: Virus editorial, 1998.
- LINS, Daniel, S. (Org.). **Saberes Nômades**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- LONER, Beatriz, A. **Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888 — 1937**. Tese de doutorado, Inst. .de Filosofia e Ciências Humanas. UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- LOPES, José, L. As raízes mestiças do futebol brasileiro. In: **Revista Ciência Hoje**, Vol. 24, nº 139, SBPC, Junho de 1998.
- MACEDO, Francisco. **Ingleses no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação, 1975.
- MAGALHÃES, Mário, O. **História e tradição na cidade de Pelotas**. Pelotas, RS. 3<sup>a</sup> Edição, Armazém Literário, 1999.
- ; **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: Um estudo sobre a história de Pelotas, (1860—1890). Pelotas, RS. EduFpel: Co-edição Livraria Mundial, 1993.
- MAGNANI, José, G. C. / MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. p. 175 — 184. s/d.
- MAILLARD, Chantal. **La razón estética**. Barcelona, Espanha: Laertes S. A. de Ediciones, 1988.
- MAZZONI, Thomas. **O Brasil no Campeonato Sul-americano de futebol**. CBD, s/d.
- MIRANDA, José B. e CASCAIS, Antônio, F. A lição de Foucault. In: **O que é um autor**. Lisboa: Vega, 1992.

- MÜCHAIL, Salma, T. O mesmo e o outro: faces da história da Loucura. In — **Foucault e a destruição das evidências** (mimeo).
- MAYOL, Pierre. Morar. In: **A Invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar** / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- NEGRIERO, Plínio. **A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. Tese de doutorado, PUC-SP, 1998.
- NETO, José Moraes dos Santos. **O início de uma paixão: a fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta**. Campinas, SP: Editora Komed, 2000.
- PEREIRA, Leonardo, A . M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Tese de Doutorado, Int. Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP. 1998.
- PESAVENTO, Sandra, J. **O imaginário de cidade: visões literárias do urbano — Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade(UFRGS), 1999.
- ; **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997
- ; **O RS: A economia & poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- ; **A Burguesia Gaúcha: dominação e disciplina do trabalho (RS:1889-1930)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- PIRES, Edson. **História do Grêmio Foot-ball Porto-alegrense**, passado e presente de um grande clube. Porto Alegre: Firmo. 1967.
- POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 5, nº 10, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. In: **Projeto História**, nº 14, Cultura e Representação, São Paulo: Educ, Editora da PUC/SP, 1997.
- ; Tentando Aprender Um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**, nº 13, Ética e História Oral. PUC –SP, abril, 1997
- PRADO, Décio, A. Recordações de Leônidas (Da Silva) O Inventor da bicicleta voadora. In: **Dossiê Futebol**, Revista USP, São Paulo, 1994.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar — A utopia da cidade disciplinar — Brasil 1890 — 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ; O efeito Foucault na historiografia brasileira. In; — **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. V. 7, nº 12, 1995.

- ; As marcas da pantera: Foucault para historiadores. **Revista Resgate**, CMU/Unicamp, SP. nº 5, 1993.
- RAMOS, Graciliano. Linhas Tortas. In: **A palavras é futebol**; RAMOS, R. (org.). São Paulo: Scipione, 1990.
- RAMOS, Miguel, G. **Sport Club Rio Grande: centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2000.
- RIBEIRO, André. **O diamante Eterno: bibliografia de Leônidas da Silva**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.
- RIOS, Caldas. **História de los campeonatos sudamericanos de football**. All Gráf. Prometeo. Montevideú, 1944.
- RONILK, Suely; GUATTARI, Félix. Cultura; um conceito reacionário? In:— Rolnik, S. Guattari, F. **Micropolítica: Cartografia do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2ª Edição, 1986.
- , **Cartografia sentimental: transformação contemporânea do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- , **Subjetividade Antropofágica**. (mimeo) 1998.
- ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In:— **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, Edusp; Edunicamp. 1974.
- SAMAIN, Etienne (org). **O fotográfico**. São Paulo: Editora Hucitec/CNPq, 1998.
- SAMUEL, Raphael. Teatro de memória. In: **Projeto História**, Cultura e Representação, São Paulo: Educ, Editora da PUC-SP, 1997.
- SANTAMARÍA, Enrique. Do conhecimento de próprios e estranhos (disquisição sociológica). In:— **Imagens do Outro**. Larrosa, J. e Péres de Lara, N. (orgs.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In — **Pela mão de Alice**. O social e o político na Pós-Modernidade. 3ª Edição. Edições Afrontamento, Porto, Portugal. 1994.
- SCHIFNAGEL, Betty. Caracterização geral do futebol de várzea como atividade popular de lazer. São Paulo. **CERU (Centro de Estudos Rurais e Urbanos)**, Caderno nº 12, 1ª série. Setembro de 1979. p. 110/125.
- SERRES, Michel. Laicidade. In: — **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SIMSON, Olga, R. M. von. Som e Imagens na pesquisa qualitativa em ciências sociais: Reflexões de Pesquisa. In:— **Anais do seminário — Pedagogia da imagem na pedagogia** — Universidade Federal Fluminense, 1995.
- , e LEITE, Miriam, L., M. Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa. In:— Reflexões sobre a pesquisa sociológica; **Caderno de Texto Ceru**, Série 2 n° 3, São Paulo, 1992
- SOARES, Carmem, L. **Educação Física — Raízes européias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.
- SORIANO, Osvaldo. El penal más largo del mundo. In: **Cuentos de fútbol**. (org.) Valdano Jorge. Extra Alfaguara, Madri, Esp. 1995. p. 323- 332.
- STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Mark**: roupas, memórias, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- TOLEDO, Luiz, Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- VELHO, Gilberto. **O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas**. (mimeo).
- VERISSIMO, Luiz, F. Edmundo, sim ou não? In: **A eterna privação do zagueiro absoluto**. Porto Alegre: Objetiva Ltda, 1999.
- VEYNE, Paul, M. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 3ª Edição, 1995.
- VIEIRA, Sydnei. **A fragmentação social do espaço urbano: uma análise da (re)produção do espaço urbano em Pelotas, RS**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 1997.
- VILANOVA, Mercedes. Cine e história: Vale más una imagen que mil palabras. In: **História, antropologia y fuentes oral**. Voz e Imagem, n° 18. Universitat de Barcelona, Esp. 1997.
- WAHL, Alfred. **Historia del fútbol del juego al deporte**. Barcelona, España: Ediciones Grupo Zeta, 1997.
- Le footballeur français: de l'amateurisme au salariat (1890 - 1926). **Le Mouvement Social**, N° 135, avril — juin 1886, p. 7- 30
- WITTER, José, S. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

## DOCUMENTOS ANALISADOS

### REVISTAS:

Revista Almanaque de Pelotas, 1929; 1932; 1915; 1917; 1918; 1913.

Revista Ilustração Pelotense, Anno I, nº 9, 1919; Anno 1, nº 10, 1919; Anno 1, nº 3, 1919; Anno 2, nº 02, 1920; Anno 3 nº 4, 1921; Anno 3 nº 9, 1921.

Revista dos Esportes. Eliseu de Mello Alves e Geraldo Alves (diret.). Ano II, nº 10, 1949. Ano II, nº 19, 23, 25, 35, 1950. Ano III, nº 32, 1951, nº 26, 1950. Ano IV, nº 41, 1952. Ano V, nº 43, 1952. Ano 10, nº 103, 108, 1958.

Revista Esporte Clube Pelotas 90 anos: 1908 — 1998. Pelotas, RS. 1998.

Revista da Federação Gaúcha de Futebol: os Melhores Momentos. Edição comemorativa - aos 76 anos 1918/1994. Porto Alegre. 1994.

Revista Super Grêmio, Porto Alegre, RS. Edições da Orpa — Org. de Pub. e Emp. Prom. Ltda. nº 01, 1949.

Revista Brasil Gigante. Edição da Orpa — Org de Pub. e Emp. Prom. Ltda. (Dir.) Edson, Pires. nº: 1; 2; 3 e 4. 1971.

Revista; Visão Esportiva; Perfis de clubes gaúchos. Edição Especial. Vol. 01, nº 1 José Ney (Dir.), Porto Alegre, Casa publicadora Concórdia, Maio de 1966.

Salve GSB; Campeões de 1946. (livro de bolso), Pelotas, RS. 1946.

Estatutos do Esporte Cube Sul-América. (mimeo), Pelotas, 1930.

### ÁLBUNS

ÁLBUM da cidade de Pelotas, Biblioteca Pública, 1922.

ÁLBUM Cardeal, sede do G. A. Farroupilha, 1966.

## JORNAIS

Jornal Diário Popular, Pelotas, RS. 05/10/1901, 30/01/1906, 04/01/1906, 06/01/1906, 06/05/1906, 09/05/1906, 15/05/1906, 07/08/1906, 31/07/1906, 23/07/1906, 10/11/1912, 08/11/1912, 18/08/1912, 24/08/1912, 09/10/1912, 09/07/1912, 12/07/1912, 01/10/1912, 29/09/1912, 09/08/1912, 10/08/1912, 31/05/1912, 01/06/1912, 04/06/1912, 13/08/1912, 02/11/1912, 19/11/1912, 29/10/1912, 09/05/1912, 20/09/1985, 27/02/200.

Jornal A Opinião Pública, Pelotas, RS. 07/10/1901.

Jornal Diário da Manhã, Pelotas, RS. 17/01/1999.

Jornal O Rebate, Pelotas, RS. 19/06/1919, 30/05/1919.

Jornal: Zero Hora, Porto Alegre, RS. 26/08/1980, 19/07/1999, 09/08/1999.

Jornal Folha de São Paulo, Caderno 04, 07/06/1998.